

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



O *Beijo*
mais sombrio

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 2

 HARLEQUIN
BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Gene Showalter

O Beijo
mais sombrio

Tradução de
Maurício Araripe



Rio de Janeiro
2012

Glossário

- Aeron — Guardião da Ira.
- Amun — Guardião dos Segredos.
- Anya — Deusa da Anarquia. Divindade menor.
- Ashlyn Darrow — Humana com habilidades sobrenaturais.
- Baden — Guardião da Desconfiança (morto).
- Caçadores — Inimigos mortais dos Senhores do Mundo Subterrâneo.
- Cameo — Guardiã da Infelicidade. Única mulher dentre os guerreiros.
- Cetro Divisor — Artefato divino, poder desconhecido.
- Chave-Mestra — Chave desejada por Cronos, dada a Anya pelo pai (Tártaro).
- Cronos — Rei dos Titãs.
- Danika Ford — Humana, alvo dos Titãs.
- Dean Stefano — Caçador, braço direito de Galen.
- dimOuniak* — A caixa de Pandora.
- Dr. Frederick McIntosh — Vice-presidente do Instituto Mundial de Parapsicologia.
- Disnomia — Grega, deusa da Desordem.
- Galen — Guardião da Esperança.
- Gideon — Guardião das Mentiras.

Gilly — Humana, amiga de Danika.

Ginger Ford — Irmã de Danika.

Gregos — Antigos governantes do Olimpo; agora aprisionados no Tártaro.

Hera — Rainha dos gregos.

Hidra — Serpente com várias cabeças e presas venenosas.

Jaula da Coação — Artefato divino com o poder de escravizar qualquer um preso em seu interior.

Kane — Guardião do Desastre.

Legião — Demônio subalterno, amigo de Aeron.

Lucien — Guardião da Morte; líder dos guerreiros de Budapeste.

Maddox — Guardião da Violência.

Mallory Ford — Avó de Danika.

Manto da Invisibilidade — Artefato divino com o poder de ocultar dos olhos alheios quem o vestir.

Olho Que Tudo Vê — Artefato divino com o poder de enxergar o paraíso e o inferno.

Os Impronunciáveis — Seres que até os deuses parecem temer.

Pandora — Guerreira imortal, outrora guardiã de *dimOuniak* (assassinada).

Paris — Guardião da Luxúria.

Reyes — Guardião da Dor.

Sabin — Guardião da Dúvida; líder dos guerreiros da Grécia.

Senhores do Mundo Subterrâneo — Guerreiros exilados dos deuses gregos, que agora abrigam demônios dentro de si.

Sienna Blackstone — Caçadora.

Strider — Guardião da Derrota.

Tártaro — Grego, deus do Confinamento; também é o nome da prisão dos imortais no monte Olimpo.

Têmis — Titá, deusa da Justiça.

Tinka Ford — Mãe de Danika.

Titãs — Atuais governantes do Olimpo.

Torin — Guardiã da Doença.

William — Imortal, amigo de Anya.

Zeus — Rei dos gregos.

Prólogo

ERA CONHECIDO COMO o Senhor das Trevas. Malach ha-Maet. Yama. Azreal. O Andarilho das Sombras. Mairya. Rei dos Mortos. Ele era tudo isso e muito mais, pois era um dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

Muito tempo atrás, ele abriu a *dimOuniak*, uma poderosa caixa feita dos ossos de uma deusa, libertando uma horda de demônios sobre o mundo. Como punição, ele e os guerreiros que o haviam ajudado foram forçados a abrigar os demônios dentro de si, fundindo a luz e a escuridão, a ordem e o caos, até mal serem capazes de manter qualquer vestígio dos guerreiros disciplinados de outrora.

Como fora ele a abrir a caixa, recebera o demônio da Morte. Supunha ser uma troca justa, já que seus atos quase causaram o fim do mundo.

Agora, tinha a responsabilidade de coletar almas humanas e escoltá-las até o local de seu repouso final. Mesmo se opondo à ideia. Não gostava de tirar inocentes de suas famílias, não tinha prazer em entregar os perversos ao seu castigo. Porém, fazia as duas coisas sem questionar ou hesitar. Logo aprendera que a resistência trazia algo muito pior do que a morte até sua porta. A resistência lhe trazia uma agonia tão completa, tão implacável, que até mesmo os deuses tremiam ante a noção.

Sua obediência significava que ele era bondoso? Atencioso? Caridoso? Não. Ah, não. Não podia se dar ao luxo de emoções mais brandas. Amor, compaixão e piedade eram inimigos de sua obrigação.

Mas raiva? Fúria? *Essas* ele, às vezes, aceitava.

Pobre daquele que testasse seus limites, pois o homem se tornaria um demônio por completo. Uma fera. Uma entidade sinistra que não hesitaria em fechar os dedos ao redor de um coração humano e apertá-lo. Apertá-lo tanto que o humano ficaria sem fôlego e imploraria o doce beijo do sono eterno que só ele era capaz de oferecer.

Ah, sim. O homem exercia muito pouco controle sobre o demônio. E, se uma pessoa não tivesse cuidado, eles poderiam ir buscá-la...

Capítulo Um

ANYA, DEUSA DA Anarquia, filha de Disnomia e propagadora da desordem, estava postada à margem de uma pista de dança lotada. Todas as dançarinas eram humanas, lindas, e estavam seminuas, escolhidas especificamente pelos Senhores do Mundo Subterrâneo para ser a diversão da noite. Tanto na vertical quanto na horizontal.

Ligeiras colunas de fumaça as envolviam numa névoa de sonhos, e a luz das estrelas parecia dardejar do globo giratório, iluminando tudo no interior da boate escura em círculos lentos e amplos. De esguelha, ela vislumbrou o cintilante traseiro musculoso de um imortal arremetendo para frente, para trás, para frente, no íntimo de uma mulher extasiada.

É o meu tipo de festa, pensou, com um sorriso malicioso. Não que a tivessem convidado.

Como se alguma coisa pudesse ter me impedido de vir.

Os Senhores do Mundo Subterrâneo eram deliciosos guerreiros imortais, possuídos pelos espíritos demoníacos que outrora haviam residido no interior da caixa de Pandora. E agora, com algumas rodadas de bebida pesada e sexo ainda mais pesado, estavam se despedindo de Budapeste, a cidade que tinham chamado de lar durante centenas de anos.

Anya queria tomar parte na comemoração. Com um dos guerreiros em especial.

— Afastem-se — sussurrou, lutando contra a compulsão inerente de, em vez disso, gritar “Fogo” e observar as humanas saírem correndo em pânico, gritando histericamente. *Que a farra comece.*

Uma batida irregular de rock, que parecia acompanhar o pulso errático de seu coração, vinha dos alto-falantes, impossibilitando que a escutassem. Mas, de qualquer modo, eles obedeceram, compelidos a um nível que provavelmente não conseguiam entender.

Um caminho se abriu, lentamente... tão lentamente...

Por fim, avistou seu objeto de fascínio. Um suspiro cálido ficou preso em seus pulmões, e ela estremeceu. Lucien. Deliciosamente marcado, irresistivelmente estoico e possuído pelo espírito da Morte. Naquele instante, estava sentado a uma mesa nos fundos, com uma expressão impassível no rosto ao olhar para Reyes, seu amigo e companheiro imortal.

O que estariam dizendo? Se Lucien queria que o guardião da Dor lhe providenciasse uma daquelas mulheres mortais, uma falsa declaração de “fogo” seria o menor dos problemas deles. Cerrando os dentes, Anya inclinou a cabeça para o lado, concentrou-se neles, descartando todo o barulho ao seu redor, e escutou.

— ...ela estava certa. Verifiquei as fotos de satélite no computador de Torin. Aqueles templos *estão* se erguendo do mar. — Reyes bebeu o conteúdo do frasco de prata que estava em suas mãos. — Um está na Grécia, o outro, em Roma, e, se continuarem se erguendo tão rapidamente, estarão altos o suficiente para serem explorados amanhã.

— Por que os humanos não sabem sobre eles? — Lucien esfregou o queixo com dois dedos fortes, um hábito que tinha. — Paris tem acompanhado os noticiários e não viu nada. Nem mesmo especulação.

Bobinho, ela pensou, aliviada ao descobrir que sexo não era o assunto da noite. *Vocês só sabem a respeito deles porque eu quis que soubessem*. Ninguém mais poderia vê-los. Ela se certificara disso com uma deliciosa coisinha chamada caos, sua mais poderosa fonte de poder, escondendo os templos com tempestades para manter os humanos afastados, enquanto fornecia aos Senhores informação suficiente para atraí-los para fora de Budapeste.

Ela queria Lucien fora de Budapeste e fora de sua zona de conforto. Só por um tempinho. Um homem desconcertado era mais fácil de controlar.

Reyes suspirou.

— Talvez os novos deuses sejam responsáveis. Na maior parte do tempo, estou certo de que nos odeiam e querem nos destruir, só por sermos, em parte, demônios.

A expressão de Lucien permaneceu impassível.

— Não importa quem é o responsável. Como planejado, viajaremos pela manhã. Minhas mãos estão coçando para vasculhar um daqueles templos.

Reyes colocou o frasco sobre a mesa. Seus dedos se enroscaram ao redor da parte superior de uma das cadeiras, com as juntas lentamente perdendo a cor.

— Se tivermos sorte, encontraremos aquela maldita caixa enquanto estivermos lá.

Anya passou a língua pelos dentes. A maldita caixa, também conhecida como *dimOuniak*, a caixa de Pandora. Feita dos ossos da deusa da Opressão, a caixa era poderosa o suficiente para abrigar demônios tão vis que nem mesmo o inferno havia sido capaz de contê-los. Também era poderosa o bastante para arrancar os mesmos demônios dos Senhores do Mundo Subterrâneo, seus outrora relutantes hospedeiros. Agora, esses guerreiros maravilhosamente agressivos dependiam das bestas para a própria sobrevivência e, desnecessário dizer, queriam a caixa para si.

Mais uma vez, Lucien assentiu.

— Não pense nisso agora. Haverá tempo de sobra para isso amanhã. Vá aproveitar o resto de sua noite. Não desperdice mais um instante que seja na minha presença entediante.

Entediante? Rá! Anya jamais conhecera alguém que a empolgasse mais.

Reyes hesitou antes de se afastar lentamente, deixando Lucien sozinho. Nenhuma das mulheres humanas se aproximava dele. Olhar para ele, sim. Fazer cara feia só de ver as cicatrizes dele, sem dúvida. Mas nenhuma delas queria nada com ele, e foi o que lhes salvou a vida.

Ele já tem dona, safadas.

— Perceba-me — Anya ordenou suavemente.

Um instante se passou. Ele não obedeceu.

Vários humanos lançaram olhares na direção dela, obedecendo-lhe o comando, mas o olhar de Lucien estava fixo no frasco vazio diante dele e ali permaneceu, tornando-se um pouco melancólico. Muito para o desgosto dela, imortais eram imunes aos seus comandos. Uma *cortesia* dos deuses.

— Desgraçados — resmungou. Eles não perdiam a chance de impor-lhe quaisquer restrições que pudessem. — Qualquer coisa para atrapalhar a inferior Anarquia.

Anya jamais fora favorecida durante seus dias no monte Olimpo. As deusas nunca gostaram dela por presumir que não passava de uma cópia da “meretriz de sua mãe”, e que se engraçaria para o lado dos maridos delas. Da mesma maneira e pela mesma razão, os deuses jamais a haviam respeitado. Contudo, os homens, de fato, a haviam desejado. Bem, ao menos até ela lhes matar o precioso capitão da guarda, e eles passarem a considerá-la selvagem demais.

Idiotas. O capitão merecera o que ela fizera. Diabos, merecera muito mais. O bostinha tentara estuprá-la. Se ele a tivesse deixado em paz, ela o teria deixado em paz. Mas *nããão*. Não se arrependia de ter lhe arrancado o coração negro do peito, não se arrependia de ter fincado o coração em uma lança diante

do templo de Afrodite. Nem um pouquinho. Liberdade de escolha era algo muito precioso, e qualquer um que tentasse privá-la disso sentiria o corte de suas adagas.

Escolha. A palavra ecoou em sua mente, trazendo-a de volta ao presente. O que diabos seria necessário para convencer Lucien a escolhê-la?

— Lucien, perceba-me. Por favor.

Mais uma vez, ele a ignorou.

Ela bateu o pé. Por semanas, se envolvera na invisibilidade, seguindo Lucien, observando-o, estudando-o. E, sim, desejando-o. Ele não fazia ideia de que ela estava por perto, mesmo quando ela desejou que ele fizesse coisas picantes: despir-se, dar prazer a si mesmo... sorrir. Certo, não havia nada de safado na última coisa. Mas ela quisera ver o rosto lindamente imperfeito dele se iluminar com humor quase tanto quanto quisera lhe ver o corpo nu reluzindo de excitação.

Mas ele lhe concedera até mesmo esse pedido inocente? Não!

Parte de si desejava jamais tê-lo visto, jamais haver permitido que Cronos, o novo rei dos deuses, a intrigasse com histórias sobre os Senhores do Mundo Subterrâneo, alguns meses atrás. *Talvez, seja eu a idiota.*

Cronos havia acabado de escapar do Tártaro, uma prisão para imortais e um lugar que ela conhecia muito bem. Ele aprisionara Zeus e seus comparsas ali, assim como os pais de Anya. Quando Anya retornara para resgatá-los, encontrara Cronos esperando por ela. Ele exigira o maior tesouro de Anya. Ela recusara, claro, então, ele tentara assustá-la.

Dê-me o que quero, ou enviarei os Senhores do Mundo Subterrâneo atrás de você. Eles são possuídos por demônios, tão sanguinários quanto animais famintos, e não hesitarão em arrancar a sua adorável pele dos ossos. Blablablá. Sei lá o que mais.

Longe de assustá-la, essas palavras só haviam despertado sua empolgação. Ela acabara procurando os guerreiros por conta própria. Pensara em derrotá-los e rir na cara de Cronos, algo do tipo: veja só o que fiz com os seus demônios assustadores.

Contudo, bastou um olhar na direção de Lucien para ela logo ficar obcecada. Esquecera-se de seus motivos para estar lá, e até *auxiliara* os supostamente malignos guerreiros.

Mas as contradições a atraíam, e Lucien tinha muitas. Ele exibia cicatrizes de seu sofrimento, mas não fora vencido, era gentil, porém inflexível. Era um imortal calmo, que seguia as regras, e não sanguinário como Cronos alegara. Era possuído por um espírito maligno e, contudo, jamais se desviava de seu próprio código de honra. Lidava com a morte todos os dias, todas as noites e, no entanto, lutava para viver.

Fascinante.

Como se isso não bastasse para lhe despertar o interesse, a fragrância floral do homem a enchia de pensamentos pecaminosos cada vez que se aproximava dele. Por quê? Qualquer outro homem que cheirasse a rosas a teria feito rir. Com Lucien, sua boca aguava de vontade de prová-lo, e sua pele formigava ardentemente, desesperada pelo seu toque.

Mesmo naquele instante, apenas olhando para ele e imaginando aquele perfume flutuando até o seu nariz, ela precisou esfregar os braços para se livrar dos arrepios. Mas então pensou *nele* esfregando-a, e os deliciosos arrepios se recusaram a ir embora.

Deuses, como ele era sensual! Tinha os olhos mais loucos que ela já vira. Um deles era azul, o outro, castanho, e ambos impregnados com a essência do homem e do demônio. E as cicatrizes... Tudo em que ela conseguia pensar, com o que conseguia sonhar, *que conseguia desejar*, era lambê-las. Eram lindas, uma evidência de toda a dor e sofrimento a que ele já sobrevivera.

— Ei, linda. Dance comigo — disse um dos guerreiros subitamente ao seu lado.

Paris, ela se deu conta, reconhecendo a promessa de sensualidade na voz dele. Devia ter terminado com aquela humana junto à parede e, agora, estava procurando outra gostosona com quem se saciar. Teria que continuar procurando.

— Vá embora.

Sem se deixar afetar pela sua falta de interesse, ele lhe agarrou o pulso.

— Prometo que você vai gostar.

Ela o afastou com um rápido movimento do pulso. Possuído pela Luxúria, Paris era abençoado com uma pele clara, quase reluzente, olhos azuis cheios de eletricidade e o tipo de rosto que fazia os anjos cantarem aleluia, mas ele não era Lucien e não despertava o menor interesse nela.

— Guarde suas mãos para si mesmo — resmungou —, antes que eu as corte fora.

Ele riu, como se ela estivesse brincando, sem saber que faria exatamente aquilo, e muito mais. Sua especialidade podia ser a desordem insignificante, contudo, jamais fazia uma ameaça que não tivesse a intenção de cumprir. Isso era sinal de fraqueza e, havia muito, Anya jurara jamais deixar transparecer um vestígio sequer de fraqueza.

Seus inimigos adorariam explorar aquilo.

Por sorte, Paris não voltou a estender as mãos na sua direção.

— Em troca de um beijo, deixarei você fazer o que quiser com minhas mãos — ele disse, com voz rouca.

— Neste caso, também cortarei fora o seu pênis. — Ela não gostava de ter seus olhares de cobiça interrompidos, ainda mais considerando que raramente tinha tempo para se perder neles. Ultimamente, passava a maior parte de seu tempo fugindo de Cronos. — Que tal?

A risada de Paris ficou mais alta e acabou chamando a atenção de Lucien. O olhar de Lucien se ergueu, pousando sobre Paris, e a seguir, fixando-se em Anya. As pernas dela ficaram bambas. Oh, céus. Paris foi esquecido, enquanto ela se esforçava para respirar. Teria imaginado a chama que subitamente se acendera nos olhos de cores diferentes de Lucien? Teria apenas imaginado o modo como as narinas se inflaram ao notá-la?

Agora ou nunca. Lambendo os lábios e sem jamais tirar os olhos dele, ela começou a caminhar, com um sensual rebolado, na direção da mesa dele. Na metade do caminho deteve-se e, curvando o indicador, fez sinal para que Lucien se juntasse a ela. Um instante depois, ele estava de pé diante dela, como se houvesse sido puxado por uma corrente invisível, incapaz de resistir.

De perto, ele era 1,98m de músculo e perigo. Pura tentação.

Os lábios dela se afastaram num sorriso lento.

— Finalmente nos encontramos, Flores.

Anya não lhe deu tempo de responder. Roçou o quadril esquerdo de encontro ao volume rijo entre as pernas dele, virando-se eroticamente e oferecendo-lhe uma visão de suas costas. Seu espartilho azul-gelo estava preso por nada além de finas fitas e a força de vontade, e ela sabia que a saia estava tão baixa em sua cintura que não conseguia cobrir o elástico da calcinha. Epa.

Homens, mortais ou não, costumavam se derreter só de vislumbrar algo que não deveriam.

Lucien sibilou ao inspirar.

O sorriso dela se alargou. Ah, doce progresso.

Seus movimentos suaves de modo algum combinavam com o rock agitado, mas ela não interrompeu uma vez sequer o lento rebolado de seu corpo ao erguer as mãos sobre a própria cabeça e passá-las displicentemente pelos espessos cabelos cor de neve, alisando a própria pele, porém imaginando as mãos de Lucien no lugar das suas. Seus mamilos se enrijeceram.

— Por que me convocou, mulher?

A voz dele era baixa, porém disciplinada como o próprio guerreiro.

Escutá-lo falar era mais excitante do que ser tocada por outro homem, e ela sentiu um frio na barriga.

— Queria dançar com você — ela disse por sobre o ombro. Rebolando, rebolando e girando beem lentamente. — Isso é crime?

Ele não hesitou em responder:

— É.

— Ótimo. Sempre gostei de infringir a lei.

Uma pausa confusa. Então:

— Quanto Paris lhe pagou para fazer isto?

— Vou ser paga? Ah, que bom! — Dando um passo para trás e sorrindo, ela roçou as nádegas de encontro a ele, arqueando-se e balançando-se com o máximo de sensualidade de que era capaz. Olá, ereção. O calor dele quase lhe liquefez os ossos. — E qual é a moeda de troca? Orgasmos?

Nos seus sonhos, àquela altura ele sempre a agarrava e arremetia para dentro dela com toda a extensão do membro. Na realidade, ele deu um pulo para trás, como se ela fosse uma bomba prestes a detonar, aumentando a odiada distância entre eles.

A sensação de perda se apossou dela imediatamente.

— Nada de tocar — disse ele.

Apesar de, provavelmente, ter se esforçado ao máximo para dar a impressão de calma, sua voz pareceu nervosa. Forçada. Mais tensa do que excitante.

Os olhos dela se estreitaram. Ao redor, as pessoas observavam a interação dos dois e o modo como ele a rejeitara. *Isto não é o horário nobre*, ela projetou seus pensamentos na direção deles com um esgar. *Virem para outro lado*.

Um a um, os humanos obedeceram. Contudo, aquilo despertou a atenção dos outros Senhores do Mundo Subterrâneo, que a fitaram intensamente. Sem

dúvida, estavam curiosos a respeito de quem ela era e do que fazia ali.

Ela compreendia que eles tinham de ter cuidado. Ainda eram perseguidos por Caçadores, humanos que acreditavam tolamente poder criar uma utopia de paz e harmonia ao livrar o mundo dos Senhores e dos demônios que estes traziam dentro de si.

Ignore-os. Seu tempo está se esgotando, garota. Ela voltou a atenção para Lucien, girando a cabeça para fitá-lo, sem ter que se virar por completo para ele.

— Onde estávamos? — perguntou com voz rouca.

Ela passou o dedo pela parte de cima do elástico da calcinha, sem parar até que conseguisse atrair o olhar ardente do homem para as reluzentes asas de anjo no centro.

— Eu estava prestes a ir embora — ele falou com dificuldade.

Ao ouvir suas palavras, as unhas dela se alongaram até se transformarem em pequenas garras. Ele ainda pensava em rejeitá-la? De verdade?

Ela se mostrara a ele, mesmo sabendo que os deuses seriam capazes de determinar sua localização exata, algo que era melhor evitar, já que pretendiam abatê-la como um animal sarnento. *Não* iria embora daquela boate sem uma recompensa.

Intensificando sua determinação, ela se virou com mais um movimento sensual dos quadris, os longos fios de seus cabelos pálidos acariciando o peito dele. Ao morder o lábio inferior, deixou os seios em evidência.

— Mas não quero que você vá embora — ela disse, fazendo um beicinho bastante treinado.

Ele recuou outro passo.

— Qual é o problema, docinho? — Impiedosamente, ela avançou. — Está com medo de uma garotinha?

Os lábios dele se afinaram, mas não respondeu. Felizmente, também não se afastou mais.

— Está?

— Não sabe com o que está brincando, mulher.

— Ah, mas eu acho que sei, sim.

Ela o percorreu com o olhar e paralisou em renovada admiração. Diversas luzes das cores do arco-íris alternavam-se em iluminar o rosto e o corpo dele, um corpo tão bem esculpido que poderia ter sido talhado em pedra. Ele usava camiseta preta e jeans desbotados, delineando cada um dos músculos, que diziam “entregue sua calcinha”. *Meu.*

— Eu disse nada de tocar — rosnou ele.

O olhar dela se voltou para o dele, e ela estendeu as mãos com as palmas viradas para fora.

— Não estou tocando em você, docinho.

Mas eu quero... pretendo... e vou.

— Seu olhar sugere o oposto — retrucou ele.

— Isso é porque...

— Eu danço com você — outro guerreiro disse, interrompendo-a. Paris novamente.

— Não.

Anya não desviou sua atenção. Ela queria Lucien, apenas Lucien. Ninguém mais serviria.

— Ela pode ser Isca — opinou um diferente Senhor do Mundo Subterrâneo, provavelmente fitando-a com desconfiança. Ela reconheceu o timbre profundo da voz. Sabin, guardião da Dúvida.

Por favor... Isca? Como se ela tentasse atrair qualquer um a qualquer lugar por motivos que não fossem totalmente egoístas. Iscas, moças tolas que só pensavam em autossacrifício; o trabalho delas era seduzir um dos Senhores e

distraí-lo, para que Caçadores pudessem se aproximar e matá-lo. E, francamente, que tipo de idiota preferiria matar um deles a dar-lhes uns amassos?

— Duvido que os Caçadores tenham sido capazes de se organizar tão rapidamente, após a praga — disse Reyes.

Ah, sim. A praga. Um dos Senhores era possuído pelo demônio da Doença. Sempre que ele tinha qualquer contato pele a pele com um mortal, infectava a pessoa com uma terrível enfermidade que se espalhava e matava com impressionante velocidade.

Sabendo disso, Torin sempre usava luvas e raramente saía da fortaleza, disposto a se isolar para proteger os humanos de sua maldição. Não fora culpa dele que um grupo de Caçadores tenha se esgueirado para dentro da fortaleza algumas semanas atrás e lhe cortado a garganta.

Torin sobrevivera; os Caçadores, não.

Infelizmente, havia muitos, muitos outros Caçadores pelo mundo. Francamente, eram como moscas. Espante uma, e duas outras logo tomam o seu lugar. Naquele mesmo instante, deviam estar à espreita, aguardando uma chance de atacar. Os Senhores do Mundo Subterrâneo tinham que ser cautelosos.

— Além do mais, eles não teriam como burlar nossa segurança — Reyes acrescentou, a voz ríspida despertando Anya de seus pensamentos.

— Assim como não havia jeito de invadirem a fortaleza e quase decapitem Torin? — argumentou Sabin.

— Maldição! Paris, fique aqui de olho nela enquanto verifico o perímetro. Sabin, venha comigo.

Passos, xingamentos murmurados.

Ah, droga. Se os guerreiros encontrassem qualquer vestígio de Caçadores lá fora, não haveria como convencê-los de sua inocência. Pelo menos no tocante a

esse crime. Lucien jamais confiaria nela novamente, jamais relaxaria perto dela. Jamais tocaria nela, a não ser com fúria.

Ela não permitiu que seu rosto transparecesse o temor que a tomava.

— Eu posso ter visto a multidão e entrado escondida — ela disse para Paris e outro dos Senhores que a estavam estudando. E acrescentou: — E talvez o grandalhão e eu possamos passar os próximos minutos sem sermos interrompidos. A sós.

Eles provavelmente entenderam a insinuação, mas não foram embora.

Certo. Ela daria um jeito, mesmo com eles ali.

Ao começar mais uma vez a oscilar lentamente ao ritmo das batidas, ela manteve o olhar fixo em Lucien e, com as pontas dos dedos, acariciou o próprio abdômen. *Substitua minhas mãos pelas suas*, projetou.

Claro, ele não o fez. Mas suas narinas se inflaram daquele jeito delicioso, e seus olhos a acompanharam em cada movimento de suas palmas. Ele engoliu em seco.

— Dance comigo. — Desta vez ela disse as palavras em voz alta, torcendo para que ele não a ignorasse com a mesma facilidade. Ela lambeu os lábios, umedecendo-os.

— Não. — Rouco, quase inaudível.

— Por favorzinho, estou quase me jogando aos seus pés.

Os olhos dele chamejaram ante a provocação. Não era a imaginação dela, Anya percebeu. Mas, quando vários segundos se passaram sem que ele estendesse as mãos na direção dela, a esperança se tornou frustração. O tempo era mesmo seu inimigo. Quanto mais se demorava ali, maiores as chances de ser capturada.

— Não me acha desejável, Flores?

Um músculo se repuxou sob o olho dele.

— Esse não é o meu nome.

— Tudo bem, então. Não me acha desejável, docinho?

O cacoete espalhou-se para o maxilar.

— O que acho de você não tem muita importância.

— Isso não responde bem à minha pergunta — retrucou ela, quase voltando a fazer beicinho.

— E também não era intenção que respondesse.

Grrr! Que homem irritante! *Tente outra coisa. Algo descarado.*

Como se eu já não tivesse sido descarada...

Então, está bem. Ela se virou e se curvou até o chão. A saia de Anya subiu por suas coxas, o ângulo diferente lhe dando uma visão melhor da calcinha fio dental e das asas que se estendiam do centro. Ao erguer o corpo, imitando os movimentos sexuais, ela lentamente girou, oferecendo-lhe uma visão completa.

Com todos os músculos do poderoso corpo tensos, ele inspirou profundamente.

— Você cheira a morangos com chantilly. — Ao falar, ele parecia um predador, prestes a dar o bote.

Por favor, por favor, por favor, ela pensou.

— Aposto que também tenho esse mesmo gosto — retrucou, seus cílios tremulando, apesar do fato de ele ter feito a fragrância parecer uma tremenda ofensa.

Ele rosou baixinho, no fundo da garganta, e avançou ameaçadoramente na direção dela. Ergueu as mãos para... agarrá-la? Bater nela? Ei, o que foi isso? Antes de se conter e cerrar os punhos. Antes do comentário sobre o cheiro dela, ele havia se mostrado distante, mas talvez ligeiramente interessado. Agora, parecia apenas ter interesse em estrangulá-la.

— Tem sorte por eu não a abater aqui, neste instante — ele disse, comprovando-lhe os pensamentos. Ainda assim, Lucien baixou a mão.

Anya parou de se mexer, fitando-o boquiaberta. Só porque ela cheirava como uma fruta, ele queria machucá-la? Isto era... isto era supremamente... decepcionante. Sua mente havia tentado fornecer a palavra *arrasador*, mas ela a ignorara. Mal conhecia o homem; ele não poderia deixá-la arrasada.

Não era como se estivesse esperando que ele fosse se atirar aos seus pés, mas havia, de fato, esperado que ele respondesse favoravelmente. Pelo menos um pouquinho.

Homens gostavam de mulheres que se atiravam para cima deles. Não? Ela observara os mortais por mais anos do que poderia contar, e esse sempre parecera ser o caso. *A palavra-chave, garota: mortais.* Lucien não era, e jamais havia sido, mortal.

Por que ele não me quer?

Ao longo de todos os dias em que o observara, ele jamais cortejara uma única mulher. Ashlyn, a amante de seu amigo, ele tratava com bondade e respeito. Cameo, a única guerreira residindo ali, ele tratava com gentileza e uma preocupação quase paternal. Não desejo.

Ele não preferia homens. Seu olhar não se demorava neles com voracidade ou qualquer vestígio de emoções mais suaves. Estaria então apaixonado por uma mulher específica, e nenhuma outra serviria? Se fosse esse o caso, a vagabunda iria se dar mal!

Anya passou a língua pelos dentes e cerrou as mãos ao lado do corpo. Fumaça continuava a se espalhar pelo recinto, como uma névoa onírica. As humanas começaram a lotar de novo a pista de dança, tentando atrair os Senhores do Mundo Subterrâneo para o lado delas mais uma vez. Mas os guerreiros continuavam a observar Anya, aguardando o veredicto final de quem e o que ela era.

Lucien não se movera um centímetro. Era como se seu corpo estivesse enraizado no local. Ela devia desistir, abrir mão do que queria e ir embora

antes que Cronos a encontrasse. *Apenas os fracos desistem.* Verdade. Determinada, ela ergueu o queixo. Com apenas um pensamento, mudou a música que saía dos alto-falantes. A batida tornou-se instantaneamente mais lenta, mais suave.

Forçando sua expressão a fazer o mesmo, ela rebolou lentamente na direção dele, eliminando aquela detestável distância que os separava. Trilhou os dedos pelo peitoral forte e rígido de Lucien e estremeceu. Nada de tocar... rá! Ele logo aprenderia. A Anarquia não era um cãozinho obediente.

Pelo menos ele não recuou.

— Você vai dançar comigo — ronronou ela. — É o único jeito de se livrar de mim.

Para provocá-lo ainda mais, Anya ficou na ponta dos pés e gentilmente lhe mordiscou o lóbulo da orelha.

Um ruído surdo e prolongado saiu da garganta dele quando seus braços enfim a envolveram. A princípio, ela pensou que ele quisesse empurrá-la para longe. Depois, ele a puxou ainda mais para perto de seu corpo, comprimindo-lhe os seios contra seu tórax e forçando as pernas a se separarem sobre a sua coxa esquerda. Imediatamente, ela se viu lubrificada.

— Se você quer dançar, dançaremos.

Lenta e sensualmente, ele a oscilou de um lado para o outro, seus corpos permanecendo colados, a intimidade dela roçando pouco acima do joelho dele. Lanças incandescentes de prazer viajaram pelo sangue de Anya, afetando todo o seu corpo.

Deuses nos céus, aquilo era melhor do que imaginara. Seus olhos se fecharam em sinal de rendição. Ele era grande. Por inteiro. Os ombros, tão largos que quase a engoliam; o tórax tão musculoso que a envolvia. E o tempo todo sua expiração quente lhe acariciava o rosto como um amante atencioso.

Tremendo, ela subiu as mãos pelas costas dele e as mergulhou nos cabelos escuros e sedosos. *Sim. Mais.*

Devagar, garota. Mesmo que ele a quisesse do modo como ela o queria, Anya não podia tê-lo. Não por completo. Nesse aspecto, era tão amaldiçoada quanto ele. Mas ainda podia aproveitar o momento. Ah, como podia aproveitá-lo! Finalmente, Lucien estava reagindo a ela!

O nariz dele lhe acarinhou o maxilar.

— Todos os homens neste prédio a querem — ele disse, baixinho. No entanto, suas palavras saíram tão afiadas que poderiam tê-la cortado como uma faca. — Por que eu?

— Porque sim — disse ela, inspirando o inebriante perfume de rosas dele.

— Isso não responde nada.

— E também não era a intenção que respondesse — ela retrucou, repetindo-lhe as palavras de pouco antes. Seus mamilos ainda estavam intumescidos, muito intumescidos, e roçando de encontro ao espartilho, aumentando-lhe o desejo. Sua pele estava maravilhosamente sensível, sua mente ciente por completo de cada movimento de Lucien. Será que algo jamais parecera tão erótico? Tão... certo?

Lucien agarrou-lhe com força os cabelos, quase arrancando alguns fios.

— Acha divertido provocar o homem mais feio daqui?

— O mais feio? — Quando ele a atraía de um modo como ninguém jamais fora capaz? — Mas não estou nem perto de Paris, docinho.

Aquilo o fez parar. Franzindo a testa, Lucien a soltou. Depois, sacudiu a cabeça, como que tentando colocar os pensamentos em ordem.

— Sei o que sou — ele rosou, com um ligeiro vestígio de amargura. — Dizer que sou feio é até ser gentil.

Ela ficou imóvel, fitando-o no fundo dos olhos bicolores. Ele realmente não fazia ideia de como era atraente? Lucien irradiava força e vitalidade. Ele exalava

masculinidade selvagem. Tudo nele a fascinava.

— Se você sabe o que é, doçura, sabe que é sexy e deliciosamente ameaçador.

E ela precisava ainda mais dele. Outro daqueles arrepios lhe percorreu a espinha, vibrando até as extremidades do corpo. *Toque em mim de novo.*

Ele a fitou com intensidade.

— Ameaçador? Isso significa que você quer que eu a machuque?

Ela sorriu lentamente.

— Só se for com umas boas palmadas.

As narinas dele voltaram a se alargar.

— Suponho que minhas cicatrizes não a incomodem — disse, totalmente desprovido de emoções.

— Incomodar? — Aquelas cicatrizes não o arruinavam. Elas o tornavam irresistível.

Mais perto... mais perto... Sim, contato. Ah, grandes deuses! Ela deslizou as mãos sobre o peito dele, deliciando-se com a sensação dos mamilos que se estendiam para ela, saboreando o volume dos músculos que a saudavam.

— Elas me excitam.

— Mentirosa — disse ele.

— Às vezes — admitiu Anya —, mas não agora.

Ela lhe estudou o rosto. Não sabia como ele havia conseguido aquelas cicatrizes, mas não podia ter sido agradável. Ele sofrera. E muito. Pensar naquilo a enfureceu subitamente tanto quanto a fascinou. Quem o havia machucado, e por quê? Uma amante ciumenta?

Parecia que alguém havia pegado uma faca e cortado Lucien como se ele fosse um melão e, depois, tentado juntá-lo novamente com os pedaços fora de ordem. Ainda assim, a maioria dos imortais sarava rapidamente, não deixando

evidências de seus ferimentos. Por isso, mesmo que houvesse sido retalhado, Lucien deveria ter sarado.

Será que ele possuía cicatrizes semelhantes no restante do corpo? As pernas dela voltaram a ficar bambas ao sentir uma nova onda de excitação dominando-a. Ela o observara por semanas, mas não havia sequer vislumbrado seu delicioso corpo. De algum modo, ele sempre dera um jeito de se banhar e trocar de roupa depois dela já ter ido embora.

Será que a pressentira e se mantivera oculto?

— Se eu não soubesse, diria que é mesmo Isca, como meus homens suspeitam — disse tensamente.

— E por que acha que sabe?

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Você é?

Tinha que ir por esse caminho, não tinha? Se ela garantisse a ele que não era Isca, pareceria estar admitindo saber o que era Isca. Pensava conhecê-lo bem o suficiente para saber que, na cabeça dele, a simples admissão seria o suficiente para contradizer a alegação de que não era. Ele, então, se sentiria obrigado a matá-la. Se ela alegasse *ser* Isca, bem, ele ainda se sentiria na obrigação de matá-la.

Não tinha como se dar bem.

— Quer que eu seja? — disse, com o seu tom mais sedutor. — Porque serei o que você quiser, amor.

— Pare — rosnou ele, a máscara de eterna calma abandonando suas feições por um breve instante e revelando um fogo surpreendentemente intenso. Ah, como ela queria ser queimada. — Não gosto dessa brincadeira.

— Nada de brincadeira, Flores. Eu prometo.

— O que quer de mim? E não ouse mentir.

Aquela, sim, era uma pergunta complicada. Ela queria toda a masculinidade dele concentrada nela. Queria horas para despi-lo e explorá-lo. Queria que ele a despisse e a explorasse. Queria que ele sorrisse para ela. Queria a língua dele em sua boca.

Àquela altura, apenas a última parte parecia viável. E apenas se ela jogasse sujo. Ainda bem que honestidade não era uma de suas características mais marcantes.

— Aceito um beijo — disse, fitando-lhe a boca macia e rosada. — Na verdade, insisto num beijo.

— Não encontrei nenhum Caçador por perto — disse Reyes, aparecendo subitamente ao lado de Lucien.

— Isso não significa nada — retrucou Sabin.

— Ela não é uma Caçadora e não está trabalhando com eles. — A atenção de Lucien não se desviou dela ao gesticular para que os amigos se afastassem. — Preciso de um instante a sós com ela.

A segurança dele a pegou de surpresa. E ele queria ficar sozinho com ela? Sim! Só que os amigos dele não saíam dali. Idiotas.

— Não nos conhecemos — disse Lucien, continuando a conversa, como se ela jamais houvesse sido interrompida.

— E daí? Desconhecidos se envolvem uns com os outros o tempo todo. — Ela se arqueou para trás, roçando sua intimidade na ereção dele. Hmmm, ereção. Ele não a perdera, ainda estava excitado. — Não há mal algum em um beijinho pequenininho, não é?

Os dedos dele se fincaram na curvatura dos quadris dela, imobilizando-a.

— Você vai embora? Depois?

As palavras deveriam tê-la ofendido, mas Anya estava absorta demais no prazer provocado por aquele simples contato para se importar. Seu coração

começou uma dança selvagem. Um calor estranho, lascivo, se apossou de seu íntimo.

— Vou.

Era mesmo tudo que conseguiria dele, apesar de querer muito mais. E ela o aceitaria, não importava o que tivesse de fazer para consegui-lo: coerção, força, ardil. Estava cansada de imaginar o beijo dele, e ansiava por um gostinho de sua realidade. Ela *precisava* sentir a realidade dele. Finalmente. Com certeza, não seria tão fantástico quanto sonhara.

— Não entendo — ele resmungou, semicerrando os olhos. Cílios escuros lançaram sombras sobre as faces salientes, fazendo-o parecer mais perigoso do que nunca.

— Tudo bem. Eu também não.

Ele se inclinou na direção dela, seu hálito quente de aroma floral queimando-lhe a pele.

— De que adiantará um único beijo?

De tudo. Tomada de expectativa, ela passou a ponta da língua pela borda dos lábios.

— Você sempre fala tanto?

— Não.

— Beije-a, Lucien, antes que eu faça isso. Isca ou não — gritou Paris, rindo. Apesar de bem-humorada, a risada ainda era cortante como o aço.

Lucien continuou a resistir. Ela podia sentir o coração dele batendo no peito. Será que ele se sentia constrangido pela plateia? Que pena. Ela arriscara tudo por aquilo e não deixaria que ele recuasse.

— Isto é fútil — ele disse.

— E daí? Fútil pode ser divertido. Agora, chega de enrolar. É hora de fazer.

Anya puxou-lhe a cabeça para baixo e colou seus lábios nos dele. A boca de Lucien se entreabriu instantaneamente, e as duas línguas se encontraram numa

arremetida profunda e úmida. Bombardeada pelos aromas inebriantes de rosas e menta, Anya sentiu uma intensa onda de calor lhe percorrer o corpo.

Ela foi mais fundo, precisando de mais do que o que ele estava oferecendo. Precisando de tudo. Labaredas de fogo percorriam todo o seu corpo. Ela se esfregava contra o membro dele, incapaz de se deter. Lucien agarrou seus cabelos, assumindo por completo o controle de sua boca. De imediato, ela se viu prisioneira de um redemoinho de paixão e voracidade que apenas Lucien poderia saciar. Sem dar um único passo, ela cruzara os portões do paraíso.

Alguém vibrou. Alguém assoviou.

Por um instante, ela sentiu seu corpo flutuar, sem nada que a ancorasse ao chão. Um instante depois, sentiu as costas sendo empurradas de encontro à parede fria. Os gritos, subitamente, haviam desaparecido. O ar frio lhe mordiscava a pele.

Do lado de fora?, Anya se perguntou. Logo estava gemendo, sem se importar, e envolvendo a cintura de Lucien com as pernas, enquanto a língua dele conquistava a sua. Uma das mãos dele lhe esmagou o quadril, segurando-a com força. Deuses, ela adorou aquilo! A outra mergulhou nos seus cabelos, os dedos, mais uma vez, se enroscando apertadamente nos fartos fios, inclinando-lhe a cabeça para o lado, para um contato mais profundo.

— Você está... Você está... — ele sussurrou ferozmente.

— Desesperada. Nada de falar. Mais beijos.

O controle do guerreiro se esvaiu. A língua dele voltou a arremeter para o interior da boca de Anya, os dentes em choque. Paixão e excitação eram como uma labareda entre os dois, um incêndio ardente. Ela estava verdadeiramente em chamas. Frenética. Dolorida. Ele a tocava por todo o corpo, já se tornando parte dela.

Anya queria que aquilo jamais tivesse fim.

— Mais — disse ele, espalmando a mão sobre um dos seios dela.

— Sim. — Os mamilos se enrijeceram, latejando pelo toque dele. — Mais, mais, mais.

— Tão bom.

— Incrível.

— Toque-me — ele rosnou.

— Eu estou.

— Não. *Em mim.*

A compreensão trouxe consigo uma intensificação do desejo. Talvez ele realmente a desejasse. Afinal de contas, Lucien ansiava por ter as mãos dela sobre sua pele, o que significava que queria mais do que um simples beijo.

— Com prazer.

Com uma das mãos, ela segurou a bainha da camisa dele e a puxou para cima. Com a outra, acariciou os músculos de seu abdômen. Cicatrizes. Ela sentiu as cicatrizes e estremeceu, a pele irregular maravilhosamente quente.

Os músculos dele se retesavam a cada carícia, e ele mordeu o lábio inferior.

— Isso, assim.

Sua reação agiu como combustível em um fogo que já ardia, e ela quase chegou ao clímax. Gemeu.

Seus dedos traçaram os círculos dos mamilos dele antes de acariciar as pontas. Cada vez que roçava neles, seu clitóris latejava, como se estivesse tocando em si mesma.

— Adoro sentir você.

Lucien lambeu a extensão do pescoço dela, a língua deixando para trás uma trilha de sensual eletricidade. As pálpebras de Anya se entreabriram, e ela quase deixou escapar uma exclamação de surpresa ao se dar conta de que, de fato, estavam lá fora, apoiando-se contra o exterior da boate num canto tomado pelas sombras. O safadinho devia tê-los teletransportado até ali.

Lucien era o único Senhor do Mundo Subterrâneo capaz de se transportar de um local para outro com apenas um pensamento. Um talento que ela também possuía. Anya só lamentou que ele não os tivesse levado até um quarto.

Não, ela se forçou a acrescentar, lutando contra uma onda de desespero. Quarto é ruim. Ruim, ruim, ruim. Anya malvada! Não deveria pensar o contrário, mesmo que apenas por um segundo. Outras mulheres podiam aproveitar o contato elétrico de pele contra pele e corpos nus ansiando pela liberação, mas não Anya. Jamais Anya.

— Eu quero você — ele disse, com aspereza.

— E já não era sem tempo — sussurrou ela.

Ele ergueu a cabeça coberta por cabelos escuros, mostrando intensidade nas íris azul e castanha, antes de imobilizá-la com outro beijo ardente. E não se deteve até que ela, de bom grado e alegremente, se afogasse nele. Marcada no fundo de sua alma, onde não era mais Anya, mas a mulher de Lucien. A escrava de Lucien. Se pudesse, teria permitido que ele a penetrasse ali mesmo, e talvez jamais se saciasse dele. Deuses, a realidade era tão melhor do que a fantasia!

— Preciso sentir mais de você. Preciso das suas mãos em mim.

Ela soltou as pernas que envolviam o corpo dele, ficando de pé, e estava prestes a lhe libertar o membro e rodear sua espessura intumescida com os dedos, quando escutou o eco de passos próximos.

Lucien também devia ter escutado. Ele ficou tenso e se afastou.

Estava ofegante. Assim como ela. As pernas de Anya ficaram bambas quando seus olhares se encontraram, o tempo momentaneamente suspenso. A chama da paixão ainda ardia entre os dois. Ela jamais imaginara que um beijo pudesse ser tão inflamável.

— Arrume suas roupas — ele ordenou.

— Mas... mas... — Ela não estava pronta para parar, com plateia ou não. Se ele ao menos lhe desse um momento, ela poderia transportá-los para outro lugar.

— Faça. Agora.

Não, nada de teletransporte, ela percebeu, decepcionada. A expressão severa no rosto dele deixava bem claro que Lucien não queria mais saber de beijos, e nem dela.

Desviando o olhar dele, ela o baixou para si mesma. O bustiê estava ancorado sob os seios. Não estava usando sutiã, de modo que as pontas rosadas dos mamilos estavam visíveis, dois pequenos sinalizadores no meio da noite. A saia estava ao redor da cintura, expondo a parte da frente da minúscula calcinha.

Ela ajustou a roupa, enrubescendo pela primeira vez em centenas de anos. *Por que agora? Faz diferença?* Suas mãos estavam tremendo, uma fraqueza constrangedora. Ela tentou ordenar que parassem, mas o único comando que seu corpo queria escutar era o para pular de volta nos braços de Lucien.

Vários dos Senhores do Mundo Subterrâneo dobraram a esquina, com expressões sérias e zangadas nos rostos.

— Adoro quando você desaparece assim — disse o que se chamava Gideon, seu tom irritado deixando bem claro que não adorava nem um pouco. Anya sabia que ele era possuído pelo espírito das Mentiras e que era incapaz de proferir uma única verdade que fosse.

— Cale a boca — esbravejou Reyes. Pobre e torturado Reyes, guardião da Dor. Ele gostava de se cortar. Certa vez, ela até o vira se jogar do alto da fortaleza dos guerreiros e se deliciar com a sensação de seus ossos quebrados. — Ela pode parecer inocente, Lucien, mas você não procurou armas escondidas nela antes de lhe engolir a língua.

— Estou praticamente nua — ela ressaltou, irritada. Não que algum deles tivesse prestado atenção. — Que arma eu poderia estar escondendo? — Certo, ela *estava* escondendo algumas. Grande coisa. Uma garota precisava se proteger.

— Eu tinha tudo sob controle — disse Lucien naquele seu tom de voz impassível. — Acho que dou conta de uma mulher sozinha, armada ou não.

Anya sempre havia sido fascinada pela calma dele. Até aquele instante. Onde estavam os vestígios remanescentes de paixão? Não era justo que ele houvesse se recuperado tão rapidamente enquanto ela ainda se esforçava para respirar direito. Seus membros sequer haviam parado de tremer. Pior ainda, seu coração batia como um tambor de guerra no peito.

— Então, quem é ela? — perguntou Reyes.

— Ela pode não ser Isca, mas é alguma coisa — disse Paris. — Você a teletransportou, mas ela não está gritando.

Foi então que todos os olhares semicerrados se voltaram para Anya. Em todos os seus séculos de vida, ela jamais se sentira mais vulnerável. Beijar Lucien fizera o risco de ser capturada valer a pena, mas isso não significava que tinha de aturar um interrogatório.

— Vocês podem todos calar a boca. Não vou falar nada.

— Eu não convidei você, e Reyes me contou que ninguém aqui disse ser amigo seu — retrucou Paris. — Por que tentou seduzir Lucien?

Porque ninguém se envolveria de livre e espontânea vontade com o guerreiro desfigurado, dizia o tom de voz dele. Aquilo a irritou ainda mais, embora soubesse que ele não tivera a intenção de ser rude, nem maldoso. Provavelmente, estava apenas expondo o que todos consideravam um fato.

— Por que tanto interrogatório? — Um a um, ela os encarou. Todos, menos Lucien. Ele, Anya evitou. Poderia ficar arrasada se as feições dele ainda

estivessem frias e desprovidas de emoção. — Eu o vi, gostei dele e corri atrás. Grande coisa. Fim de papo.

Cada um dos Senhores cruzou os braços diante do peito, como que dizendo “Sim, claro”. Foi então que ela se deu conta de que, embora não os tivesse visto se mexerem, haviam formado um semicírculo ao redor dela. Anya mal conseguiu evitar revirar os olhos.

— Você não o deseja de verdade — disse Reyes. — Todos sabemos disso. Então, diga o que quer de verdade, antes que a *forcemos* a nos contar.

Forçá-la? Por favor... Anya também cruzou os braços. Pouco antes, eles haviam aplaudido quando Lucien a beijara. Não haviam? Talvez ela houvesse aplaudido a si mesma. Mas, agora, queriam um relatório detalhado de seu raciocínio? Agora, agiam como se Lucien fosse incapaz de ser tentador até mesmo para uma cega?

— Eu queria o membro dele dentro de mim. Entendeu agora, imbecil?

Uma pausa chocada se seguiu.

Lucien colocou-se entre ela e os homens. Ele a estava... protegendo? Que adorável! Desnecessário, mas adorável. Parte da raiva dela se evaporou. Ela teve vontade de abraçá-lo.

— Deixem-na em paz — disse Lucien. — Ela não significa nada. Não tem importância alguma.

A alegria de Anya também se evaporou. Não significa nada? Não tem importância? Ele acabara de tomar um de seus seios nas mãos e esfregar a ereção entre suas pernas. Como ousava dizer aquilo?

Uma névoa vermelha cobriu-lhe a visão. *Deve ter sido assim que minha mãe sempre se sentia.* Quase todos os homens que Disnomia levava para a cama haviam lançado insultos à mulher após seu prazer ter sido saciado. *Fácil,* diziam. *Não serve para mais nada.*

Anya conhecia bem a mãe, sabia que Disnomia havia sido escrava de sua natureza desregrada, assim como apenas sempre procurara o amor. Deuses comprometidos, deuses desimpedidos; não fazia diferença. Se a desejavam, ela se entregava a eles. Provavelmente porque, durante aquelas poucas horas nos braços dos amantes, ela havia sido aceita, valorizada, e seus desejos mais sombrios tinham sido saciados.

O que tornava a traição que se seguia muito mais dolorosa, pensou Anya, olhando para Lucien. De todas as coisas que esperara e ansiara que ele dissesse, *sem importância* não chegava nem perto. *Ela é minha, talvez. Preciso dela,* podia ser. *Não toquem no que me pertence,* com certeza.

Ela não quisera a mesma vida da mãe, por mais que a amasse, e jurara havia muito não se deixar ser usada. *Mas olhe para mim agora. Implorei e supliquei pelo beijo de Lucien, e tudo o que ele pensa é que sou sem importância.*

Rosnando, concentrando toda as suas consideráveis força e fúria, ela o empurrou. Ele foi impelido à frente como o disparo de um revólver e atingiu Paris. Ambos tiveram o ar arrancado violentamente de seus pulmões ao se chocarem.

Quando Lucien se endireitou, virou-se para ela.

— Pare com isso.

— Na verdade, só estou começando.

Ela avançou na direção dele com o punho erguido. Logo, ele estaria engolindo os perfeitos dentes brancos.

— Anya — ele disse seu nome, uma súplica rouca. — Pare.

Ela ficou paralisada, a surpresa engrossando cada gota de sangue em suas veias.

— Você sabe quem eu sou. — Uma afirmativa, não uma pergunta. — Como?

Eles haviam se falado uma vez, semanas atrás, mas ele jamais a vira antes. Ela se certificara disso.

— Você tem me seguido. Reconheci o seu cheiro.

Morango com chantilly, ele dissera antes, com acusação na voz. Os olhos dela se arregalaram. Prazer e vergonha se misturaram, penetrando-a até os ossos. O tempo todo, ele soubera que ela o estava observando.

— Por que todo o interrogatório, se você sabia quem eu era? E por que, já que sabia que eu estava seguindo você, não pediu para que eu me revelasse?

As perguntas brotaram dela com uma força cortante.

— Primeiro — explicou ele —, só me dei conta de quem você era após a discussão sobre Caçadores. Segundo, não queria afugentá-la antes de descobrir o seu propósito. — Ele se interrompeu, aguardando que ela falasse. Como ela não o fez, acrescentou: — Qual é o seu propósito?

— Eu... você... — Droga! O que deveria dizer para ele? — Você me deve um favor! Salvei seu amigo, libertei você da maldição dele.

Pronto. Racional e verdadeiro e, com sorte, desviaria a conversa dos motivos dela.

— Ah — assentiu ele, seus ombros empertigando-se. — Tudo faz sentido agora. Você veio receber seu pagamento.

— Bem, não. — Por mais que aquilo tivesse salvado seu orgulho, Anya, subitamente, se deu conta de que não queria que ele pensasse que os beijos dela eram dados tão livremente. — Ainda não.

Ele franziu o cenho.

— Mas acabou de dizer que...

— Eu sei o que disse.

— Por que veio, então? Qual o motivo de me perseguir o tempo todo?

Sentindo sua frustração renovada, ela levou a língua ao céu da boca. Contudo, não houve tempo para responder, pois Reyes, Paris e Gideon se

aproximaram dela. Todos os três de cara amarrada. Pensavam em agarrá-la e imobilizá-la?

Em vez de responder a Lucien, ela esbravejou com os homens.

— O quê? Não me recordo de ter convidado vocês para se juntarem à conversa.

— Você é Anya? — Reyes a olhou de alto a baixo, deixando clara a sua repugnância.

Repugnância? Ele devia se sentir grato! Afinal, ela não o libertara da maldição que o forçara a apunhalar seu amiguinho todas as noites? Pode apostar que sim. Mas a expressão no rosto dele era uma que ela conhecia muito bem e que nunca falhava em irritá-la. Devido ao passado amoroso de sua mãe e à expectativa geral de que ela seguiria seus passos, vez por outra, todos os deuses gregos do Olimpo haviam projetado o mesmo tipo de repugnância em sua direção.

A princípio, Anya ficara magoada com o desprezo arrogante deles. E, por várias centenas de anos, tentara ser uma boa menina. Vestira-se como uma maldita freira, falara apenas quando a palavra lhe fora dirigida, mantivera o olhar baixo. De algum modo, até reprimira a sua necessidade desesperadora de desastre. Tudo para ganhar o respeito de seres que sempre veriam nela apenas uma prostituta.

Num dia fatídico, quando voltara para casa depois daquele treinamento idiota de deusas, chorando porque sorrira para Ares e aquela vadia, Ártemis, lhe dissera um *ta ma de*, Disnomia a puxara para um canto. *Não importa o que você fizer, como agir, eles a julgarão severamente*, dissera a deusa. *Mas todos precisamos ser fiéis à nossa própria natureza. Agir como qualquer outra pessoa que não você mesma apenas lhe trará dor e a fará parecer envergonhada de quem e o que você é. Os outros alimentarão essa vergonha, e logo ela será tudo o que você terá. Você é um ser maravilhoso, Anya. Tenha orgulho de quem você é. Muito orgulho.*

Daquele dia em diante, Anya passara a se vestir com a sensualidade que queria, passara a falar quando e onde bem entendesse, e se recusara a olhar para os pés por qualquer outro motivo que não admirar sapatos novos. Não renegara mais sua necessidade de desordem. Uma maneira peculiar de dizer “vão se danar” para os que a rejeitavam, sim. Porém, mais importante, porque *gostava* de quem ela era.

Jamais se envergonharia novamente.

— É... interessante vê-la pessoalmente, depois de toda a pesquisa que tenho feito sobre você. É a filha de Disnomia — Reyes continuou. — É a deusa secundária da Anarquia.

— Não há nada de secundário a meu respeito. — Secundário significava sem importância, e ela era tão importante quanto os outros seres, os “superiores”, droga! Mas, como ninguém sabia quem era o seu pai — bem, *agora*, ela sabia — havia sido relegada como tal. — Mas, é, sou uma deusa. — Ela ergueu o queixo, sem demonstrar nenhuma emoção.

— Na noite em que se revelou para nós e salvou a vida de Ashlyn, você nos disse que não era — lembrou Lucien. — Disse que era apenas uma imortal.

Ela deu de ombros. Odiava tanto os deuses que raramente usava o título.

— Eu menti. Costumo fazer isso. Faz parte do meu charme, não concorda? Ninguém respondeu. Que surpresa...

— Como estou certo de que deve saber, éramos guerreiros a serviço dos deuses e vivíamos nos céus — disse Reyes, como se ela não tivesse falado nada. — Não me lembro de você.

— Talvez eu ainda não tivesse nascido, espertinho.

A irritação cintilou nos olhos escuros dele, mas Lucien continuou calmamente:

— Como já lhe disse, desde seu aparecimento, semanas atrás, tenho pesquisado a seu respeito, aprendendo tudo que posso. Há muito tempo, você

foi aprisionada por ter assassinado um inocente. Então, cerca de cem anos após o seu confinamento, os deuses enfim chegaram a um acordo quanto a uma punição adequada para você. Contudo, antes que pudessem aplicar o veredicto, você conseguiu algo que nenhum outro imortal jamais havia sido capaz de fazer. Você fugiu.

Ela não tentou negar.

— Sua pesquisa está correta. — Em grande parte.

— A lenda alega que você infectou o guardião do Tártaro com algum tipo de doença, pois, logo depois da sua fuga, ele ficou fraco e perdeu a memória. Guardas ficaram de prontidão em todos os cantos para reforçar a segurança, já que os deuses achavam que a força da prisão dependia da força de seu guardião. Com o tempo, as muralhas, de fato, começaram a ceder e ruir, o que acabara levando à fuga dos Titãs.

Ah, ele não ia colocar a culpa daquilo nela, ia? Os olhos de Anya se estreitaram.

— O problema com as lendas é que a verdade quase sempre é distorcida para explicar as coisas que os mortais não conseguem entender — disse ela friamente. — É engraçado que vocês, assunto de tantas lendas, não saibam disso.

— Você se escondeu aqui, entre humanos — prosseguiu Reyes, mais uma vez ignorando-a. — Mas, mesmo assim, não se satisfez em viver em paz. Começou guerras, roubou armas e até navios. Causou grandes incêndios e outros desastres, que levaram a pânico em massa e tumultos entre os humanos, e à prisão de centenas de pessoas.

Ela sentiu as faces arderem. Sim, fizera aquelas coisas. Quando chegara à Terra pela primeira vez, não sabia como controlar sua natureza rebelde. Os deuses haviam sido capazes de se proteger dela, os humanos, não. Além do mais, após seus anos de prisão, ela estava quase... selvagem. Um simples

comentário vindo dela, “vai deixar o seu irmão falar assim com você?”, era suficiente para dar início a rixas sangrentas entre clãs. Uma aparição na Corte, talvez rindo dos governantes e de suas políticas, e leais cavaleiros tentavam assassinar seu rei.

Quanto aos incêndios, bem, algo em seu íntimo a compelira a, “acidentalmente”, derrubar tochas e assistir à dança das chamas. E os roubos... Vira-se incapaz de resistir à voz em sua cabeça que sussurrava: *Pegue. Ninguém vai saber.*

Ela acabara aprendendo que, se alimentasse sua necessidade de desordem com coisas menores, como pequenos furtos, mentiras bobinhas e a ocasional briga de rua, podia evitar enormes desastres.

— Você não foi o único a fazer seu dever de casa — disse ela baixinho. — Também já não destruiu cidades e matou inocentes?

Desta vez, foi Reyes quem corou.

— Você não é o mesmo homem que já foi, assim como eu não sou a... — Antes que pudesse completar a frase, eles foram envolvidos por uma ventania súbita e forte. Confusa apenas por um instante, Anya piscou para proteger os olhos. — Droga! — exclamou, sabendo o que viria em seguida.

Como imaginara, os guerreiros ficaram paralisados. O tempo deixara de existir para eles, um poder maior do que eles próprios passou a controlar o mundo que os cercava. Até mesmo Lucien, que vinha atentamente observando sua discussão com Reyes, virou uma estátua de pedra.

Diabos, ela também virou.

Ah, não, não, não, pensou, e, com aquelas palavras, as barras da prisão invisível se afastaram dela como as folhas de uma árvore caindo no inverno. Nada e nem ninguém podia fazer dela prisioneira. Não mais. Seu pai se certificara disso.

Anya caminhou até Lucien para tentar libertá-lo. Por que motivo, não sabia, depois de tudo o que ele dissera sobre ela, mas a ventania desapareceu tão repentinamente quanto havia aparecido. Sua boca ficou seca, e o coração deu início a um ritmo irregular no interior do peito. Cronos, que tinha assumido o trono dos céus havia poucos meses, trazendo consigo novas regras, novos desejos e novas punições, estava prestes a chegar.

Ele a encontrara.

Mas que ótimo. Quando uma brilhante luz branca apareceu diante de si, afugentando a escuridão e vibrando com inimaginável poder, ela se transportou para longe. Com uma sensação de arrependimento de que não tinha nada que estar lá, ela deixou Lucien para trás, levando consigo o gosto e a lembrança do beijo dele.

Capítulo Dois

UMA NÉVOA NEGRA havia descido sobre Lucien, prendendo sua mente em um único pensamento: *Anya*.

Estivera no meio de uma conversa com Anya, tentando esquecer como se encaixara perfeitamente nele, como seu desejo por ela havia sido voraz e como, nos minutos tão breves em que estivera em seus braços, teria traído todos os que conhecia por mais alguns instantes com ela.

Nenhum beijo jamais o afetara tanto. Seu demônio chegara a ronronar em sua cabeça. Ronronar. Como se fosse um gato domesticado. Algo assim jamais havia acontecido antes, e ele não conseguia entender por que acontecera naquela noite.

Algo devia estar errado com ele.

Por que outro motivo o fato de ter dito que Anya nada significava, que *não era* importante, quase o matara? Mas ele precisara dizer aquilo. Para o bem dela, e para o seu próprio. Aquele desejo era perigoso. E, ter de admiti-lo, mortal para o seu famigerado controle.

Controle. Ele teria rido se fosse capaz de se mover. Claramente não tinha nenhum controle sobre aquela mulher.

Por que teria fingido desejá-lo? Por que o beijara como se fosse morrer sem a sua língua? As mulheres simplesmente não o desejavam daquele jeito. Não mais. Ele sabia disso melhor do que qualquer um. No entanto, Anya praticamente lhe implorara por mais.

E agora não conseguia tirar sua imagem da cabeça. Ela era alta, a altura perfeita, com um rosto de fada perfeito e a pele perfeita, cor de creme e beijada pelo sol. Ele se imaginou percorrendo cada centímetro dela com a língua.

Os seios quase saltavam para fora do bustiê azul-celeste que ela usava, e quilômetro após quilômetro de coxas deliciosas podiam ser admiradas graças à minissaia preta e às botas pretas de salto alto.

Seus cabelos eram tão claros que era como se um boneco de neve tivesse se esparramado sobre suas costas. Os olhos, grandes e do mesmo tom de azul que o bustiê. Nariz arrebitado. Lábios carnudos e vermelhos, perfeitos para se sugar. Dentes brancos impecáveis. Ela irradiava malícia e prazer, a fantasia de todos os homens reluzentemente ganhando vida.

Na verdade, ele não fora capaz de tirá-la da cabeça desde que ela entrara na vida deles, semanas antes, e salvara Ashlyn. Na ocasião, ela não revelara sua sedutora beleza, mas seu aroma de morangos se impregnara até os ossos dele.

Agora, tendo provado o seu sabor, Lucien sentia o coração batendo no peito e o ar queimando a garganta, ardente, cáustico. Experimentava a mesma sensação ao olhar para os amigos Maddox e Ashlyn juntos, abraçados, quase como se temessem se soltar um do outro.

Inesperadamente, a névoa se dissipou, enfim lhe libertando a mente e o corpo, e ele viu que ainda estava do lado de fora. Anya havia desaparecido, e seus amigos pareciam estar paralisados ao seu redor. Seus olhos se semicerraram quando ele estendeu a mão para envolver os dedos numa das adagas embainhada às suas costas. O que estava acontecendo?

— Reyes? — Nenhuma resposta. Ele sequer piscava. — Gideon. Paris.

Nada.

Percebendo um movimento nas sombras, Lucien puxou lentamente a arma, aguardando, preparado para fazer o que fosse necessário, enquanto um pensamento surgia em sua mente. Anya poderia ter pegado suas facas e as usado nele, e ele nem notaria. Não teria se importado. Estava totalmente consumido por ela. Mas a deusa não as pegara. O que significava que falara sério ao afirmar que não lhe desejava mal.

Mais uma vez, se perguntou por que ela se aproximara dele.

— Olá, Morte — disse uma grave voz masculina. Ninguém apareceu, mas a arma foi arrancada das mãos de Lucien e jogada no chão. — Sabe quem eu sou?

Embora Lucien não esboçasse nenhuma reação visível, sentiu uma onda de medo lhe percorrer o corpo, devorando tudo em seu caminho. Jamais havia escutado a voz, mas sabia a quem pertencia. No fundo, sabia.

— Senhor Titã — disse.

Fosse algum tempo antes, Lucien teria recebido de braços abertos qualquer atenção daquele deus. Agora sabia das coisas.

Aeron, guardião da Ira, recebera aquela atenção um mês antes. Recebera a ordem para matar quatro humanas. Por que, os Titãs se recusaram a revelar. Aeron se negara a realizar a missão e, agora, contra a sua vontade, era hóspede do calabouço dos Senhores do Mundo Subterrâneo, uma ameaça a si mesmo e ao mundo. A sede de sangue consumia o guerreiro durante todos os momentos de cada dia.

Lucien detestava ver o amigo reduzido a um estado tão animalesco. Pior, detestava a crescente sensação de impotência dentro de si, sabendo que, por mais forte que fosse, não havia nada que pudesse fazer. Tudo por causa do ser que, naquele instante, se materializava à sua frente.

— A que devo esta... honra? — perguntou.

Fluido como água, Cronos apareceu em um raio de luar. Tinha espessos cabelos prateados e uma barba semelhante. Uma comprida toga de linho lhe envolvia o corpo alto e magro, tão bem-feita que parecia ser de seda. Os olhos eram poças escuras e impenetráveis.

Na mão esquerda, trazia a negra Foice da Morte, uma arma que Lucien adoraria tirar dele e usar no deus cruel, pois ela era capaz de cortar a cabeça de um imortal em apenas um instante. Como personificação da Morte, a foice deveria mesmo ter lhe pertencido, mas ela havia desaparecido quando Cronos fora aprisionado. Lucien não pôde deixar de se perguntar como Cronos havia sido capaz de encontrá-la... e se ele seria capaz de encontrar a caixa de Pandora com a mesma facilidade.

— Não gosto do seu tom de voz — respondeu o rei enfim, enganosamente calmo. Um timbre que Lucien conhecia muito bem, pois ele mesmo costumava usá-lo enquanto tentava manter as próprias emoções sob controle.

— Peço desculpas.

Desgraçado. Apesar da arma, Cronos não parecia ser poderoso o suficiente para ter escapado do Tártaro e deposto o antigo rei, Zeus. Mas fora o que acontecera. Com brutalidade e astúcia, provara sem sombra de dúvida que não era alguém a ser antagonizado.

— Você conheceu a tempestuosa e esquiva Anya.

Agora como um sussurro, a voz do deus se espalhou pela noite. No entanto, era como uma lança de poder tão forte que poderia ter aniquilado todo um exército.

Os receios de Lucien ficaram muito mais intensos.

— Sim, eu a conheci.

— Você a beijou.

Ante a lembrança inebriante, ele cerrou os punhos, furioso por saber que o momento de paixão havia sido observado por aquele ser odioso. *Calma.*

— Sim.

Cronos flutuou na direção dele, tão silencioso quanto a noite.

— De algum modo, ela tem conseguido me evitar há muitas semanas. Você, no entanto, ela busca. Por que acha que é assim?

— Honestamente, não sei.

E não sabia mesmo. As atenções que ela lhe dirigia ainda não faziam sentido. Com certeza, o ardor de seu beijo havia sido ensaiado. E, no entanto, Anya fora capaz de incendiá-lo, corpo, alma e demônio.

— Não importa. — O deus chegou até ele e se deteve para fitá-lo no fundo dos olhos. Cronos até cheirava a poder. — Agora, você irá matá-la .

Ante a declaração, Morte se agitou na mente de Lucien, mas, daquela vez, o guerreiro não tinha certeza se o demônio o fizera por ansiedade ou indignação.

— Matá-la?

— Parece surpreso. — Por fim desviando o olhar, o deus passou por ele como se dando por encerrada a conversa.

Apesar de ter recebido um mero esbarrão, Lucien foi lançado para trás como se houvesse sido atingido por um carro, seus músculos se retesando, os pulmões se esvaziando. Quando se endireitou, tentando recuperar o fôlego, virou-se para trás. Cronos estava caminhando para dentro da escuridão, onde logo desapareceria.

— Se isso não o desagradar — o guerreiro chamou —, posso perguntar por que a quer... morta?

O deus não se virou ao dizer:

— Ela é Anarquia, problemas para todos que lhe cruzam o caminho. Isto já deve ser motivo suficiente. Deveria me agradecer por esta honra.

Agradecer-lhe? Lucien estalou o maxilar para silenciar as palavras que ansiavam por escapar de seus lábios. Naquele momento, mais do que nunca, queria arrancar do pescoço a cabeça do deus. Mas permaneceu em seu lugar,

sabendo como o castigo dos deuses podia ser brutal. Ele, Reyes e Maddox haviam acabado de ser libertados de uma antiga maldição na qual Reyes fora forçado a apunhalar Maddox todas as noites, e Lucien, compelido a escoltar a alma do guerreiro tombado até o inferno.

A maldição havia sido lançada sobre eles pelos deuses gregos, após Maddox ter, inadvertidamente, matado Pandora. Quão pior seria a punição dos Titãs caso Lucien assassinasse o rei deles?

Apesar de Lucien não se importar com o que poderiam fazer com ele, temia pelos amigos. Eles já haviam suportado mais tormento do que qualquer um poderia conhecer em cem vidas.

Ainda assim, flagrou-se dizendo:

— Não desejo realizar esta missão.

Não vou. Suspeitava que destruir a bela Anya, por si só, já seria uma maldição.

Ele sequer viu Cronos se mover, mas, numa fração de segundo, o deus estava diante dele. Aquele olhar brilhante e estranho penetrou Lucien como uma espada, quando o braço dele se estendeu, a foice pairando diante do pescoço de Reyes.

— Independentemente de quanto tempo levar, guerreiro, independentemente do que tenha de fazer, você *vai* me trazer o corpo morto da jovem. Ignore minha ordem, e você e todos aqueles que ama sofrerão.

Com a mesma rapidez com que aparecera, o deus desapareceu em um clarão azulado e o mundo voltou a se mover, como se jamais houvesse parado. Lucien não conseguia respirar. Um movimento do pulso de Cronos e ele poderia ter, teria, arrancado a cabeça de Reyes.

— Que diabos? — Reyes rosou, olhando ao redor. — Aonde ela foi?

— Ela estava aqui ainda agora. — Paris girou ao redor de si mesmo, examinando os arredores e segurando sua adaga com firmeza.

Você e todos que ama sofrerão, o rei dissera. Não era exagero. Era a mais absoluta verdade. Lucien cerrou os punhos e engoliu em seco.

— Vamos voltar lá para dentro e aproveitar o restante da noite — conseguiu dizer. Precisava de tempo para pensar.

— Ei, espere aí — começou Paris.

— Não — disse Lucien, balançando a cabeça. — Não falaremos mais disso.

Eles o observaram por um longo e silencioso momento. Depois de alguns instantes, todos assentiram. Ao passar por eles, Lucien não mencionou nem a visita do deus e nem o desaparecimento de Anya. Não mencionou Cronos e Anya ao entrarem na boate. Nem quando os homens se espalharam pelo salão, ainda lançando olhares confusos em sua direção.

No entanto, quando Reyes tentou passar por ele, Lucien estendeu a mão para segurá-lo.

Reyes se deteve e o fitou, intrigado.

Com o queixo, Lucien fez um sinal na direção da mesa dos fundos, a que ocupara anteriormente. Compreendendo, Reyes assentiu. Os dois seguiram para a mesa e se sentaram.

— Diga — falou Reyes, recostando-se na cadeira e olhando a pista de dança com a mesma casualidade de como se estivessem discutindo o clima.

— Você pesquisou Anya. Quem ela matou para merecer ser aprisionada? Por que ela o matou?

No fundo, a batida alta da música parecia zombar deles. Luzes estroboscópicas refletiam-se na pele cor de bronze de Reyes e nos seus olhos escuros como a noite. Ele deu de ombros.

— Os pergaminhos que li não mencionavam por que, apenas quem. Aias.

— Lembro dele. — Lucien jamais gostara daquele canalha arrogante. — Provavelmente, mereceu.

— Quando ela o matou, ele era o capitão da Guarda Imortal. Suponho que Anya tenha provocado algum desastre. Aias deve ter tentado prendê-la e eles lutaram.

Lucien piscou os olhos, surpreso. O presunçoso e interesseiro Aias havia lhe tomado o lugar? Antes de abrir a caixa de Pandora, Lucien fora o capitão, guardião da paz e protetor do rei dos deuses. Contudo, após o demônio ter sido aprisionado dentro dele, passara a não ser mais digno e perdera o direito ao cargo. Depois, ele e os guerreiros que o tinham ajudado a roubar a caixa haviam sido expulsos dos céus.

— Eu me pergunto se ela não planeja atacar você em seguida — comentou Reyes.

Talvez, embora Anya tivesse tido a oportunidade de fazê-lo naquela noite e não a aproveitara. Sem dúvida alguma, *ele* teria merecido. Logo que haviam chegado à Terra, ele e os amigos não haviam causado nada além de escuridão e destruição, dor e tristeza. Não tinham controle sobre seus demônios e haviam matado indiscriminadamente, destruído lares e famílias, espalhado fome e doença.

Quando aprendera a suprimir sua metade mais ameaçadora, já era tarde demais. Caçadores já haviam aparecido para combatê-los. Na época, não os culpava, até se sentira digno da ira deles. Depois, os Caçadores haviam matado Baden, guardião da Desconfiança, considerado irmão por Lucien, dadas as circunstâncias. A perda o deixara arrasado, abalando-o até o âmago de seu ser.

Entender o ponto de vista dos Caçadores passou a não importar mais, e ele ajudara a dizimar os responsáveis. No entanto, depois, quisera paz. Doce paz. Alguns dos guerreiros pensavam de forma diferente. Desejavam a destruição de *todos* os Caçadores.

Por isso, Lucien e cinco outros guerreiros haviam se mudado para Budapeste, onde viveram sem guerra por centenas de anos. Poucas semanas

antes, os seis Senhores do Mundo Subterrâneo restantes haviam chegado à cidade, perseguindo Caçadores que estavam determinados a eliminar Lucien e seus homens da face da Terra, de uma vez por todas. E, imediatamente, a rixa de sangue renascera. Desta vez, não haveria como escapar dela. Parte dele não queria mais escapar. Até que os Caçadores fossem totalmente eliminados, não poderia haver paz.

— O que mais descobriu a respeito de Anya? — perguntou a Reyes.

O guerreiro deu de ombros.

— Como mencionei lá fora, ela é a única filha de Disnomia.

— Disnomia? — Ele esfregou o queixo com dois dedos. — Não me recordo dela.

— Ela é a deusa da Desordem e a imortal mais desprezada entre os gregos. Ela dormia com qualquer coisa que fosse masculina, independente de ter vínculos matrimoniais ou não. Ninguém nem sabe quem é o pai de Anya.

— Não há suspeitas?

— Como poderia haver, quando a mãe em questão tinha um amante diferente a cada dia?

A ideia de Anya seguir os passos da mãe e levar vários homens diferentes para a cama enfureceu Lucien. Não queria desejá-la, mas a desejara, e desesperadamente. *Ainda desejava.* Na verdade, tentara resistir. E teria conseguido, até se dar conta de quem ela era e racionalizar que era imortal. Pensara: *Ela não pode morrer. Ao contrário de uma mortal, ela não poderá ser tomada de mim se eu me permitir possuí-la. Jamais terei de levar a alma dela.*

Que tolo ele fora. Deveria ter imaginado que não seria assim. Era Morte. Qualquer um poderia ser levado. Ele próprio. Seus amigos. Uma deusa. Num só dia, ele testemunhava mais perda do que a maioria sofria em toda a vida.

— Fiquei surpreso que uma mulher como aquela pudesse ter gerado uma filha que lembrasse tanto um anjo. É difícil acreditar que a bela Anya, na

verdade, é perversa.

Seu beijo, de fato, havia sido pecaminoso. Deliciosamente pecaminoso. Mas a mulher que tivera em seus braços não lhe parecera maligna. Doce, sim. Interessante, sem dúvida. E, por mais chocante que pudesse ser, vulnerável e maravilhosamente carente. Dele.

Por que ela o beijara? Ele se perguntou mais uma vez. A pergunta e a falta de uma resposta o assombravam. Por que dançara para ele? Com ele? Queria algo dele? Ou Lucien não passara de um desafio para ela? Alguém para seduzir, para escravizar e, depois, abandonar por alguém mais atraente, rindo o tempo todo da credulidade do homem feio que ele era?

O sangue de Lucien gelou ante a ideia. *Não pense assim. Vai apenas se torturar.* No que deveria pensar, então? Na morte dela? Deuses, não sabia se conseguiria fazê-lo.

Como ela o havia ajudado semanas atrás, Lucien agora lhe devia um favor. Como poderia matar uma mulher com a qual tinha uma dívida? Como poderia matar uma mulher da qual havia provado? *Novamente?* Ele segurou os joelhos, apertando-os com força, tentando conter a súbita onda de escuridão que ameaçava se apossar dele.

— O que mais sabe a respeito dela? Com certeza, deve haver algo mais.

Reyes deu de ombros mais uma vez, fazendo pouco caso.

— Anya é amaldiçoada de alguma forma, mas não encontrei nenhum indício de que tipo de maldição.

Amaldiçoada? A revelação o chocou e o enfureceu. Ela sofria por causa daquilo? E por que ele se importava?

— Alguma menção ao responsável pela maldição?

— Têmis, deusa da Justiça. Ela é um dos Titãs, apesar de tê-los traído para ajudar os gregos quando eles reivindicaram o trono dos céus.

Lucien se lembrava da deusa, embora a imagem em sua mente não estivesse muito clara. Alta, de cabelos escuros e esbelta. Um rosto aristocrático e mãos de dedos finos que se agitavam quando ela falava. Alguns dias, gentil, outros, insuportavelmente severa.

— Do que você se lembra a respeito de Têmis?

— Apenas que era a esposa de Tártaro, o guarda da prisão.

Lucien franziu a testa.

— Talvez ela tenha amaldiçoado Anya para puni-la por ter ferido Tártaro, ao fugir.

Reyes balançou a cabeça.

— Se a linha do tempo dos pergaminhos está correta, a maldição veio *antes* da prisão de Anya. — Ele estalou a língua no céu da boca. — Talvez Anya seja exatamente como a mãe. Talvez tenha dormido com Tártaro e despertado a fúria da deusa. Não é por isso que a maioria das mulheres deseja o mal das outras?

A suspeita não agradou Lucien. Ele passou uma das mãos pelo rosto, as cicatrizes arranhando-lhe a palma. Teriam arranhado Anya?, perguntou-se, de repente. Sob o tecido danificado, as faces coraram em sinal de humilhação. Ela provavelmente estava acostumada a homens com peles lisas e perfeitas, e sempre se lembraria dele como o guerreiro feio que irritara sua bela pele.

Reyes passou o dedo pela borda de um dos copos vazios sobre a mesa.

— Não gosto de estarmos em dívida com ela. Não gosto de que ela tenha vindo ao clube. Como disse antes, Anya deixa um rastro de destruição e caos por onde passa.

— *Nós* deixamos um rastro de destruição e caos por onde passamos.

— *Nós deixávamos*, mas jamais gostamos disso. Ela estava sorrindo ao seduzi-lo. — Reyes franziu o cenho. — Vi o modo como olhou para ela. Como eu olhava para Danika.

Danika. Uma das humanas que Aeron havia recebido ordens de matar. Lucien suspeitava que Reyes a quisesse mais do que queria respirar novamente, mas tinha sido forçado a deixá-la partir, na esperança de salvá-la da brutalidade dos deuses. Lucien achava que talvez o guerreiro tivesse se arrependido daquela decisão, desejando poder ele mesmo protegê-la bem de perto, pessoalmente.

O que vou fazer? Lucien sabia o que *queria* fazer. Esquecer Anya e ignorar Cronos, como Aeron fizera. Contudo, ignorar o rei dos deuses era pedir para ser punido, exatamente como Aeron fora. Seus amigos não conseguiriam suportar mais, isso ele tinha certeza. Eles já estavam oscilando na divisa entre o bem e o mal. Mais um pouquinho e desabariam, entregando-se aos seus demônios e deixando de lutar contra o constante ímpeto de destruir.

Ele suspirou. Malditos deuses. O comando celestial havia chegado na pior hora possível. A caixa de Pandora estava em algum lugar lá fora, escondida, uma ameaça à própria existência dele. Se um Caçador a encontrasse antes dele, o demônio poderia ser arrancado de Lucien, o que o mataria, pois o homem e o demônio estavam irremediavelmente ligados.

Apesar de Lucien não se importar com a ideia de morrer, recusava-se a permitir que seus irmãos sofressem. Sentia-se responsável por eles. Se não tivesse aberto a caixa para vingar seu orgulho ferido por não ter sido escolhido para guardá-la, seus homens não teriam sido forçados a abrigar os demônios dentro de seus corpos. Ele não teria destruído a vida deles, vidas que outrora haviam aproveitado como guerreiros de elite dos deuses gregos. Contentes, despreocupados. Até mesmo felizes.

Ele deixou escapar outro suspiro. Para proteger seus amigos de mais sofrimento, com uma pontada de dor, Lucien decidiu que teria de matar Anya, como lhe fora ordenado. O que significava que teria de ir em busca da deusa. O que significava que teria que ficar perto dela novamente.

A ideia de mais uma vez estar na presença de Anya, sentindo o seu perfume de morangos, de lhe acariciar a pele macia, o intrigava e o atormentava ao mesmo tempo. Mesmo uma eternidade atrás, quando se apaixonara profundamente por uma mortal chamada Mariah, e ela por ele, não sentira um desejo como aquele. Um latejar quente que lhe preenchia cada centímetro do corpo e se recusava a ir embora.

Mariah... doce e inocente Mariah, a mulher a quem ele entregara o coração pouco depois de aprender a controlar o seu demônio. À época, estava morando na Terra havia quanto tempo, cem, duzentos anos? Um tempo aparentemente inexistente, cada dia igual ao anterior. Fora então que vira Mariah, e a vida começara a lhe importar. Ansiava por algo bom, algo puro, para expulsar a escuridão.

Ela havia sido a alvorada de sua meia-noite, uma vela incandescente em meio às trevas impiedosas, e Lucien desejara passar a eternidade adorando-a. No entanto, cedo demais, ela adoecera. Na mesma hora, Morte soubera que ela não sobreviveria. Lucien deveria ter lhe tomado a alma ali mesmo, mas se vira incapaz de se forçar a fazê-lo.

Por semanas, a doença assolou o corpo dela, destruindo-a aos poucos. Quanto mais ele esperara, com esperanças de que melhorasse, mais Mariah sofrera. No final, ela implorara, suplicara e gritara pela morte. Com o coração partido, sabendo que jamais estariam juntos novamente, ele finalmente cedera e cumprira o seu dever.

Naquela noite, obtivera as cicatrizes.

Lucien se retalhara usando uma faca envenenada. Cada vez que os ferimentos tentavam se curar, ele implorara por cicatrizes e se cortara novamente. E novamente. Chegara a se queimar até a pele parar de rejuvenescer. Em sua dor, ele quisera garantir que nenhuma outra mulher

jamais chegasse perto dele novamente, e que ele jamais tivesse que voltar a sofrer a perda de uma pessoa amada.

Jamais se arrependera do ato. Até então. Arruinara qualquer chance de ser um homem que Anya pudesse realmente desejar. Uma mulher tão perfeita fisicamente merecia um homem em iguais condições. Ele franziu a testa. Por que pensava daquele jeito? Anya tinha que morrer. Desejo em qualquer um dos lados apenas complicaria as coisas. Bem, complicaria mais as coisas.

Mais uma vez, a imagem de Anya ardeu em sua mente, consumindo seus pensamentos. O rosto dela era um banquete sensual, e o corpo, uma viagem sexual. Como homem, ele uivava de raiva ante a ideia de destruir algo assim. Como um guerreiro imortal, bem, ele também uivava.

Talvez pudesse convencer Cronos a cancelar a ordem. Talvez... Lucien riu. Não. Isso não funcionaria. Tentar negociar com Cronos era tolice maior do que ignorá-lo. O rei dos deuses apenas ordenaria que ele fizesse algo pior.

Maldição! Por que Cronos a queria morta? O que ela havia feito?

Será que o rejeitara em favor de outro?

Lucien ignorou a névoa de ciúmes e possessão que recaiu sobre seus olhos. Ignorou o “minha” que ecoava em seus ouvidos.

— Estou aguardando — Reyes disse, interrompendo-lhe os pensamentos.

Ele piscou, tentando desanuviar a cabeça.

— O quê?

— Que me diga o que aconteceu lá fora.

— Nada aconteceu — ele mentiu descaradamente, e odiou-se por ter tido de fazê-lo.

Reyes balançou a cabeça.

— Seus lábios ainda estão vermelhos e inchados do beijo dela. Seu cabelo está arrepiado nos lugares por onde ela passou os dedos. Você se colocou diante

dela quando avançamos na direção da mulher, e, depois, ela desapareceu por completo. Nada aconteceu? Tente de novo.

Reyes já tinha o suficiente com que se preocupar sem ter que carregar também o fardo de Lucien.

— Diga aos outros que os encontrarei na Grécia. Não viajarei com eles, como havia planejado.

— O quê? — Reyes franziu a testa. — Por quê?

— Recebi ordens de tomar uma alma — foi tudo o que disse.

— Tomar uma alma? Não apenas escoltá-la ao céu ou ao inferno? Não entendo.

Lucien assentiu.

— Não precisa entender.

— Sabe que odeio quando você é enigmático. Diga quem e por quê.

— Faz diferença? Uma alma é uma alma, e o resultado é o mesmo, não importa o motivo. Morte. — Lucien deu um tapa no ombro de Reyes e ficou de pé. Antes que o guerreiro pudesse proferir outra palavra, Lucien marchou para fora da boate, não se detendo até chegar ao local onde beijara, e perdera, Anya.

Em um canto insistente de sua mente, podia ouvi-la gemendo. Quase conseguia sentir as unhas dela se enterrando em suas costas e os quadris roçando em sua ereção. Uma ereção que ainda não havia ido embora. Apesar de tudo.

O desejo ainda percorria violentamente o seu corpo, mas ele o colocou de lado e fechou o olho direito. Examinando o local com o olho azul, seu olho espiritual, ele viu um arco-íris de brilhantes cores etéreas. Através delas, podia interpretar cada ato que acontecera ali, cada emoção sentida pelos visitantes. Às vezes, podia até determinar quem fizera o quê.

Tendo feito isto incontáveis vezes antes, Lucien facilmente navegou pela confusão para encontrar sinais da atividade mais recente. Ali, de encontro às

tábuas recém erguidas e pintadas do edifício novo, estavam as cintilantes estrelas da paixão.

O beijo.

Naquele mundo espiritual, a paixão de Anya aparecia como um ardente tom de rosa. Real. Não fingido, como parte dele presumira. Aquele rastro rosa reluzia de modo diferente de tudo que ele já havia visto. Então, ela realmente o desejara? Uma criatura tão fisicamente perfeita havia achado *Lucien* digno? Aquilo não parecia ser possível e, no entanto, a prova estava brilhando diante dele, como uma trilha para a salvação em meio a uma tempestade.

Sentiu um aperto no estômago e uma onda de calor lhe percorrer o corpo. Sua boca salivou de vontade de sentir novamente o sabor dela. Sentiu uma dor no peito, um latejar intenso e voraz. Ah, ter aqueles seios novamente nas mãos e sentir os mamilos enrijecerem de encontro às palmas! Desta vez, afundar os dedos em sua fenda úmida e movê-los para dentro e para fora, lentamente, a princípio, e, depois, cada vez mais rápido. Ela chegaria ao clímax, talvez até implorasse mais. Ele gemeu.

Ela tem que morrer por suas mãos. Não se esqueça.

Como se ele conseguisse esquecer, pensou, cerrando os punhos.

— Aonde você foi? — murmurou Lucien, seguindo as fagulhas até onde ela estava quando o empurrara.

Viu o azul piscar para ele. Tristeza. Ela estivera triste? Porque ele dissera que ela não tinha importância? Saber disso o encheu de culpa.

O guerreiro estudou as cores mais de perto. Intercalado com o azul havia um intenso vermelho pulsante. Fúria. Ele devia tê-la magoado, e isso, por sua vez, a enfurecera. A culpa se tornou mais intensa. Em sua defesa, Lucien presumira que ela estivesse brincando com ele, que não o desejasse de verdade. Não pensara que Anya se importaria se ele a desejava ou não.

O fato de ela tê-lo desejado o deixava surpreso.

Enquanto continuava a examinar as cores, notou ligeiros vestígios de branco. Medo. Algo a amedrontara. O quê? Ela teria sentido Cronos? Ela o vira? Soubera que ele estava prestes a sentenciá-la à morte?

Lucien não gostou de saber que ela sentira medo.

Todos os músculos de seu corpo se retesaram quando ele seguiu a tênue trilha branca. Ao se mover, permitiu que seu corpo se fundisse com o demônio da Morte, tornando-se apenas um espírito, uma névoa noturna que podia se transportar de um local para o outro em apenas um instante.

Ficou surpreso ao descobrir que a essência de Anya levava à sua fortaleza. Mais especificamente, ao quarto dele. Obviamente, ela não havia se demorado muito, mas parecia ter andado de um lado para o outro no interior do aposento e, depois, se teletransportado para...

O quarto de Maddox e Ashlyn. Confuso, Lucien franziu o cenho. Por que ali? Os dois estavam dormindo na cama, abraçados um ao outro, as faces ruborizadas do que ele apostava ter sido uma recente maratona sexual.

Lucien se esforçou para reprimir uma súbita onda de inveja, antes de continuar seguindo a trilha de Anya e se teletransportar...

Até um apartamento que não reconheceu. O luar invadia o quarto pelas frestas nas cortinas pretas das janelas. Ainda estava escuro. Sendo assim, ele ainda estava em Budapeste? Havia pouca mobília: um surrado sofá marrom encostado na parede, uma cadeira de vime com ripas que haviam se soltado e que deviam pinicar as costas de quem se sentasse nela. Nada de TV, computador ou qualquer outro luxo moderno com o qual Lucien havia se acostumado ao longo dos anos.

Do quarto adjacente veio o som metálico de uma adaga se chocando com outra. Era um som que ele conhecia muito bem. Lucien permitiu-se flutuar na direção dele, sabendo que quem estivesse lá dentro não o enxergaria.

Chegou até a porta e ficou boquiaberto ao ser assolado por ondas de surpresa. Danika, a mulher condenada, objeto do desejo de Reyes, enfiava repetidas vezes duas adagas em um boneco de um homem em tamanho natural que estava pendurado na parede. Um boneco que, surpreendentemente, parecia uma mistura de Reyes e Aeron.

— Quer me raptar, não é? — ela murmurou. O suor escorria por suas têmporas e pelo peito, ensopando a camiseta cinza e colando-a ao corpo. O comprido rabo de cavalo louro estava grudado ao pescoço. Para suar tanto em um apartamento tão frio, ela devia estar se exercitando havia horas.

Por que Anya havia ido ali? Danika estava, ou estivera, escondida. Deixá-la partir temporariamente fora o único jeito de dar à mortal alguma ilusão de vida, antes que Aeron a caçasse nas asas da Ira, como os deuses haviam ordenado. E ele o fazia. Era apenas uma questão de tempo até que Aeron escapasse da masmorra. Nenhum dos guerreiros fora capaz de se forçar a privá-lo ainda mais de sua liberdade prendendo-o com a única coisa realmente capaz de contê-lo: grilhões indestrutíveis, forjados pelos deuses. Por isso, sim, Aeron *acabaria* escapando.

Lucien ficou tentado a revelar sua presença e conversar com Danika, mas não o fez. Ela não tinha boas lembranças dele e provavelmente não estaria disposta a ajudá-lo em sua busca por Anya. Ele levou dois dedos preocupados ao queixo. Fosse qual fosse o propósito da deusa da Anarquia, ela claramente havia tomado um interesse por todas as coisas relacionadas ao Mundo Subterrâneo.

Ele estava mais perplexo do que nunca.

Não havia respostas ali, apenas mais perguntas. Portanto, ele não desperdiçou mais nem um minuto. Lucien seguiu a trilha iluminada de Anya, que agora havia se tornado de um vermelho intenso, a raiva voltava a dominar, e se viu teletransportado-se para...

Uma loja de conveniências. Era assim que achava que os mortais chamavam a pequena loja.

Suas sobrancelhas se franziram, unindo-se. Ele sabia que não estava mais em Budapeste, pois o sol brilhava intensamente através das janelas da loja. Inúmeras pessoas estavam no local, pagando combustível e comprando lanches.

Sem ser visto, Lucien deixou a loja. Uma horda de carros amarelos percorria em alta velocidade uma das ruas próximas e mortais passavam apressados pelas calçadas movimentadas. Ele encontrou um beco sombrio e se materializou sem que ninguém visse. Impelido pela curiosidade, caminhou de volta para a loja. Uma sineta tocou.

Uma mulher deixou escapar uma exclamação de surpresa ao avistá-lo, depois, desviou o olhar o mais rápido que pôde. Uma criança apontou para ele e foi repreendida pela mãe. *Todos* se afastaram dele, recuando para mais longe que podiam sem parecerem obviamente rudes. Havia uma fila que levava ao caixa, que ele ignorou sem oferecer desculpas.

Ninguém protestou.

O caixa era um adolescente, um garoto que se parecia muito com Gideon. Cabelos azuis, piercings, tatuagens. No entanto, ele não tinha a intensidade selvagem de Gideon, ao mascar o seu chiclete e manusear o dinheiro na gaveta. Um olhar de relance para o crachá preso à camisa do jovem lhe informou um nome.

— Dennis, você viu uma mulher de cabelos pálidos usando uma saia preta curta...

— É um bustiê azul-gelo que mal dava para ver, de tão pequeno? Caramba, e como vi! — Dennis completou para ele, fechando a gaveta da registradora. Lucien reconheceu o sotaque. Estava nos Estados Unidos. O garoto ergueu o olhar, estremeceu e engoliu em seco. — Há... sim. — Sua voz tremia. — Vi. Posso perguntar por que quer saber?

Três emoções perpassaram Lucien, nenhuma delas bem-vinda. Ciúme por outro homem haver se deliciado com a visão de Anya, ansiedade por estar mais perto de encontrá-la, e *medo* por estar mais perto de encontrá-la.

— Ela falou com alguém?

O garoto deu um passo atrás e balançou a cabeça.

— Não.

— Comprou alguma coisa?

Um pesado silêncio se seguiu, como se o jovem receasse que sua resposta pudesse despertar a fúria de Lucien.

— Mais ou menos.

Mais ou menos? Quando Dennis não explicou melhor, Lucien cerrou os dentes e disse.

— O que ela mais ou menos comprou?

— P-por que quer saber? Quer dizer, você é da polícia ou algo assim? Um ex-marido?

Lucien levou a língua ao céu da boca. *Calma, fique calmo.* Ele fixou os olhos no humano pálido, capturando o olhar de Dennis e se recusando a libertá-lo. Seu perfume de rosas começou a impregnar o ar.

Dennis voltou a engolir em seco, mas seu olhar começou a ficar vidrado.

— Eu lhe fiz uma pergunta — disse Lucien, baixinho. — E então, vai respondê-la? O que a mulher comprou?

— Três pirulitos de morango e chantilly — ele respondeu, em transe. — Mas ela não comprou. Só pegou e foi embora. E não tentei impedi-la, nem nada, eu juro.

— Mostre-me os pirulitos.

Havia pessoas resmungando e sussurrando em protesto pela demora, até Lucien as encarar com severidade, calando-as. Dennis deixou o caixa e o

conduziu até o corredor dos doces. Apontou para uma caixa de pirulitos quase vazia.

Lucien colocou dois no bolso, não se dando ao luxo de cheirá-los, como tanto queria, e pegou várias notas. Moeda errada, mas dar *alguma coisa* ao garoto era melhor do que nada.

— Quanto eu lhe devo?

— São por minha conta.

Dennis ergueu as mãos num gesto forçado de amizade.

Lucien quis forçá-lo a aceitar o dinheiro, mas não desejava causar uma comoção ainda maior. No final das contas, devolveu as notas ao bolso.

— Volte para a caixa — disse e depois virou-se lentamente para observar o restante da loja.

No plano espiritual, havia milhões e mais milhões de cores. Identificar todas provou ser entediante, contudo, ninguém ousou incomodá-lo e, por fim, ele foi capaz de localizar a essência única de Anya.

Seu sangue ferveu.

Tudo relacionado a ela, até mesmo a fina névoa que ela deixava para trás, gritava para ele, atraía-o. E, se não tomasse cuidado, acabaria enfeitiçado. Ela era simplesmente tão... cativante. Um lindo enigma.

Lucien saiu da loja e voltou para o beco abandonado, onde, mais uma vez, se desmaterializou e entrou no mundo espiritual. Teletransportou-se para a próxima localização de Anya...

E a encontrou em um parque. Finalmente.

Ao olhar para ela, a dor lancinante lhe retornou ao peito e subitamente teve dificuldades para respirar. Naquele instante, ela parecia serena e em nada lembrava a sedutora da boate. Estava sentada em um balanço, a luz do sol a envolvendo com um halo dourado. Ela balançava para frente e para trás.

Parecia perdida em pensamentos, a tãmpora descansando apoiada na corrente que prendia o balanço à armação de ferro. Aqueles cabelos prateados e sedosos que cascadeavam por seus braços, caindo sobre o rosto de fada cada vez que o vento soprava.

Lucien foi dominado por uma vontade quase incontrolável de tomá-la nos braços e simplesmente ficar ali, abraçando-a.

Será que alguma outra mulher já teria, um dia, parecido mais vulnerável que ela? Tãõ solitãria? Ela estava lambendo um dos pirulitos que roubara, a ponta rosada de sua língua para fora, circundando o doce ligeiramente avermelhado. O membro dele saltou em resposta. *Nãõ. Nada disso.* Mas o comando de nada serviu para reduzir o desejo.

Independentemente de quanto tempo levar, guerreiro, independentemente do que tenha de fazer, vocẽ vai me trazer o corpo morto da jovem, Cronos dissera. Ou todos aqueles que vocẽ ama sofrerãõ.

Lucien sentiu uma centelha de fúria percorrer seu corpo e, na mesma hora, tratou de reprimi-la. Nada de raiva. Ele era Morte. Naquele momento, nãõ tinha outro propóposito. Emoções apenas serviriam para atrapalhã-lo. Sabia muito bem disso.

A voz de Cronos voltou a ecoar em sua mente. *Independentemente de quanto tempo levar.*

Por um instante, apenas um instante, Lucien pensou na possibilidade de demorar para sempre. Uma eternidade.

Sabe o que acontece quando vocẽ hesita. Aquele destinado a morrer sofre um destino muito pior do que lhe era originalmente reservado. Faça logo! Ou seus amigos tãõbẽm sofrerãõ um destino muito pior.

Determinado, Lucien se materializou e deu um passo à frente. O cascalho estalou sob suas botas, e a cabeça de Anya se ergueu bruscamente. No mesmo

instante, seus olhares se encontraram. Os olhos cristalinos da mulher ficaram arregalados, enchendo-se de ardor e desejo tão intensos que o chamuscaram.

A boca de Anya se abriu de surpresa e ela se levantou de um salto.

— Lucien.

A doçura de sua voz se mesclou ao aroma de morangos com chantilly que vinha dela. Ao perceber o próprio corpo se retesando eroticamente, Lucien sentiu sua determinação enfraquecendo. De novo. *Mantenha a compostura, maldito.*

Sem se dar conta do perigo que corria, ela permaneceu no mesmo lugar, ainda observando-o através dos espessos cílios.

— Como me encontrou?

— Você não é a única capaz de rastrear um imortal — ele retrucou, oferecendo-lhe apenas parte da resposta.

Anya o examinou de alto a baixo, com tamanha intensidade que Lucien teve a impressão de que ela o despia mentalmente. Mulheres simplesmente não costumavam olhá-lo daquele jeito. Não mais. Mas aquela ali olhava... Ele tinha cada vez mais dificuldade para controlar suas próprias reações. Seu membro ia ficando mais rígido a cada segundo que passava.

— Então, veio terminar o que nós começamos, não é, Flores?

Ela parecia ansiosa.

— Não foi por isso que vim. — Ele disse as palavras com precisão. *Não há outro modo. Precisa cumprir a missão.*

Os lascivos lábios vermelhos de Anya se contorceram numa careta.

— Então, por que... — Deixando escapar uma exclamação de surpresa, ela levou uma das mãos ao quadril subitamente inclinado. — Veio me ofender mais? Porque, é bom que saiba, não vou tolerar isso. Eu *não* sou sem importância.

Ah, sim, ele a magoara, e saber disso mais uma vez o encheu de culpa. Era tolice sentir culpa quando fora até ali para feri-la de maneira irrevogável, mas a emoção se mostrou poderosa demais para que ele reagisse. Ainda assim, repetiu:

— Não foi por isso que vim. — Desta vez, acrescentou: — Sinto muito, Anya, mas vim matá-la.

Capítulo Três

EU VIM MATÁ-LA.

As palavras ecoaram pela mente de Anya, uma promessa triste que ela não conseguia calar. Lucien jamais brincava. Ela sabia muito bem disso. Durante todas aquelas semanas, ela o observara sem ver sequer sinal de um sorriso ou qualquer vestígio de humor passar por aqueles lábios. Mais do que isso, o espírito da Morte emanava de Lucien naquele instante, uma máscara esquelética brilhando sob sua pele.

O aroma de rosas impregnava o ar, de um modo quase hipnótico, suplicando-a a fazer tudo que ele pedisse. Qualquer coisa, até mesmo morrer.

Seu coração quase parou. Já o vira tomar uma alma antes. Fora uma visão morbidamente bela e, no entanto, jamais pensara em experimentá-la em primeira mão. Afinal de contas, era imortal. Por outro lado, sabia melhor do que ninguém que até mesmo imortais podiam ser mortos.

Na noite em que arrancara o coração do capitão da guarda, dando fim de uma vez por todas à miserável existência dele, a expectativa de mortalidade tornou-se muito clara. Obviamente, tornara-se ainda mais clara depois de sua captura e de sua subsequente prisão, enquanto os deuses debatiam o que fazer com ela.

A cada dia que passava na cela, as barras pareciam se apertar cada vez mais ao seu redor, e os gritos e gemidos dos outros prisioneiros pareciam ficar mais altos. Talvez os gritos tivessem sido dela. Ser incapaz de dar vazão a sua necessidade de provocar desordem doera de modo insuportável.

Ela rapidamente se dera conta de que a vida, mesmo para uma imortal, podia ser arruinada, ou até encerrada prematuramente. E decidira lutar pela sua, naquele momento e sempre. Apesar de tudo. A liberdade, física ou emocional, jamais lhe seria tomada novamente.

Os deuses pensavam de modo diferente. No final, haviam decidido transformá-la em escrava sexual de seus guerreiros. *Uma punição adequada*, tinham dito. Ela os havia privado de seu capitão; então, poderia confortar o exército dele.

Isso a teria destruído, de mente, corpo e alma. Sua determinação podia ter enfraquecido. Porém seu pai chegara em seu socorro, fora resgatá-la, apesar da punição que o aguardaria por isso. Mais uma vez, Anya se viu livre. Mais uma vez, tinha a chance de alcançar a felicidade que sempre almejava.

E agora Lucien, um homem que ela desejava, um homem que ela beijara, queria matá-la, tirar *tudo* dela? Milhares de emoções diferentes borbulhavam em seu íntimo, e Anya não sabia ao certo em qual se concentrar primeiro. Fúria? Confusão? Mágoa?

— Por que quer me fazer mal? — exigiu saber.

— Não quero lhe fazer mal. Preciso. Aparentemente, você é tempestuosa demais para ficar à solta.

Ah, aquelas palavras machucavam! Era uma coisa quando todo o Olimpo a rejeitava. Estava acostumada com isso. Mas, por algum motivo, apesar de tudo, a opinião de Lucien era importante para ela.

— Como me encontrou? — repetiu.

A expressão fria de Lucien não deixava transparecer sequer um vestígio de emoção.

— Não importa.

— Eu poderia desaparecer num piscar de olhos.

— Fuja, e a encontrarei novamente. Não importa aonde vá, eu sempre a encontrarei.

Ao mesmo tempo, sedutor e amedrontador.

— Neste caso, por que não me ataca? Não acaba logo com isso, para não ter que haver outra perseguição?

Ele ergueu o queixo num gesto de teimosia.

— Farei isso. Mas antes quero tirá-la de minha cabeça.

Esforçando-se ao máximo para dar a impressão de naturalidade, ela se recostou na corrente do balanço.

— Não sei se devo me sentir lisonjeada ou ofendida, querido. Será que a tempestuosa Anya beija tão mal que a lembrança de ter tido a língua dela em sua boca se recusa a deixá-lo em paz? — Anya torcia para que sua voz parecesse tão despreocupada quanto ela própria queria parecer, mas, por dentro, estava tremendo.

Como era possível que a simples visão daquele homem ainda fosse capaz de afetá-la? Pior, agora que havia sentido o sabor dele, a sensação de seu corpo roçando no dela e de suas mãos a agarrando, puxando-a para perto de si, todas as suas reações à presença dele pareciam intensificadas.

Ela desejava mais. *Talvez esteja na hora de visitar um terapeuta.*

— Tenho certeza de que sabe muito bem como seus beijos são bons.

Havia um traço de amargura em suas palavras.

— Do jeito como você fala, parece até que isso é crime.

— É.

As pálpebras de Anya se estreitaram. Estava viva havia muito tempo. Não vivera como uma perfeita inocente, mas também não vivera de modo promíscuo. Mesmo antes de sua maldição, por que haveria de fazê-lo, já que conhecia a dor de receber o rótulo de mulher fácil?

Contudo, como todos, Anya ansiava por admiração e afeição. Gostava do modo como os homens olhavam para ela e frequentemente se vira deitada na cama, acordada, desejando o relacionamento sexual que jamais poderia se permitir.

— Podemos fazer isto do modo fácil, Anya.

— O quê? Beijar novamente?

Ele engoliu em seco.

— Cuidar de sua morte.

Não demonstre reação a ele. Um bom guerreiro sempre usava as emoções de um adversário contra ele, e Lucien era um guerreiro muito bom. Mas ela também era.

— Diga novamente por que quer me matar, docinho. Eu esqueci.

Um músculo se repuxou sob o olho de Lucien.

— Já disse. Não quero matá-la, mas os deuses ordenaram que eu o fizesse.

E ninguém, nem mesmo um dos Senhores do Mundo Subterrâneo, podia desobedecer aos deuses sem severas consequências. Ela sentiu um frio de medo. Ainda assim, teve de admitir que sentia-se feliz por Lucien não estar ali por vontade própria.

— Todos os deuses ou apenas um? — ela perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Um. Cronos.

— O rei dos desgraçados — disse ela, como se estivesse se dirigindo ao deus. *Espero que esteja escutando, seu covarde ganancioso.*

Lucien fez uma expressão de dor, provando que, de fato, temia a ira do deus. E deveria mesmo temer. Cronos obviamente faltara à aula no dia em que haviam ensinado a misericórdia.

No instante em que o Titã se libertara de sua prisão celestial, ele conquistara rápida e brutalmente os deuses gregos e aprisionara os sobreviventes. Fora então que Anya retornara aos céus e libertara alguns deles. Também fora quando ele a capturara e a trancafiara novamente, exigindo seu maior tesouro em troca da liberdade. Antes que ele pudesse puni-la por sua recusa, ela escapara. Anya, um; Cronos, zero. Pouco depois, ele a encontrara uma segunda vez e a ameaçara com os Senhores do Mundo Subterrâneo. E então, ali estavam ela e Lucien, preparados para dar uma de *Halo 3* um com o outro. Anya, um; Cronos, um.

— Tem certeza de que quer obedecer a alguém tão malvado? — perguntou.

O olhar de Lucien encontrou o dela, aprisionando-a, minando a determinação de Anya.

— Eu preciso, e não há nada que possa dizer para me desviar de meu propósito.

Ela arqueou uma das sobrancelhas, esforçando-se ao máximo para dar a impressão de autoconfiança.

— Quer apostar?

— Não. Isto apenas serviria para lhe dar falsas esperanças.

Uma brisa gentil soprou entre os dois, e fios do cabelo escuro dele lhe roçaram o rosto. Lucien os prendeu atrás da orelha, recusando-se a permitir que algo se interpusesse aos dois.

Com a ação, os cortes escuros em suas sobrancelhas, a protuberância acentuada do nariz, e a superfície acidentada das faces cobertas por cicatrizes se tornaram mais proeminentes. Mas eram os olhos que prendiam definitivamente a atenção dela. A íris castanha parecia ancorá-la, enquanto a íris azul parecia

girar, atraindo-a cada vez mais para dentro de um mundo onde apenas ele existia.

Obedeça a mim. Renda-se.

As palavras foram sussurradas em sua mente.

O músculo do maxilar de Anya se retesou, assim como todo o restante do seu corpo. Anya sabia, *sabia*, o que ele estava tentando fazer. Envolvê-la com uma sensação de calma e forçá-la a aceitar de livre e espontânea vontade o golpe fatal.

De jeito nenhum. Não ela. Se havia uma habilidade que dominara ao longo dos séculos, desde que fora amaldiçoada, era a arte de resistir a um homem. Ela balançou a cabeça, libertando-se do transe sensual. *Tome essa.*

Não demonstre reação a ele, voltou a se lembrar. Desviou o olhar para o peitoral maciço do guerreiro e ponderou sobre o que fazer em seguida, o tempo todo chupando o seu pirulito favorito de morango.

— Você me deve um favor, Flores, e vou cobrar agora. Você *não* deve me matar.

Seguiu-se uma pausa torturante. Então:

— Sabe que tenho de fazê-lo. — Ele ficou tenso, como se estivesse se fortalecendo. — Peça para que seja indolor. Isso eu posso fazer. Peça-me para beijá-la antes de tomar a sua alma. Isso, também posso fazer.

— Sinto muito, amorzinho, mas acho que vou continuar com “não deve me matar”. E, só para lembrar, eu disse algumas semanas atrás que mataria *você* se tentasse dar para trás no seu favor.

Outra pausa, mais pesada, mais demorada. Ele passou a mão pelos cabelos, e sua expressão era de agonia.

— Por que Cronos a quer morta?

— Você mesmo já respondeu isso. Sou tempestuosa demais.

Ela se sentou outra vez no balanço, deslizando uma das mãos, lenta e discretamente, pela perna e a enfiando na bota, onde envolveu o cabo de uma de suas adagas com os dedos. Podia ficar loucamente excitada na presença daquele homem, apesar de sua missão, mas não desistiria sem luta.

— Não acredito que este seja o único motivo — disse Lucien.

— Talvez ele tenha tentado se dar bem comigo, e eu ri na cara dele. — Uma mentira. Mas, como ela se recusava a admitir a verdade, a mentira teria que servir.

Alguma emoção enfim se registrou nas feições de Lucien. Qual, ela não sabia. Tudo que sabia era que era severa e inflexível.

— Talvez ele fosse seu amante e você o tenha rejeitado. Talvez tenha escolhido outro no lugar dele. Talvez o tenha excitado deliberadamente, para depois ir embora, fazendo com que ele se sentisse um idiota.

Os olhos dela se estreitaram ainda mais, concentrando-se nele com uma intensidade penetrante. Ela ficou de pé, escondendo a lâmina atrás de si.

— Isso é uma coisa muito mal-educada de se dizer. Como se eu fosse me rebaixar a excitar um homem pelo qual não tenho interesse algum.

Lucien murmurou algo que parecia ser:

— Você brincou comigo.

A fúria de Anya chegou ao limite e ela franziu a testa.

— Acredite no que quiser, mas não tem motivo para se sentir magoado.

— Você é a Anarquia. Duvido que se preocupe com o sentimento dos outros.

— Você não sabe nada sobre mim — disparou ela.

— Sei que dança como se estivesse fazendo sexo, e sei que tem o sabor da ruína de qualquer homem.

Maldito. Somente as palavras já seriam o suficiente para excitá-la. Somadas à voz rouca e inebriante, fez com que Anya subitamente perdesse a raiva,

vendo-se pronta para se atirar nos braços dele. Em vez de admitir isso, ela disse:

— Eu me enganei. Você não é mal-educado. É diabólico.

E o que o fato de aquilo o deixar ainda mais atraente para Anya dizia a respeito dela?

— Ainda assim, é verdade. — A cabeça dele se inclinou para o lado ao estudá-la. Embora ele houvesse vestido novamente a máscara que não demonstrava emoções, Anya passou a notar nele uma aura ardente e perigosa. — É sempre tão generosa com suas afeições?

Não havia condenação no tom de voz dele, mas, ainda assim, o comentário a incomodou. Podia se lembrar de vários deuses perguntando a mesma coisa a sua mãe, assim como podia se recordar do brilho magoado nos olhos dela sempre que um amante sugeria que ela não era boa o suficiente para ele. Lucien pagaria por aquilo.

Anya passou a língua pela ponta arredondada do pirulito, deliciando-se com o sabor de fruta ao fingir indiferença. Enquanto isso, os dedos escondidos se apertaram ao redor do punho da adaga, as unhas fíncando-se profundamente na palma da mão.

— E se eu for? — disse por fim. — Em sua maioria, os homens são generosos com suas afeições, e são elogiados por isso, considerados deuses do sexo.

Ele ignorou o comentário. Obviamente, os Senhores do Mundo Subterrâneo eram bons naquilo.

— Antes de eu... — Ele cerrou os lábios, balançando a cabeça. Provavelmente, mudara de ideia quanto ao que queria dizer, pois não completou a frase. — Explique uma coisa para mim. — Como se percebendo que não conseguiria respostas dela de outro modo, ele completou: — Por favor.

Ela adejou os cílios para ele de modo sedutor.

— Qualquer coisa para você, docinho.

— Conte-me a verdade. Por que me beijou? Poderia ter conseguido Paris, Reyes, Gideon ou qualquer um dos outros. Eles não teriam protestado. Teriam retribuído seu desejo.

Primeiro, grrr! *Teriam retribuído seu desejo*, ela zombou de si mesma. Ao contrário dele, que jamais a desejaria. Ela não era ração de cachorro, droga! Segundo, por que Lucien não podia aceitar que ela o desejava, e a mais ninguém?

Talvez fosse melhor que ele achasse que a paixão dela era fingida. Pelo menos, poupava-lhe um pouco o orgulho, já que *nada significava para ele* e que *ele não a desejara*. Cretino.

— Talvez eu soubesse que o Croninho ia ordenar que me matasse, e pretendesse amansar você como um carneirinho, para que ficasse tentado a desobedecê-lo.

E aí? O que ele achava dessa?

A compreensão iluminou as feições severas e selvagens dele.

— Enfim, algo que faz sentido — disse ele, com apenas um ligeiro vestígio de decepção.

Ou a decepção era o que ela queria enxergar? Afinal de contas, o homem estava ali para matá-la. Não era possível que tivesse sentimentos mais suaves.

Renda-se a mim.

Ah, droga. Ela olhara para o rosto dele e, mais uma vez, se vira cativada. O olho azul ainda girava e o castanho era tão vivo e profundo que ela teria se afogado nele de bom grado. Sentiu um arrepio na barriga.

Não, não, não! Ela mostrou os dentes para ele e desviou o olhar. *Machuque-o, para retardá-lo, e depois dê o fora daqui*. Bom, aquele era um pensamento que ela não se incomodava de transformar em realidade. Lucien era imortal. Ele se curaria. Mas, por todos os demônios do inferno, ainda não estava pronta para

deixá-lo. Havia semanas que não conversava com ninguém. Estivera ocupada demais seguindo-o, observando-o. Desejando-o.

Não importa o que você quer. Ataque-o antes que ele ataque você.

— Última chance de fazer o favor que me deve, me protegendo de Cronos — ela disse.

— Sinto muito.

— Tudo bem, então. Agora que deixamos tudo bem claro — replicou, usando o seu tom de voz mais sedutor —, vamos começar a festa.

Anya lambeu o pirulito e jogou seu peso para a esquerda, fazendo com que a saia subisse um pouco pela perna direita e atraindo o olhar dele para a pele exposta, como ela esperava.

Houve um ligeiro brilho de desejo nos olhos dele, desejo que Lucien não conseguia esconder. *Tarde demais.* Anya lançou a adaga.

O metal prateado girou pelo ar e se fincou no coração dele, antes mesmo que adivinhasse suas intenções. O corpo dele estremeceu, seus olhos se arregalaram.

— Você me apunhalou — ele disse, incrédulo.

Com uma careta, ele arrancou do peito a adaga agora ensanguentada e passou a mão sobre o ferimento. Depois, olhou para os dedos manchados de vermelho. A fúria provou ser mais forte do que a incredulidade.

— Se quiser, pode ficar com a adaga de lembrança. — Anya lhe lançou um beijo e se teletransportou para uma montanha de gelo na Antártida, sabendo que ele a seguiria e querendo que ele sofresse por isso. O vento frígido a atingiu na mesma hora, atravessando a roupa fina que usava. Atravessando a pele, os músculos e chegando direto aos ossos. Ela batia os dentes.

Pinguins bamboleavam ao seu redor, esforçando-se para fugir dela. As águas se agitavam e ondulavam em torno dela. Seus olhos foram recebidos por

quilômetros e mais quilômetros de noite escura, a única luz vinda dos raios dourados da lua que se refletiam nas geleiras.

Se ela fosse mortal, teria congelado até a morte em questão de segundos. Como era uma deusa, Anya se sentia apenas indisposta.

— Mas vale a pena — disse, sua respiração se transformando em uma névoa espessa diante do rosto.

Se estava se sentindo indisposta, imagine como seria pior para o ferido Lucien quando ele...

Materializou-se bem diante dela, num clarão tão intenso que parecia que o sol estava brilhando.

Tinha um esgar no rosto, os perfeitos dentes brancos expostos. Havia tirado a camisa e ela viu as ondulações de músculos que lhe revestiam o abdômen. Ele não tinha pelos cobrindo o peito, nem mesmo aquela trilha da felicidade que a maioria dos homens possuía. Sua pele tinha o tom de mel perolado, suave de um dos lados, como o veludo cobrindo o aço, e marcado e cicatrizado do outro. Ambos os lados pareciam ser tão bons de lambar que Anya salivou.

Os mamilos eram pequenos, escuros e pontiagudos, como pontas de flecha. Provavelmente seriam deliciosos de encontro à língua. O peito estava manchado de sangue e uma ferida comprida marcava a pele, logo acima do coração. O tecido já havia começado a se regenerar.

Vê-lo daquele jeito, ensanguentado da batalha, zangado e pronto para mais, a deixou excitada. Suas pernas voltaram a fraquejar tolamente. *Você detesta fraqueza.* Mas, puxa, aquilo era bom! Será que ele sempre exerceria aquele efeito nela?

Garota bobinha.

Quando o vento o atingiu, ela percebeu que ele sentiu um instante de indisposição, quando o sangue e o oxigênio se congelaram em seu interior.

— Anya — Lucien rosnou.

— É bom vê-lo de novo, Flores.

Ela não perdeu tempo. Usando toda a sua força, empurrou-o na água.

Ele poderia tê-la agarrado para impedir a queda, mas não o fez. Permitiu-se cair para trás, em vez de correr o risco de puxá-la consigo. Que... fofo. Desgraçado! Não tinha o direito de ser fofo naquele instante.

Ele arquejou ao atingir a água; o som, uma mistura de fúria, surpresa e tormento gelado. Algumas gotas atingiram a perna de Anya e *ela* arquejou ante o frio.

— Anya! — ele gritou quando voltou à superfície.

— Não precisa me agradecer pelo banho. Quero dizer, o mínimo que eu podia fazer depois de ensanguentar o seu peito era ajudar a limpar a sujeira. Tchauzinho!

— Não vá — ele se apressou a dizer. — Por favor.

Incapaz de resistir, ela se deteve.

— Por que não?

Em vez de se teletransportar para cima da imensa pedra de gelo, ele ficou na água e a encarou.

— Você não vai querer me enfurecer.

Uma nuvem se moveu, e raios dourados mais grossos desceram do céu escuro e sedoso, caindo diretamente sobre ele.

— Por que não? Você vai se transformar num enorme monstro verde? Detesto desapontá-lo, Flores, mas isso só faz esquentar os meus motores. Divirta-se descongelando.

Rindo, ela acenou com os dedos e se teletransportou para sua praia deserta favorita no Havaí.

O calor e a luz do sol a envolveram instantaneamente, derretendo a camada de gelo que lhe revestira a pele. Normalmente, quando ia até ali, ficava nua e se deitava na areia, deliciando-se com a tranquilidade. Às vezes, se refugiava na

casa a meio quilômetro de distância, cercada pelas enormes palmeiras, onde relaxava e assistia a filmes.

Desta vez, ficou na praia e permaneceu vestida, jogou fora o pirulito e tirou mais duas adagas de dentro das botas. Segurando-as ao lado do corpo, Anya aguardou.

Um Lucien furioso e trêmulo apareceu diante dela um instante depois. Seus lábios estavam azulados e finos de raiva. O cabelo estava congelado em sua cabeça; sua pele, reluzindo com umidade cristalizada.

— Obrigado. Pela praia — ele disse por entre os dentes que tremiam.

— Como diabos você está me seguindo? — ela exigiu saber, erguendo o queixo e retribuindo-lhe o olhar assassino.

Por fim, por algum motivo qualquer, ele se dignou a responder.

— Você deixa rastros de energia por onde passa. Eu simplesmente os sigo. Se não tivesse se revelado na boate, eu jamais teria sido capaz de localizá-la.

Ótimo. Agora, jamais seria capaz de despistá-lo. Malditos ímpetos que a haviam impulsionado a dançar com ele. Deveria ter permanecido nas sombras. *Devo ser mais parecida com minha mãe do que pensei.*

— Não vou facilitar as coisas para você — afirmou.

Ele perdeu um pouco da fúria, seus lábios se retorcendo até se transformarem em arremedo de sorriso.

— Eu suspeitava de que não fosse.

Como ele ousava dar mostras de um senso de humor irresistível justamente naquele momento, suavizando suas feições e ficando tão sexy? Onde estava aquele bom humor no dia anterior?

— Já lhe disse uma vez, mas direi novamente. Não quero machucá-la — Lucien reiterou.

— Ah, sim. — Ela balançou a cabeça, os cabelos pálidos dançando sobre os ombros. — Sendo assim, está tudo certo. Pode me matar. — O sarcasmo

pingava de cada palavra.

— Anya.

— Quietos. Só tenho sido legal com você, ajudado você e seus amigos, e é assim que me agradece?

Um músculo se retesou sob o olho dele. Ela conseguira, enfim, comovê-lo?

— Se eu pudesse, mudaria as circunstâncias. Eu...

— Você tem escolha. Pode ir embora.

— Não posso.

— Que seja, Flores. Vamos acabar logo com isso, está bem? Toda esta conversa está me dando dor de cabeça.

As sobrancelhas de Lucien se ergueram.

— Então, vai me deixar levar a sua alma?

— De jeito nenhum. Achei que tivesse deixado claro que iria lutar até a morte. A sua, caso eu precise esclarecer ainda mais. Aqui e agora. Já matei um imortal antes. Fazer isso de novo não deve ser tão difícil.

— Sim, Reyes mencionou Aias. — Lucien não se moveu na direção dela.
— Por que você o matou?

Ela deu de ombros displicentemente. Por dentro, no entanto, estava tudo, menos serena. A lembrança da luta com Aias não era muito agradável. O que poderia ter sido, o que poderia ter acontecido eram pensamentos que ainda a assombravam.

— Ele queria transar comigo, e eu não queria. Ele decidiu fazer isso mesmo assim, e, então, decidi que ele ficaria bem com um buraco no peito.

Lucien estalou o maxilar.

— Espero que tenha doído nele.

Os olhos dela se arregalaram. Espere aí, volte tudo. Um imortal, um ex-capitão da guarda ainda por cima, estava *feliz* por ela ter matado um guerreiro de elite? Era a primeira vez que isso acontecia. O fato a comoveu, afetando-a

profundamente. Enfim alguém e, aliás, quase um completo desconhecido, achava que ela estava certa.

— Não se preocupe quanto a isso — por fim conseguiu dizer, apesar da súbita emoção.

As mãos de Lucien se cerraram. Por quê? Ela supunha que isso não importava. Ficou orgulhosa de si mesma por ter percebido, pois significava que não estava observando aqueles olhos incomuns como uma adolescente apaixonada.

— Não precisa ser assim — disse ele com a voz rígida, sem emoção.

— Você já falou isso. Mas olhe só a novidade: precisa, sim. Não vou me curvar e apanhar só porque tem novos deuses mandando no negócio e não gostam do jeito como eu trabalho. Não vou me curvar e levar só porque o chefão é ganancioso e quer me roubar.

O olhar de Lucien ficou mais intenso.

— O que ele pretende roubar?

Ela fechou os lábios com força. Maldita língua de trapo. Claro que Lucien havia concentrado sua atenção na última parte do seu discurso.

— Não me dê ouvidos. Falo tudo quanto é tipo de besteira quando estou com medo. Lembra quando eu disse que gostava de mentir?

— Eu apostaria que você não tem medo de mim, e nem de nada, e duvido que estivesse mentindo desta vez. — Ele não lhe deu chance de responder. — Então, não rejeitou Cronos, nem o traiu?

— E o que importa? — Ela brincou com uma mecha de cabelos, certificando-se de que a ponta de sua adaga brilhasse sob a luz do sol. — Faz alguma diferença no que está planejando fazer comigo?

— Não.

— Então, não vejo motivo para responder. — Se ele não cederia, ela também não.

Ele passou a mão pelo rosto, subitamente dando a impressão de estar completamente exausto.

— Talvez eu possa lhe dar um dia, para se despedir de seus entes queridos.

— Ah, quanta bondade — disse Anya secamente.

Mas seu sarcasmo não durou muito. Uma curta lista de entes queridos passou por sua mente, provocando-lhe uma pontada de dor no peito. A mãe. O pai. William, seu único amigo. Se Lucien conseguisse derrotá-la, eles provavelmente jamais saberiam o que havia acontecido com ela. Provavelmente a procurariam, ficariam preocupados.

— Oferece a mesma cortesia a todas as suas vítimas?

Não pense assim. Você não é e não será uma vítima.

Novamente:

— Não.

— Quer dizer que sou só uma garota de sorte?

Os lábios sedutores de Lucien se estreitaram mais uma vez. Apesar do rosto severamente marcado, nada poderia ser capaz de prejudicar a beleza daqueles lábios. Talvez porque ela soubesse como eles eram macios na verdade. Talvez porque eles a houvessem tocado até o fundo da alma, e ela carregaria para sempre sua marca.

— Sim — disse ele, por fim.

— Vou ter que recusar a sua oferta tão generosa, querido. Acho que prefiro matá-lo agora, em vez de esperar. Sabe, sua presença realmente está começando a me ofender.

Ele ficou tenso e, se fosse qualquer outra pessoa que não o guerreiro (quase) desprovido de emoções que ela sabia que ele era, Anya teria desconfiado de que o magoara.

— Quem é o mal-educado agora? — ele perguntou apaticamente.

Ele pensava que ela estava se referindo à sua aparência marcada? Burrinho. Contudo, uma resposta teria simplesmente aberto o assunto para discussão. Por isso, ela disse:

— Como vamos fazer isso, hein?

Ela jogou as adagas um pouquinho para o alto, pegou-as pelos cabos e as girou nas mãos.

Ele lançou um olhar resignado para ela, como se qualquer outra coisa no mundo tivesse sido preferível àquele confronto inevitável.

— Apenas lembre-se: foi você quem escolheu isso. Não eu.

— Você me seguiu, benzinho. *Você* escolheu isso.

Ela mal terminara a frase quando ele se materializou a dois centímetros do nariz dela, colocando-os cara a cara. Ela arfou, inspirando profundamente o perfume de rosas dele. Com um tapa na mão, ele a fez soltar uma das facas e, em seguida, rapidamente, voltou sua atenção para a outra.

O primeiro movimento a pegou de surpresa, mas ela já estava preparada para o segundo. Anya se teletransportou para poucos metros atrás dele e acertou-lhe a nuca com um chute bem dado. Não fazia ideia de por que, em vez disso, não o apunhalou pelas costas.

Lucien cambaleou à frente, recompôs-se e voltou-se para ela, os olhos semicerrados.

— Eu já vi você matar — disse ela, tentando não parecer impressionada. — Conheço os seus golpes. Não vai ser fácil me vencer.

Ela voltou a se teletransportar para trás dele, mas, já familiarizado com os truques dela, Lucien foi mais esperto e se virou, envolvendo-lhe a cintura com um dos braços no instante em que ela se materializou e, finalmente, arrancando a outra lâmina de sua mão.

Anya quase gemeu com a inebriante sensação de estar de novo nos braços dele, a violência, de certo modo, apenas contribuindo para aumentar sua

excitação. Ela se demorou ali muito mais do que deveria, saboreando a sensação da... ereção dele? Ah, meu amor, sim. Então, ele também estava gostando daquele exercício? Interessante. Empolgante. E absolutamente delicioso.

— O meu pequeno Lucien é tão forte. Quase lamento ter que lutar sujo — ela acrescentou antes de lhe acertar uma joelhada entre as pernas.

Uivando de dor, ele se curvou.

Uma risadinha escapou dos lábios de Anya antes que ela se teletransportasse para alguns metros de distância.

— A malvada e levada Anya teria sido muito mais boazinha com essa parte da sua anatomia se você tivesse vindo atrás dela por outros motivos.

— Pela última vez, mulher, eu não quero machucá-la — ele disse com dificuldade. — Estou sendo forçado.

Ela olhou para as próprias unhas e bocejou.

— Vai lutar de verdade ou não? Isto está ficando chato. Ou... espere! Será que você é sempre tão fraco assim?

Talvez ela não devesse tê-lo provocado. Acenda o fogo, e corra o risco de se queimar. Um instante depois, ele estava diante dela, chutando-lhe os tornozelos e empurrando-a para o chão. O impacto nas costas fez com que o ar abandonasse violentamente seus pulmões por um instante, deixando-a sem fôlego e um pouco tonta.

Em seguida, ele usou o peso do próprio corpo para imobilizá-la. Os braços de Anya estavam livres, assim, cerrando o punho, ela acertou Lucien no nariz. Ele virou brusamente a cabeça quando a cartilagem se partiu e o sangue começou a jorrar. Mas, em segundos, a cartilagem se realinhou e o sangue parou de fluir.

Ele a fitou com seriedade.

— Lute como uma mulher, pelo amor dos deuses — ele disse, ofegante, esforçando-se para agarrar-lhe os pulsos. Depois, por fim, conseguiu pegá-los.

E, fácil assim, Lucien conseguiu imobilizá-la. Aias a segurara daquele jeito, mas apenas por um instante. Ela conseguira se soltar rapidamente. Com Lucien, não conseguia se mover, por mais que tentasse. E, no entanto, não estava tomada pela mesma fúria assassina. Estava empolgada.

— Está me machucando — ela mentiu.

Ele cometeu o erro de lhe soltar os pulsos. Ela o socou novamente, desta vez, no olho. O osso se rachou com o impacto. Ela riu ao notar o inchaço. Riu ainda mais ao vê-lo ficar roxo. Fez beicinho ao ver que ele estava sarando.

— Você não vai se teletransportar — ele conseguiu dizer.

Seu olhar quase a perfurava, e o perfume de rosas anuviava a mente de Anya, fazendo-a relaxar, ficar onde estava e não resistir mais.

Ela relaxou no chão e lambeu os lábios. Também podia fazer o jogo da sedução. Não porque seria divertido, procurou se convencer.

— Não, não vou me teletransportar. Estou ocupada demais imaginando minhas pernas em volta da sua cintura.

As pupilas dele se dilataram, Lucien grunhiu.

— Pare com isso. Estou mandando.

— Parar com o quê? — ela perguntou inocentemente.

— Pare de dizer essas coisas. E pare de olhar para mim desse jeito.

— Quer dizer, como se você fosse ser o meu jantar?

Ele assentiu uma única vez, bruscamente.

— Não consigo — Anya retrucou com um sorriso preguiçoso.

— Pode, sim. E vai.

— Quando você parar de parecer tão gostoso, eu obedeco.

Mas, ao fazer a promessa provocante, sua mente já estava a mil. *Você é uma guerreira, Anarquia. Já lutou contra imortais mais poderosos do que Morte. Chega*

de brincadeira.

Forçando-se a se libertar da atração erótica de Lucien e recorrendo a instintos que a haviam mantido viva nos piores dias de sua existência, ela se teletransportou para trás dele. Sem o corpo dela para apoiá-lo, Lucien caiu de cara na areia.

Tem que ser assim. Quando ele tentou se levantar, cuspiu areia, ela o chutou, lançando-o novamente ao chão. Depois, saltou para cima dele, montando em seus quadris e posicionando os dedos em torno do queixo, preparando-se para puxá-lo e quebrar-lhe o pescoço.

Mas ele também se teletransportou, aparecendo diante de uma palmeira, a vários metros de distância. Antes que ela pudesse se endireitar e ficar de pé, seus joelhos atingiram o chão. Ele não se mexeu na direção dela. Ofegante, Anya esfregou a areia das pernas. A brisa gentil estava repleta do aroma zombeteiramente sereno de cocos e água do mar. E rosas. *Eu quase o matei,* pensou, abalada.

— Deste jeito, nenhum de nós vencerá — disse Lucien.

Ela exibiu um sorriso confiante.

— A quem você está tentando enganar? Eu estou claramente vencendo.

Ele esmurrou a árvore, derrubando no chão vários frutos vermelhos.

— Deve haver um outro jeito. Com certeza, há um modo de evitar a sua morte.

A veemência de Lucien a fez formigar. Sua súbita determinação a salvá-la a fez latejar. Ela suspirou. Em questão de segundos, o homem era capaz de levá-la de um extremo do espectro emocional ao outro.

— Se está pensando em pedir a Cronos, não. Ele não vai mudar de ideia e vai punir você pela tentativa.

Lucien abriu os braços, a perfeita imagem de um homem irritado.

— Por que ele próprio não pode matá-la?

— Só perguntando a ele. — Ela deu de ombros, como se não soubesse a resposta.

— Anya — Lucien disse, um aviso. — Fale.

— Não.

— Anya!

— Não!

Ela poderia ter se teletransportado até as facas, mas não o fez. Poderia ter se teletransportado até ele, mas também não. Em vez disso, aguardou, curiosa para ver o que o guerreiro faria ou diria em seguida.

Ele deixou escapar um suspiro, uma imitação perfeita do dela, ao deixar os braços penderem ao lado do corpo.

— Então, o que faremos quanto a isto?

— Dar uns amassos? — ela sugeriu atrevidamente.

As palavras tinham a intenção de ser pura provocação, uma piada, mas ela se odiou ao perceber que teria corrido até ele em uma fração de segundo se Lucien tivesse lhe dado o menor incentivo que fosse. *Eu sou patética.*

Ele empalideceu, como se ela o houvesse atingido.

Irritada, Anya passou a língua pelos dentes. A ideia de beijá-la novamente seria tão repulsiva assim?

— Por que você me odeia? — ela se flagrou perguntando antes que pudesse conter as palavras.

Droga. Parecia envergonhada, como se a mulher que era não merecesse ser amada. *Sinto muito, mamãe.* Não fora aquilo que Disnomia lhe ensinara.

— Eu não a odeio — admitiu Lucien suavemente.

— Ah, é? Porque você parece pronto para vomitar só de pensar em me tocar.

Um sorriso estranho recebeu aquelas palavras, aparente em um momento, desaparecido no seguinte. Anya quase foi ao chão, maravilhada. Enfim, um

sorriso de verdade vindo dele. Ela deveria ter imaginado que seria sensualmente potente. Viciante. Ela já ansiava por outro sorriso daquele, radiante como o sol.

— E, no entanto, tenho uma ereção — ele disse, num tom tão irônico quanto a expressão no seu rosto.

Certo. Quem era aquele homem? Primeiro, um sorriso, e agora ele a estava provocando. O sangue de Anya ferveu, e seus mamilos se enrijeceram (de novo).

— Um homem não precisa gostar de uma mulher para desejá-la. — Lucien abriu a boca para retrucar, mas ela se adiantou. — Só fique quieto, está bem? Não quero ouvir sua resposta. — Ele acabaria com a alegria que estava sentindo, ela sabia disso. — Fique aí, lindo como sempre, enquanto penso.

— Está deliberadamente tentando me provocar, não está?

Sim, ela estava. Na verdade, uma jogada tola da sua parte. Lucien recebera ordens de lhe desferir o golpe mortal. Cada vez que ela o incitava, provavelmente tornava a ideia mais fácil para ele suportar. Mas Anya não conseguia se conter. Aquele sorriso...

— Não tem resposta para me dar?

— Nenhuma que eu esteja disposta a compartilhar.

Por que ele tinha de ficar tão sexy parado ali? O sol agia como amante dele, acariciando-o, envolvendo sua cabeça com uma auréola angelical. Sim, angelical. Naquele instante, ele era como um anjo caído, o que fez a pulsação dela disparar e a barriga estremecer.

Por que eles não podiam ter sido simplesmente um homem e uma mulher?

Por que ele não podia tê-la desejado como ela o desejara?

Por que a obsessão que ela sentia por ele não desaparecia, agora que ele estava determinado a eliminá-la para sempre?

— Está tornando isto difícil.

— Não vai desobedecer às regras por mim? — perguntou ela, adejando os olhos. — Não vai me fazer este favorzinho? Está me devendo.

— Não. Não posso.

Ele sequer hesitara com a resposta, o que a deixou furiosa. O mínimo que poderia ter feito era ter passado alguns minutos pensando. Canalha. Ela franziu o cenho.

— Vou dar mais uma chance para você concordar. Ficaríamos quites, na estaca zero.

— Lamento. Mais uma vez, preciso recusar.

Certo. Aquilo significava que só havia um jeito de acabar com aquela loucura.

Finalmente, ela se teletransportou até as facas e, em seguida, até ele. Os olhos de Lucien se arregalaram quando ela se materializou diante dele. Com o cabo da adaga ela o acertou na garganta, girou enquanto ele se esforçava para respirar e bateu com o cabo da outra adaga na sua têmpora, para deixá-lo inconsciente.

No alvo.

Só que ele não ficou inconsciente. Caiu de joelhos no chão, grunhindo. Não importava. De qualquer modo, o resultado seria o mesmo. Decepcionada por ter chegado àquele ponto, ela girou as adagas nas mãos, as pontas afiadas voltadas para ele.

As mãos de Anya tremeram quando olhou para o topo da cabeça dele. Tudo em seu íntimo gritava para que não fizesse aquilo, mas, mesmo assim, ela cruzou as lâminas. Havia apenas uns poucos modos de se matar permanentemente um imortal, e decapitação era um deles. *Faça... não tem outro jeito...* Ela já havia posicionado as lâminas no pescoço dele. Bastaria bater um pulso no outro. *Faça, antes que ele se teletransporte!*

Ah, deuses, ah, deuses. Ela o fez. Moveu-se para cortá-lo. No entanto, em vez de carne, suas armas encontraram apenas o ar.

Ele se teletransportara.

Frustração e alegria batalhavam por supremacia. Antes que tivesse tempo de escolher uma das duas, dedos fortes a agarraram pelos ombros, girando-a. Lábios ardentes cobriram sua boca, entreabrindo-a e lhe roubando o fôlego.

A língua de Lucien arremeteu contra a dela num beijo incandescente que a assombraria, desperta ou adormecida, por milhares de anos vindouros. Em vida ou na morte. Era êxtase e agonia. Era o céu e o inferno. Ter o sabor dele a afogando tão perfeitamente, a força e o calor de Lucien, desejando mais.

— Lucien — ela arquejou, gemeu e estendeu os braços na direção dele, deixando cair as armas na pressa de sentir a pele dele sob as mãos.

— Nem mais uma palavra. Beije-me como antes.

O fervor dele apenas a excitou mais. Ao que parecia, dançar com ele e se atirar para cima dele não haviam sido o suficiente. Aparentemente, ela precisava quase cometer um assassinato para excitá-lo o suficiente para atacá-la.

Os braços de Lucien se enroscaram em volta da cintura de Anya, apertando-a de encontro ao calor do corpo dele. O ato fez com que o membro intumescido roçasse na junção úmida e voraz entre as pernas dela, e ambos generaram de êxtase.

Ela queria saltar na direção dele e devorá-lo todinho. Contentou-se em lhe agarrar a cabeça, mergulhando os dedos em seus cabelos e puxando-o para si, para intensificar o beijo. Parte dela desconfiava de que o guerreiro estivesse fazendo aquilo para distraí-la, mas ele sequer chegou perto de sua garganta. Apenas continuava a beijá-la como se fosse incapaz de se deter.

Os mamilos de Anya estavam tão endurecidos e pontiagudos quanto suas facas, que ela chutou para longe, juntamente com os últimos vestígios de bom senso.

— Lucien — disse, com outro gemido, tencionando exigir que ele lhe arrancasse o bustiê. Pele a pele. Estava desesperada para senti-lo. Burra, tão burra por permitir o contato pele a pele, mas, naquele momento, queria isso mais do que queria liberdade. — Lucien, minha blusa.

Desta vez, a voz dela pareceu despertá-lo do encanto sob o qual ele parecia se encontrar. Ele saltou para trás. Sem Lucien para apoiá-la, Anya quase caiu de cara, como ocorrera com ele antes.

— O que está fazendo? — exigiu saber enquanto se endireitava.

— Não estou conseguindo pensar direito neste momento. — Ofegante, ele deu um passo para trás. — Preciso me afastar de você.

Havia um brilho de raiva no olhar dele, um brilho sombrio e violento, e absolutamente ameaçador. Um arrepio de medo se espalhou pela extensão da coluna de Anya. Medo e uma excitação ainda mais profunda.

O que há de errado comigo?

Ele avisara para que ela jamais o enfurecesse, que coisas ruins aconteceriam se o fizesse. Dissera a verdade. Ela o enfurecera de algum modo, e ele parara de beijá-la. Nada podia ser pior do que isso.

— Vai me deixar aqui assim? Sem nem me dar um orgasmo?

Epa. A intenção dela fora soar irreverente. Em vez disso, parecera carente e queixosa. E ofegante.

O brilho nos olhos ficou ainda mais sombrio.

— Nós nos veremos novamente, Anya. Em breve.

Com aquela fatídica promessa, ele desapareceu.

Capítulo Quatro

MAIS TARDE, NAQUELA mesma noite, Lucien sentia-se confuso enquanto escoltava três almas humanas até o paraíso. Ainda se sentia confuso quando os portões celestiais se abriram, revelando ruas douradas e postes de luz arqueados e adornados com joias pendendo no ar, como se fossem nuvens cravejadas de diamantes. Anjos vestidos de branco os ladeavam, cantando melodiosas boas-vindas, suas asas brancas se abrindo graciosamente atrás deles.

Assim que as almas cruzaram os limites do paraíso, os portões se fecharam, deixando-o de fora, e houve apenas silêncio.

E ele ainda se sentia confuso.

Normalmente, a beleza e a paz que encontrava ali o enchiam de inveja e ressentimento, pois sabia que jamais seria permitida a sua presença lá dentro. Naquela noite, isso pareceu não importar. Anya ocupava todos os cantos de sua mente. Ele não tinha ideia do que fazer a respeito dela.

Lucien se teletransportou para seus aposentos em Budapeste, seu corpo se materializando aos pés da cama. Ficou ali, parado, imóvel, perdido em pensamentos e emoções caóticas que não deveria sentir. Em se tratando da Morte, sabia muito bem as consequências da hesitação. Contudo, pouco antes, naquele mesmo dia, não só hesitara, como quase fizera amor com sua futura

vítima. Ela a beijara ferozmente, a acariciara. Tivera a oportunidade de matá-la e, por isso, sabia perfeitamente que deveria ter acabado logo com ela.

— Sou um tolo — murmurou.

Ela avançara na direção dele com toda a intenção de matá-lo. Mas ele a girara para si, vira os reluzentes lábios vermelhos entreabertos em um arfar, sentira o calor dela em sua pele, sentira o cheiro de morangos com chantilly, escutara o demônio ronronar e fora consumido pela maior onda de luxúria que jamais sentira.

Como podia desejar Anya mais do que desejara Mariah, uma mulher que ele amava?

Como?

Anya quase o matara e, no entanto, ele pensara: *Não posso morrer sem beijá-la novamente.* Não se importara com mais nada. Apenas com os lábios dela. O corpo dela. *Ela.*

Anya o estava usando para frustrar Cronos. Praticamente admitira isso, o que tornava a luxúria de Lucien uma tolice ainda maior. Contudo, ela não parecera se importar com o beijo dele. Não, dera a impressão de gostar dele, de ansiar por mais.

— Maldição — praguejou, avançando e esmurrando a parede.

A pedra se rachou instantaneamente, e uma nuvem de poeira o envolveu, turvando-lhe a visão. A sensação foi boa, e socou novamente, abrindo ferimentos na mão, fazendo-a latejar. *Relaxe. Agora.*

Nada de bom resultava de sua raiva.

Expirou lentamente ao se virar e examinar o próprio quarto. Com surpresa, se deu conta de que a manhã já chegara. Com toda aquela teletransportação, perdera a noção dos diferentes fusos horários. A luz do sol entrava pela única janela do aposento. Com exceção de Maddox e Torin, todos os guerreiros provavelmente já haviam partido para seus respectivos destinos na Grécia e em

Roma. *Preciso fazer o mesmo. Posso cuidar de Anya depois, quando não estiver mais sentindo os efeitos de tê-la beijado e tocado.*

Andou até o armário, notando pelo caminho três vasos sobre a cômoda. Cada um estava repleto flores de inverno brancas, exalando um perfume doce. Não estavam ali na noite passada, o que significava que Ashlyn estivera ali naquela manhã. A doce e meiga Ashlyn provavelmente pensara em lhe alegrar o dia com elas, mas as flores só fizeram provocar uma pontada de pesar no peito de Lucien.

Mariah costumava colher flores e prendê-las no cabelo.

Sua porta se abriu subitamente, e Ashlyn entrou correndo, o belo rosto marcado pela preocupação. Maddox, como sempre, vinha logo atrás dela, uma muralha de ameaça sombria e graciosidade letal. Tinha duas lâminas nas mãos, erguidas e prontas para o ataque.

— Está tudo bem? — Ashlyn perguntou ao avistar apenas Lucien. O cabelo castanho-claro lhe escorria por sobre os ombros e pelos braços, que se apertavam em sinal de preocupação. Por ele? — Estávamos passando pelo corredor e escutamos um barulho.

— Está tudo bem — ele garantiu.

Mas manteve sua atenção em Maddox, cujos olhos cor de violeta se estreitaram. *Tire-a daqui*, pediu em silêncio, sem querer magoar Ashlyn. *Não estou no meu normal.*

Lucien estava à beira de perder qualquer vestígio de seu lendário autocontrole. O esforço devia estar evidente em seu rosto.

Compreendendo, Maddox assentiu.

— Ashlyn. — Ele pousou a mão no ombro dela. — Lucien está se preparando para a jornada até o templo. Vamos deixá-lo em paz.

Ela não se soltou das mãos do guerreiro. Em vez disso, apoiou-se nele. Além disso, se recusou a sair do lugar. Seu olhar se fixou em Lucien, analisando,

avaliando.

— Você não me parece bem.

— Está tudo bem — ele mentiu.

Quantas vezes teria de repetir aquilo? Lucien se curvou, pegou as alças de sua bolsa e a jogou sobre a cama.

— Sua mão está sangrando, e seus ossos estão... Oh, Deus!

Franzindo o cenho, ela estendeu a mão.

Maddox rapidamente tratou de segurá-la pelo pulso, detendo-a. Ele era o guardião da Violência e, no entanto, mostrava-se gentil com aquela mulher, tão protetor e possessivo com ela que chegava a ser quase cômico.

— Maddox — ela disse, irritada. — Só quero ver se os ferimentos dele são muito sérios. Talvez tenhamos que pôr os ossos no lugar.

— Lucien irá sarar, e você precisa descansar.

— Descansar, descansar, descansar. Estou grávida de quatro semanas, não doente.

O casal orgulhoso dera a notícia havia poucos dias. Lucien sentia-se feliz por eles, mas também se perguntava como seria o filho de um guerreiro possuído por um demônio com uma mortal com poderes incomuns. Um meio-demônio? Completamente demônio? Completamente mortal? Certa vez, tivera dúvidas semelhantes quanto a um filho dele próprio. Dele e de Mariah. Mas ela havia sido levada antes mesmo que tivessem decidido tentar conceber.

— Seu homem está correto — disse ele. — Estou bem.

Ashlyn irradiava determinação, seus enormes olhos castanhos jamais abandonando Lucien. Ela podia ter bom coração, mas também era teimosa até a alma.

Crescera em um laboratório científico, sendo estudada e usada por causa de uma habilidade que acabara de aprender a controlar. Onde quer que estivesse, Ashlyn podia escutar todas as conversas que haviam acontecido ali, não importa

quantos anos tivessem se passado. Contudo, não era capaz de escutar conversas antigas entre ele e os outros imortais, o que devia frustrá-la quando desejava respostas que eles se recusavam a dar.

— A notícia sobre você e a mulher na boate já se espalhou — ela disse, piscando os olhos inocentemente . — Quem é ela?

— Ela não é ninguém. — A não ser o novo centro do universo de Lucien. *Anya, a bela Anya*. Ele cerrou os punhos nas laterais do corpo. Até mesmo o nome dela era capaz de excitá-lo, de fazer seu sangue ferver deliciosamente e seu corpo ficar pronto para o sexo. *Ela não é para você*. — Guerreiros não deviam fazer fofocas.

Ele e Anya provavelmente não deviam ficar bem juntos. Ela, o epítome da feminilidade sedutora. Ele, uma fera horrenda em forma de homem. Ainda assim, Lucien não conseguia parar de imaginar a própria mão embrenhada nos cabelos dela, seu corpo entrando e saindo do dela. Forte, rápido. Lento, carinhoso.

Bela, Morte subitamente rosnou.

Lucien piscou os olhos em sinal de surpresa. Normalmente, o demônio permanecia como uma compulsão, em vez de uma voz. Sempre parte dele e, no entanto, sempre distante. Por que falava naquele instante, Lucien não sabia dizer. Ainda assim, se flagrou respondendo. *Sim, ela é*. Quatro vezes ele a vira. Quatro vezes falara com ela. Naquelas últimas semanas, sentira o cheiro dela. Ela já estava enraizada em suas células, em seus pensamentos, em seus desejos, em seu propósito, mais do que qualquer outra pessoa, até mesmo a sua amada Mariah.

Você a quer. Morte novamente.

Sim.

Deliciosa. Possua-a antes de a matarmos.

Não! Ao mesmo tempo em que gritava a palavra no interior da cabeça, sentiu a insistência do demônio, tentando forçá-lo a ir à procura de Anya.

Ele firmou os pés no chão. *Ainda não.*

— Lucien — disse Ashlyn, chamando a atenção para ela. A pressão no interior da cabeça dele se aliviou. — Não sou uma guerreira. Então, posso fofocar. Você a beijou. Todo mundo disse que viu...

— Estou bem, e não é necessário se preocupar com a mulher — mentiu. Deuses, mais uma. Normalmente, ele detestava mentiras. Estendeu a mão para dar um puxão amistoso no nariz de Ashlyn, escutou o rosnado de Maddox e baixou o braço. Maddox não gostava de que ninguém tocasse na sua mulher. Nunca. E, pela primeira vez, Lucien conseguia entender. Ele não suportava a ideia de outros homens tocando em Anya.

Idiota. A mulher manipulava com um sorriso no rosto perfeito, e ele estava disposto a apostar que, tal como a mãe, ela já fora íntima de verdadeiras legiões. Não saberia dizer se ela usara aqueles amantes para prazer ou poder. Também não deveria se importar.

E se ela estivesse seduzindo outro homem naquele exato momento, tentando conseguir alguém para protegê-la de Lucien?

Um rugido brotou em sua garganta, e ele se viu girando o próprio corpo, movendo-se para confrontar a parede novamente, esmurrando, esmurrando, os nós dos dedos latejando insistentemente. De esguelha, viu Maddox empurrar Ashlyn para trás de si.

O que está fazendo? Anya pode cuidar muito bem de si. Não precisa de um homem para protegê-la.

Talvez estivesse sozinha na praia, tão carente e confusa quanto ele. O pensamento suavizou-lhe um pouco a fúria, ao mesmo tempo em que lhe enrijeceu o corpo. No entanto, por mais que quisesse acreditar, sabia que uma mulher como ela jamais desejaria um homem desfigurado como ele. Não de

verdade. Independentemente de como seus beijos fossem ardentes. Quantas mulheres tinham dado as costas a ele ao longo dos séculos? Quantas haviam se retraído ante a sua aproximação?

Inúmeras.

E fora... era exatamente como ele queria que as coisas fossem.

Inspirou e expirou profundamente.

— Como está Torin? — perguntou, mudando de assunto enquanto caminhava até a cama. — Não gosto da lentidão com a qual ele está se curando.

Ashlyn empurrou Maddox para o lado e, apesar de franzir o cenho, o enorme guerreiro permitiu que ela o fizesse.

— Acho que descobri por que ele não está se recuperando tão rápido quanto o resto de vocês. Ele é Doença, não é? Acho que as células dele são afetadas por esse mal. Além do ferimento, elas têm que lutar contra o vírus. De qualquer modo, ele *está* sarando. Está comendo sozinho agora.

— Ótimo. Isso é bom.

Lucien ainda se sentia culpado pelo ataque que Torin sofrera. Ele deveria ter estado presente. Deveria ter pressentido a dor de Torin.

Se os Caçadores que haviam se infiltrado na fortaleza não houvessem tocado na pele de Torin, infectando a si mesmos com doenças e perdendo suas forças, Torin *teria* morrido. Lucien pensara ter tomado as precauções necessárias para evitar tais acontecimentos, pois preferia ver a *sua* garganta cortada à de qualquer um dos outros. No entanto, suas precauções necessárias haviam falhado.

— E como está Aeron?

— Bem... — Ashlyn hesitou, suspirou. Mordeu o lábio inferior. — Ele não está muito bem.

— A sede de sangue é tão grande que ele começou a se arranhar — Maddox informou, a voz séria. — Nada do que eu digo penetra seus pensamentos sombrios.

Lucien massageou a nuca.

— Vocês dois ficarão bem sozinhos?

— Sim. — Maddox passou o braço ao redor da cintura de Ashlyn. — Torin pode monitorar o terreno com os computadores, e, agora que minha maldição mortal foi quebrada — ele disse, puxando a mulher para perto de si —, posso sair quando quiser para nos defender ou conseguir itens de que possamos precisar.

Lucien assentiu.

— Ótimo. Eu avisarei do que descobirmos. — Ele pegou a bolsa e disse por sobre o ombro: — Obrigado pelas flores, Ashlyn.

Sem dizer outra palavra, Lucien se teletransportou para as ilhas Cíclades, na Grécia.

As paredes de pedras prateadas foram substituídas por reboco branco. A casa que ele já havia comprado e mobiliado era espaçosa e bem ventilada, com enormes colunas brancas e finas cortinas brancas cobrindo as janelas.

Ele largou a bolsa e seguiu para a varanda mais próxima, um terraço bem arejado que dava vista para a água mais cristalina que ele já vira. Tranquila, sem ondas. Sequer uma marola. Já era meio-dia, o sol brilhava calorosamente, e uma verdejante vegetação com flores vermelhas emoldurava os limites da construção. Talvez ele e os outros guerreiros devessem ter permanecido em Atenas ou Creta, para ficar mais perto do antigo templo que pretendiam vasculhar, mas havia mais anonimato nas ilhas. Menos turistas e ainda menos moradores locais.

— Quanto menos, melhor — murmurou.

Não se lembrava muito de seu tempo ali, milhares de anos antes e, assim, não podia compará-lo com a atualidade. Aqueles dias haviam sido sombrios, repletos de gritos, dor e atos tão malignos que ele sequer *queria* lembrar.

Sou um homem diferente agora.

E, no entanto, sentia-se como se, em breve, fosse cometer a maior maldade de sua vida. Matar Anya.

Não pense na morte dela. Não agora.

Então, no *que* deveria pensar?, perguntou-se, voltando a se concentrar na água cristalina. Se ela gostaria ou não da vista? Esfregou o queixo, suspirando, e descobriu que estava verdadeiramente curioso. Será que gostaria?

Não importa. Você não pode deixar importar. Forçou-se a desviar a atenção para a esquerda... *não pense em Anya...* e se maravilhou com a nova vista: montanhas cor de esmeralda, entrecortadas por branco e violeta. Sem dúvida, aquela era a maior criação dos deuses.

Não, Anya é.

Ele trincou os dentes. O que precisava fazer para tirá-la da cabeça? Sabia o que queria fazer. Despi-la ali mesmo, na varanda, e comprimir-lhe o corpo nu de encontro ao parapeito de ferro, com os raios do sol acariciando-a, como ele pretendia fazer. Lucien a tocaria de maneira tão deliciosa que ela não se importaria com seu rosto desfigurado. Ele a levaria ao clímax, várias vezes, gritando o nome dele. Desesperada por mais de Lucien. Tão desesperada que esqueceria todos os outros homens com quem já dormira e pensaria apenas em Lucien. Desejaria apenas Lucien.

As chances daquilo acontecer eram tão ralas quanto às de que o rosto de Lucien recuperasse sua glória anterior. Não que ele quisesse isso. Merecera cada uma de suas cicatrizes. Elas já faziam parte dele, um lembrete permanente de que amar uma mulher equivalia a dor e sofrimento.

E, mais do que nunca, precisava se lembrar daquilo.

Não conseguia deixar de pensar na morte de Anya. Ela o assombraria até que ele conseguisse decidir o que fazer. *Acabe logo com isso*. Como deveria matá-la? Não queria machucá-la e, por isso, teria que ser rápido. Quando deveria fazê-lo? Durante a noite, enquanto ela dormia? Seu estômago se revirou com ácido. O que exatamente os Titãs fariam se ele falhasse? Como Aeron, seria levado à loucura por sede de sangue? Seus amigos tombariam, um por um? Sentiu uma pontada de fúria ao pensar nisso.

Lucien pegou um dos doces que ainda trazia no bolso, jogou fora a embalagem e sentiu o cheiro. Uma excitação instantânea fulminou a raiva quando a fragrância de morango penetrou em seu nariz. Por que havia feito tamanha tolice? A raiva voltou, só que, desta vez, dirigida a si mesmo.

Franzindo o cenho, ele arremessou o pirulito por sobre o parapeito. Escutou o barulho quando ele atingiu a água. Ondulações perturbaram aquela suave tranquilidade.

Atrás dele, a porta se abriu. E se fechou. Vozes masculinas e risadas de zombaria subitamente ecoaram. Despreocupado, Lucien se virou. Encontrou Paris, alto, pálido e perfeito, irradiando contentamento sexual. Era óbvio que o guerreiro havia acabado de levar uma mulher para a cama.

Ao lado dele estava Amun, silencioso, sombrio e fervilhando com segredos jamais revelados.

Strider, cujo rosto implacavelmente belo reluzia de diversão, socava Gideon no ombro.

— Sabe que está com ciúmes — dizia.

— Não odeiem o jogador — disse Paris, seu sorriso se alargando. — Não tenho culpa de que *as duas* comissárias de bordo tenham desejado satisfazer minhas necessidades em pleno ar.

Lucien entrou a passos largos na espaçosa casa, o ar quente sendo substituído pelo frio.

— Nós pagamos por um jatinho particular, não por uma transa particular para Paris.

Todos os quatro homens sacaram suas armas quando a voz lhes interrompeu as provocações amigáveis. Assim que se deram conta de quem havia falado, relaxaram. Até sorriram.

— Particular é a palavra errada — disse Strider, com os olhos azuis cintilando. — Eles fizeram na frente de todo mundo. E não estou reclamando. O filme estava uma droga, então, o showzinho deles serviu para me distrair.

Lucien revirou os olhos, esforçando-se para não dar a impressão de estar com inveja.

— Deem uma olhada por aí. Escolham uma cama. — Como ele podia se teletransportar, era o único que já estivera ali. Ainda não escolhera o seu quarto, porque queria dar a chance aos outros de escolherem primeiro. Aceitaria de bom grado o que sobrasse.

As bolsas foram largadas enquanto os homens conheciam seu novo e temporário “cafofo”, como diria Paris.

— Beleza — elogiou Paris, após escolher um quarto nos fundos. — As mulheres, com certeza, vão adorar.

— Horrível — disse Gideon, mas, como de costume, todo mundo o ignorou. Tudo que saía de sua boca era sempre mentira. Ele escolhera o quarto mais próximo da porta.

— Há quanto tempo está aqui? — Strider perguntou a Lucien quando voltou à sala de estar.

— Apenas alguns minutos.

— Como é possível? — Strider e Lucien só haviam se reencontrado fazia cerca de um mês, pois Strider participava do grupo que permanecera na Grécia para lutar contra os Caçadores depois que os homens de Lucien tinham partido

para Budapeste. Após centenas de anos, os dois homens estavam voltando a se conhecer. — Você não voou na nossa frente e, com certeza, não voou conosco.

Paris passou o braço sobre os largos ombros de Lucien.

— O meu garoto aqui fez uma coisinha chamada teletransportar. — Ele seguiu explicando como Lucien era capaz de entrar no mundo espiritual e se transportar de um lugar para o outro num piscar de olhos. — Ele aprendeu alguns anos depois de chegarmos a Budapeste.

Antes disso, não tivera controle suficiente sobre o demônio para dominar a técnica.

Claramente impressionado, Strider assentiu.

— Habilidade legal. Mas por que simplesmente não teletransportou todos nós?

Mais uma vez, Paris respondeu por ele:

— Da última vez em que ele quis ser generoso com o teletransporte, Reyes vomitou na camisa dele. Nunca ri tanto na minha vida. Mas Lucien não tem senso de humor e jurou jamais nos levar com ele novamente.

— Estou surpreso por não ter mencionado a parte em que você desmaiou — ironizou Lucien.

Strider riu.

— Ah, não... Você desmaiou? Que bebezão! Caramba, que vista! — acrescentou, quase na mesma hora, ao avistar o terraço. — Faz me lembrar o Olimpo.

— Ei — disse Paris, franzindo o cenho para Lucien. — Eu já disse que bati a cabeça no meio do teletransporte.

— Nem por isso você deixa de ser um bebezão — disse Strider por sobre o ombro. Ele apoiou os braços no parapeito da varanda e se inclinou para a frente. — Não importa quantas vezes eu veja este lugar, sempre parece que é a primeira.

Paris não parecia disposto a deixar o assunto de lado.

— Vamos ver a sua reação ao teletransporte, Derrota. Aposto que...

— Pare — interrompeu Lucien, erguendo a mão. Paris já deveria saber que não era uma boa ideia propor qualquer tipo de desafio a Strider, fosse um duelo de facas, uma luta de boxe, ou até mesmo os jogos eletrônicos humanos com os quais ele e Paris gostavam tanto de brincar, pois ele era incapaz de perder sem sentir uma dor intensa e debilitante. Nem precisava dizer que ele fazia o que fosse necessário para ganhar em tudo. — Temos trabalho a fazer.

— O trabalho é um saco — disse Gideon.

Lucien o ignorou.

— É melhor nos certificarmos de que a propriedade esteja protegida, para o caso de qualquer Caçador ter conseguido nos seguir. Depois disso, nos prepararemos para a saída de amanhã.

Terminaram a primeira parte em uma hora, colocando sensores nas janelas e em torno da propriedade. Suavam quando voltaram à sala de estar.

— Pedi para Torin pesquisar algumas coisas antes de sairmos — disse Paris, retirando armas de dentro das botas e colocando-as sobre a mesa mais próxima. — Ele acha que o templo que vamos vasculhar é o Templo de Todos os Deuses. Já ouviu falar?

Lucien balançou a cabeça. Anya não mencionara nomes. *Anya...* Ele passou a língua pelos dentes, sentindo o sangue ferver. De excitação pela mulher, de fúria dirigida aos deuses que a queriam morta.

— O que acha que vamos encontrar? — perguntou Strider, dirigindo um olhar pensativo ao fitar Lucien. — É por que diabos está com essa cara de que vai matar alguém? Nas últimas semanas, a única expressão no seu rosto foi de tédio. Eu menciono os templos, e olá, demônio.

Os outros se voltaram para fitar Lucien e, obviamente, ficaram chocados com o que viram.

— Com sorte, acharemos a caixa — respondeu Lucien, ignorando a outra pergunta. — Ou pelo menos uma pista de seu paradeiro. — Infelizmente, ele teria de lidar com Anya enquanto procurava. *Anya*. Lutando. Morrendo. Morta.

— Caramba! Os olhos dele estão vermelhos. Nunca tinha visto isso acontecer com ele. — Paris.

— Eu me lembro de como ele era na época do demônio, e não era bonito. — Strider. — Não seria melhor se nós, sei lá, o acorrentássemos?

— É, isso vai ser divertido — disse Gideon.

— Basta me darem um minuto, e ficarei bem.

Antes que pudessem fazer qualquer coisa, Lucien se teletransportou para a Antártida, para dentro da água gelada. Ele arquejou, sentindo o frio penetrar até os ossos. No entanto, apesar da água gelada ajudar a lhe esfriar a raiva, pouco contribuía para acabar com o desejo que sentia pela mulher que, atualmente, havia se alojado de maneira quase permanente em seus pensamentos.

Ele começava a achar que nada seria capaz de fazer isso.

Capítulo Cinco

ANYA FICOU LONGE de Lucien por 24 horas. No final, estava fervilhando de energia nervosa, imaginando constantemente se ele iria aparecer. Cada barulho inesperado fazia com que tivesse um sobressalto. Fazia com que suspirasse. Com que ficasse elétrica.

Andava de um lado para o outro no interior de sua casa de praia. Havia tentado assistir a um filme, mas não conseguia nem se lembrar de qual disco colocara no aparelho de DVD e, por fim, trancou-se em seu quarto favorito. Seu quarto do tesouro. Normalmente, mexer nas coisas que roubara ao longo dos séculos a enchia de alegria. Naquele dia, não muito.

Ela se enfeitara com as joias da rainha Elizabeth e jogara dardos com a adaga do rei Jorge V. Bebera suco de morango com kiwi de um cálice episcopal e desenhara um bigode na versão original da *Mona Lisa*. Tendo passado algum tempo na companhia de Leo, sabia que ele não teria se importado.

O que Lucien pensaria de seus tesouros? Será que recuará, horrorizado ante o mar reluzente de contrabando? Provavelmente. Às vezes, ele conseguia ser um desmancha-prazeres. Ou talvez compreendesse, pensou, esperançosa. Talvez, após lutar com seu demônio durante tanto tempo, ele se desse conta de que os

roubos dela eram seu modo de proteger os humanos do lado mais sombrio de sua própria natureza. Bem, isso e porque ela gostava de coisas bonitas.

Anya suspirou e voltou para a areia reluzente do lado de fora da casa. *Ele não vem*, pensou, decepcionada, olhando as ondas cristalinas do oceano. O sol já se pusera fazia tempo. Depois, se levantara e se pusera novamente. Naquele momento, violeta e amarelo-âmbar brilhavam no horizonte, refletindo-se na água azulada. A areia penetrava entre os dedos de seus pés descalços, e o ar estava perfumado por cocos e orquídeas.

Ela lutara com Lucien e o beijara ali, o máximo de ação que tivera em centenas de anos. Por isso, não queria ir embora. Era tolice sentir a falta dele?

— Provavelmente — murmurou, jogando areia para o alto com um movimento do tornozelo.

Há pouco tempo, vestira um minúsculo biquíni cor de safira com amarras de cada lado da cintura. Se ele tivesse retornado, como ela imaginara, teriam se atracado para valer, e um dos seios poderia ter “acidentalmente” pulado para fora. Ele teria começado a suar, a luta teria se transformado em amor, e ele a teria beijado novamente.

Teriam se tocado novamente.

Ela suspirou. *Não vai acontecer*. A suave brisa soprou uma mecha do cabelo claro sobre os seus olhos. Ela a prendeu atrás da orelha e franziu o cenho. O que ele estaria fazendo? Sentia falta dela? Mesmo que só um pouquinho?

Estaria, naquele exato instante, planejando o melhor modo de matá-la?

O desgraçado provavelmente se sentia feliz por estar longe dela.

— E isso é inaceitável.

Seus olhos se estreitaram quando as mãos se cerraram. Se Lucien não iria até ela, Anya teria que ir até ele.

CAÇADORES HAVIAM CHEGADO ao Templo de Todos os Deuses antes deles.

A minúscula ilha havia começado a se erguer do mar apenas algumas semanas antes e, até então, o resto do mundo não parecia saber disso. Nem mesmo com seus satélites e aparatos tecnológicos. Portanto, Caçadores *também* não deveriam saber.

Então, quem os havia alertado?

Lucien só sabia de tudo aquilo por causa de Anya. Ao ajudar Maddox, ela ajudara a todos eles, revelando a localização das ruínas e explicando a intenção dos novos deuses para eles: levar o mundo de volta às antigas práticas de adoração e sacrifício de sangue. Ela também teria contado aquilo para os Caçadores?

Talvez tivesse feito isto para magoá-lo. Afinal, ele tentara matá-la.

E jamais vi uma tentativa pior do que aquela. Vergonhoso!

Ele travou a mandíbula de irritação. *Agora não é hora de pensar nela.*

Quando é uma boa hora?

Depois.

Ele quase podia escutar Morte aplaudindo alegremente em sua cabeça, e não achava que fosse porque o demônio estava ansioso para tomar a alma de Anya. Lucien não entendia por que o demônio queria vê-la, mas não tinha tempo para ponderar a questão.

Os Caçadores estavam acampados na vegetação em torno do templo e tinham de ser eliminados rápida e certamente. Outrora, ele dera as costas a esta guerra. Não faria isso de novo. Tudo que os Caçadores faziam, cada passo que davam, tinha a intenção de ferir e destruir os seus amigos.

Lucien não os notara naquela manhã, quando se teletransportara para a ilha a fim de dar uma olhada antes de levar os outros. Por outro lado, só se demorara alguns minutos. Morte começara a puxá-lo, uma atração espiritual que frequentemente se manifestava como dor física se ele resistisse por muito tempo.

Acabara por passar o dia acompanhando um humano após outro até o seu destino final, retornando apenas no final do dia, podendo, enfim, fazer a busca da forma como queria e garantir que era seguro para os demais.

Fora então que avistara os Caçadores. Ficara chocado. Ainda estava chocado. Não apenas porque eles haviam chegado ao templo antes dele, mas também porque haviam sido capazes de reunir suas forças tão cedo após a praga. A determinação deles era maior do que imaginara.

Pouco tempo antes, haviam se afastado das ruínas e voltado para o acampamento. Um acampamento que tinham escondido muito bem, usando folhas como telhados e túneis, que haviam cavado ou encontrado, como abrigo.

Há quanto tempo eles estavam ali? Fosse qual fosse a resposta, Lucien já sabia o que haviam planejado.

— Mataremos todos eles — escutara um deles dizendo enquanto caminhavam. Lucien estava no mundo espiritual e, assim, eles não o haviam visto.

— Primeiro, temos de garantir que sofram — um outro retrucara.

— Quando os demônios estiverem trancafiados, acho que vou usar os dentes de um dos guardiões como um colar. Cada vez que eles respiram, soltando o seu mal no mundo, parece que alguém que conheço ou amo é acometido por doença ou desgraça, e já estou cansado disso. Se eles tivessem sido eliminados há anos, minha Marilyn não teria morrido de câncer. Ela ainda estaria aqui. Tenho certeza. O mundo não estará correto até que eles estejam mortos. Podem ter enganado o povo de Budapeste, fazendo-os pensar que eram anjos, mas a história já provou o contrário. Vocês viram a imagem da Morte na Atenas da antiguidade? — Ele estremeceu. — Sequer um único sobrevivente.

Ignore as palavras dele. Obviamente, estavam à procura da caixa. Até onde Lucien sabia, já podiam ter encontrado algum vestígio de sua localização. Ele odiava o fato de eles a quererem, mas entendia o motivo. Depois que haviam matado Baden, o demônio da Desconfiança se libertara de seu corpo sem vida e, naquele instante, ainda vagava pelo mundo, mais enlouquecido e destruidor do que nunca.

Fora então que os Caçadores haviam se dado conta de que não podiam matar os Senhores do Mundo Subterrâneo e os seus espíritos. Sendo assim, para livrar o mundo de ambos, precisavam capturar e subjugar os Senhores e, depois, conter os demônios na caixa. Se conseguissem encontrá-la.

O tempo era um inimigo maior do que nunca. Lucien se teletransportou até os guerreiros, que estavam assistindo a um filme na casa alugada, aguardando-o.

— Finalmente — disse Strider ao avistá-lo. — Estava ficando preocupado.

— Caçadores — disse, e eles se empertigaram imediatamente.

Paris se levantou de um salto, sacando suas armas num piscar de olhos.

— Quantos?

— Conteí treze na superfície. Pode haver mais nos túneis, indo e vindo. Como não posso observar mais de um local por vez, minhas contas podem estar erradas.

Amun retirou uma semiautomática da cintura de suas calças e verificou o pente de munição.

— *Não* vai haver um banho de sangue hoje à noite — disse Gideon, com um sorriso.

Em vez de tomar um barco, como haviam planejado a princípio, Lucien teletransportou a todos para a ilha, um de cada vez. Teria preferido desfilas de vestido diante de Anya a esperar. Para diversão de todos, Paris desmaiou durante a jornada, e foram necessários vários minutos para reanimá-lo. Strider

se saiu bem em seu primeiro teletransporte, sorrindo durante toda a fração de segundo necessária para se mover de um lugar para o outro. Amun não demonstrou nenhuma reação. Como Reyes fizera em outra ocasião, Gideon vomitou, mas se recompôs rapidamente.

O tempo todo, Lucien podia sentir os olhos de Anya sobre si. A ardência no fundo da alma havia retornado, deixando-o exposto. Morte até voltou a ronronar.

Saber que ela estava lá fez com que os músculos de Lucien se retensassem. Não porque achava que ela fosse atacar, mas porque não conseguia parar de pensar na maravilhosa sensação de tê-la nos braços. Não conseguia se esquecer do modo como ela gemera quando a ponta quente de sua língua lhe percorrera o pescoço. O modo como os mamilos dela haviam enrijecido, implorando por sua boca. O modo como as pernas haviam se afastado, deixando-o o mais próximo do paraíso que um homem como ele jamais poderia esperar chegar.

Naquele instante, queria sair daquela ilha. Ele a queria nua em sua cama, queria suas mãos no corpo dela e as *dela* no *seu* corpo. Queria sua boca entre as coxas dela, e a boca de Anya em seu membro. Apenas... queria.

E não podia ter.

Concentre-se! Agachando-se sob o luar e em meio à vegetação, a água correndo ao seu redor, ele murmurou:

— Não interfira.

— O quê? — perguntou Strider, confuso ao se agachar ao lado dele.

— Deixe para lá.

A lua estava alta e adornada por tiras douradas, que acariciavam as areias e a vegetação. Os insetos zumbiam alegremente. Ele poderia ter eliminado os Caçadores por conta própria. Simplesmente se teletransportado para dentro dos túneis e atacado, mas não queria correr o risco de que um deles escapasse.

— Tem certeza de que são Caçadores? — perguntou Paris, agachando-se do outro lado de Lucien.

— Tenho. Vi os símbolos. — Toda facção de Caçadores se marcava com o símbolo do infinito no pulso. “A eternidade sem o mal” era o lema deles.

Lucien não se considerava completamente mau. No passado, sim, havia sido. O demônio o compelira constantemente a tirar vidas, não apenas a levar almas, e ele obedecera. De bom grado. No entanto, não mais. Felizmente, o desejo de matar havia sido domado. Agora, lutava apenas por paz e proteção.

Foi tomado pela tristeza por não poder ter algo além, e fechou os olhos bem apertados por um instante. Se fosse apenas um mortal, já teria se casado e teria passado seus dias cuidando da família e suas noites amando sua esposa. E, ao morrer, teria sido bem-vindo no paraíso.

Contudo, Lucien não fora feito para aproveitar a vida. Fora feito para proteger o rei dos deuses e para defender os céus. E, então, após ter sido unido ao demônio, até mesmo isso lhe fora tirado. *Você mereceu. Sabe que mereceu.*

— Pode ser uma armadilha — disse Strider, chamando-lhe a atenção.

— Eles não sabem que estive aqui, nem pareciam estar se preparando para qualquer tipo de batalha.

Paris agarrou o cabo de uma adaga.

— Como vamos fazer isto?

— Cercaremos o acampamento. Ao meu sinal, atacaremos silenciosamente os túneis, aprisionando-os lá dentro, sem chance de escapar. Há quatro entradas. Já verifiquei antes. Paris, você e Strider cuidam do oeste. Gideon, leste. Amun, norte. Eu fico com o sul.

Cada um dos homens assentiu e obedeceu silenciosamente.

— Ai, que legal! Uma batalha. — Anya riu baixinho, subitamente se materializando ao lado de Lucien. Também uma exímia guerreira, tratou de se

agachar.

Lucien foi instantaneamente envolvido por aquele perfume de morangos com chantilly. Seu sangue ferveu, ardente.

— Silêncio — rosnou, recusando-se a olhar para ela. Aquilo poderia significar a sua ruína.

— Não vai me atacar? — perguntou Anya, e ele poderia jurar ter ouvido decepção na voz dela.

— Não tenho tempo para você agora. — A intenção dele era de que as palavras fossem um insulto, mas elas emergiram banhadas em decepção, em vez de rancor. — Podemos lutar mais tarde.

— Você tem me negligenciado. Não gosto disso.

— Deveria se sentir grata por minha negligência.

— Não seja convencido. — Ela não foi embora zangada, como ele estava esperando que fizesse. Em vez disso, aproximou-se dele. — Posso ajudar você a lutar contra os Caçadores? Por favor, por favor, por favor, posso?

— Não. Fique quieta.

Se os guerreiros o escutaram de suas posições, não deram indício. Ele mal conseguia avistá-los no meio da vegetação. Apenas as pontas de suas cabeças eram visíveis enquanto aguardavam o seu sinal.

— Mas sou especialista em lutar.

— Eu sei — ele retrucou secamente. O peito ainda doía onde ela o esfaqueara. Deveria ser ilegal para uma mulher com a beleza dela ser tão sensualmente sedenta de sangue. E ele não deveria achar aquela sede de sangue tão atraente. — Contou a esses Caçadores sobre o templo?

— Ora, por que eu iria ajudar os Caçadores?

— Para que eles me matassem, fazendo com que você não tivesse mais que se preocupar com a possibilidade de ser morta por mim.

— Não me preocupo com isso agora — disse ela sem rodeios.

Que os deuses o protegessem. As mulheres sempre haviam sido daquele jeito?

— O que está fazendo aqui, Anya? Eu a deixei porque precisava de espaço. De tempo. Será que é pedir muito?

— É. — Ela se moveu na grama, inclinando-se para ainda mais perto dele. — Eu só... Não consigo parar de pensar em você. Senti saudades.

Escutar aquilo era quase doloroso. Uma mentira?

— Anya.

— Não, não. Não diga nada. Você só vai me deixar com raiva e, então, coisas ruins acontecerão. Ah, meus deuses — acrescentou com uma risadinha. — Eu falei igualzinha a você. Olhe, deixe-me ajudar. Não vou atrapalhar. Juro. Palavra de escoteiro. Juro pela minha mãe mortinha. Ou seja lá que tipo de promessa você queira.

Uma gentil brisa salgada soprou, e uma mecha de cabelo de Anya roçou no rosto dele. Lucien experimentou um estado de excitação instantâneo e indesejado, ao afastar do rosto os fios sedosos.

— Eu disse para ficar quieta. Preciso fazer um reconhecimento da área. — Não que ele fosse capaz de se concentrar em qualquer coisa além de Anya, enquanto seu cabelo continuasse a acariciá-lo. — E, pelo amor dos deuses, dê um jeito nesse seu cabelo.

— Quer que eu o corte?

— Raspe.

Infelizmente, ele duvidava de que até mesmo aquilo fosse capaz de diminuir o apelo físico dela. *Concentre-se!*, ele se obrigou a lembrar. Os Caçadores já estavam dentro dos túneis fazia mais de uma hora. Já haviam tido tempo de se acomodar, de relaxar. Não havia movimento ao redor das entradas, nenhum vestígio de um vigia.

— É mesmo? — indagou ela, surpresa. — Quer que eu raspe como aquele senhor da guerra sexy, Vin Diesel?

Quem era Vin Diesel? E por que, subitamente, Lucien queria matá-lo? Ele estalou a mandíbula.

— Sim.

— Se eu fizer isso, você me deixa ajudar hoje?

Havia tanta ansiedade na voz dela que Lucien chegou a desconfiar de que Anya realmente faria aquilo, rasparia por completo a cabeça, até ficar careca. Era óbvio que o cabelo nada significava para ela. A completa falta de vaidade o pegou de surpresa.

Por que aquilo só servia para torná-la mais atraente aos olhos dele?

— Não — disse ele por fim.

— Você é tão chato — resmungou ela. — Ah, adivinhe só. Já me teletransportei para dentro dos túneis, e os caçadores obviamente já estão aqui faz um bom tempo. Têm até prisioneiros.

Todos os músculos no corpo do guerreiro se retesaram.

— Primeiro, você foi lá dentro sem a minha permissão, colocando em perigo a si própria e ao meu objetivo?

— Olhe, querido. — A raiva impregnava a voz dela. — Apesar do que parece pensar, sou um ser poderoso e escolho quando me colocar ou não em perigo. Além do mais, você devia estar contente por eu ter entrado. Se eu tivesse sido capturada, eles poderiam ter poupado o seu trabalho de cortar minha cabeça.

— Segundo — Lucien continuou, como se ela não tivesse falado. Sentia um aperto tão grande na garganta que mal conseguiu proferir as palavras. — Eles têm prisioneiros?

— Há-há. Dois.

Por fim, ele olhou para ela e, na mesma hora, se arrependeu. Ela usava uma leve túnica com detalhes em dourado, e estava ainda mais linda do que ele se recordava. Coroada pelo brilho dourado do luar e emoldurada pelas plantas verdes, ela parecia uma rainha da antiguidade, saída direto dos contos de fadas.

As camadas superiores do cabelo estavam presas num coque no alto da cabeça, e o resto escorria pelas laterais do rosto, implorando pelo toque de Lucien, que sentiu-se surrado pelos punhos implacáveis do desejo.

— Quem são? — ele se obrigou a perguntar.

— Não vai falar nada sobre a minha aparência?

— Não.

Olhar para você é como enfim atravessar os portões do paraíso. Lucien sentiu um aperto tão intenso no peito que achou que o coração fosse parar.

— Sério, por que me dou ao trabalho? — ela resmungou. — Eu podia pesar quatrocentos quilos, feder a esgoto e usar sacos de lixo, que a sua reação seria a mesma.

— Os prisioneiros — ele insistiu sombriamente.

Ela deu de ombros e o material quase transparente do robe escorregou por um dos braços delicados, caindo até o cotovelo, revelando centímetro após centímetro de pele clara. Aquilo era...? Deuses do céu, era. Lucien pôde ver o volume da parte inferior do seio dela. Teve tanta vontade de prová-lo que os dentes chegaram a doer.

— O que tem eles? — ela perguntou. — São humanos.

O guerreiro se viu tentado a oferecer a própria alma a Cronos se o deus concordasse em poupá-la e permitisse que a lambesse. Um único movimento da língua. Era tudo que queria. *Por favor.*

— E?

Os lábios fartos de Anya se curvaram num sorriso.

— São pessoas que podem ter exatamente o conhecimento que você procura. Mas não me pergunte mais nada, porque não vou contar. Você nem comentou sobre o meu vestido, e depois de todo o trabalho que tive para roubá-lo.

— Roubar é errado. Mas ele é... bonito. — Bonito era pouco. Uma mentira. Ficava maravilhoso nela. Ficaria ainda melhor no chão do quarto dele. *Pensamento tolo.* — Eles sabem sobre a caixa de Pandora?

— Já disse, não vou contar — ela bufou. — Não era para você dizer que ele é bonito. Devia me mandar tirá-lo, porque eu ficaria ainda melhor sem ele. Lucien, juro pelos deuses, estou por isso aqui — ela juntou dois dedos em forma de pinça — de desistir de você. Pouquinho assim!

Não pense nas palavras dela. Ele poderia apostar que os prisioneiros sabiam algo a respeito da caixa de Pandora. Sim, este era um assunto muito mais seguro. Por que outro motivo os Caçadores haveriam de aprisioná-los? Seus olhos se estreitaram ao fitar os túneis. Não podia correr o risco de ferir os prisioneiros. Não só queria proteger vidas inocentes, como qualquer conhecimento que pudessem possuir, que *ele* quisesse possuir.

— Você é tão frustrante! Preferiria que tentasse me matar de novo a me ignorar.

Com um suspiro, ele olhou para a vegetação que os cercava. Os guerreiros ainda estavam esperando seu sinal, sem dúvida, se perguntando o motivo do atraso. Sem dizer uma palavra para Anya, ele se teletransportou até Paris e Strider e lhes disse para terem cuidado com os prisioneiros humanos e que ele precisava de mais alguns minutos. Depois, fez o mesmo com Amun e Gideon. Com exceção do previsivelmente silencioso Amun, os guerreiros rosaram.

Depois, ele se teletransportou de volta até Anya. Para cima dela, para ser exato, esforçando-se para não se deleitar com a sensação do corpo quente encostado no seu, ou do volume dos seios de encontro ao seu peito, quando a

virou. Poderia ter aparecido ao lado dela. Sim, poderia. Apenas não quisera fazê-lo. Isso garantiria que Anya não fugiria. Pelo menos foi a razão que Lucien deu a si mesmo.

— Ora, seu... hmm. — A voz dela foi sumindo, e Anya gemeu de prazer. Semicerrou os olhos, e os cílios lançaram sombras sobre as faces. — Quer dar uns amassos?

Sim.

— Não. Espere aqui.

Lucien se teletransportou para o próprio quarto em Budapeste, as palavras excitadas de Anya ainda ecoando em seus ouvidos. Durante uma aparentemente interminável maldição mortal de Maddox, eles tiveram de acorrentá-lo à cama todas as noites, para evitar que ele irrompesse numa explosão de violência descontrolada, colocando os amigos em perigo.

Quando a maldição fora quebrada, Maddox quisera que o metal fosse destruído, mas nada que haviam tentado fora capaz de derreter ou romper os grilhões divinos. Impedido de se livrar deles, recusando-se a usá-los em Aeron e receando que Caçadores pudessem encontrá-los e usá-los contra um dos Senhores do Mundo Subterrâneo, Lucien os guardara em seus aposentos.

Ele pegou as correntes do armário, colocou no bolso as chaves e prendeu duas das extremidades à cama, deixando as duas outras extremidades abertas e preparadas. Determinado, teletransportou-se novamente até Anya. Ela não se movera, e ele, mais uma vez, se posicionou sobre ela.

Quando ela se deu conta de que ele havia retornado, envolveu-lhe a cintura com as pernas e lambeu-lhe a extensão do pescoço.

— Seja lá o que tenha despertado esta tendência assanhada em você, eu aprovo totalmente.

O membro dele latejou, crescendo e inchando, incendiando-o. Subitamente, ele se viu desesperado, mais carente do que nunca. A mulher que

desejava, com quem vinha sonhando constantemente, contorcia-se debaixo dele, passando as mãos por seu corpo, tão ansiosa por mais quanto ele.

Um beijo. Só isso.

Lucien não sabia dizer se havia sido o demônio falando ou ele pensando. Só sabia que, se beijasse Anya, não conseguiria parar. Beijar aquela mulher já provara ser mais excitante do que fazer amor com qualquer outra. E, mesmo que a hora e o local fossem apropriados, Lucien sabia que não deveria buscar sua satisfação com uma mulher que seria forçado a matar em breve.

Não permita que a história se repita. Acabe logo com isso.

— Lucien — ela arquejou. — Beije-me.

— Logo — ele jurou, e era a verdade.

Por mais depravado que aquilo fosse, por mais que ele soubesse que não devia e tivesse acabado de tentar se convencer a não fazê-lo, Lucien não seria capaz de desferir o golpe mortal até que houvesse se apossado mais uma vez da boca de Anya.

Permanecendo em cima dela, ele teletransportou os dois até seu quarto, até sua cama. Quando as costas de Anya tocaram o colchão frio, ele lhe pegou as mãos e as prendeu nos grilhões. *Clink.*

Ao contrário do que o guerreiro esperava, ela não protestou.

A deusa da Anarquia olhou ao redor e murmurou:

— Hmm, seu quarto. Sempre quis ser convidada a vir aqui. — Sorrindo, ela arquejou a parte inferior do corpo na direção do dele... bons deuses... e ronronou em seu ouvido. O som delicioso se misturou ao zumbido de aprovação do demônio. — É alguma nova brincadeira safada? — Ela até mordeu o lóbulo da orelha dele. — O que acontecer em Budapeste fica em Budapeste. Eu prometo.

A ereção dele latejava à medida que o prazer, tanto prazer, ia tomando conta de sua pele, de seus músculos. Um arrepio lhe percorreu o corpo, quente

e voraz. Mais uma vez, seu sangue voltou a ferver; mais do que ardente, mais do que fervilhante. Era como lava em suas veias, preenchendo cada canto dele com desejo. A boca de Lucien estava se abrindo, preparando-se para devastá-la com o beijo que ele havia lhe prometido, prometido a ambos. Contudo, mais uma vez, conseguiu se conter.

Nada de contato. Nada de beijos. Ainda não. Havia Caçadores a matar.

Também não podia se apaixonar por ela. Nada de querer mais. Cedo ou tarde, Anya teria de morrer. Ser amante dela, além de seu carrasco, o tornaria tão desprezível quanto o demônio que trazia dentro de si.

— Não vai brincar comigo? — perguntou ela com aquela sua voz rouca. — Não vai me beijar? Logo é agora.

— Anya.

Ele não sabia mais o que dizer. Seu peso a deixava encostada no colchão, e ela afastou ainda mais as pernas, forçando-o a afundar mais nela. Lucien já estava impossivelmente rígido, e sua ereção se esfregava nela como que por vontade própria, as roupas apenas contribuindo para a fricção elétrica.

Ela mordeu o tendão do pescoço de Lucien e se balançou de encontro a ele, prolongando o contato. Lucien segurou-lhe os quadris, para fazê-la parar, e o ato lhe custou caro. Teve de cerrar os dentes ante a incontrolável onda de desejo reprimido.

— Gosto desta brincadeira — ela disse, ofegante. — Tem alguma regra?

— Apenas uma — ele conseguiu falar por entre os dentes cerrados.

— Qual? — Os joelhos dela se esfregavam nas laterais do corpo dele, puxando-o mais para dentro.

— A única regra... — Ele levou as mãos ao rosto dela, acariciando-lhe a pele macia como veludo. Ah, se ao menos pudesse ficar ali para sempre. Ou, então, ao menos deliciar-se com a presença de Anya por mais alguns instantes. — A única regra é que você deve ficar aqui.

— Hmm, eu adoro quebrar as... ei. O quê? — Ela franziu o cenho ao olhar para ele. — Ficar aqui *com você*, certo?

— Não.

Ele se levantou da cama, interrompendo o contato. Seu corpo gritou em sinal de protesto. O demônio o amaldiçoou. De todos os crimes de Lucien, deixá-la ali, daquele jeito, subitamente, lhe pareceu o pior.

Ela franziu ainda mais a testa.

— Lucien? O que... — Ela tentou erguer os braços, mas não conseguiu. Seus olhos se estreitaram ao fixar a cabeceira, onde se demoraram por um instante, enquanto ela dava outro puxão na corrente. Depois, voltaram-se para ele. — Não estou entendendo.

— O único prazer que receberá nessa cama será o prazer que você mesma se der. — *Por enquanto.*

Deuses, não pense assim.

— Por mim, tudo bem. Mas, se quiser assistir enquanto me dou prazer, vai ter que soltar as correntes.

Mais uma vez, não foi a resposta que ele esperava. Lucien teve vontade de grunhir. Anya... Suas mãos entre as pernas... Esfregando o clitóris... Levando a si mesma ao orgasmo... Se apenas imaginar já era absolutamente erótico, de tirar o fôlego e o deixava de pernas fracas, como seria presenciar de fato a cena?

— Fique aqui — ele disse com dificuldade. — E fique quieta. Virei buscá-la. Dou minha palavra.

— Virá me buscar? — Desta vez, os olhos dela se arregalaram. — Aonde vai? E acho bom dizer que vai pegar um chicote e uma coleira de rebites, porque tudo o que você quer é ser meu escravo, ou vai se arrepender.

— Vou voltar para o templo. Retornarei assim que os Caçadores forem derrotados.

Uma exclamação de surpresa escapou dos lábios dela. Talvez também houvesse percebido um pouco de mágoa, mas Lucien se recusou a acreditar nisso.

— Posso me teletransportar com você. Correntes não podem me segurar.

— Essas podem. Foram feitas para imortais.

Um segundo se passou. Outro.

Ela o encarou, a boca cerrada firmemente. Lucien teria preferido aquela boca macia, passeando por todo o seu corpo. Qualquer chance disso acontecer fora arruinada pelos acontecimentos do dia. Ele não tinha dúvidas quanto a isso. Era melhor assim, disse a si mesmo, mas não conseguiu impedir uma onda de amarga tristeza.

— Está dizendo que não posso me teletransportar? — disse ela com raiva.

— É exatamente o que estou dizendo.

— E vai me deixar aqui desse jeito?

— Vou. Comporte-se — replicou ele, e a deixou, materializando-se no exato local que abandonara.

No instante em que a grama verde o cercou, Lucien foi tomado pela culpa e pela voracidade. Culpa porque a deixara indefesa. Voracidade porque... Bem, porque tinha na cabeça a recente, provocante, maravilhosa lembrança de estar sobre ela.

E ela dera a impressão de querê-lo. Até Lucien estragar tudo.

O que faria com ela? A mulher o deixava confuso!

Provavelmente o estaria odiando naquele instante. Jamais o perdoaria. Ela... apareceu do lado dele e o socou no olho.

— Desgraçado! — rosnou.

O guerreiro se viu tomado de surpresa e dor ao olhar para ela. Maldição, ela era forte! O ferimento começou a inchar e ele desconfiou que ela havia rachado o osso.

— Como se libertou?

Fazia séculos que aqueles grilhões eram inquebráveis.

— Tenho meus recursos.

— Como? — insistiu ele.

— Não posso ser trancafiada, está bem? Não importa o que use, *não posso ser contida*. E, se tentar fazer algo assim de novo... — Ela cerrou os punhos. — A liberdade é tudo. Sabe disso melhor do que ninguém, já que foi forçado a abrigar um demônio. Durante séculos, foi até obrigado a tomar a alma de seu amigo todas as noites. Uma obrigação da qual eu o ajudei a se libertar. Lembra? E você ainda tenta tirar a *minha* liberdade... Ah! A minha vontade é de serrar você ao meio com uma das minhas unhas.

É melhor assim, lembra-se?

— Aquelas correntes já foram usadas em deuses, e jamais falharam. Apenas a chave pode abri-las, e ela está no meu bolso.

— Grande porcaria, seu filho da mãe! Eu disse que era poderosa. Não tenho culpa se você não quis me ouvir. Agora, vou ajudar a lutar contra os Caçadores, e você terá sorte se minha mira não falhar acidentalmente de propósito e o matar. Na verdade, acho que nem vou esperar você. — Ela olhou de relance para os túneis e contou com a ponta do dedo. — Vejo você no... segundo túnel, docinho. Era onde estava o maior e mais malvado dos Caçadores da última vez que olhei. Vou fingir que ele é você e varrer o chão com o infeliz.

Ela desapareceu um instante depois, deixando para trás apenas uma nuvem de morangos, chantilly e fúria arrogante. Maldição! Ele assoviou e saltou à frente. Os guerreiros, já impacientes, avançaram como se alguém houvesse cortado as amarras imaginárias que os prendiam.

Em silêncio, tiraram de seus caminhos folhas e galhos secos. Quando Lucien chegou ao segundo túnel, o de Gideon, ele arrancou o telhado improvisado e saltou lá para dentro, não querendo se teletransportar e surpreender os próprios

homens. Gideon franziu o cenho, mas nada comentou ao segui-lo. Todos os guerreiros estavam com as armas em riste, prontas para ser usadas.

Escutaram um grunhido. Um grito. Lucien retesou o corpo, olhando... olhando... Inferno, não conseguia ver Anya, e nem conseguia ver...

Caçadores. Ali. Dois deles, no canto. Um estava surrando um humano mais velho, e o outro, subjugando um homem de meia-idade. Ambos os prisioneiros imploravam aos Caçadores para que parassem.

— Fale o que preciso saber — disse um dos guerreiros, seu tom racional não combinando com a violência de seus atos —, e a dor terminará. É tudo o que tem de fazer.

— Estou cansado de voltar de mãos vazias — acrescentou o outro, o mais alto e mais musculoso, chutando o homem mais velho na barriga.

Ouviu-se um gemido. O mais jovem gritou:

— Pare. Ele não sabe mais nada!

— Sabe, sim. Só pode saber. Conte ou morra. São suas únicas opções neste momento.

O que chutara avançou, inclinando-se na direção dos rostos dos prisioneiros.

— Se escolher a morte, saiba que não será rápida e nem gentil, está me entendendo? Morrerá pouco a pouco.

— Deixe o meu pai em paz. — O homem mais jovem havia jogado os braços ao redor do mais velho, protegendo-o com o próprio corpo. — Juro que já lhes contamos tudo que sabemos. Deixem-nos ir. Por favor.

— Não contaram, não. Estão protegendo aqueles demônios, podem até estar trabalhando com eles.

Como se estivesse esperando pela chegada de Lucien, Anya apareceu ao lado do Caçador maior e simplesmente lhe cortou a garganta, antes mesmo que ele

soubesse que ela estava ali. O corpo do homem tombou ao chão, e ela lançou um olhar para Lucien, que parecia dizer: “Olhe só o que fiz.”

Acabara de matar um homem, violentamente, sem hesitação, e estava coberta de sangue. Vê-la sorrir pelo que havia acabado de fazer abalou as bases do mundo de Lucien. Ela era um anjo lindo e sedutor, mas também era uma assassina. Como ele.

Embora estivesse inebriado pela visão e quisesse apenas ficar admirando-a, Lucien ainda conseguiu arremessar duas adagas no segundo Caçador. Uma se fincou na garganta do homem, a outra, em sua coxa. Duas estocadas fatais e, em vez de escolher, ele achou que duas eram melhor do que uma. Por via das dúvidas. Imortal ou não, ele não estava muito feliz com a proximidade de Anya de toda aquela ação. Ela poderia se machucar, e a simples ideia de um daqueles Caçadores tocá-la despertou uma ira profunda em seu íntimo.

— Atrás de você! — gritou Anya subitamente.

Ele se virou, mas não a tempo. Um Caçador havia se escondido nas sombras e, naquele momento, se lançou silenciosamente na direção de Lucien. Eles se chocaram e caíram no chão, uma lâmina lentamente se aproximando do pescoço de Lucien. O homem não parecia receoso de matar Lucien e libertar seu demônio no mundo. Parecia ter enlouquecido, e a morte era tudo em que pensava.

— Cria do demônio! — xingou seu oponente. — Estive esperando por este dia.

Lucien se teletransportou, fazendo com que o Caçador fosse de cara no chão. Sangrando, ele reapareceu atrás do homem, estendeu as mãos e lhe quebrou o pescoço. Ao mesmo tempo, Anya apareceu ao seu lado e esfaqueou o homem no peito.

Ofegante, Lucien se endireitou e perguntou:

— Onde estão os outros?

— Já matei dois, e não vi o resto.

Ela limpou o sangue no vestido, as manchas escarlates contrastando com o branco virginal.

Mais uma vez, a visão foi, de algum modo, mais erótica do que tê-la esparramada em sua cama. Uma beldade de aparência delicada, letal e corajosa. Uma princesa guerreira, que também parecia impressionada com ele, já que o olhava dos pés à cabeça com um ardor luxurioso.

— Bela mira — disse ela.

Dando-lhe as costas antes que Anya notasse sinais de sua excitação, ele olhou ao redor. Os Caçadores haviam escolhido sabiamente o esconderijo e o fortificado muito bem. Havia vários aposentos e corredores, as paredes enlameadas eram sustentadas por grossas toras de madeira. Havia uma mesa nos fundos, sobre a qual ele pôde ver pilhas altas de latas de comida e lenha para a fogueira.

De soslaio, viu Anya se ajoelhar diante dos prisioneiros, que estavam encolhidos no chão, provavelmente com medo de que o anjo vingador também lhes fizesse mal.

— Não se preocupem — ela disse, tranquilizadora. — Só estou interessada na destruição dos bandidos. Vocês não têm nada a temer de mim. Vamos tirá-los daqui.

Tanta gentileza. Até mesmo Lucien ficou encantado.

De um dos corredores, ele escutou um grunhido, um baque surdo, seguido de um estridente berro de dor. Uma fração de segundo depois, gritos humanos vieram dos outros corredores, gritos que foram prontamente interrompidos. Lucien se postou diante de Anya, preparado para lutar caso alguém aparecesse.

Foi então que Paris emergiu de um dos aposentos, o rosto exibindo cortes e hematomas. Lucien relaxou.

— Os meus dois estão mortos — disse o guerreiro com orgulho, embora também um pouco fracamente.

Amun chegou pelo outro lado, com sangue espirrado no rosto. Nada disse, nunca dizia nada, mas assentiu. Seus alvos também haviam sido derrotados.

Strider e Gideon apareceram atrás dele, ambos sorriam.

— Peguei três — informou Strider, e Lucien notou que o amigo estava mancando. — Levei uma facada na coxa, mas a vitória é nossa.

— Eu falhei — disse Gideon arrogantemente.

— Acho que as cavernas são interligadas — comentou Paris. — Rugas de esforço agora marcavam seu rosto impossivelmente perfeito. A luta devia ter esgotado o que restava de suas forças. Normalmente, àquela hora do dia, já havia possuído uma ou duas mulheres, *precisava* de uma ou duas mulheres para saciar o seu demônio, mas Luxúria não levava uma mulher para a cama desde o voo do dia anterior.

Anya caminhou dos prisioneiros até o lado de Lucien, atraindo para si a atenção dos outros. Todos inspiraram... em sinal de reverência? De excitação? De surpresa?

— Por que diabos *ela* está aqui? — Strider quis saber. — E por que uma deusa secundária lutaria contra Caça...

— Ei! Eu não sou secundária! — afirmou Anya, batendo o pé.

Lucien não teve chance de responder. Morte o atormentava insistentemente, quase dolorosamente, sua necessidade de colher almas mais forte do que o normal. Morte também se queixava no interior de sua cabeça, em conflito, pois tanto queria permanecer ao lado da linda Anya quanto precisava agir.

Qual era o poder que ela detinha sobre a criatura? Como detinha tal poder?

— Eu já volto — ele anunciou.

Permitiu-se ser puxado por completo do mundo físico para o mundo espiritual. Poderia ter deixado seu corpo para trás, mas não queria que os

guerreiros tivessem de se preocupar em guardá-lo. Seus amigos, e até mesmo Anya, desapareceram de seu campo de visão.

Viu apenas os Caçadores, largados no chão, todos ensanguentados e desprovidos de vida. No interior dos corpos quase mortos, seus espíritos se debatiam, esperando por ele.

— Anya — chamou Lucien. Não gostava da ideia de deixá-la a sós com os outros guerreiros. Não tinha como saber o que eles fariam, especialmente Paris.

Ela não apareceu. Ela já o seguira até aquele plano antes, sabia disso, pois a havia sentido. Por que não naquele instante?

Ela pode cuidar de si mesma. Você já teve provas disso.

Rápido! Lucien não era responsável por todas as almas do mundo. Na verdade, a muitas era permitido permanecer, vagando pelo mundo, invisíveis. Ele enlouqueceria se tivesse de permanecer todo o tempo naquele plano, sem fazer nada a não ser viajar da Terra para o inferno e da Terra para o paraíso. Já era um fardo grande o bastante ser responsável por aqueles cujo lugar de descanso final já fora determinado.

Em seu íntimo, sempre sentia para onde deveria escoltar as almas. Às vezes, até via os momentos finais da vida de uma pessoa, fossem esses momentos mergulhados em repugnante crueldade ou incontestável bondade.

Estudando seus alvos, Lucien suspirou. Havia uma aura negra circundando todos eles, revelando a corrupção de suas naturezas. Em breve, aqueles homens arderiam nas chamas eternas. Não que ele estivesse surpreso. Apesar de alguns Caçadores até chegarem ao paraíso, Lucien logo soubera que não seria o caso daqueles. Eram fanáticos demais e haviam torturado inocentes em busca de respostas.

— Esta é a *paz* que tanto queriam?

Lucien flutuou sua presença spectral até o primeiro corpo. Abrindo a mão e esticando os dedos, estendeu-os para dentro do peito do Caçador. Quando

sentiu uma resistência fria como gelo, fechou rapidamente os dedos.

O espírito se deu conta de que havia sido capturado e começou a resistir, enquanto Lucien o arrancava do corpo. Seus olhos se encontraram, e Lucien sabia que os dele ardiam com um fogo azulado e castanho.

— Não! — gritou a alma. — Não. Deixe-me ficar aqui.

Os pecados do homem subitamente passaram diante dos olhos do demônio e, conseqüentemente, dos de Lucien. Como o homem já provara, ele se considerava acima da lei, matando quem se metesse em seu caminho... Homens, mulheres, crianças... tudo em nome de um mundo melhor.

Maldito.

Segurando firmemente o espírito que protestava, Lucien se teletransportou até a entrada do inferno. Não de Hades; aquele mundo subterrâneo sombrio era reservado para os que não mereciam nem as torturas do inferno e nem as glórias do paraíso. Aquele homem merecia as chamas. Embora os portões que levavam às profundezas ardentes estivessem fechados, Lucien podia sentir o intenso calor se irradiando, podia escutar a sinfonia de gritos atormentados vinda lá de dentro, a gargalhada demoníaca. As zombarias. O revoltante cheiro de enxofre que impregnava toda a região, fazendo com que qualquer um tivesse vontade de vomitar.

Durante milhares de anos, levava Maddox para lá todas as noites, odiando a si mesmo o tempo todo, desejando que houvesse algo que pudesse fazer para aliviar a angústia do amigo, mas sabendo que não havia nada. Até Anya. Como gostava de lembrar, ela os salvara.

— Por favor! — gritou o espírito. — Eu sinto muito por...

— Não adianta implorar — disse ele, sem emoção.

Ao longo dos séculos, escutara todos os apelos que se poderia imaginar. Nada o comovia.

O que fará se Anya implorar? E então?

Subitamente, ante a noção de levar até ali uma criatura tão adorável, Lucien teve vontade de vomitar, gritar, matar. Apesar de seu crime, ele duvidava de que ela merecesse arder, a pele derretendo sobre o corpo sedutor, apenas para se regenerar e derreter novamente.

Talvez, quando ela morresse, fosse aceita no paraíso.

Pelo menos ele podia rezar por aquilo.

— Por favor! — gritou o espírito do Caçador, quando duas enormes rochas se abriram sobre o abismo. Chamas alaranjadas e douradas emergiram de lá, estalando e crepitando, o cheiro de enxofre mais forte ao se mesclar com os odores de cabelo queimado e pele apodrecendo.

A resistência do espírito se intensificou.

Quando Lucien viu escamosos braços demoníacos emergindo das chamas, quando ouviu a zombaria se transformar em risadinhas ansiosas, lançou o espírito lá dentro. Os braços escamosos o agarraram e o puxaram para dentro do abismo. Lucien escutou um grito tão cheio de sofrimento que chegava a ser quase ensurdecedor, e as rochas voltaram a se fechar.

Não sabia o que mantinha os demônios lá dentro, só sabia que algo mantinha. Algo que não fora capaz de conter o demônio que ele abrigava, o que fora o motivo do demônio não ter sido devolvido ao inferno após ter escapado, *graças a você*, da caixa de Pandora.

Se não tivesse aberto a caixa, talvez jamais conhecesse Anya. E teria sido melhor assim, procurou se convencer, apesar da súbita sensação de que era o certo conhecê-la. Não teria recebido a ordem de matá-la.

Ele repetiu a jornada com cada um dos Caçadores mortos e, quando terminou, abriu os olhos para se ver de volta ao domínio físico. As paredes da caverna pareciam sufocá-lo, sombrias e opressoras. Estava tudo quieto, mas Lucien não saberia dizer se o silêncio era preferível aos gritos do Mundo

Subterrâneo. Sua mente queria preencher cada segundo com pensamentos em Anya.

Ela o deixava obcecado.

E Lucien notou que ela não estava mais lá. A decepção o tomou.

Tendo percebido o que estava acontecendo, seus homens deram continuidade ao que precisava ser feito, e haviam cuidado dos ferimentos dos inocentes. Ou talvez Anya o houvesse feito antes de partir. Para onde teria ido?

— Não entendo — disse Paris para um dos humanos surrados. — Em troca do quê?

— Artefatos — o velho conseguiu dizer através dos lábios inchados. — Inestimáveis, divinos, poderosos. Cada um levará seu portador para mais perto da caixa de Pandora, ajudando-o a, finalmente, obtê-la.

A caixa de Pandora. Palavras com a garantia de obter sua total atenção. Lucien se juntou ao grupo.

— Como os artefatos nos ajudarão a encontrar a caixa?

Amun estava mais afastado, de guarda, mas virou a cabeça ao ouvir Lucien falar. Strider lançou um olhar em sua direção e resmungou:

— É bom tê-lo de volta.

— A mulher?

— Ainda está aqui — respondeu Gideon, o que significava que ela realmente fora embora.

— Simplesmente desapareceu, logo depois de você — informou Strider. — Por que ela aparece toda hora?

Lucien não respondeu, pois não sabia o que realmente motivava Anya. *Senti saudades*, ela dissera. Sentira mesmo? Lucien não tinha certeza. Ela era tão misteriosa quanto bela.

— Quem são esses homens, e como esses artefatos nos ajudarão a encontrar a caixa?

Strider deu de ombros com a abrupta mudança de assunto.

— São mortais que dedicaram a vida ao estudo da mitologia. E não sei.

— Podemos ir para casa? — perguntou o mais jovem. Seus olhos castanhos estavam marejados. — Por favor.

— Em breve — prometeu Lucien gentilmente. — Só precisamos saber o que vocês contaram aos Caçadores.

— Caçadores? — os dois perguntaram em uníssono.

— Os homens que os capturaram.

— Desgraçados — disparou o mais jovem. — Planejam nos matar depois que lhes contarmos?

— Não — disse Strider, rindo. — Por favor... Olhe para você e, depois, olhe para mim. Não perco o meu tempo com alvos insignificantes.

O homem mais velho engoliu em seco e abriu a boca.

— Não — disse o filho.

— Está tudo bem. Vou contar. — O velho inspirou pesadamente pelos lábios cortados e ensanguentados. — De acordo com as histórias antigas, existem quatro artefatos. O Olho Que Tudo Vê, o Manto da Invisibilidade, a Jaula da Coação e o Cetro Divisor.

Dois lhe pareceram conhecidos, o que o agradou. Dois não eram familiares, o que o deixou confuso. De modo geral, a ironia da situação o revoltava. Se aqueles humanos estivessem certos, sabiam mais sobre o mundo que ele outrora habitara do que o próprio Lucien, um ex-soldado dos deuses.

— Fale deles. Por favor.

Com medo no olhar, o homem prosseguiu:

— Algumas lendas dizem que os quatro pertenciam a Cronos. Outras dizem que cada um pertencia a um Titã diferente. A maioria dos relatos concorda que, quando Zeus derrotou Cronos, ele, Zeus, os espalhou pelo mundo, para evitar que o antigo rei dos deuses os usasse novamente, caso

algum dia conseguisse escapar de sua prisão. Pois havia sido profetizado que os Titãs, por fim, destruiriam os gregos para sempre.

Por que Zeus não matara Cronos logo de cara, em vez de aprisioná-lo? Por outro lado, por que Cronos não matara Zeus após fugir? Por que escolhera o cárcere? Deuses. Provavelmente jamais os entenderia, pensou Lucien, mesmo que dedicasse anos ao estudo deles, como aqueles mortais haviam feito.

— O que mais sabem sobre os quatro artefatos?

O mais jovem deu de ombros, assumindo o relato da história.

— O Olho Que Tudo Vê permite que se vislumbre o além, iluminando o caminho correto. O Manto protege quem o usa de olhos curiosos. O Cetro talvez seja capaz de abrir o oceano, embora haja divergências quanto a isto, e a Jaula escraviza quem quer que seja aprisionado nela. Como tínhamos dito, os quatro são necessários para se encontrar e obter a caixa, ou pelo menos é o que diz a lenda, mas não sabemos a razão.

— E onde estão esses artefatos agora? — Paris tratou de perguntar.

Todos os guerreiros cercaram os dois homens, aguardando com grande expectativa a resposta.

O mais velho suspirou ao recuar lentamente, como se temesse que os guerreiros explodissem ao ouvir suas próximas palavras.

— Mais uma vez, não sabemos. — Ele riu, um som amargo. — Há muito que os procuramos, e jamais encontramos qualquer indício de que existam de verdade.

— Foi por isso que aqueles desgraçados nos trouxeram aqui — acrescentou o mais jovem. — Para ajudá-los a procurar pistas.

— Eles encontraram alguma coisa? — perguntou Lucien.

— Não. — O mais jovem balançou a cabeça. — E, a cada dia que passava, ficavam mais frustrados. Eles têm homens espalhados pelo mundo inteiro, procurando. Por mais que eu não queira que seja o caso, duvido seriamente de

que haja algo a ser encontrado. Se houvesse, já teríamos encontrado a esta altura.

Lucien sabia que os Caçadores estavam espalhados pelo mundo inteiro, mas desconhecia a existência dos artefatos. Por culpa própria, na verdade. Por tanto tempo, se isolara intencionalmente do restante do mundo, feliz em viver na tranquilidade de sua fortaleza; os céus, uma lembrança distante e amarga. Nunca mais.

Cronos certamente queria os itens de volta. Desesperadamente. Talvez Lucien pudesse tirar vantagem disso. Fez uma anotação mental para visitar Sabin e os guerreiros em Roma, para alertá-los.

— É tudo que sabem? — perguntou aos homens.

Ambos assentiram com desconfiança.

— Estamos gratos pelas informações. Agora, vamos levá-los para casa — disse Lucien, envolvendo com os dedos os pulsos de cada um deles.

— Nossa casa fica em Atenas — disse o mais jovem com uma voz trêmula, embebida em esperança. — Moramos juntos, e podemos voltar sozinhos.

Lágrimas de alívio escorriam pelas faces do mais velho.

— Obrigado. Você é... um deles? Dos imortais? Você desapareceu ainda há pouco.

— Dê-me o endereço — disse Lucien, fingindo não ter ouvido a pergunta. — Eu os levarei até lá.

Quando o pai obedeceu, com a reverência estampada nos olhos, Lucien os teletransportou.

Surpreendentemente, Anya estava aguardando na casa deles. Andava de um lado para o outro na espaçosa mas aconchegante sala de estar. Sequer um vestígio de emoção cruzou suas feições ao avistá-lo.

— Vou apagar a memória deles — disse ela, com voz igualmente desprovida de emoções. — Não vão se lembrar de nada dos Caçadores, de nada

dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

Por mais que não quisesse, Lucien ficou louco de felicidade por vê-la e agradecido por ela ainda pretender ajudá-lo. Contudo, teletransportou-se de volta para a ilha sem dizer uma só palavra. Uma palavra teria levado a outra, e essa palavra teria levado a uma súplica... *Beije-me, toque em mim, por favor...* E ele teria acabado desafiando Cronos. *Não a matarei. Matarei você.* Porque, naquele instante, Lucien não se importava com as maldições que Cronos podia lançar sobre si e seus amigos. Não se importava com fato de que o rei dos deuses pudesse fazê-los sofrer por toda a eternidade.

Sem Anya, ele sofreria de qualquer modo.

Capítulo Seis

— RASPAR MINHA cabeça — resmungou Anya sombriamente. Como Lucien reagiria se ela de fato fizesse aquilo? Se, da próxima vez em que aparecesse para ele, ela estivesse careca? Provavelmente, a chamaria de “feia” e de “inocente”, e resistiria com fervor ainda maior a ela. — Cretino.

E, no entanto, por mais tolo que isso pudesse parecer, sentia saudades dele.

Quando ele se teletransportara para o mundo espiritual para escoltar aquelas almas até o inferno, ela se teletransportara para a casa dos humanos, sabendo que Lucien logo chegaria. Vê-lo mais uma vez a afetara profundamente. Ela quase se atirara em cima dele, feliz por ele estar são e salvo, o pescoço e o rosto já sarando. Anya só conseguira reprimir o ímpeto ao reprimir também as próprias emoções.

Mais tarde, retornara para a sua praia no Havaí, desanimada, e vestira seu maiô branco favorito. Naquele instante, caminhava à beira da água, chutando areia reluzente para todos os lados, os cabelos soltos lhe descendo pelas costas, úmidos e encaracolados. O sol brilhava quente, acariciando-lhe a pele. Ondas iam e viam, levando embora alguns grãos rosados, e todas as emoções que reprimira momentaneamente a atingiram com igual determinação.

— Tudo que eu queria fazer era ajudá-lo.

E o que conseguira em troca de sua generosidade? Ele fingira desejá-la, até a acorrentara na cama... e desaparecera. Isso *ainda* a magoava. Ela estivera desesperada por ele, e Lucien não via a hora de fugir dela.

— Sou uma idiota completa.

Por que não conseguia esquecê-lo?

Nenhum homem jamais a havia afetado daquele jeito e, apesar de sua maldição, ela saíra com muitos! Todos haviam sido mortais, divertidos por algum tempo, enquanto a cobriam dos elogios que ela sempre ansiara receber dos deuses, mas a maioria deles fora tão esquecível quanto Anya queria que Lucien fosse. Os mais memoráveis tinham se tornado seus amigos, embora ela houvesse se recusado a dormir com eles.

Um a um haviam morrido. Apesar das amizades terem sido de pouca importância, as perdas a haviam magoado; a humanidade deles, uma fraqueza que ela passara a desprezar. Não se envolvia mais com humanos. Havia vários anos que não o fazia. Por causa disso, algumas noites eram tão solitárias que ela se via abraçando o ursinho de pelúcia que roubara da grande inauguração de uma filial da Toys “R” Us.

Com Lucien, não se sentia solitária. Sentia-se empolgada. Cada instante era uma surpresa. E ele não queria nada com ela.

Grrr! Dali em diante, ficaria longe dele. Anya o faria ir até ela. Mais cedo ou mais tarde, ele teria de fazê-lo se pretendesse obedecer a Cronos. Contudo, a paciência jamais fora a maior das suas virtudes, e, apesar de tudo, à medida que o dia ia passando, Anya foi se dando conta de que precisava vê-lo novamente.

— Não sou idiota. Sou *muito* idiota.

Observar Lucien lutando devia ser a coisa mais sensual que já vira. Pura força letal e Morte absoluta, manuseando aquelas adagas com velocidade e

fluidez. Os olhos de cores diferentes haviam brilhado com a promessa de condenação eterna, e ela achava aquilo irresistível.

Ainda achava.

Gostava de lutar com ele. Gostava de sua companhia e ficava entediada longe dele.

Sinceramente, nada daquilo fazia sentido. Sério do jeito que ele era, deveria ser maçante. No entanto, o guerreiro a divertia, a desafiava e fazia com que se sentisse viva. Estranho, já que ele era possuído pela Morte.

Será que sentia algo por ela? Algo além de desprezo e irritação? Se sentia, escondia muito bem. A não ser quando a beijava. Então, se transformava num homem completamente diferente. Passional e carinhoso, um pouco imprevisível. Ele beijava com todo o seu corpo, cobrindo-a de desejo e com o sabor daquele aroma de rosas.

— A quem estou tentando enganar? Vou voltar para ele.

Cronos escolhera muito bem o carrasco. Ela não conseguia ficar longe dele, não queria ficar longe dele, e talvez até o deixasse tentar matá-la novamente, em troca de apenas outro beijo.

— Talvez seja divertido — ela murmurou, teletransportando-se.

FOI A BRISA com aroma de morangos que logo alertou Lucien para a presença de Anya, quando ele se materializou na ilha grega, após escoltar um grupo de almas até o paraíso. Acontecera um acidente de ônibus nos Estados Unidos, um grupo descontraído a caminho de um evento da igreja. Tinham sido atingidos por um motorista bêbado e todos haviam morrido.

Um desperdício. Por sorte, ele já se insensibilizara o suficiente para que nem mesmo as crianças o afetassem. Não podia permitir que afetassem. Considerando a quantidade de mortes com que tinha de lidar, ficaria destruído se permitisse.

Você está destruído agora mesmo, pensando em Anya.

O pensamento surgiu dele, mas seu demônio não perdeu tempo em responder:

Preciso de outro beijo.

Desta vez, Lucien não ficou surpreso. Sempre que a mulher se aproximava dele, Morte ronronava como um gatinho animado. Um fenômeno que ele ainda não compreendia. *Por que a quer?* Odiava a noção de qualquer um, até mesmo o demônio, desejá-la como ele desejava.

O gosto é bom.

Não havia como negar aquilo.

Cada vez mais, Lucien conseguia sentir a fúria de Cronos se irradiando até ele. Era uma ardência em seu íntimo, uma vibração em sua alma. O rei não aguardaria muito tempo mais, logo o amaldiçoaria se ele não agisse. Ou amaldiçoaria seus amigos.

No entanto, a ideia de rever Anya acendeu um incêndio inexorável em seu íntimo, eclipsando pensamentos sobre a morte dela e sobre sua própria punição. Desde a luta com os Caçadores, dois dias atrás, ele não a procurara, e Anya não aparecera para ele. Sentia tanta saudade dela quanto Anya alegara sentir dele.

Lucien vasculhou o Templo de Todos os Deuses em busca de algum sinal físico dela. Viu colunas cobertas de limo, montes de pedras esfareladas e poças de água cristalina. Nada de Anya.

Tantas vezes a imaginara ali. Em sua mente, as colunas eram de um branco reluzente com heras verdejantes, a moldura perfeita para a beleza exótica de Anya. Em sua mente, as poças eram piscinas borbulhantes nas quais ela gostava de brincar. Nua.

— Anya — disse ele.

Ela não respondeu.

Lucien esperou vários minutos, antes de chamar novamente o nome dela.

Mais uma vez, nada.

— Sei que está aqui.

Nada. Qual era a brincadeira dela desta vez? Tentando não franzir o cenho, ele se curvou sobre uma pilha de areia e mexeu nos grãos. Se não podia convencê-la a sair de seu esconderijo, poderia ao menos começar a procurar evidências da existência dos quatro artefatos.

Algo macio roçou em suas costas, e o perfume de morango se tornou mais intenso, preenchendo-lhe as narinas, provocando-o. Lucien não se virou, não deixou transparecer a sensação. Pelo menos não por fora. Por dentro, tremia.

— O que está fazendo? — perguntou Anya, finalmente se materializando.

Sentindo um aperto de excitação no coração, Lucien se concentrou nela. Bons deuses. As roupas dela... Ele engoliu em seco. Anya estava apoiada numa das enormes colunas brancas. Rochas e mármore esfarelados estendiam-se ao redor dela, seus padrões complexos emoldurando-lhe o perfeito rosto de fada. Fios de cabelo a acariciavam, e Lucien sentiu uma momentânea explosão de ciúme.

Queria que *seus dedos* a acariciassem, e nada mais. Ela usava um vestido branco e transparente, que cobria um dos ombros e deixava à mostra toda a glória beijada pelo sol do outro. Lucien não pôde deixar de se perguntar se Anya não teria um estoque inesgotável daqueles vestidos. Um cinto dourado trançado lhe envolvia os quadris, abraçando-lhe as curvas. Uma abertura se estendia por toda a extensão da coxa, deixando à mostra centímetro após centímetro de pele clara e sedosa, além de permitir vislumbrar parte da calcinha branca como a neve.

Subitamente, Lucien teve dificuldades para respirar. Com o sol brilhando logo atrás dela, ele podia enxergar o contorno dos mamilos de morango.

Morango. Uma palavra que ele sempre associaria a Anya.

Faça ela ir embora. É uma distração que você não pode se permitir.

Quero que ela fique!, rosnou o demônio.

Quem dera.

— Não restam muitas horas de luz, sendo assim... — A voz dele estava rouca.

A mágoa brilhou nas profundezas azuis dos olhos dela.

— Sendo assim, dê o fora? É o que está dizendo?

— Sim.

Ele virou-lhe as costas, *é melhor assim, sabe disso*, e pegou outro punhado de terra.

Beije-a. Beijebeijebeije.

Ele travou o maxilar.

Um instante se passou em silêncio. Depois:

— Tsc, tsc, tsc... Não é muito esperto virar as costas para mim.

— Os outros guerreiros estão por perto. — Estavam espalhados pela ilha, perto o suficiente para escutar, mas não para matar uma ameaça iminente. — Deixarei que se preocupem com as minhas costas — mentiu Lucien. Não podia voltar a encará-la. Ela despertava todo o tipo de emoções em seu íntimo. Emoções das quais não precisava.

— Certo. Então, não vai avançar em mim nem nada? Estou no topo da sua lista de destruições.

— Mais tarde. No momento, estou ocupado.

Ele ouviu Anya se mover, escutou uma pedra rolar. Quis olhar. Não o fez. Se olhasse para ela mais uma vez, talvez jamais voltasse a desviar a vista. Poderia até avançar nela, como Anya pedira, mas não a machucaria. Ele a beijaria, exatamente como Morte ansiava. Várias e várias vezes. Até ficarem nus e ele estar penetrando-a com vigor.

Naquele instante, seu corpo estava tão rígido que ele pensou que fosse explodir.

— Lucien — chamou Paris com tensão em sua voz nos fundos do templo.

Ele se empertigou. Ainda assim, não se virou para Anya.

— Sim?

— Sinto cheiro de mulher. Da *sua* mulher.

— Fique onde está. — Não queria que os outros a vissem daquele jeito. — Todos vocês. Continuem a procurar por algo que nos aponte o caminho certo.

Paris resmungou algo baixinho. Strider gritou:

— Seu filho da mãe sortudo.

Amun e Gideon não responderam.

— Acho que eles não estão vigiando as suas costas, afinal de contas — disse Anya, sua voz estranhamente sem emoção.

Ele não gostava quando ela se tornava tão difícil de prever. Receava que ela estivesse fazendo aquilo para não se magoar. Mágoa proporcionada por ele.

— Quer dizer que estão procurando artefatos, não é?

— Não finja ignorância. *Você* nos mandou aqui.

Ele se agachou mais uma vez e rolou para o lado uma enorme pedra de prata, avistando alguns seixos e um molusco morto debaixo dela. Trincou os dentes, sentindo-se impaciente e tolo. Que tipo de guerreiro brincava na areia?

— Este templo ficou enterrado debaixo do mar por milhares de anos — disse Anya. — A água salgada deve ter apagado qualquer sinal do passado.

— Talvez reste alguma coisa. — Lucien tinha de acreditar naquilo.

— Pensei que sua preciosa Ashlyn tivesse dito que a caixa estava protegida pela Hidra — disse Anya, desta vez falando com sarcasmo.

Sim, Ashlyn escutara algo sobre a Hidra em suas viagens com o Instituto Mundial de Parapsicologia. Mas qual o motivo do sarcasmo de Anya? Ela já ajudara Ashlyn, parecera gostar dela. *Não importa.*

De acordo com diversas fontes, a Hidra tinha várias cabeças e um hálito venenoso. Diziam que Hércules a derrotara no lago de Lerna. Contudo, Ashlyn alegava que ela havia sido avistada algumas vezes ao longo dos anos. Sempre em locais diferentes: no Ártico, no Egito, na África, na Escócia e até nos Estados Unidos. Os humanos a chamavam de Nessie, Pé Grande e todo tipo de nome. Só mesmo os mortais para não se darem conta do que estava debaixo de seus narizes.

Parte de Lucien queria abandonar aquele templo e procurar em um daqueles locais. Pois, se encontrasse a Hidra, talvez conseguisse encontrar a caixa. Talvez pudesse, enfim, destruí-la e evitar que os Caçadores, e até mesmo os deuses, aprisionassem os demônios, o que mataria Lucien e os outros Senhores do Mundo Subterrâneo. No entanto, a curiosidade o mantinha ali. Os Titãs haviam levado aquele templo de volta à superfície por um motivo. Sim, eles planejavam levar os humanos de volta aos dias de adoração e sacrifícios. Mas havia algo ali. Tinha de haver. Por que outro motivo os Caçadores haveriam de procurar com tanto afinco?

— Adoro caças ao tesouro — disse Anya, chamando novamente a atenção dele. — São tão empolgantes.

— Você não está nos ajudando.

Uma pausa e depois, de repente, ela estava de pé ao lado dele, fios de seus cabelos lhe roçando os braços expostos. Sob o sol forte e quente demais, Lucien tirara a camisa cerca de uma hora antes. O suor escorria pelas saliências do tórax musculoso, fazendo com que os cabelos dela se colassem à pele dele. Lucien teve de cerrar os dentes ante a excitação de estar conectado a ela, mesmo de um modo tão insignificante.

— Por que não posso ajudar? — Anya perguntou com certa impaciência na voz rouca. Imitava uma criança que tivera o pedido rejeitado. Deus, como ele gostava de vê-la daquele jeito. — Até agora, já provei que posso ajudar muito.

Tolo que era, Lucien por fim ousou erguer o olhar para ela. A primeira coisa que viu foi a calcinha, e engoliu em seco ao ser atingido por uma onda de desejo. Forçou o olhar a continuar subindo, detendo-se apenas ao fitá-la nos olhos. Tão bela. Ele se forçou a ficar de pé, as malditas pernas bambeando.

O olhar dela baixou instantaneamente para o peito dele. Para a borboleta negra tatuada sobre o ombro e o toráx. Lucien engoliu em seco e teve de desviar novamente o olhar. Ela irradiava o mais puro desejo. Chegou a estender a mão para tocá-lo, mas mudou de ideia e baixou o braço.

Vamos. Toque em mim.

Dias demais haviam se passado desde a última vez em que ele sentira o fogo do toque de Anya.

Mas ela não o tocou.

— É linda — disse, referindo-se à borboleta.

— Obrigado. — A decepção o atingiu quando ela não voltou a estender a mão, mas ele sabia que era melhor assim. — Eu a odeio — admitiu.

— Sério? Por quê?

— É a marca do demônio. Depois que Morte foi aprisionado em meu corpo, a tatuagem simplesmente apareceu.

— Bem, para sua informação, é um verdadeiro ímã para o sexo oposto. Acho até que vou fazer uma. Talvez uma adaga, ou até asas de anjo. Ah, já sei! Vou mandar fazer uma borboleta igual. Seremos como almas gêmeas!

Anya tatuada. Um desenho para percorrer com a língua. Ele engoliu em seco. *Toque em mim. Por favor, toque em mim.*

— Em resposta à sua pergunta anterior: não pode nos ajudar porque vai nos distrair de nosso objetivo — disse, com um pouco mais de veemência do que pretendia. Mal conseguia se concentrar em qualquer coisa que não o perfume e a beleza de Anya cada vez que ela se aproximava. — Eu sinto muito.

Ela voltou a encará-lo.

— Não sente, não, mas que seja — disse, cruzando os braços sobre o peito.
— Agora, não vou dizer onde está a caixa.

No instante seguinte, Lucien já a estava segurando pelo braço.

— Sabe onde ela está?

Ela o segurou pelos pulsos e apertou. Não para empurrá-lo para longe, mas para mantê-lo no lugar.

— Se eu soubesse, você pararia de tentar me matar?

— Não.

Franzindo a testa, ela bateu o pé. O movimento fez com que os seios roçassem gentilmente nos braços de Lucien.

— Nem sei por que perco meu tempo com você.

— Já disse isso antes.

— Bem, é importante o bastante para ser mencionado duas vezes.

Ele suspirou.

— *Por que* está aqui, Anya?

Uma expressão de teimosia surgiu no rosto dela.

— Não é da sua conta, Flores.

— Tentando me bajular mais um pouco?

Os olhos dela se fecharam como persianas abaixadas diante de uma janela. Contudo, através das minúsculas ripas de inesgotável emoção, ele pôde avistar o fogo azul que ardia ali.

— Você é um verdadeiro pé no saco, sabia?

Incapaz de se conter — seria sempre assim? —, ele a puxou para si, corpo encostando em corpo, colocando-os face a face. Desde aqueles dias iniciais com o demônio, ele não se sentia tão descontrolado. Os mamilos de Anya roçavam deliciosamente o peito dele.

— Você também é. E está me deixando louco.

— Que peninha. *Você* está *me* deixando louca.

Ele a sacudiu, e ela arfou subitamente, perdendo todo e qualquer vestígio de raiva. Ela gemeu. Gemeu!

— Hmm. Deve ser meu dia de sorte. Outra ereção.

As narinas dele bufaram, um potente desejo lhe aquecia o sangue. Bem, *mais* desejo. *Concentre-se.*

— O que sabe sobre a caixa, Anya?

Ela havia mencionado algo a respeito, não havia? Ele não conseguia se lembrar direito. Tudo de que conseguia se lembrar era de seu gosto ardente e selvagem.

A linguinha sedutora de Anya começou a traçar o contorno dos lábios.

— Confissão. Não sei onde ela está, mas sei que você nunca vai encontrá-la. Nenhuma emoção. Nenhuma maldita emoção.

— Por que não?

— Nem os deuses sabem onde está. Se soubessem, já a teriam encontrado e posto para funcionar.

Sim. Aquilo fazia sentido.

— O que mais sabe?

Ela arqueou os quadris, suavemente roçando nele. E gemeu.

— Depois que os Titãs derrotaram os gregos... bem, a maioria dos gregos, já que alguns escaparam. De qualquer jeito, rolou uma onda desagradável de torturas e interrogatórios. Cronos e sua turma querem de volta aqueles artefatos. Zeus lhe disse o que havia acontecido com eles, e Cronos deu início às buscas, mas não teve sorte.

Lucien trincou os dentes ante as sensações de prazer que ela fazia faiscar em seu interior.

— Por que Cronos os quer?

— Tenho uma pergunta melhor. Quem não iria querer? São uma grande fonte de poder. Se caírem nas mãos de seus inimigos, o Croninho poderia

muito bem ser derrotado novamente. Mas, se Cronos os tiver, terá praticamente garantido o seu sucesso eterno.

— Mas como os artefatos levam até a caixa? Por que os deuses iriam sequer querer a caixa? Ela abriga demônios, nada mais.

— Há, errado. Pense um pouco. A caixa é feita dos ossos da deusa da Opressão. Ela pode sugar o espírito de *qualquer coisa*. Com Tártaro caindo aos pedaços e Cronos tendo que usar seus soldados para manter os gregos presos lá dentro, a caixa seria a solução perfeita, um lar para os inimigos dele *e* para os demônios de vocês. Quer uma vingança melhor? Os deuses que causaram problemas a ele, trancafiados com os demônios que causaram problemas *para eles*.

Por um instante, a visão de Lucien foi obstruída por uma névoa vermelha. Morte sofrera com milhares de anos de confinamento naquela maldita caixa, uma existência que, na verdade, não havia sido uma existência de verdade. Houvera gritos, tantos gritos. Escuridão, tanta escuridão. O demônio não voltaria lá para dentro por vontade própria. Antes que isso acontecesse, Morte destruiria Lucien. Ele não tinha dúvidas quanto a isso.

— Parece pronto para o combate, Flores. Quer lutar comigo? Hein, hein, por favor?

Acalme-se. Ele soltou os braços dela e tentou recuar. Lutar com ela... imobilizá-la... lambê-la... *Acalme-se!* Ela continuou segurando os pulsos dele, impedindo que Lucien se afastasse muito.

— Por que Cronos simplesmente não mata os deuses gregos?

— Você já passou algum tempo com os deuses, não passou?

— Há muito tempo.

Inesperadamente, ela o soltou. Nenhum dos dois se afastou. Não, avançaram um na direção do outro.

— Pode-se dizer que são obcecados por diversão. Além disso, vivem de acordo com um código de vingança. Zeus não sofrerá tanto quanto Cronos se estiver morto. E, sem Zeus, Cronos não teria para quem se vangloriar de suas vitórias, ninguém de quem zombar, ninguém para desafiá-lo. A eternidade seria entediante, sem surpresas no horizonte.

— Por que Cronos não está aqui, procurando?

Anya sorriu.

— Por que deveria estar? Vocês estão fazendo todo o trabalho por ele.

O que significava que o deus não iria querer Lucien e os outros guerreiros mortos. O que, por sua vez, significava que Lucien tinha um pouco de tempo para descobrir o que faria a respeito de Anya. Subitamente, teve vontade de sorrir, como Anya estava fazendo. A única coisa que arruinava a fagulha de felicidade no interior do peito dele era o fato de que Cronos se apoderaria de quaisquer artefatos que Lucien encontrasse. A não ser, claro, que descobrisse um jeito de escondê-los.

— Como a Jaula, o Cetro, o Olho e o Manto levam até a caixa? — perguntou.

— Isso não sei. — Ela deu de ombros, roçando um deles no corpo dele.

Sentindo Morte ronronar selvagememente, ele mordeu a bochecha por dentro. O prazer do toque dela, mesmo um toque inocente como aquele, o abalava até o íntimo.

— Talvez sejam como uma chave, ou um mapa, e orientem a pessoa na direção certa — disse Anya, ofegante. — Então, o que vamos fazer, você e eu?

O toque também devia tê-la afetado.

— Não sei.

As feições dela se suavizaram, seus olhos brilhando.

— O que você *quer* fazer?

Ele se forçou a dizer:

— Continuar minha busca no templo.

Na verdade, o que queria era implorar um beijo dela. Subitamente, começou a ter uma grande inveja de Gideon, que tecia sua teia de mentiras com tanta facilidade. Sem culpa.

Estreitando os olhos, Anya se afastou. Lucien sentiu-se perdido sem ela por perto e ouviu o demônio rosnar dentro de sua cabeça.

— Estava me usando para conseguir informações, não é? Olhando para mim como se me desejasse, me dando corda, mas era só para me fazer desembuchar tudo o que eu sabia.

— Sim — mentiu Lucien.

As feições dela ficaram tristes.

Ele experimentou outra onda de vergonha. Precisava parar de ser cruel com ela. Anya podia até ser tão promíscua quanto Paris, podia até estar, e provavelmente estava, usando Lucien em benefício próprio, enquanto o acusava de estar fazendo o mesmo. Mas ela era doce, engraçada e desafiadora.

— Você me rejeita, tudo bem — disse ela, jogando o cabelo por sobre o ombro. — Acha que é melhor do que eu, que seja. Mas quer saber? Não é. Fica aí, de braços cruzados, sem fazer nada enquanto os deuses o manipulam. Eu, pelo menos, estou tentando resistir a eles.

— Anya...

Ela ainda não havia terminado.

— O que vai fazer quando seu amiguinho Aeron escapar daquele calabouço e massacrar a garota humana, Danika, e a família dela? Ainda nada? Quando recuperar a razão, a vida dele vai estar arruinada para sempre por causa dos atos que terá cometido. E você o terá ajudado. Terá escoltado a alma delas até o paraíso, apesar de suas vidas terem sido encerradas antes da hora.

Lucien se deu conta de que ela estava certa, e se odiou por isso. Que tipo de homem ele era? Todo aquele tempo, não passara da marionete de Cronos. Não

lutara contra os deuses, como um guerreiro faria, não fizera nada para tentar se livrar de suas malditas amarras.

— Talvez as mulheres não sejam inocentes — disse, sabendo que suas palavras não passavam de mentiras. Simplesmente não sabia o que dizer. — Talvez haja um bom motivo para que Danika e a família tenham sido escolhidas para ser exterminadas.

— Tem razão quanto a isso. *Há* um motivo para terem sido escolhidas.

— Conte. — Pensar nas mortais era mais fácil do que pensar em si mesmo e em seu fracasso.

— Descubra sozinho, cretino. Acho que já contei o suficiente.

Ele lhe deu as costas. Vira a mentira nos olhos dela. Anya não sabia. Mas estava claramente magoada, e, apesar de não ter o direito de fazê-lo, Lucien queria consolá-la.

— Pelo menos me diga se estou perdendo o meu tempo procurando alguma pista aqui.

Ela não devia nada a ele, mas Lucien não conseguiu evitar perguntar.

Por um longo instante, ela nada disse. Porém, Lucien não achava que ela havia se movido, pois não a escutou fazer nenhum barulho.

— Não está desperdiçando o seu tempo aqui.

— Obrigado por isso. O que...

— Não. Chega de perguntas. Não vou dizer o que procurar e nem como encontrar. Embora esse *obrigado* tenha sido incrível. — O sarcasmo pingava daquelas últimas palavras, porém, misericordiosamente, não haviam sido proferidas em tom cortante.

— De nada — ele disse, torcendo para conseguir melhorar o humor de Anya com suas provocações.

Balançando os quadris de um lado para o outro, ela se posicionou diante dele. A expressão de seu rosto mais uma vez relaxada, ela se apoiou em outra

coluna.

— Vamos voltar ao que interessa — disse. — Quanto tempo tenho antes de você voltar a tentar me assassinar?

Assassinar. Uma pontada de dor atravessou o coração dele. Era o que acabaria fazendo com ela, pensou: assassiná-la. Envergonhado, Lucien agachou-se e retomou o revirar inútil das pedras e da areia.

— Não sei.

— O Croninho não vai ficar com raiva se demorar demais?

— Ele não me deu um prazo.

— Talvez possamos, quem sabe, voltar a discutir daqui a uns cem anos.

Lucien roncou zombeteiramente, dando-se conta de que era ela quem estava conseguindo melhorar o humor *dele* com suas provocações.

— Então, isso também não serve para você? Já está com a agenda cheia?

— Algo assim — ele murmurou.

— E amanhã? Está livre?

— Estou com as próximas semanas ocupadas.

— E não dá para encaixar uma luta comigo? — ela parecia quase ansiosa.

Para você, qualquer coisa.

— Sinto muito.

— Estou começando a achar que você não está levando muito a sério esta história de matar.

— Ah, eu levo muito a sério. — Infelizmente. — Não se preocupe.

Ela sorriu, triste.

— E quanto a agendar um horário para dar uns amassos? Dá para fazer isso?

Uma imagem se desenhou na mente dele: Anya acorrentada à cama, com as pernas afastadas, seu íntimo reluzindo. O membro de Lucien começou a crescer. De novo.

— Lamento. Isso também não.

Ela deu de ombros, como se não ligasse, mas ele conseguiu ver a mágoa em seu olhar. Ela baixou o olhar para os pés calçados em sandálias e chutou uma pedra.

— Não fique surpreso se eu chegar sorrateiramente por trás e arrancar a sua cabeça.

— Obrigado pelo aviso.

— De nada. Droga! — gritou ela subitamente.

Ele se retesou, levando a mão à arma.

— O que foi?

— Eu estava olhando para o meu pé.

Ele foi, relaxando aos poucos.

— E isso é ruim?

— É horrível! A pior coisa do mundo. Nunca olho para os meus pés.

O olhar dele se voltou para os dedos do pé de Anya, pintados com um tom selvagem de vermelho.

— Eu os acho adoráveis. — Lucien não deu a ela tempo para responder. Sentindo as faces ardendo, disse: — Talvez eu arrume um espaço na minha agenda para chegar sorrateiramente por trás de *você*.

Um sorriso lento ergueu os lábios dela, a expressão se suavizando.

— Você é tão fofo, achando que tem habilidade para isso.

Ele teve de cerrar os lábios para conter o próprio sorriso. A mulher o divertia quase tanto quanto o excitava.

— Talvez eu também procure os artefatos — comentou ela distraidamente. — Se os encontrar, posso prender você dentro daquela jaula. *Aí, você terá que ser bonzinho comigo.*

Antes que ele pudesse rosnar uma resposta, ela voltou a sorrir, despediu-se com um aceno dos dedos e desapareceu.

Capítulo Sete

DURANTE A SEMANA seguinte, quando não estava roubando para se manter sã, Anya seguiu cada passo de Lucien. Mesmo quando ele estava acompanhando almas. Detestava quando ele visitava o inferno. Detestava o calor, os cheiros, as zombarias e o escárnio que vinham das profundezas flamejantes. Lucien sempre tentava dar a impressão de não se deixar afetar, mas Anya podia ver o desconforto em seu olhar. Isso a entristecia. Inúmeras vezes, ele havia visto o pior que a humanidade tinha a oferecer e, para sobreviver, precisara se anestesiá-lo.

Agora, ela queria que ele visse o melhor; agora, queria que ele sentisse.

Procurou se convencer de que queria aquelas coisas porque seria divertido ver o príncipe da escuridão e da melancolia deixar entrar alguma luz em sua própria vida. Não examinou mais a fundo, pois receava o que se escondia por trás da explicação.

Ela suspirou, sabendo que deveria ter desistido de Lucien dias atrás. No mínimo, tê-lo atacado, ou atraído para fora do templo, para uma perseguição em teletransporte. Contudo, suspeitava de que ele sequer ergueria a mão para ela, e sabia que ele se recusaria a persegui-la. Então, permaneceu invisível e

ficou por perto. Além do mais, o que quer que ele descobrisse a respeito dos artefatos, ela também descobriria.

Após mencionar que ela mesma os procuraria, dera-se conta de que realmente os queria. Assim que tivesse uma daquelas gracinhas nas mãos àvidas, ela o faria implorar por ela. Deuses, a expressão no rosto de Lucien seria impagável. Especialmente quando ela rejeitasse o pedido e negociasse com Cronos. A vida dela por um dos artefatos. Não tinha como sair perdendo!

— Vá embora, Anya — sussurrou Lucien.

Apesar de ele não poder enxergá-la, ela lhe mostrou a língua. Haviam sido as únicas palavras que ele lhe dirigira a semana toda. Se as repetisse, ela pretendia se materializar diante dele, lhe dar uma bofetada e desaparecer novamente.

— Estou falando sério.

Ele sempre sabia quando ela chegava. Certa vez, dissera que conseguia sentir seu perfume. Anya ficara satisfeita, pois significava que Lucien prestava atenção nela. Ficara satisfeita, mas, droga, aquilo acabava com seu elemento surpresa.

Naquele instante, o guerreiro estava de pé no interior do Templo de Todos os Deuses, olhando com intensidade selvagem as paredes nuas e rachadas. Ele e os outros Senhores haviam voltado ali todos os dias, com admirável determinação, levando-se em conta seu fracasso em encontrar alguma coisa.

Não é à toa que eu o desejo tanto.

Demorar-se ao lado de Lucien era tolice e perigoso. Apenas intensificava o seu desejo por ele. Ver a tatuagem da borboleta regularmente estava fazendo com que todo tipo de fantasias impróprias passassem pela sua cabeça. Como: passar horas lambendo-a. Como: tomar o membro de Lucien na boca enquanto o acariciava. Como: cobri-lo com calda de chocolate e devorá-lo de sobremesa.

Ele provavelmente a esfaquearia se ela tentasse sugerir qualquer uma dessas coisas. Jamais conhecera outro homem tão inseguro de seu apelo e mais indignado quando uma mulher tentava lhe falar de seu desejo. Como era possível que as outras não enxergassem que ele era sensual a ponto de dar água na boca? Como era atraente? Como tentava os instintos femininos em todos os níveis? Lucien se agachou e, mais uma vez, examinou a areia e as pedras, procurando sabiam os deuses o quê. A luz do sol o atingiu com adoração, a vadia. *Ele é meu.*

— Vá embora, Anya — repetiu Lucien.

Grrr! Ela se materializou. Contudo, em vez de esbofeteá-lo, sentou-se sobre a rocha ao seu lado. Mais uma vez, ele estava sem camisa, sua pele, ligeiramente bronzeada, cortada e ferida.

Não se virou para ela.

— Vá embora.

— Como se eu fosse obedecer. Você não é meu dono. A não ser que queira ser. Porque eu tenho sido muito levada, e ando precisando de umas palmadas.

Lucien deixou escapar um grunhido sofrido.

— Anya. Por favor.

O suor escorria pela espinha dele, acentuando algumas das cicatrizes espalhadas ali.

Ela estendeu a mão para acariciá-las, mas ficou paralisada ao escutar um dos guerreiros chamando.

— Lucien. Sua mulher...

Ela se deu conta de que era Paris falando. Sua voz parecia ainda mais cansada do que antes. Não estava se dando bem por ali, não é? Pobre coitado. Sem sexo, Paris enfraquecia. Se tivesse levado uma mulher consigo, para satisfazer suas necessidades, tudo estaria bem no mundo dele. Mas não podia

dormir com a mesma mulher duas vezes. Luxúria, o demônio lascivo, jamais permitiria.

Anya se solidarizou, sabendo como uma maldição sexual podia ser difícil. Apesar da dela ser o oposto da de Paris, impedindo-a de ir até o fim, ambas as maldições lhes ditavam os atos e os privavam do livre arbítrio. Era uma droga.

Com a exceção daquela maldição, nada pode me prender, ela pensou sombriamente. Fora amaldiçoada antes de adquirir a habilidade de escapar do confinamento, de modo que a maldição já fazia parte dela. Não havia como escapar.

Seu olhar se voltou para Lucien, e deixou os ombros caírem. Não, por mais que quisesse, não havia escapatória.

— Fique onde está! — gritou Lucien para Paris. — Ela é minha responsabilidade.

Responsabilidade dele? Ela não sabia se devia se sentir lisonjeada ou insultada.

— Por que não deixa os seus amigos virem até aqui brincar conosco?

Ele lançou-lhe um olhar através das pálpebras semicerradas. Um movimento rápido e, logo em seguida, desviou o olhar. Ainda assim, no instante em que seu olhar a atingiu, ela sentiu a umidade se instalando entre as pernas. Sua barriga formigava e a pele parecia latejar por ele. Lucien era puro apelo sexual, todo suado, sujo e másculo. Oba.

— O que está usando? — ele perguntou com a voz rouca.

— Um uniforme de empregada. Sabe como é, para ajudar você a espanar.

Ele praguejou baixinho.

— Como antes, meus amigos estão logo além da pedra — disse —, e permanecerão ali, trabalhando. Não precisam de uma distração.

Quantas vezes ele ainda diria que ela era uma distração? Anya olhou para a pedra esmigalhada na mão dele e franziu o cenho. Talvez, se ela se mostrasse

útil, ele a visse de modo diferente.

— Eu me lembro deste lugar no seu auge. Antes de ser levado para a Terra, estudávamos aqui, as outras divindades e eu. Aprendíamos a controlar nossos poderes, a agir apropriadamente, blablablá.

Lucien não conseguiu disfarçar o interesse que lhe iluminou o rosto.

— Jamais me permitiram entrar — admitiu. — Íamos apenas aonde Zeus ia, e ele nunca quis passar algum tempo aqui.

Eca. Ficar preso àquele imbecil temperamental teria sido tortura.

— É uma pena que o lugar esteja tão destruído agora. Acho que você teria gostado.

— Como ele era? — perguntou Lucien, deixando cair as pedrinhas e agarrando outro punhado.

Cada pedra que encontrava ele erguia para a luz, girava, à procura de marcas em todos os lados, e descartava por sobre o ombro.

— Estátuas enormes circundavam todo o templo. Tinha hera subindo por algumas das paredes, e diamantes, esmeraldas, safiras e rubis brilhavam no chão. Tenho certeza de que o velho Cronos, que só quer saber de glória, vai dar uma recauchutada em tudo, quando ele e os cretinos dos irmãos assumirem o comando.

Lucien bufou. Embora se detestasse por isso, ela se deliciou com o som. O divertimento dele era como um afrodisíaco para Anya, e *ela* era responsável por aquilo.

— O que mais?

— Vejamos... — Ela bateu no queixo com a unha pintada de azul-gelo. — Todas as entradas eram ladeadas por duas colunas brancas. Pilares de força, eram chamadas.

— E quantos aposentos havia?

Ela permitiu que o pensamento retornasse aos dias que havia passado ali. Apesar de adorar a beleza do templo, detestava os seres que o habilitavam. Quantas vezes as deusas em treinamento haviam reclamado com o professor: “Por que *ela* está estudando aqui? Não é uma de nós. Só causa problemas.” Quantas vezes os jovens deuses haviam zombado: “Não sei por que ela se dá ao trabalho de usar uma toga. Todos sabem que ela passa a maior parte do tempo sem ela.”

Ela se forçou a deixar de lado as mágoas recordadas.

— Havia o aposento do altar principal, é claro, no qual você está agachado agora. Havia um salão de reuniões, onde os adoradores se lavavam e se reuniam antes dos sacrifícios. Depois, a câmara interna e os aposentos dos sacerdotes.

Ele assentiu, como se estivesse absorvendo cada uma das palavras.

— Conte mais a respeito deste salão do altar.

Obedecendo com prazer, ela disse:

— Se voltássemos no tempo, haveria uma mesa de mármore branco na sua frente. E haveria murais nas paredes. Deuses, eles eram legais. Preciso redecorar um de meus apartamentos e mandar pintar as imagens...

— Murais? O que mostravam estes murais? — Lucien perguntou, interrompendo-a.

Ele ficou de pé e a encarou com um severo olhar, a urgência irradiando de seu corpo.

Uau! Se ela soubesse que tudo que precisava fazer para despertar toda a atenção dele era falar sobre templos entediantes, já o teria feito dias antes.

— E então? — insistiu ele.

Ela deu de ombros, fingindo uma casualidade que, subitamente, não sentia.

— Façanhas divinas de força, vitórias. Até algumas derrotas.

Os olhos dele brilharam.

— E a caixa estava aqui, Anya?

— Não. Sinto muito. — Ela detestava decepcioná-lo.

Ele passou a mão pelo rosto. Ela se aproximou dele, querendo tocá-lo, mas se deteve na metade do caminho, incerta quanto à sua reação. De tão perto, ela podia perceber que mais poeira do que havia se dado conta lhe cobria o peito e os braços, e que o coração de Lucien batia fortemente. Sua boca se encheu de água com aquela visão. A tatuagem de borboleta vibrava... em estado de atenção? Estava viva?

— Que pensamentos cruzam a sua mente? — perguntou ele.

— Alguns bem levados.

O olho castanho dele ficou mais escuro, e o azul pareceu girar. Ambos estavam fixos no minúsculo uniforme de renda branca e preta; as pupilas, dilatadas.

— Tem prazer em me atormentar, não tem?

Ela juntou dois dedos em forma de pinça e disse:

— Só um pouquinho. Mas não se preocupe... Não é nada pessoal. É um defeito meu, essa necessidade de atormentar homens que querem me matar.

Um brilhante fecho de luz atravessou uma nuvem... Uma nuvem? Naquele dia tão quente? Será que ela a havia invocado acidentalmente? Anya não olhou para cima. Não conseguia. O fecho havia atingido o rosto de Lucien, iluminando-lhe as cicatrizes e lançando-lhe sombras sob os olhos. Naquele instante, ele parecia um dos homens mais malvados e sinistros que ela já vira. Parecia sobrenatural. Perverso.

Delicioso.

O coração dela bateu mais forte, e os mamilos se enrijeceram. *Estique a mão para mim, por favor.*

Ele não o fez.

Ela foi forçada a desviar o olhar. Desejá-lo daquele modo era tolice. Não só por causa da maldição dela, mas porque ele jamais faria algo a respeito. *Mas*

não tem nada de mais em bajulá-lo um pouco, como você tinha dito que estava fazendo.

A não ser que ela se apaixonasse por ele durante o processo. *Isso* seria um problema. Um problemão. A intensidade de seu desejo já era surpreendente. Mais ainda, e...

— Anya — disse Lucien, despertando-a de seus pensamentos.

— O quê?

Ela não se voltou para ele, mas retirou um pirulito de morango do cinto, desembalou-o e passou a língua pela ponta. Um ligeiro gemido de prazer escapou de seus lábios. Delicioso. Descobrira os pirulitos anos atrás, depois que um de seus amigos humanos morrera em um acidente de carro. Desde então, eram a sua comida de consolo favorita.

Um segundo depois, Lucien estava diante do rosto dela... Anya estava começando a detestar quando ele fazia aquilo!... e arrancou o doce de suas mãos. Os olhos dela se arregalaram quando ele o jogou no chão.

— Ei! Por que fez isso?

Ele estava com o cenho franzido.

— Não coma essas coisas na minha frente.

— Por quê? — Ela ergueu os braços em sinal de confusão.

— Porque sim — ele respondeu teimosamente.

O perfume de flores estava ficando mais forte, emanando dele, envolvendo-a cada vez mais.

— Se quiser um para você, da próxima vez, é só pedir.

— Não quero.

— Então...

— Chega de falar. Preciso trabalhar. — Ele lhe virou as costas e voltou para o monte de areia.

Mas não antes que ela visse o fogo em seu olhar.

Quase receando ter esperanças, ela o estudou mais de perto. Os ombros estavam rígidos, e as costas, empertigadas, como se Lucien estivesse lutando contra o desejo. Por ela?

Uma excitação mais profunda e ardente brotou em seu íntimo. Talvez, como ela, ele não estivesse falando sério na metade das coisas que dizia. Talvez realmente ansiasse por ela.

Não podia perguntar a ele. Lucien apenas negaria. Mas precisava saber a razão daquilo. Por que ele não queria que ela soubesse? Por que não queria desejá-la? Obviamente, achava que ela era fácil. Por que não tomar o que presumia que ela já entregara a milhares de outros? E o que faria se soubesse como aquela ideia, na verdade, era digna de risadas?

— Está desperdiçando o seu tempo nessa areia — ela disse, com um tom afetado, enfim se dignando a ajudá-lo, para que prestasse atenção nela.

Venha até aqui e me beije.

— Chega de falar.

— Você está falando.

— Desapareça.

— Faça-me desaparecer. — *Por favor, me deseje como eu desejo você. Não me deixe estar errada a respeito disso.*

Ele não respondeu.

A frustração a consumia e, bufando, ela se sentou pesadamente sobre a rocha mais próxima.

— Quero aqueles artefatos tanto quanto você — resmungou, e sua tentativa de me ignorar não está ajudando a nossa causa.

Aquilo chamou a atenção dele, e Lucien se teletransportou até ela, fazendo com que caísse da rocha e fosse ao chão. O ar abandonou violentamente os seus pulmões quando o peso dos músculos dele subitamente a imobilizou.

Lembrete para mim mesma: mencione os artefatos com maior frequência.
Levando em conta como seu uniforme era curto, ela foi capaz de abrir as pernas e acolhê-lo no côncavo de seu corpo. Um prazer instantâneo tomou conta dela, espalhando-se demoradamente dos pés à cabeça.

— Por que os quer?

— Duh. Poder. — O poder de ter algo para negociar, mas ele não precisava saber disso.

— Pensei que já tivéssemos conversado a respeito — disse Lucien, a voz crepitando. — Você nada terá a ver com os artefatos.

— Então, deveria ter me matado. — Lambendo os lábios, ela o encarou. Como sempre, ele a deixava sem fôlego. — Decidi que os quero muito. Muito mesmo.

Ele deixou escapar um rugido baixinho.

— Não. Acho que quer morrer. Está me provocando de propósito, enquanto eu tenho lhe dado a chance de aproveitar seus últimos dias de vida.

— Ora, mas você é tão bonzinho — murmurou ela. Ainda assim, não tentou afastá-lo de si. Na verdade, passou os braços ao redor de seu pescoço. — Estou apenas tentando sobreviver, amor. E me divertir um pouco enquanto isso.

As narinas dele se alargaram, como se Lucien houvesse se lembrado de algo desagradável. Um músculo se repuxou no queixo dele, deixando as cicatrizes ainda mais proeminentes. A boca de Anya salivou. Queria lambê-las.

— Aliar-se a mim não a salvará.

Aquele assunto de novo? Droga, bastava dizer uma mentirinha e ela a perseguiria pelo resto da vida.

— Por que não me matou, então? E não me venha com essa baboseira de me deixar aproveitar os dias que me restam. Você não deixa nenhuma outra alma aproveitar os últimos dias.

Seguiu-se um silêncio pesado. A expressão dele ficou mais sombria.

— Talvez eu a tenha poupado porque você sabe de algo, algo que pode me ajudar a encontrar os artefatos e, portanto, a caixa. Conte.

— Se eu soubesse de algo, já teria chegado até eles, idiota.

— Neste caso, você de nada me serve.

Ele recuou ligeiramente e ergueu o punho, como se pretendesse golpeá-la.

Ao longo da última semana, ela o vira fazer aquilo várias vezes. Sabia que ele não ia golpeá-la, mas enfiar uma fantasmagórica mão dentro dela e lhe arrancar o espírito, deixando o seu corpo como uma casca inútil.

Ela teve vontade de se bater por tê-lo provocado. *Só queria algum tempo com ele*, queixou-se por dentro. Na verdade, era tudo em que conseguia pensar. Tudo que a fazia levantar da cama. Bem, isso e os beijos dele.

— Não sei onde estão os artefatos — ela disse rapidamente —, mas posso lhe ensinar mais sobre o templo. Que tal?

Ele assentiu, como se tivesse estado apenas esperando que ela dissesse aquelas palavras.

— Continue.

Ele a manipulara? Diabinho esperto. E, no entanto, saber que ele acabara de fazer isso serviu apenas para intensificar a excitação dela. Quase ninguém conseguia levar a melhor sobre ela.

Ela massageou os ombros de Lucien, coçando-os um pouquinho. Ele não a mandou parar. Sua respiração foi se tornando mais irregular, acelerada. O olhar dela baixou, o peito nu de Lucien hipnotizando-a, enquanto o calor de seu corpo a envolvia. *Poderia ficar assim para sempre.*

— Anya — gemeu ele. À medida que seus dedos trabalhavam nele, os olhos de Lucien se fecharam em sinal de rendição.

— Do que estávamos falando? — ela perguntou.

— Do... templo — disse ele, e as palavras pareciam doer ao serem proferidas. — Sim, o templo.

— Vou contar um segredo sobre mim e todos os deuses que já passaram por estes corredores — sussurrou ela.

— Estou escutando. Não pare.

Ela aprofundou o toque, permitindo que os dedos lentamente descessem pelas costas dele. Na direção de seu traseiro.

— A maior parte de nossos poderes depende de uma coisinha chamada ação e reação. As pessoas agem, e nós temos a liberdade de reagir. Para ajudar. Ou ferir. Foi por isso que não pude ajudar Maddox e Ashlyn até que eles tivessem feito algo para, digamos, desatar minhas mãos.

As pálpebras de Lucien se entreabriram. O prazer estava estampado nas profundezas do azul e do castanho.

— Deve ser um segredo muito bem guardado, pois eu não o conhecia. — Ele se interrompeu. — Tanto Maddox quanto Ashlyn tiveram de sacrificar algo para garantir o seu auxílio.

— É. — Ela sorriu para ele. — Agora, está pensando como um deus.

— Então, para saber o que quero, também preciso oferecer um sacrifício.

Ele assentiu, levou as mãos atrás de si para segurar uma das dela. Puxou-a para a frente e a pousou no peito de Anya, mas não recuou e nem interrompeu o contato. Não, traçou o contorno de cada um dos dedos.

Arrepios quentes percorreram o sangue de Anya.

Ele estava rígido. Ela podia sentir a enorme ereção sondando-a entre as pernas. Lucien não era o primeiro homem a se deitar sobre ela, mas, sem dúvida, era o maior. O mais sexy. E o mais fascinante. Por causa de sua maldição, ele também era o primeiro homem que Anya realmente *quisera* que estivesse ali.

Finalmente, as palavras de Têmis fizeram sentido.

Anya estivera correndo para casa, chorando novamente após um encontro com um jovem deus de mão boba, e se deparara com a deusa. Têmis dera uma olhada nela e quase caíra ao chão, chocada. Preocupada demais para tentar determinar o motivo, Anya fugira. No dia seguinte, Têmis chegara à sua porta.

— Você seduziu meu marido! — ouvira a deusa da Justiça gritar para sua mãe.

Disnomia erguera o queixo e empertigara os ombros. Mas não dissera uma só palavra em defesa própria.

— Sua filha é a perfeita imagem do meu marido. É filha dele. Você nega isso?

— Não, não nego.

Anya ficou chocada até o fundo da alma. Sempre se perguntara quem era seu pai, e saber que o poderoso guarda da prisão, Tártaro, era seu genitor a alegrava, pois jamais seria chamada novamente de secundária. Mas isso também a deixava furiosa. Por que ele a ignorara durante todos aqueles anos?

— Sabia que ele era casado — esbravejara Têmis — e, no entanto, deitou-se com ele mesmo assim. Por isso, por dar à luz a filha bastarda dele, você será punida. A justiça será minha.

O terror tomara conta das belas feições de Disnomia, mas ela dissera:

— Sou quem nasci para ser.

— Isso não a isenta de culpa. Deste dia em diante, adoecerá cada vez que acolher um homem em seu corpo, e será incapaz de se erguer da cama por vários dias. Jamais roubará novamente as afeições de um homem e escapará ilesa. Assim proferi, assim será.

Choramando, sua mãe caíra de joelhos.

— E você — dissera Têmis, seus olhos se estreitando ao olhar para Anya, que trêmula, espiava, escondida atrás de uma parede.

— Não! — Disnomia gritara, tentando se erguer. — Deixe-a em paz. Ela é inocente.

A deusa continuara, impiedosa:

— Inocente? Penso que não. É sua filha. Isso é crime o suficiente. Um dia, você desejará um homem, Anarquia, e ele também a desejará. Nada importará, a não ser estarem juntos. Você não se importará com quem ele é, o que ele é, ou a quem pertence. Você o possuirá. Assim como sua mãe, você o possuirá.

— E você vai morrer sozinha, porque é má e raivosa — Anya devolvera, incapaz de imaginar sentindo-se daquele jeito por qualquer um dos deuses obscenos, muito menos acolhendo as sobras de outra mulher.

— Você não terá a oportunidade de seguir os passos indiscriminados de sua mãe. Permitir que um homem lhe penetre o corpo será unir-se a ele por toda a eternidade. Viverá apenas para ele, e apenas ele. O prazer dele será o seu prazer. A dor dele, a sua. Se ele a descartar e tomar outra como amante, você sentirá a agonia da perda, mas não será capaz de deixá-lo. Se ele morrer, você jamais se recuperará da dor. O legado de sua mãe termina hoje. Assim proferi, assim será.

As próprias palavras a haviam envolvido, quase sufocando-a. Havia penetrado por seus poros, atravessando os ossos e chegando até sua alma, uma marca incandescente que Anya jamais fora capaz de negar. Após aquilo, ficara vagando a esmo durante semanas, como se em meio a um torpor, o choque duplo de descobrir que o pai era um homem comprometido e de aceitar a própria maldição quase fora mais do que ela poderia suportar.

À medida que o choque fora passando, ela começara a odiar o pai por negar-lhe a existência, e todos os homens pelo que poderiam fazer com ela caso não tivesse cuidado. E tivera medo, tanto medo.

Quando a mãe a mandara ter aulas de combate, na esperança de poder ajudá-la a se proteger, agora que havia tanto em jogo, ela as levava muito a

sério. Conforme sua força fora aumentando, seu ódio e o medo foram enfraquecendo. Contudo, não a sua determinação de ficar sozinha.

Em todos os dias desde que fora amaldiçoada, jamais se sentira tentada a dar a um homem tamanho poder sobre si. Perder sua liberdade quando os deuses a haviam enjaulado na prisão de seu pai apenas lhe fortalecera a determinação.

Até então.

Agora, queria conhecer a bênção do toque mais íntimo de Lucien. Dentro dela. Profundamente. Investindo. Penetrando. Sabia que teria desejado aquelas coisas fosse ele comprometido ou não.

Pensar em tê-lo, por si só, provocava mais daquela umidade maravilhosa entre as pernas, umedecendo o tecido fino da calcinha que usava. Sua pele começava a dar a impressão de ser apertada demais para o próprio corpo, e ela não conseguia evitar roçar as coxas para cima e para baixo nas dele. *Liberdade*, lembrou-se. Não havia nada mais importante.

Os humanos com quem havia escolhido se relacionar ao longo dos anos jamais tiveram permissão para, de fato, penetrá-la. Aias, o capitão da Guarda Imortal. Ela o havia beijado e lhe feito algumas carícias também. Mas quando Anya quisera dar um basta na esfregação, ele a chamara de sedutora e de vagabunda, o desgraçado paradoxal, e tentara imobilizá-la.

Ele a olhara com escárnio, arrancara as roupas dela e as próprias calças. O medo a dominara. Ela gritara com ele, exigira que ele a soltasse. Aias rira. Ela não fora capaz de se teletransportar, ainda não tinha a habilidade, já que esta acompanhara o único presente que seu pai lhe dera. Ela lutara com todas as forças que possuía e, por fim, conseguira desferir um golpe mortal, exatamente como lhe fora ensinado.

Anya jamais se arrependera de seus atos. Nem mesmo quando apodrecera na prisão. Ninguém tomava o que pertencia a ela. Ninguém.

— No que está pensando? — Lucien perguntou, sua voz rouca de...excitação?

Por que não lhe contar a verdade?

— Em você. Em sexo. Em roubo. Em outro homem.

— Um amante? — ele perguntou, a voz, desta vez, sombria.

Ciúmes?

— Algo assim.

Os olhos dele se estreitaram.

— Pensar em mim com outro homem o enche de fúria, Flores?

— Claro que não — ele rosnou, soltando-se dela e ficando de pé.

Ela foi tomada por uma sensação de perda. Delicadamente, levantou-se, limpando a poeira da meia arrastão. *É melhor assim*, disse a si mesma. *Você estava perto demais de se entregar a um homem que talvez nem a deseje. Um homem que, definitivamente, quer matá-la.*

— Voltemos a nossa conversa anterior. Ashlyn teve de se sacrificar para salvar Maddox — Lucien disse com firmeza. Ele voltou para o que outrora havia sido o salão do altar, girando e estudando o espaço aberto. — O que *eu* posso sacrificar?

— Lucien — Strider chamou. — Está quase na hora do rango.

— Só preciso de mais um pouco de tempo — ele retrucou, sem desviar o olhar. — Anya? O sacrifício?

— Está perguntando se sacrifícios foram feitos aqui? — Preocupada demais com seus próprios pensamentos infelizes, ela se esquecera da conversa. — Foram, e daí?

— Sacrifícios de sangue?

— É. — Aonde ele queria chegar com aquilo? — Quando o templo foi levado à Terra, sacrifícios de sangue foram feitos.

— E o que exatamente os frequentadores deste templo sacrificavam? O que faziam sangrar?

Mais uma vez, ela permitiu que seus pensamentos retornassem ao passado. Até mesmo ela havia sido adorada por mortais naquele tempo. Nos dias atuais, todos ignoravam os deuses, relegando-os à condição de lendas e mitos. Isso não a incomodava tanto quanto incomodava os outros. Anya gostava de seu anonimato.

— Sacrificavam membros da família — ela por fim respondeu, sentindo um frio na barriga. Ah, como odiara aquilo! Outro motivo para estar feliz com o fato de o passado ter ficado... bem, no passado. — A maior parte dos escolhidos era de inocentes. Virgens. Cortavam as gargantas deles e assistiam enquanto sangravam até a morte.

Lucien empalideceu.

— Isso é o que é esperado aqui? O que é necessário?

— Nem sempre. Às vezes, sangue oferecido por aquele que está necessitado é um sacrifício maior do que matar outra pessoa. E já seria o suficiente, mas ninguém queria considerar essa opção. Teriam de ferir a si mesmos e a maioria das pessoas prefere cortar em pedacinhos um ente querido e chamar o ato de nobre.

Um pouco da cor dele retornou. Lucien retirou o punhal da bota, o metal assoviando ao deslizar pelo couro.

Anya recuou, erguendo as mãos com as palmas voltadas para ele.

— O que foi, está pensando em me sacrificar agora?

— Você não é virgem, nem um ente querido — resmungou ele.

Cerrando os dentes, ela se deteve abruptamente, plantando os pés no chão. Desgraçado. Ele não fazia ideia quanto à veracidade da primeira parte, e ela não precisava ser lembrada da segunda. Como se ele precisasse ressaltar aquilo novamente.

— Estou ficando um pouco cansada de seus insultos, Flores. Eu o ajudei hoje. Ajudei na semana passada. Ajudei um mês atrás.

Ele suspirou, arrependido.

— Tem razão. Sinto muito. Não havia por que dizer isso, e não voltará a acontecer.

— Certo, muito bem. — Ela jamais esperara que ele fosse se desculpar, e o fato de tê-lo feito a desarmou por completo. — O que você... — As palavras foram interrompidas quando ele cortou o pulso esquerdo e, depois, o direito. Chocada, Anya correu até ele. — Você está louco, Lucien. Completamente louco. — Ela sabia que ele não morreria. Mas, mesmo assim!

— Veremos.

Os ferimentos eram grandes e bem abertos.

Os pulsos dela latejaram em solidariedade. Claro, ela já o apunhalara, mas, naquele instante, não suportava vê-lo machucado. Ela lhe agarrou um dos braços e puxou o pulso para si, na esperança de estancar a torrente vermelha com o uniforme. Um pouco do sangue pingou nela e, depois, no chão.

No instante em que a gota tocou a areia, Lucien urrou e caiu de joelhos no chão. Ela ficou ainda mais preocupada.

— Lucien? O que foi?

Ele era imortal e não podia ser morto por nenhum método normal, mas isso não a impedia de se preocupar. Ele poderia ter sido amaldiçoado, poderia...

Ele urrou de novo e levou as mãos ao abdômen.

— Lucien. Diga o que diabos há de errado!

As pálpebras estavam cerradas. Ofegante, ele as abriu lentamente. Ambas as íris haviam se tornado subitamente azuis. Sobrenaturais, cristalinas, agitadas como uma tempestade. Com as pernas trêmulas, ele se levantou e se libertou das mãos dela como se em transe, avançando na direção da única parede que restava do templo.

— Consigo vê-lo — disse.

O alívio quase a derrubou. Ele estava tendo uma visão. Nos velhos tempos, quando um sacrifício agradava aos deuses ou até mesmo ao próprio templo, uma recompensa era concedida. Anya pensou que talvez o templo estivesse satisfeito por estar sendo usado novamente.

— O quê?

Estava com tanta vontade de abraçá-lo que teve de se forçar a manter as mãos ao lado do corpo.

— Talvez eu tenha encontrado algo — ele chamou, ignorando-a.

Todos os quatro guerreiros correram até ele, contornando colunas como anjos vingadores. Eles a avistaram e ficaram surpresos. O uniforme de empregada era inadequado, e apenas para os olhos de Lucien. Ainda assim, ela não se teletransportou para se trocar. Não queria perder um instante que fosse daquilo.

Os homens não falaram com ela, embora Paris tivesse lambido os lábios em expectativa, como se ela fosse um banquete preparado exclusivamente para ele. Anya revirou os olhos. Teria lhe dado o dedo, mas receou que ele pudesse até aceitar a “oferta” dela.

— Por que está sangrando? — quis saber Strider, sacando uma adaga. Uma careta selvagem foi dirigida a Anya. — E o que diabos ela está usando?

Para *ele*, ela mostrou o dedo médio, sem hesitação.

— Ninguém deve tocar na mulher — disse Lucien, ainda concentrado na parede. — Ela é minha.

Minha, ele dissera. Sorrindo, ela balançou provocantemente o mindinho para cada um dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

— Ouviram? Sou dele. Então, vocês podem todos ir lambar sabão.

Lucien resmungou:

— E é melhor guardar suas mãos para você, Anya, ou as perderá.

— Por favor, até parece que seus amigos podem me derrotar — ela retrucou, sem saber se ele havia escutado ou não. Lucien não demonstrou reação.

Quando os guerreiros se reuniram ao redor dele, ela buscou uma brecha para si às cotoveladas. E, sim, aproveitou a oportunidade para surrupiar alguns punhais. Deuses, aquela era uma sensação boa! Consumida do jeito que estava por Lucien, ela não vinha fazendo aquilo o bastante. Roubar sempre lhe acalmava as emoções tempestuosas, desacelerando-lhe o coração e aliviando o latejar aparentemente constante no estômago. Os homens não notaram o que ela havia feito, caso contrário tinha certeza de que a teriam atacado. Contudo, a deixaram passar sem nenhum comentário.

O que Lucien havia encontrado? O que estava vendo?

Lucien abriu os braços, empurrando todos para trás de si e, mais uma vez, fitando a parede.

— Lucien? — disse Strider, claramente confuso. Anya o observou de soslaio. Tinha olhos azuis e cabelos louros, era alto e musculoso, bronzeado. Suas feições eram grosseiramente esculpidas, e ele tinha um senso de humor malicioso, que ela costumava preferir.

Por que não se sentira atraída por *ele*?

— O que está vendo? — perguntou Paris.

A empolgação e a ansiedade zumbiam no grupo.

— É divertido esperar — disse Gideon, com um olhar furioso.

— Vocês se recordam do que os dois pesquisadores mortais nos contaram sobre Zeus e os artefatos? — perguntou Lucien.

Todos murmuraram afirmativamente.

— De um modo geral, estavam corretos. Estou olhando para um mural que parece estar vivo. As imagens estão mudando, revelando detalhe após detalhe. Depois que Zeus aprisionou os Titãs, ele ordenou que a Hidra se

escondesse e guardasse os valiosos artefatos. A Hidra se separou em quatro assustadoras criaturas que se espalharam pelo mundo, cada fera guardando uma relíquia.

— Ah, caramba — disse Anya. — Se a Hidra é a guardiã, vocês estão com sérios problemas. Ela é pirada, sem dúvida nenhuma. Duas cabeças em um corpo parecido com de uma cobra. Bem, se a visão de Lucien estiver certa, são oito cabeças em quatro corpos, e todas sofrendo de TPM constante.

— Cada serpente deveria se esconder por toda a eternidade, jamais revelando novamente a sua localização, nem mesmo para os deuses — prosseguiu Lucien.

— E como é que isso nos ajuda? — grunhiu Strider.

Amadores.

— Está vendo algum símbolo? — Anya perguntou a Lucien.

Uma pausa. Um franzir de cenho.

— Sim.

— Então, quais são? Zeus pode não ter querido que os outros deuses soubessem da localização delas, mas teria garantido um modo de que pelo menos ele pudesse receber a direção correta, se assim o desejasse. Nos seus dias de glória, quando roubava o que bem quisesse de qualquer deus que quisesse, e esta é a única coisa que já admirei nele, Zeus escondia tudo até a pressão aliviar, usando símbolos em visões como mapas do tesouro. Ele os conjurou para que mudassem se os itens fossem movidos de alguma forma.

Lucien não se voltou para ela, mas falou:

— Você nos disse que ele contou a Cronos o que houve com eles. Disse que Cronos procurou, mas não os encontrou.

— *Hello!* Acha que isso significa que Zeus disse a verdade? Não se esqueça de que eles são inimigos. Diga logo quais são os símbolos!

Lucien cerrou os lindos lábios, recusando-se a responder.

— Certo. Não me conte. Vou embora e lhe darei a chance de contar para os seus garotos. Eu *nem* vou ficar aqui, invisível, bisbilhotando. — Anya sorriu para ele, aguardando.

Do fundo da garganta, ele deixou escapar um rosnado baixinho.

— Falando sério, você sabe que, mais cedo ou mais tarde, vou descobrir. Então, pare de perder tempo. Além do mais, eu lhe pouparei um bocado de trabalho em tentar decifrá-los por conta própria. Você precisa da minha ajuda. De novo. Admita.

— Certo. Precisamos de sua ajuda. — Ele levou dois dedos preocupados ao queixo, o retrato da irritação. — O primeiro símbolo tem duas linhas descendo, entrelaçadas por uma linha curva.

— África do Sul — disse Anya, sem hesitar.

— Como sabe disso? — perguntou Paris, parecendo mais exausto do que antes. Ele se esgueirara para o lado dela e agora lhe beliscava o traseiro.

Ela lhe deu um tapa na mão e se afastou.

— Sou mais inteligente do que você — disse arrogantemente. — Por isso, eu sei.

Paris lhe agarrou o pulso, quase desesperadamente. Anya não tinha certeza do que ele pretendia fazer com ela. Ele iria... Lucien se colocou entre eles, separando-os.

Ele rosnava para o guerreiro.

— Tudo bem. — Paris suspirou e recuou. — Entendi o recado. Nada de mão boba. — Ele se deteve e olhou para a cintura. — Ei! Minha lâmina sumiu.

Os outros Senhores do Mundo Subterrâneo olharam de Lucien para ela, e de Anya para Lucien, como se necessitassem de orientação.

— O quê? — perguntou ela por fim. — Acham que eu peguei?

— A minha também sumiu — disse Strider, com um sorriso —, mas pode ficar com ela. Pense em mim quando usá-la.

O sorriso a pegou de surpresa e ela se flagrou retribuindo-o. Até Lucien também rosnar para ele. Ela revirou os olhos, embora, no fundo, se sentisse satisfeita.

— Volte ao trabalho, garotão — disse. — Sei como você detesta distrações. Felizmente, os rosnados cessaram.

— O segundo símbolo — disse Lucien, mais uma vez atraindo a atenção de todos para a parede — é uma única linha dentada.

— Isso é o Ártico. Ah — ela acrescentou, pousando a mão sobre o próprio coração. — Aquele clima frio vai trazer recordações do nosso primeiro encontro. Quando você deu um mergulho gostoso e refrescante, enquanto eu assistia da geleira. Lembra? — Ela não lhe deu a chance de responder. — Talvez seja um sinal de que estamos destinados a ser melhores amiguinhos para sempre. Ótimo momento para um abraço, não acha?

Ele cerrou os lábios.

— O terceiro é uma linha horizontal curva, com uma linha parecida saindo dela.

Ela interpretaria aquilo como um não.

— São os Estados Unidos.

— O último é uma linha reta que faz uma curva na parte de baixo, quase como a ponta de um facão.

— Egito — disse ela. Depois, sorriu e bateu palmas. — Sabem o que isso significa, não sabem? Mais viagens e mais caçadas a tesouros! Aonde vamos primeiro? Hein, hein, hein?

— Como sabe essas localizações? — perguntou Lucien, repetindo a pergunta de Paris ao, enfim, se voltar para ela. Seus olhos ainda estavam envoltos por aquele azul sobrenatural.

— Quem sabe Zeus não andou por aí contando para todo mundo sobre os símbolos e o que eles significavam?

— Como você sabe? — ele insistiu.

A mãe dela era amante de Zeus na época, e escutara alguns assuntos de Estado, mas pérolas como essa não eram algo que Anya gostava de gritar aos quatro ventos.

— Já disse. Sou inteligente.

— E como podemos ter certeza de que podemos confiar em você? — Paris perguntou, as mãos nos quadris.

— Duh. Claro que não podem. Mas precisam de mim. Sendo assim, acho que estão entre a cruz e uma espada muito levada.

Lucien a segurou pelo braço e apertou, forçando-a a se voltar para ele.

— Você não vai conosco, Anya. Tire essa ideia da cabeça agora mesmo.

Ah, é?

— Tente me impedir. Eu o desafio.

— Sabe que posso. Impedi-la, é claro.

Com a autoconfiança inabalada, ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Sei mesmo? Ainda estou aqui, viva e bem, não estou?

Era a imaginação dela, ou viu fumaça saindo das narinas dele, cheirando a enxofre? Naquele instante, ele era como o seu dragão demoníaco pessoal. Que legal! Ela praticamente podia ver as engrenagens girando frenéticas na cabeça dele, enquanto Lucien tentava se acalmar. Ele era muito mais do que sexy, quando se irritava.

— Admita. Sem mim, não saberia o que os símbolos significam. Precisa de mim.

— Você pode estar mentindo — ele disse, mais uma vez repetindo as suspeitas de Paris.

— Então, desperdice o seu tempo pesquisando. O que me importa? Posso encontrar as Hidras enquanto você fica sentado na frente de um computador.

Vou juntar os artefatos e localizar a caixa, e tudo isso antes mesmo de você e o seu Esquadrão da Testosterona terem reservado um voo.

Os quatro guerreiros rosnaram para ela.

— O que foi? Assunto delicado? — perguntou a eles, pura inocência.

— Vamos nos separar — disse Lucien, sem desviar o olhar de Anya. — Paris, você e Gideon viajarão aos Estados Unidos.

Paris olhou para o céu.

— Ah, cara. Por que justo eu tenho que ficar com Mentiras?

— Território maior, maior número de pessoas. Será melhor ter dois guerreiros procurando por lá — ele explicou. — Strider, você irá à África do Sul. Amun, ao Egito. — Ele olhou para Anya. — Eu seguirei para o Ártico.

— Talvez seja bom usar um casaco — sugeriu Anya solicitamente.

Os olhos de Lucien se estreitaram. Ela mal resistiu à tentação de soprar um beijo para ele.

— Vou ligar para o celular de Sabin — disse Strider — e contar a ele o que descobrimos. Quem sabe? Talvez ele descubra algo mais no templo romano.

— Sabe algo a respeito desse local, Anya? — Lucien perguntou.

— Só que era chamado de o Templo dos Impronunciáveis.

— Impronunciáveis? Já ouvi falar deles — afirmou Gideon.

O que, claro, significava que jamais ouvira. Só pensar no templo era o suficiente para fazê-la tremer.

— Pais costumavam ameaçar seus filhos desobedientes com o exílio para aquele lugar maldito. Talvez porque sempre se podiam escutar gritos ecoando das paredes.

— Quem são os Impronunciáveis?

— Nunca os vi. Mantinha distância. Como o nome sugere, raramente se falava neles, a não ser nas ocasionais ameaças dos pais.

Lucien suspirou.

— Ligue para Sabin, se quiser — disse para Strider —, mas pretendo me transportar para Roma e contar tudo pessoalmente. Enquanto estiver lá, farei o reconhecimento do templo. Meu sangue agiu como catalisador aqui. Talvez faça o mesmo por lá.

A esperança se espalhou pelo ar. Ela sabia que eles estavam mais próximos do sucesso do que nunca.

— Por onde começaremos a procurar quando chegarmos aos nossos destinos? — perguntou Paris. — Neste instante, tudo que sei é que devo seguir para os Estados Unidos. Como você mesmo disse, é um lugar bem grande. Com muitas mulheres — ele acrescentou. Seus lábios se ergueram num sorriso lento, a exaustão em seu rosto parecendo se aliviar só de pensar em carne fresca.

— Onde eles devem procurar? — Lucien exigiu que Anya lhe dissesse.

Mais uma vez, todos se voltaram para ela.

Primeiro, queriam sua ajuda; depois, não queriam mais; depois, queriam de novo.

— O que foi? Sou só uma deusa secundária burra e irritante. De quem ninguém precisa. A quem ninguém quer. In...

— Você pode vir comigo — Lucien a interrompeu bruscamente.

Ah, quanto entusiasmo. Irritada, ela passou a língua pelos dentes. Ainda assim, os rosnados e as exigências de Lucien eram preferíveis a todas aquelas semanas de implacável compostura. Talvez ela devesse provocá-lo mais um pouquinho...

— Desculpe. O que disse? — Ela curvou a mão atrás da orelha. — Não escutei.

— Você pode vir comigo — repetiu bem alto. Sombriamente.

Ela cruzou os braços. *Continue forçando a barra assim, e ele é capaz de atacar você.* Por favor, por favor, por favor.

— Vai tentar me matar?

— Sabe que terei de fazer isso, mas antes lhe darei um aviso justo.

De qualquer maneira, ela não queria que ele parasse.

— Muito justo. — Será que aquele dia poderia ter sido melhor? Logo estaria viajando sozinha com ele, provavelmente lutando ao lado dele. A perspectiva não deveria empolgá-la e, no entanto, empolgava. Queria uma chance de nutrir o desejo que enxergara nele antes, por mais perigoso que isto fosse. — Eu aceito.

— Onde devemos procurar? — repetiu Paris.

— Não tenho todas as respostas, sabia? — Se aquilo continuasse, os homens só a respeitariam por sua inteligência. Eca.

— Anya — Lucien advertiu.

— O quê? Não tenho! Peçam para Ashlyn seguir quaisquer boatos sobre monstros gigantescos e feios. Provavelmente será a Hidra. Ah, e ela gosta de água. Então, talvez seja bom seguir boatos sobre monstros gigantescos e feios avistados perto da água.

Os homens assentiram, e ela foi esquecida de novo enquanto eles conversavam entre si sobre de que suprimentos precisariam, quando partiriam, blábláblá.

Anya se aproximou de Lucien e deslizou a ponta do dedo pelo esterno dele.

— Vamos nos divertir muito, você e eu.

Ele estava contando a Strider o que sabia sobre a África do Sul, mas suas palavras logo se interromperam. Com os olhos flamejantes, ele se voltou para ela. O que Lucien pretendia dizer ou fazer, ela talvez jamais soubesse. Anya soprou um beijo para ele e desapareceu.

Capítulo Oito

ENQUANTO COMPRAVA AS provisões necessárias para a viagem, intermitentemente coletando 18 almas e as escoltando até o local do descanso final, Lucien não sentiu sobre si o olhar ardente de Anya. Também não sentiu o seu perfume sedutor de morangos.

Onde ela estava? O que estava fazendo?

Com quem o estava fazendo?

Cerrando os punhos, as articulações se apertaram tanto que ele chegou a pensar que fossem se romper.

Sentia mais do que nunca a falta dela. Acostumara-se à sua presença; nada parecia certo quando ela não estava lá. Além do mais, preocupava-se com Anya. Cronos teria se cansado das acanhadas tentativas de Lucien de matá-la e resolvera ele mesmo matar Anya?

Suas unhas se fincaram nas palmas, tirando sangue. *Ela está bem.* Cronos não fora capaz de matá-la, motivo pelo qual passava a tarefa a Lucien. Anya estava a salvo do rei dos deuses.

Mas o relógio está correndo...

Lucien esperava que o desgraçado aparecesse a qualquer minuto e o castigasse pelo fracasso. Contudo, a punição parecia importar cada vez menos.

Queria passar mais tempo com ela e estava prestes a ver seu desejo realizado. Era uma pena que não estivessem seguindo para o Havaí. Mas Lucien sabia que Anya o seguiria, não importa para onde fosse, e então escolhera o Ártico, o único lugar que achava... que esperava que fosse capaz de esfriar seu desejo.

Porque, mais do que sentir falta, ele a desejava. Loucamente.

Estava ficando obcecado por ela. Ultimamente, tudo em que conseguia pensar era despi-la. Lambê-la entre as pernas, dar-lhe prazer de todas as maneiras já imaginadas, e algumas que ainda não haviam sido. Observar-lhe o rosto enquanto Anya chegava ao clímax. Agarrar-lhe os cabelos enquanto ela lhe sugava o membro. Ultimamente? Rá!

Mesmo naquele instante, tremia. Tremia como um maldito mortal.

Seu corpo, negligenciado havia muito, praticamente soluçava por Anya cada vez que ela se aproximava dele. Forçar-se a ir embora estava ficando cada vez mais difícil. E forçar-se a desencorajar os avanços dela, ainda mais.

Pare de pensar, termine de comprar, ordenou a si próprio ao percorrer as ruas pavimentadas da cidade. Transportara-se da ilha para Atenas, e o sol brilhava intensamente. Da última vez em que estivera ali, séculos atrás, as ruas estavam cobertas de corpos de gente morta e o sangue fluía como rios escalartes.

Ele se esforçou para tirar a imagem da cabeça. O ar era refrescante e salgado. Precisava aproveitar o clima ameno enquanto podia. Logo sentiria o vento gelado do Ártico. Com Anya.

Maldição! O que seria necessário para exorcizá-la por completo de seus pensamentos?

Determinado, Lucien repassou na cabeça tudo de que precisaria. Um casaco. Botas. Roupas de baixo bem quentes. Meias grossas. E luvas. Poderia ter se transportado para Budapeste e pegado tudo por lá. Mas os itens de que dispunha haviam sido comprados para invernos suportáveis. O Ártico era outra

história. Teria de suportar ventos congelantes e neve até onde a vista alcançava. Talvez a sorte estivesse do seu lado e ele encontrasse a Hidra rapidamente. Ligou para Maddox e o mandou pedir a Torin que buscasse possíveis avistamentos.

O que Anya estaria fazendo?

Desta vez, sequer tentou conter seus pensamentos. Obviamente, de nada adiantava resistir. Anya. No Ártico. Sozinha com ele. Talvez encontrar a Hidra rapidamente não fosse algo tão maravilhoso assim.

Da última vez em que ele e Anya haviam estado juntos no frio, ela o empurrara na água gelada. A lembrança não deveria tê-lo feito sorrir, mas fez. Anya, de pé na geleira, aguardando-o e, depois, empurrando-o com toda a força havia sido uma visão linda, embora um pouco macabra. Até mesmo seus testículos haviam congelado.

Ela rira, um fino som de genuína diversão. Qualquer outra pessoa teria ficado apavorada por ter Morte a caçá-la.

Onde ela estava?, perguntou-se mais uma vez. Teria, enfim, se cansado dele?

Ao passar por uma loja de esquina, esmurrou a parede. A pedra lhe feriu a pele. Quer Anya tivesse se cansado dele ou não, Lucien em breve a teria para si, longe dos outros guerreiros. Com sorte, extrairia mais informações dela. Com sorte, evitaria que ela extraísse mais informações dele.

Com sorte, faria melhor o seu trabalho.

Seu passo acelerado foi ficando mais lento, e ele se forçou a admirar a paisagem. Árvores cor de esmeralda ladeavam a maioria das construções, estendendo-se em direção ao céu e lançando sombras à sua volta. Não havia carros nas ruas, eram proibidos, de modo que as pessoas tinham de andar até o seu destino.

Comerciantes estavam nas ruas com força total, vendendo de tudo, de frutas e legumes a lenços finos e maçanetas de porta. Nada daquilo o manteria

aquecido no Ártico.

— Nunca encontrará o que precisa aqui — disse Anya, aparecendo de súbito atrás dele.

O sangue de Lucien ferveu no ato, e ele olhou ao redor, certificando-se de que ninguém havia testemunhado o súbito aparecimento. Os únicos olhando para ela eram homens, e ele não saberia dizer se estavam chocados ou simplesmente cativados.

Ela estava mais linda do que nunca.

O cabelo louro estava preso na nuca em uma complexa trança, e uma fita cor-de-rosa circundava suas orelhas. Estava usando um casaco felpudo e botas de cano alto com uma tira de pelúcia combinando.

— Onde esteve? — perguntou ele, mais bruscamente do que pretendia.

Finalmente, ela estava com ele, e nada mais deveria importar. *Ela está onde é o lugar dela*, a mente dele acrescentou, e Lucien franziu o cenho. *Quando ela está a meu lado, posso mantê-la longe de problemas*. Nada mais.

— Ah — disse ela, balançando a mão no ar. — Aqui e ali.

Estivera com outro homem? Ele cerrou os dentes. Era melhor não deixar que seus pensamentos seguissem por esse caminho. Então, decidiu mudar de assunto.

— Por que está vestida desse jeito? — Ele estava usando uma camiseta de linho preta e calças, e estava suando.

— Porque vamos para a Suíça, bobinho, e faz frio lá. Você, meu amigo, está com muito pouca roupa.

— Anya, eu...

— A diferença é só de uma hora — ela disse, interrompendo-o. — Então, é o momento perfeito para se ir às compras em Zurique.

Ele suspirou.

— Por que precisamos fazer compras em Zurique? — *Nós*. Maldito fosse aquele pensamento! Precisava pensar nos dois como indivíduos separados. Nunca como um casal. Perigoso demais.

— Porque está nevando, e fico bem de branco. Aposto que chego lá primeiro!

Ela desapareceu, deixando no ar traços de seu perfume de morango. Desolado, Lucien examinou a multidão mais uma vez. Várias pessoas haviam notado quando ela desaparecera, sabia disso sem sombra de dúvida, pois vários queixos estavam caídos.

Os cidadãos de Budapeste sabiam que ele e os outros eram diferentes, embora não soubessem quão diferentes, e, em geral, costumavam deixá-los em paz. Chegavam até a protegê-los. Talvez porque os guerreiros levassem tanto dinheiro para a comunidade. Talvez porque as pessoas tivessem medo do que aconteceria caso não o fizessem.

Mesmo assim. Desde que deixara a Grécia antiga e toda a destruição que causara, Lucien tivera muito cuidado para não deixar os mortais verem suas habilidades. Não queria rumores de sua presença circulando. Não queria a mídia humana a persegui-lo e aos outros, e certamente não queria mais Caçadores atrás de si.

Mas, apesar de tudo isso, não tentou explicar o que havia acontecido com Anya. Simplesmente desapareceu também. Com sorte, as testemunhas presumiriam ter imaginado a coisa toda. Ele sentia em seu íntimo uma compulsão de estar com Anya. Não podia esperar mais um segundo que fosse. Seu coração não havia desacelerado desde a chegada dela.

Sentia-se mais nervoso com Anya do que com qualquer outra pessoa no mundo. Não que houvesse desmoronado na presença dela, graças aos deuses, mas perdia a lendária calma e não devia de jeito algum fortalecer quaisquer

laços entre os dois, ainda mais quando recebera ordens de matá-la. No entanto, parecia incapaz de se conter.

Seu rastro luminoso levava mesmo a Zurique. Ele já estivera ali, uma ou duas vezes, coletando almas, mas jamais pudera se demorar ou explorar o lugar. O mesmo valia para praticamente todos os países que já visitara. Coletar, escotar até o céu ou o inferno e voltar para casa para esperar a chegada da meia-noite e da maldição de Maddox. Sua vida havia sido assim durante séculos. No mês que se passara desde que a maldição fora quebrada, os guerreiros andavam ocupados demais pesquisando a caixa de Pandora para que Lucien tivesse tempo para viajar. Não que tivesse muita vontade de fazê-lo àquela altura. Caçadores precisavam ser destruídos, seus amigos precisavam de paz.

Só rezava para não ser compelido a tomar outra alma naquele dia. Queria aquele tempo com Anya, sem ser interrompido ou estragado.

Tolo. Isto pode ser uma armadilha. Ela pode ter a intenção de feri-lo.

Ele a encontrou de pé num deque de madeira envernizada, envolta pela luz do sol. O ar frio soprava por entre eles. Atrás de Anya, havia uma vista surpreendente das montanhas com seus topos cobertos de neve.

Estava virada para ele, fios de cabelo lhe cobriram o rosto quando ela abriu os braços.

— O que acha?

— Uma maravilha. — E ela era mesmo.

Um sorriso gradual, quase hesitante, e definitivamente vulnerável, se desenhou nos cantos dos lábios carnudos de Anya. Ela o fitou e disse:

— Também acho.

Estaria falando dele? Em vez de provocá-lo, acalmá-lo ou empolgá-lo, como as palavras provavelmente tinham a intenção de fazer, elas o deixaram

furioso. Ele a desejava mais do que o ar que respirava, e ela brincava como queria com suas afeições. O corpo dele se retesou por inteiro.

Lá vamos nós de novo, ele pensou. Deixando que ela controle suas emoções. Deixando que ela o afete.

— Vamos acabar logo com isto — disse com firmeza.

Lentamente, o sorriso desapareceu.

— Acabar logo? Você é tão estraga-prazeres. Bem, não vou deixar que estrague isto para mim. Já almoçou?

— Não.

— Então, primeiro a comida. Depois, compras.

— Anya, acho...

Ela passou por ele como se Lucien não estivesse falando e atravessou rebolando o arco que levava ao espaçoso apartamento — por que não uma mansão? — de cores vívidas e luxuosa sensualidade. Sem saber o que fazer, ele a seguiu.

— Presumo que isto seja seu? — ele perguntou. — Esperava algo maior.

— Tenho uma casa em todos os lugares, e este é todo o espaço de que preciso. É mais... íntimo assim. — No centro da sala de estar, havia uma mesinha de madeira baixa repleta de comida, e Anya se deixou cair numa das almofadas diante dela. — Faz tempo que não venho aqui, por causa de você-sabe-quem.

— Cronos?

Ela assentiu e começou a encher dois pratos com... Ele fungou e se deu conta de que era empadão de frango, pão recém-assado e legumes no vapor. Não era o tipo de refeição extravagante que Lucien esperava ser a preferida de uma deusa.

— Sente-se — Anya disse, sem olhar para ele. Levou uma colherada à boca, fechando os olhos de puro deleite.

Ele obedeceu, sentindo um aperto no coração ante a domesticidade da cena e o prazer primordial que ela obtinha de um ato tão simples. Lucien jamais tivera uma esposa, jamais ficara com uma mulher solteira por mais do que alguns meses, o tempo que tivera com Mariah, antes que ela morresse, e, portanto, jamais experimentara nada remotamente doméstico. A não ser que se levasse em conta as débeis tentativas de Paris de cozinhar, que Lucien, definitivamente, não levava.

Mariah. Morta. Pensar nela naquele momento não provocou a costumeira onda de ressentimento, culpa e raiva. Após todo aquele tempo, ele estava, enfim, começando a se recuperar? A cada dia que passava, pensava menos nela. O que era tão triste quanto libertador.

Morte não se importara com ela, apesar de Mariah ter sido tudo para Lucien.

Será que Morte sentiria a perda de Anya?

Ele suspeitava de que sim. Mesmo naquele momento, o demônio estava ronronando.

— Não me contou o verdadeiro motivo de Cronos a querer morta — ele disse.

Anya tomou um gole do vinho escuro e forte, espiando Lucien por sobre a borda da taça.

— Não é verdade. Eu disse que tenho algo que ele quer.

— Seu corpo? — As palavras deixaram os lábios dele antes que ele pudesse impedi-las.

— De acordo com você, dou isso para todo mundo. — Havia um traço de amargura no tom dela. — Vai comer ou ficar só me olhando?

Com o estômago subitamente roncando, ele provou o empadão. Suculento, perfeitamente preparado.

— Foi você quem fez? — Ele não conseguia imaginá-la trabalhando na cozinha.

— Deuses, não. Eu roubei.

A aversão no rosto de fada de Anya foi cômica, e Lucien se flagrou sorrindo.

— Roubou?

— Sim. — Ela observou os lábios dele, seus olhos azuis ardendo. — Gosto quando você sorri.

Ele engoliu em seco.

— Cronos — insistiu, tentando dar um fim a quaisquer pensamentos que lhe passavam pela cabeça. — Por que ele mesmo não a procura e a mata? Você não está escondida agora. Estou certo de que ele já deve ter sido capaz de localizá-la.

— Ele é o homem misterioso dos céus. Ninguém sabe por que ele faz o que faz.

— E você não tem ideia?

— Bem — ela deu de ombros —, ele é um idiota. Essa é a minha ideia.

Lucien retesou-se, esperando que um raio caísse e o trovão reverberasse. Vários minutos se passaram antes que ele fosse capaz de relaxar.

— Esta *coisa* que ele quer. Diga-me o que é. Por favor. E, pelo amor dos deuses, Anya, desta vez, me dê uma resposta direta.

Se Lucien soubesse, poderia roubar dela, entregar a Cronos e pôr fim àquele pesadelo.

— Desta vez? — Ela apontou o garfo para ele. — Eu dou respostas diretas para você o tempo todo.

— Faça isso de novo, então — disse, com um suspiro.

Ela o observou por um longo instante, sem se mexer e sem nada falar. Por fim, disse:

— Se você quer a verdade, vou dizer a verdade. Mas a informação vai ter um preço. Faremos uma troca. Uma pergunta por uma pergunta.

— Feito. O que você tem que Cronos quer?

— Eu tenho uma... uma... droga, Lucien! Eu tenho uma chave, está bem? Está feliz agora?

— Sim. Pronto. Cada um respondeu a uma pergunta.

— Cada um não... Ah, desgraçado! Eu fiz uma pergunta, não fiz? *Está feliz agora?* Um a zero para você.

— Você tem uma chave — Lucien insistiu. — Uma chave para o quê?

— Isso eu não vou contar. — Ela levou outra garfada do frango à boca, mastigou e engoliu.

— O que ela abre?

— Não vou mais responder às suas perguntas — ela disse sem emoção. — Você joga sujo.

Ele não censurou a noção de jogo limpo de Anya, mas insistiu:

— Por que não a entrega para ele?

— Porque ela é minha — respondeu com raiva. Largou o garfo ruidosamente sobre o prato. — Agora, quieto, antes que eu teletransporte você até uma fossa de jacarés. Você está arruinando uma refeição que passei horas preparando.

— Acabou de me dizer que não a cozinhou.

— Eu menti.

— Uma chave não vai fazer muita diferença depois que estiver morta — ele ressaltou, recusando-se a dar o assunto por encerrado. Havia coisas demais em jogo.

— Vá para o inferno, Morte.

Lucien se deu conta de que ela só o chamava de Morte quando estava furiosa. Caso contrário, era docinho, querido e Flores. E amor, lembrou-se. Ele

preferia estes. Com exceção de Flores, os tratamentos o faziam se sentir como um homem. Não um imortal, não um guerreiro amaldiçoado. Não feio. E não como alguém que, no final de tudo, a destruiria.

Ele franziu o cenho.

— Não consigo acreditar que esteja disposta a morrer por uma simples chave.

— É diferente das outras chaves, e você não tem que me matar.

— Eu preciso.

— Que seja. — Ela bebeu o resto do vinho. — Eu respondi mais umas perguntas suas. Agora, responda algumas das minhas.

— Muito bem. — Ele garfou uma vagem fresca. — O que quer saber?

Ela apoiou os cotovelos sobre a mesa e repousou o queixo nas palmas das mãos.

— Alguma vez desobedeceu a um comando dos deuses?

— Não. Mas jamais havia recebido ordens de fazer algo até os Titãs conquistarem os céus. Os gregos nos deixaram em paz depois de amaldiçoarem Maddox.

— Pelo menos já *tentou* desobedecer aos Titãs?

— Mais uma vez, não. Não pessoalmente. Mas Aeron se recusou a matar aquelas quatro mulheres, e você já viu o resultado. A sede de sangue o consumiu. Agora, ele quer matar a todos. Até os próprios amigos. Talvez até a si próprio. Tivemos de trancafiá-lo, privando-o de mais liberdade do que ele já havia perdido quando todos nós fomos amaldiçoados com nossos demônios. É algo que havíamos jurado jamais fazer um com o outro.

— Entendo — disse ela, subitamente dando a impressão de estar perdida em pensamentos. — Perder a liberdade é um castigo pior do que a morte.

— Sim. — Lucien a estudou, maravilhado com o que via. Jamais vira aquela mulher brincalhona tão séria. Provavelmente, estava se lembrando do

tempo que passara presa, talvez sendo torturada. Ele cerrou os punhos. — Quanto tempo passou presa?

Ela deu de ombros.

— Pareceu uma eternidade, e acho que pergaminhos antigos dizem que foram cem anos, mas acho que estava mais para duzentos.

Sem dúvida, ela estava tentando passar uma impressão de pouco caso, porém, falhou.

— O que fez enquanto estava presa?

— Pensei, andei de um lado para o outro, sofri. Conversei com o homem na cela ao lado da minha. Ele era um pouco metido, porém melhor do que o silêncio. — Ela suspirou. — Já lutou alguma vez contra o demônio da Morte?

Ele franziu a testa, confuso. Antes a confusão do que a fúria diante do que ela havia sofrido.

— O que quer dizer? Lutar fisicamente com ele?

— Não. Sei que ele não pode sair do seu corpo, a não ser que morra ou ele seja sugado para fora. Sei que está preso dentro de você, e que vocês dois são como um só. Mas alguma vez resistiu ao desejo dele de tomar uma alma?

Todo o corpo dele se retesou. Aquele não era um assunto que ele costumava discutir. Contudo, Anya revelara parte de seu segredo. Ele não poderia fazer por menos.

— Sim.

— E? — O olhar dela se intensificou, como dois raios laser dirigidos a ele.

— O que aconteceu?

Nenhum dos guerreiros sabia que ele já se apaixonara; nenhum deles sabia que ele observara a amada definhando lentamente, seu corpo apodrecendo.

— Se eu não escoltar uma alma, seu corpo físico sofre agonias indescritíveis. Mais do que qualquer um deveria sofrer. Mais do que estava nos planos do Destino.

— Toquei num ponto fraco, não toquei? Tem um músculo repuxando abaixo do seu olho. — Em vez de tentar obter mais informações, ela comeu o restante da refeição em silêncio.

Enquanto ele a observava, as lembranças sombrias que as perguntas de Anya haviam trazido à tona desapareceram, sendo substituídas pelo desejo. *Possua-a.* As palavras sussurravam em sua cabeça. Talvez porque cada movimento que ela fazia era mais sensual do que o anterior. *Faça amor com ela.*

Não. Você não é um monstro. Pelo menos, não mais. Poderia passar algum tempo com ela, nada mais.

Quando Anya terminou de comer, ficou de pé.

— Quer dar uns amassos, ou quer ir direto às compras?

Ela não havia retirado o casaco bege, e parecia estar bem aquecida. Mais do que isso, parecia pronta para ser despida. Lucien desejou que fosse ele a aquecê-la.

— Compras — forçou-se a dizer.

Contudo, não ficou de pé.

Anya deu de ombros, como se a resposta não fizesse diferença para ela, e isso o deixou irritado. A irritação o enfureceu. E a fúria o incomodou. Não deveria sentir nada.

— Pode deixar suas armas aqui — disse ela, com um sorriso provocador. — Caçadores nunca vêm para cá. Sabe como é, território neutro.

— Eu não tiro minhas armas. Nunca.

Como uma carícia, o olhar dela percorreu-lhe o corpo.

— Nem para tomar banho?

O membro de Lucien enrijeceu quando ele a imaginou no chuveiro consigo, a água lhe escorrendo pelo corpo nu.

— Nem para isso.

— Ora, Lucy. Que coisa mais bárbara. — Ela mordeu o lábio inferior e contornou a mesa rebolando, curvando-se para sussurrar no ouvido dele. — Mas isso é uma coisa que eu gostaria de ver com meus próprios olhos.

Um cacho de seu cabelo roçou a face de Lucien, e os olhos dele se fecharam de êxtase. Seu sangue se incendiou repentinamente, em segundos, quase fugindo ao seu controle. Em vez de beijá-la, como queria tão desesperadamente — burro, perigoso... maravilhoso — ele, de algum modo, encontrou forças para se levantar e se afastar dela.

— Você sabe mesmo como acabar com a alegria da festa.

— Anya.

— Não. Nem uma palavra. Vamos sair daqui — disse ela, com a voz ligeiramente trêmula.

Ele ficou envergonhado ao se dar conta de que as próprias pernas estavam bambas. Estava tão rígido que o membro chegava a doer. Bastaria uma carícia para ele explodir.

Anya não olhou para trás ao caminhar até a porta da frente, abri-la e deixar o apartamento, esperando que ele a seguisse. Lucien precisou de um instante para inspirar e expirar, permitindo que o ar frio o acalmasse.

Cada músculo de seu corpo estava retesado, ansioso e carente dela. Apenas ela. Até mesmo o demônio parecia ansiar por Anya, não mais ronronando, mas rugindo vorazmente.

Pense nos artefatos, na caixa. Pense nos Caçadores. Pense em segurar o corpo morto de Anya nos braços.

Aquilo o acalmou.

Um sussurro irritado subitamente passou por ele.

— Estou esperando, Morte.

Cronos.

O corpo de Lucien estremeceu por completo. Enfim, o rei dos deuses havia retornado. Por que ali? Por que naquele momento? *Porque o adiamento da sua punição acabou.* O rei não havia se materializado. O que estava fazendo?

— Você falhou comigo, Morte. Repetidas vezes, falhou comigo.

— Sinto muito.

— Mentiroso!

O estrondo da palavra quase lhe estourou os tímpanos.

— Não sofrerá por isso — acrescentou o deus calmamente —, mas seus amigos sofrerão. Começarei por Paris, enviando-o para um lugar onde não haja mulheres. Eu o impedirei de partir e rirei à medida que for enfraquecendo. Rirei quando ele for forçado a recorrer a outros homens em busca de força. E, quando tiver terminado com ele, voltarei minha atenção para Reyes.

Lute contra ele, como Anya luta.

— Então, os mataria? Libertaria seus demônios para que vagassem pela Terra em um frenesi enlouquecido? Nenhum mortal se curvará aos seus pés depois que os demônios tiverem terminado de espalhar o caos.

— Zeus pode não ter sido capaz de proteger as pessoas dos seus demônios, mas *eu* sou. Deseja ouvir o que farei com Reyes?

Resista!

— Tenho certeza de que o impediria de ferir a si mesmo. Talvez o enchesse de um prazer com o qual ele não mais sabe lidar.

— Ousa zombar de mim?

— Não. Também não desejo cumprir a tarefa que me atribuiu.

— Estou ciente disso, Morte. Também estou cansado de esperar. Qual de nós acha que acabará vitorioso e conseguirá o que quer?

— E se... — Lucien cerrou os lábios. Deveria fazer aquilo? *Sim*, decidiu um instante depois. Não havia outro modo. — Anya tem algo que você deseja. E se eu o conseguir para você?

Por vários segundos, escutou-se apenas a tensão crepitante.

Depois, mais calmamente, Cronos disse:

— Permitirei que tente. Se falhar, *irá* me trazer o corpo dela. E, caso não cumpra tal missão, não serei tão tolerante. Farei tudo que afirmei, e mais. E o obrigarei a assistir enquanto o faço. Agora, vá!

Uma poderosa rajada de vento empurrou Lucien para a frente. Contendo um rosnado, ele se endireitou e seguiu o caminho que Anya havia tomado. Encontrou-a no saguão do prédio, viva e bem, apesar de Cronos estar por perto. Precisava obter dela a tal chave. Naquele instante, era a única maneira de salvá-la que conhecia. Se falhasse...

Seu estômago se revirou dolorosamente. Não falharia.

Permitiu que seu olhar examinasse o prédio. No canto, havia uma enorme lareira acesa. Ao lado, um balcão de onde dois homens observavam Anya com evidente aprovação. Sem notar os mortais, ou talvez sem se importar com eles, ela batia impacientemente a ponta do pé no chão e estudava as suas unhas de um cor-de-rosa vívido.

No dia anterior, haviam estado vermelhas. Não haviam? Talvez tivessem estado azuis. Ela as mudava todos os dias, quase com a mesma frequência com que mudava de humor.

Lucien sibilou para os homens ao passar por eles, incapaz de conter o ruído. Suas emoções estavam demasiadamente à flor da pele para que se importasse com as consequências. Demasiadamente à flor da pele para se importar com o fato de que ser possessivo com uma mulher como Anya não passava de um convite ao sofrimento.

Ela não é sua, e jamais poderá ser. Mesmo que nada mais importasse, roubar a preciosa chave dela garantiria aquilo.

Ele nada disse ao passar por ela, mas Anya tratou de caminhar ao seu lado. Lucien podia sentir o calor do corpo de Anya e inspirar seu perfume de

morango, suas duas coisas favoritas, percebeu. Seu mundo não seria mais o mesmo sem elas.

— O que quer comprar primeiro? — perguntou Anya, sem saber dos pensamentos de Lucien e de seu conflito interno.

Ele abriu a boca para perguntar sobre a chave, mas as palavras não quiseram se formar. Ela encerrara a conversa anterior no instante em que a chave fora mencionada. Lucien supôs que, primeiro, teria de amolecê-la e conquistar um pouco de sua confiança.

— Um casaco seria bom — disse. Embora raios de sol descessem do céu, o vento frio soprava de encontro a ele.

— Então, um casaco é o que terá. Conheço o lugar perfeito. — Ela entrelaçou os dedos aos dele e o puxou para a esquerda.

O instinto exigiu que ele se soltasse. Porém, Lucien não o fez. Em vez disso, apertou os dedos com mais força, desejando jamais ter que soltá-la. Ela suspirou, e lançou um sorriso meigo por sobre o ombro. Morte se agitou nos corredores da mente dele, ansiando por ela, também querendo tocá-la.

Ela o puxou por uma rua coberta de gelo. Carros passavam e as pessoas caminhavam pelas calçadas cobertas de neve, entrando e saindo das lojas feitas de pedra, cercadas por todas aquelas montanhas majestosas. Os deuses realmente haviam se superado com aquele cenário magnífico.

Aquilo poderia ter sido o paraíso.

— Aqui. — Anya o puxou pelo braço para dentro de uma loja chamada Machen Teegeback.

— Bolinhos quentes? — traduziu ele, tendo dominado muitos idiomas ao longo dos anos. — Acabamos de comer, e pensei que fôssemos comprar um casaco.

Ela riu.

— Isso não é uma confeitaria, amor, é uma loja de ponta de estoque. — Lá dentro, havia casacos, luvas, chapéus e tudo de que ele precisaria para se manter aquecido. — Agora, não se preocupe. Anya vai vestir você direitinho.

Com outra risadinha divertida, ela passeou pela loja, jogando para ele casacos de diferentes cores.

— Este vai combinar com seus olhos. Bem, com um deles. — Pausa. — Este vai fazer um contraste lindo com sua pele. — Pausa. — Hmm, este aqui vai me dar acesso fácil pelos bolsos ao meu novo lugar favorito. — Pausa. — Ah, achei! Olhe este. — Ela ergueu a versão masculina do casaco que *ela* estava usando, antes de atirá-lo para ele. — Seremos como almas gêmeas escalando as geleiras.

A menos que Lucien encontrasse a chave, Anya não viajaria com ele. De forma egoísta, ele ficou decepcionado com a ideia.

— Preciso de apenas um casaco. Qual você...

Lançando um olhar furtivo na direção do caixa, ela enfiou um par de luvas de lã enormes dentro do próprio casaco.

Ele franziu o cenho, certo de que estava enganado quanto ao que acabara de acontecer.

— O que pensa que está fazendo?

— Roubando. — Havia tanta satisfação na voz dela, era como uma excitação sexual.

Um arrepio percorreu as costas de Lucien.

— Então, não estava brincando quanto à comida. Está com problemas de dinheiro?

— Pouco provável. Sou cheia da grana. — Ela ancorou as mãos nos quadris e fez beicinho para ele. — Não me diga que o seu demônio malvadão está chateado. Porque não devia estar. Eu pago outro dia, docinho. Talvez.

— Devolva as luvas, Anya. — *É assim que pretende amolecê-la?* O músculo do maxilar dele se contraiu. Não. Porém, ele se recusou a voltar atrás.

— Não.

— Muito bem. Pagarei por elas.

Lucien largou os casacos que Anya havia jogado para ele, gentilmente lhe agarrou o braço com uma das mãos e, com a outra, pegou as luvas. A palma de sua mão roçou na lateral do seio dela. Engolindo em seco, ardendo, ele pegou um de cada item de que precisava, caminhou até a registradora e pagou com as notas que Paris lhe dera antes.

Ao saírem pela porta, Anya estava furiosa ao lado dele.

— Preciso fazer isto, está bem?

Sua intensidade o pegou de surpresa.

— Por quê?

— Você tem suas compulsões, e eu as minhas. Posso escolher entre tocar fogo no lugar ou roubar um insignificante par de luvas.

Lucien, por fim, entendeu. Ela lutava contra o seu próprio demônio, uma natureza sombria que ela queria controlar.

— Lamento tê-las tirado de você.

Uma pausa. Uma fungada.

— Tudo bem.

Carregando as compras, Lucien saiu da loja e ficou na calçada, aguardando que ela se juntasse a ele. O ar frio o açoitava, mas não retirou o casaco de dentro da sacola. Sua pele ainda estava em chamas por ter tido Anya perto de si.

Lucien a queria perto novamente, e isso nada tinha a ver com conseguir pôr as mãos na tal chave. Um minuto se passou, e ela não saiu da loja. O que estaria fazendo? Ele deu meia-volta e avançou com toda a intenção de voltar para dentro da loja.

No entanto, a porta se abriu e Anya saiu. Seus lábios curvados num sorriso arrogante. A pele dele ficou ainda mais quente.

— Talvez eu tenha de cavar através do gelo enquanto procuro o artefato. Preciso das ferramentas adequadas — disse ele. — Onde posso adquiri-las?

— Eca. Cavar *não* vai ser divertido.

— Diversão não é o propósito da viagem.

— Desmancha-prazeres.

De dentro do casaco, ela retirou um par de luvas pretas. Usando os dentes, arrancou a etiqueta. Depois, fitando-o nos olhos, cobriu as mãos com as peças de couro.

— Você as roubou?

— É disso que eu gosto em você, docinho. É um cara observador.

Com os lábios se repuxando, Lucien balançou a cabeça. Saiu marchando, forçando-a a segui-lo ou a ser deixada para trás.

— Diga-me por que precisa roubar para não ter que incendiar um prédio. Você sugeriu, eu deduzi, mas gostaria de ouvir a história em primeira mão.

Ela tratou de lhe acompanhar o passo.

— Lembra aquelas guerras que Reyes mencionou naquela noite, na boate? Adivinhe só. Fui eu quem as começou. Quando andei pela primeira vez entre os mortais, estava louca de necessidade de causar desordem, e tudo o que eu fazia parecia despertar fúria neles. Entre eles mesmos, não com relação a mim. Pior, eu não conseguia olhar para uma tocha sem derrubá-la. Às vezes, nem percebia o que tinha feito até que as chamas estivessem dançando aos meus pés e as pessoas estivessem gritando. E aqueles gritos, ah, deuses, aqueles gritos... — Ela suspirou sonhadoramente. — Eram tão deliciosos para os meus ouvidos. Como um sorvete da audição. Mais e mais, eu queria escutá-los. *Precisava* escutá-los.

— Anarquia é a ausência de leis. Talvez, no fundo, aqueles gritos representassem o caos que a sua natureza exigia.

— É — disse ela, os olhos se arregalando.

— O demônio dentro de mim é Morte. Por um longo tempo, ele desejou a ausência da vida, apesar do que eu tivesse de fazer para saciar tal desejo.

— Você entende mesmo. — Ela balançou a cabeça, sua expressão um pouco surpresa. Um fio de cabelo se soltou, e ela o prendeu atrás da orelha. — Um dia, me flagrei estendendo a mão, prestes a soltar um lustre do teto, só para escutar o vidro se estilhaçar e as pessoas gritarem, quando uma mulher passou por mim. Ela estava usando um anel, e o diamante cintilava na luz, mais brilhante do que qualquer lustre. Deuses, eu queria aquele diamante. Eu a segui e o roubei. No instante em que o coloquei no dedo, essa necessidade triturante dentro de mim simplesmente... se acalmou, de algum modo. Desde então, venho roubando.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Pode roubar de mim quando quiser.

Lamentavelmente, Lucien receava que seria ele a roubar dela em breve. Mais do que nunca, ele não desejava lhe tirar a vida. Como ele, Anya poderia ter se tornado um pesadelo ambulante e, contudo, se esforçava para ser algo além. Para ser melhor.

Ela lhe lançou um sorriso.

— Obrigada.

O peito de Lucien começou a doer. *A chave. Pergunte sobre a chave.*

— Já passou muito tempo no Ártico? — flagrou-se perguntando em vez disso.

— Um pouco. Ah, isto vai ser divertido. Bem, tirando a parte de cavar. — Ela bateu palmas empolgadamente. — Só nós dois, abraçados para ficarmos aquecidos, sem preocupação com Caçadores. Duvido que qualquer humano

conseguisse sobreviver ao frio durante muito tempo. Agora, vamos. Não quero mais andar. É um desperdício de tempo. — No instante seguinte, ela desapareceu.

Ele a seguiu sem hesitação...

Chegando à Grécia. À ilha, à sua casa alugada. Lucien largou as sacolas, sem sentir e nem avistar nenhum dos outros guerreiros. Provavelmente, ainda estavam reunindo os suprimentos.

Anya se deixou cair no sofá de couro creme, como se não tivesse uma só preocupação no mundo. Com um suspiro feliz, ela tirou as luvas roubadas, seguidas das botas, que revelaram lindas leggings brancas. Jogou ambas longe. Em seguida, tirou o casaco, revelando um sutiã de renda branca.

Os olhos quase saltaram do rosto de Lucien.

— Passou o dia inteiro usando *isso*?

Ela sorriu, maliciosa.

— É. Gostou?

O membro dele se avivou, inchando. De novo. Desta vez, ficando mais grosso, mais cheio. Mais rígido, mais quente. Ela estava ainda mais sexy naquele momento do que quando usara o uniforme de empregada; e ela quase o fizera desmaiar na ocasião. Graças aos deuses, ele não soubera o que ela estivera usando por baixo do casaco. Poderia ter matado qualquer um que olhasse para ela e, depois, a atacado ali mesmo, na neve.

Lucien não conseguia desviar os olhos dela. Sua barriga era lisa e cor de baunilha, seu umbigo, um banquete sensual para os olhos dele. Os seios eram fartos e suculentos; os mamilos, rosados, ligeiramente visíveis e tão rijos. As leggings se ajustavam às pernas dela como uma segunda pele.

— E então? Gostou? — ela repetiu, espreguiçando-se. Os pés estavam descalços, as unhas bem-feitas, brilhando sob a luz. — Você podia ter visto

tudo isso e muito mais antes, só que estava ocupado demais sendo teimoso. Não seja teimoso desta vez.

— Você é linda, Anya.

— Então, venha até aqui e me beije — ela pediu roucamente.

— Não posso — retrucou ele com dificuldade.

— Por que não? — Ela desceu a ponta de um dos dedos pela barriga, circulando o umbigo. — Não estou pedindo para fazer nada de mais. Só beijar e me acariciar um pouquinho. E, só para você saber, esta é a última vez que vou me oferecer para você. Suas rejeições constantes estão ferrando com a minha autoconfiança.

Um rugido ecoou pela cabeça dele. Não tocá-la? Não beijá-la?

— Por que não mais do que beijos e carícias?

— Porque não.

Ela cruzou os braços, chamando ainda mais atenção para o volume dos seios.

Santos deuses.

— Responda.

— Por que deveria? Você raramente me responde.

Mais uma vez, ela passou a ponta do dedo pela barriga.

O olhar dele acompanhou o movimento. Lucien engoliu em seco. Ela se entregaria a outros homens, mas não a ele. Ao se dar conta disso, Lucien cerrou os dentes. Ele só teria a permissão de Anya para beijá-la. Não era bom o bastante para mais nada.

Queria odiá-la por isso, mas a culpa era toda dele. Lucien se desfigurara de propósito, para que as mulheres não o desejassem. E, embora ela obviamente não o achasse digno, ainda assim, ele tentaria lhe salvar a vida.

— Precisamos conversar sobre uma coisa, Anya.

— O quê? O melhor jeito de você mexer a língua?

— A chave. Entregue-me a chave que Cronos quer, e farei o que você quiser, eu a beijarei como você quiser.

A cor abandonou suas bochechas.

— De jeito nenhum. Não quero você tanto assim.

Lucien sabia disso, mas ouvi-la dizê-lo o magoou profundamente.

— Entregar a chave salvará sua vida.

— Sem a chave, minha vida não vale a pena. Mas, não quero mais falar sobre isso. Quero falar sobre nós.

— Não poderá haver “nós” até que me dê a chave.

— A chave é minha — gritou ela —, e jamais vou abrir mão dela! Está entendendo? Jamais! Prefiro morrer.

— Você *vai* morrer se não me entregar. Está me obrigando a fazer algo que não quero, Anya.

— O quê? Roubá-la?

Ele não respondeu.

— Vai se arrepender se tentar.

Ainda nenhuma resposta.

— Esqueça a chave! Estávamos nos divertindo, e podíamos estar nos divertindo ainda mais agora.

— Cronos veio até mim. Ameaçou aqueles que amo. Meu tempo acabou, Anya. Devo entregar a chave ou você a ele. Prefiro entregar a chave.

A veia no pescoço dela pulsava, descontrolada.

— Quando ele apareceu para você?

— Antes de sairmos às compras — admitiu ele.

— Foi por isso que você concordou tão facilmente em ir. Queria me amansar para que eu simplesmente lhe entregasse a chave. — Ela riu com amargura. — Ou talvez tivesse pensado que eu cometeria um deslize e diria

onde ela estava, para que você pudesse roubá-la. De que valem os seus grandiosos princípios?

— O que vai ser? Você ou a chave?

— Eu. — Ela ergueu o queixo. — Já disse. Eu me recuso a me separar da chave.

— Anya — disse ele, odiando a si mesmo. Odiando Cronos. Odiando ainda mais a mulher que estava tentando salvar. Ela o fizera *sentir*. Naquele momento, mais do que nunca, as emoções eram suas inimigas. — Este é o seu último aviso.

— Lucien, não posso abrir mão dela. — Lágrimas lhe encheram os olhos.
— Não posso.

Aquelas lágrimas...

— Por quê?

— Simplesmente não posso. Não *vou*.

Não havia mais nada para ele dizer. *Vamos. Acabe com isso. Está na hora.*

— Eis o seu aviso. Será rápido. Eu a matarei primeiro. Tomarei sua alma depois.

Ele se teletransportou até ela, montando-lhe os quadris no instante seguinte, as adagas desembainhadas e seguras nas mãos, erguidas, prontas para golpear.

Aqueles olhos lacrimosos se arregalaram, chocados.

— Sinto muito — ele disse, e golpeou.

Capítulo Nove

PARIS VAGAVA PELAS ruas pavimentadas de Atenas enquanto o sol brilhava, alto e dourado. O ar estava tranquilo, sereno, e as paisagens do Velho Mundo eram de tirar o fôlego. Ondas delicadas vindas do mar ali perto apenas acrescentavam a trilha sonora perfeita.

Ele deveria estar se preparando para a viagem seguinte aos Estados Unidos.

Não estava.

Procurava uma mulher, qualquer mulher que o quisesse. Contudo, apesar do que fazia ou dizia, as mulheres da Grécia não reagiam a ele do mesmo modo como as de Budapeste. Diabos, do mesmo modo como todas as mulheres no resto do mundo reagiam a ele.

Também não conseguia compreender isso. Sua aparência física não mudara. Ainda era um tremendo bonitão. Seu comportamento não mudara. Ainda era a pessoa mais encantadora que conhecia. *Nada* nele mudara. No entanto, antes de ir para lá, tudo o que tinha a fazer era olhar para uma mulher para que ela se despisse para ele, preparando-se para lhe dar prazer. Ali nada acontecia. Nada.

Mulheres de todas as idades, tamanhos e cores o tratavam como se ele fosse um leproso.

Infelizmente, àquela altura, tudo de que precisava eram cinco minutos e um par de pernas abertas.

Sem sexo, ele enfraquecia. Ficava vulnerável e incapaz de se defender dos Caçadores e de seus ataques assassinos.

Se possível, ele teria escolhido uma mulher, se casado com ela e a levado consigo para todos os lugares, aproveitando sua companhia, e a de mais ninguém. Contudo, apesar do obstáculo da mortalidade das mulheres humanas, o demônio dentro dele jamais permitiria algo assim. Depois de dormir com uma mulher, ele jamais conseguia ficar excitado com ela novamente. Não importava o quanto quisesse estar com ela.

Fora por isso que desistira de tentar conseguir algo que durasse mais do que uma noite. Para se manter vivo, teria de trair constantemente a esposa, e se recusava a fazer algo assim.

Alguém olhe para mim, alguém me deseje. Se não conseguisse achar uma mulher... as coisas que era forçado a fazer o enojavam.

Estupro, não, por favor, estupro, não. Contudo, o demônio não tinha preferências sexuais. Paris tinha. Queria apenas mulheres. Sentia o estômago se revirando à medida que as lembranças tentavam lhe invadir a mente. Lembranças detestáveis. Ele trincou os dentes, num esforço para reprimi-las.

Encontre uma prostituta, Luxúria sugeriu, precisando de sexo tanto quanto ele.

Já tentei. É como se estivessem se escondendo de mim. Na verdade, Paris preferia prostitutas. Ambos se beneficiavam com a transação, e sua amante não iria embora com a perspectiva de um novo encontro.

Uma morena caminhava lentamente pela calçada na direção dele. *Mulher.* Ele sentiu o cheiro antes de avistá-la, virando a cabeça para inspirar mais de sua fragrância feminina. *Ela vai servir.*

Sua mente já estava na metade do caminho até ela antes que ele se desse conta de que dera apenas um único passo.

— Com licença — disse ao alcançá-la. Sua voz estava carregada de desespero.

Ela o encarou. A apreciação surgiu nas feições dela, porém nada mais. Nada de desejo hipnotizante. De perto, ele pôde notar os fios grisalhos no cabelo e as linhas de expressão em torno dos olhos.

Não importava. Sua boca salivava por ela.

— Sim? — disse ela, com um forte sotaque, sem desacelerar o passo.

Normalmente elas paravam, já desesperadas para tocá-lo. O que tornava aquelas mulheres gregas diferentes?

— Você gostaria de... — Droga. Não podia perguntar logo de cara se ela queria ir para a cama com ele. Ela, provavelmente, recusaria. — Gostaria de jantar comigo?

— Não, obrigada. Já comi.

E, com isso, ela acelerou o passo, afastando-se dele.

Paris estacou, atordoado, desanimado. Irritado. O que diabos estava acontecendo?

Os deuses, talvez? Estariam interferindo? Ele olhou para os céus. Desgraçados. Não se surpreenderia se fosse verdade. Mas por que se dariam ao trabalho? Queriam que eles achassem os artefatos, não queriam? Ele e os outros guerreiros eram a melhor chance que tinham.

— Não fiz nada para vocês — rugiu.

Ao falar, um pensamento sombrio se instalou em sua cabeça. Maddox, Violência, havia notado uma mudança em si mesmo. Pouco antes de conhecer Ashlyn, o amor de sua vida, ele estivera se tornando mais selvagem, mais incontrolável. Lucien parecia estar experimentando um fenômeno semelhante

com Anya, não que o impassível Morte jamais fosse admitir algo assim em voz alta.

Caso mencionasse algo, Paris suspeitava de que o novo Lucien poderia muito bem matá-lo a pauladas num acesso de raiva, uma raiva que raramente demonstrara antes.

Bons deuses. Serei o próximo?

Não. Não, não não. Como Paris não podia ficar com apenas uma mulher, rezava para jamais encontrar uma pela qual se apaixonasse. Na verdade, se encontrasse uma beldade cujo nome começasse com A... primeiro Ashlyn, depois, Anya... correria como se o diabo estivesse no seu encalço. De jeito nenhum. Não para ele.

Uma loura passou, carregando duas sacolas de papel de onde saía o aroma de pão recém-assado. Ele se pôs em movimento, seguindo-a.

— Permita-me ajudar com isso — disse.

Deuses, ele soava desesperado.

— Não, obrigada. — Ela sequer olhou para ele, mas continuou a andar.

Mais uma vez, ele se deteve. Inferno! Que raios tinha de fazer? Se tivesse que voar de volta para Budapeste, seria o que faria. Ou localizaria Lucien e suportaria outro estonteante teletransporte, para que pudesse chegar mais rápido. Os artefatos e a caixa de Pandora que se danassem. Ele...

Outra loura passou por ele.

Outra rejeição.

Outra morena.

Outra rejeição.

Uma hora depois, seu corpo estava rígido e quente e — droga! — ainda enfraquecendo. Suas mãos tremiam, e podia sentir a necessidade de sexo preenchendo cada uma de suas células. E foi por isto que, quando alguém

esbarrou nele por trás, Paris cambaleou para a frente, quase caindo de cara no chão, antes de conseguir se recobrar.

— Sinto muito — disse uma voz feminina.

Um arrepio lhe percorreu o corpo ao som do timbre sensual. Ele se virou lentamente, receando que, caso se movesse rápido demais, ela pudesse fugir dele, como as outras. Papéis estavam espalhados ao redor dos pés dela, Paris notou, e ela estava agachada, tentando recolhê-los.

— Isso me ensinará a não ler e andar ao mesmo tempo — ela murmurou.

— Que bom que você estava lendo — disse ele, curvando-se para ajudá-la.
— Que bom que tenhamos esbarrado um no outro.

As pálpebras dela se ergueram, e seu olhar encontrou o dele. Ela arquejou.

De excitação? *Por favor, por favor, que seja excitação.*

Ela era comum, com olhos cor de avelã, pele sardenta e cabelos castanhos ondulados que caíam para além dos ombros. Os olhos eram grandes demais para o rosto, e os lábios, tão cheios que pareciam ter sido ferroados por uma abelha. Mas havia algo de sedutor nela. Algo que fez com que o olhar dele se demorasse, deliciando-se com ela. Talvez uma sensualidade oculta. Um brilho malicioso naqueles olhos castanho-esverdeados.

As quietinhas e tímidas eram sempre as mais selvagens.

— O seu nome não começa com *A*, começa? — perguntou ele, subitamente, desconfiado.

Ela franziu o cenho, confusa, mas balançou a cabeça.

— Não. Meu nome é Sienna. Não que você se importe ou que tenha perguntado de verdade. Sinto muito. Não tive a intenção de sair falando.

— Eu me importo — ele disse roucamente. Mal podia esperar para despi-la.

Um rubor dominou-lhe as faces, que rapidamente voltou sua atenção para os papéis.

— Você é... americana? — perguntou ele, entregando-lhe os papéis que catara.

— Sou. De férias aqui para trabalhar no meu manuscrito. Mais uma vez, não que você tenha perguntado. Mas não estou conseguindo identificar o seu sotaque.

— Húngaro — disse ele. Bem, já vinha vivendo em Budapeste por séculos suficientes para que reivindicasse a nacionalidade. Rapidamente, desviou o assunto de volta para ela. — Quer dizer que é escritora?

— Sou. Bem, tenho esperanças de ser. Espere, isso também não está certo. *Sou* uma escritora, só que nunca tive nada publicado. — Empilhando os papéis, ela mordiscou o sedutor lábio inferior. — Sinto muito, estou falando demais. É um hábito meu. É só me mandar calar a boca quando já tiver ouvido demais.

— Eu adoraria ouvir mais.

Paris se viu tomado por um alívio tão potente quanto o mais rico dos vinhos batizado com ambrosia. Enfim, uma mulher que não fugia dele como se ele fosse veneno.

Enrubescendo novamente, ela ajeitou um cacho de cabelos atrás da orelha.

Ele observou o gesto, o membro latejando em resposta. As mãos da mulher eram lindas, talvez a parte mais sensual de um corpo que ele já vira. Macias, delicadas, com as unhas quadradas de pontas brancas. Uma corrente de prata lhe rodeava o pulso igualmente belo. Ela usava três anéis. Dois eram simples arcos, também de prata, e o terceiro, uma enorme opala iridescente.

Casada?

Ele não gostava da ideia, mas não ia permitir que isso o dissuadisse. Só de imaginar aquelas mãos em seu corpo, quase chegou ao clímax.

Precisava possuí-la.

Pode ser Isca. O pensamento lhe ocorreu quase que por hábito, porque era algo com o qual se preocupava constantemente. Paris a estudou mais de perto.

As sardas se espalhavam por todo o rosto, os lábios eram quase deformados de tão grandes. Provavelmente, não era Isca, concluiu. Iscas, normalmente, eram lindas. Como Ashlyn. Como Anya. Sienna não era linda. Nem chegava perto de ser. Ainda assim, não baixaria a guarda.

Preciso possuí-la. Agora!, o demônio rosnou.

Logo... logo...

— Você está apenas sendo educado — disse ela, rompendo o silêncio que os havia envolvido. Ela se endireitou, colocando o manuscrito sob o braço. Era muito magra, quase não tinha busto.

Ele também ficou de pé, adorando como ela era pequena comparada com ele, como o corpanzil dele quase a engolia.

— De jeito nenhum. Sou educado, mas não estou mentindo. Quero saber tudo a seu respeito.

— É mesmo? — perguntou ela, esperançosa.

— Eu juro.

As roupas dela, azul-marinho e folgadas, não lhe valorizavam muito o corpo. Paris se perguntou se ela não estaria usando lingerie sensual por debaixo. Ele adoraria vê-la usando renda verde-esmeralda.

— Quer... há... tomar um café ou algo assim? — ela perguntou.

— Sim. — *Deuses, sim.*

Lentamente, ela sorriu.

— Onde?

O sorriso o afetou até a alma. Ele sentiu o seu esplendor como um soco na boca do estômago.

— Aonde você for, vou atrás.

Paris já estava duro, porém, revigorado. Ele a lisonjearia e a seduziria. Em seguida, lhe daria o melhor orgasmo da vida. Depois, amigavelmente, cada um seguiria o seu caminho.

Ela teria uma noite da qual jamais se esqueceria, e as forças de Paris retornariam. Pelo menos pelo resto do dia. Uma troca justa.

— Vamos — disse ele. — Encontraremos algo. — *Logo.*

Lado a lado, eles perambularam pelas ruas, o que apenas serviu para ele notá-la ainda mais. Ela cheirava a sabonete e... Paris fungou. Flores silvestres. Quais seriam as suas fantasias mais secretas?

— Tem um café logo depois da esquina — disse ela.

— Perfeito. — Um tremor o dominou. Desejo ou fraqueza? Não sabia, não se importava. *Distraia-se.* — Sobre o que é o seu manuscrito?

— Ah. — Ela gesticulou no ar com a mão. — Você não vai realmente querer saber, e tenho vergonha de dizer.

— Quer dizer que é um romance?

Os olhos dela se arregalaram, e ela olhou para ele.

— Como é que sabe?

— Sorte.

Paris conhecia as mulheres, mesmo quando não conseguia se aproximar de nenhuma delas. Apesar de a maioria adorar tudo o que era romântico, os livros de romances eram escondidos como se fossem algo de que devessem ter vergonha. Mal sabiam que *ele* os lia. Na verdade, Paris os adorava, e adoraria ter um final feliz para si mesmo.

Porém, até que o impossível tivesse se tornado possível, como os Titãs usando *tutus* e agitando no ar suas varinhas mágicas enquanto dançavam e cantavam sobre o amor, teria de se contentar com o que pudesse conseguir.

Por fim, viraram a esquina e avistaram o café. Mesas circulares e cadeiras de encosto alto estavam enfileiradas diante de uma enorme vitrine. Uma das mesas estava vazia, e eles rapidamente trataram de se sentar.

— Há quanto tempo está na Grécia? — perguntou ela, ajeitando sobre o colo os papéis e a bolsa.

— Pouco mais de uma semana, mas tenho trabalhado.

— Ah, isso é terrível. Ainda não teve chance de admirar os pontos turísticos, não é? — Ela apoiou os cotovelos sobre o tampo da mesa e o fitou, com uma expressão de arrebatamento. — Está aqui sozinho ou com um grupo?

Ignorando a pergunta, ele disse:

— Neste momento, estou admirando o que há de mais belo no país. — *Certo, garoto. Isso já está ficando brega demais, até mesmo para você. Vai se oferecer para ser material de pesquisa para as cenas românticas do livro dela? Baixe a bola.*

Contudo, ela voltou a enrubescer, a pele sardenta adquirindo um lindo tom rosado. O membro dele latejou em reação.

Uma garçonete chegou e anotou o pedido. Paris ficou surpreso quando a companheira — como ela dissera que era seu nome mesmo? — pediu um simples café preto. Ele teria apostado em algo doce. Ele pediu um expresso duplo.

Quando as bebidas chegaram, alguns minutos depois, ele voltou novamente sua atenção para a Sardenta. Ela ficava mais bonita a cada segundo que passava, Paris percebeu. Sob as sardas, a pele tinha um sedoso tom perolado, e seus olhos agora estavam mais verdes do que castanhos.

— Obrigada pelo café — ela disse, bebericando.

Ela estendeu a mão livre para tocar-lhe os dedos. No momento do contato, um arrepio quente e inebriante subiu pelo braço dele, tão inesperado e maravilhoso quanto ela se tornou de repente.

Ele suspirou, esforçando-se para reprimir um gemido.

— O prazer foi meu — respondeu, sentindo a ereção aumentando... aumentando...

Seria cedo demais para se engraçar? Ela fugiria?

— Mas você não me respondeu. O que está fazendo na Grécia?

Ela recolheu a mão, mas ficou olhando para a dele, como se houvesse algo de errado com ela.

— Apenas senti vontade de viajar — mentiu. Espere. Ele mencionara algo sobre trabalho pouco antes. — A trabalho. Sou... modelo.

Uma mentira que já usara inúmeras vezes.

— Uau! — exclamou ela, obviamente distraída. Franzindo o cenho, estendeu a mão, tocando de novo a dele.

Mais uma vez, arrepios percorreram o corpo de Paris. E, ao que tudo indicava, o dela, também. Ela arquejou uma segunda vez e virou a mão para si, estudando-a. Talvez fosse a hora de se engraçar, afinal.

— Adoro a sensação da sua pele.

Movendo-se nervosamente, ela desviou o olhar.

— Obrigada.

Lentamente, muito lentamente, ele tomou a mão dela e a levou à boca. Plantou um ligeiro beijo na parte interna do pulso. Os formigamentos ardentes cintilavam entre os dois, já constantes, e tão eróticos que Paris estava disposto a implorar para que ela dormisse com ele.

Quando ela não protestou, ele lambeu-lhe o pulso.

Arquejando, ela estremeceu. Não para se afastar dele, mas de surpresa... de prazer? Jamais tivera de se perguntar antes, mas ainda não era capaz de decifrar bem a expressão dela. Também não conseguia soltá-la. Tocar nela era como tocar em um fio desencapado, imobilizando-o no mesmo lugar, prisioneiro daqueles choques elétricos.

— Nunca faço isso — ela disse, recuperando o fôlego. — Nunca tomo café com homens desconhecidos e nem os deixo me beijarem. Ainda mais um modelo masculino.

— Mas não estou beijando você.

— Ah... Bem. Eu quis dizer... Bem, estava falando do meu pulso. Você estava beijando o meu pulso.

— Eu gostaria de beijá-la. — Ele a admirou através dos cílios espessos. — Beijá-la de verdade.

— Por quê? Não me entenda mal — ela se apressou a acrescentar. — Fico feliz. Mas por que eu?

— Você é uma mulher desejável.

— Eu sou?

— Ah, sim. — A voz dele estava rouca de tanta excitação. — Não consegue sentir as vibrações do meu desejo?

— Eu... Eu... — Ela voltou a morder o lábio inferior. Um hábito nervoso? Era adorável, mas *ele* queria morder aquele lábio.

— Não sei o que dizer — ela falou. Contornou a própria boca com a ponta de um dos dedos, como se também estivesse imaginando a língua dele ali.

— Diga sim.

— Mas não nos conhecemos.

— Não precisamos nos conhecer. — Deuses, mal podia esperar para sentir o gosto dela. Para senti-la por completo.

— Podíamos, sei lá, ir até o meu quarto, no hotel — sugeriu ela timidamente. — Se você quisesse, é claro. Podemos tomar um drinque, ou algo assim. Quero dizer, algo além de café. Mas não estou sugerindo que tenha que beber mais, se não quiser. Ah, droga. Estou nervosa! Sinto muito.

— Vamos a um lugar que seja novidade para nós dois. — Paris jamais entrava nos aposentos de uma mortal. Cometera esse erro apenas uma vez. E não podia levá-la até sua nova casa temporária. Isso colocaria os outros guerreiros em perigo, caso fossem seguidos por Caçadores. Sendo assim, cabia a ele próprio alugar um quarto de hotel. — Algum lugar próximo.

— Eu... eu... — ela gaguejou, novamente.

Ele se ergueu, inclinando-se na direção dela, e cobriu-lhe a boca com a sua. Ela a entreabriu imediatamente, sem protestar, e a língua de Paris a adentrou, para um beijo voraz e ardente. O sabor dela era mais delicioso do que ele poderia ter imaginado. Menta e limão, café e paixão total. Uma pontada de força já atingia o corpo dele.

Qual seria o sabor dela entre as pernas?

— T-tudo bem — ela sussurrou quando ele se afastou. Seus mamilos estavam rijos. — Vamos arrumar um quarto?

Ele contornaria aqueles mamilos com a língua, antes de sugá-los. Primeiro, a faria se contorcer enquanto lhe dava prazer com os dedos. Depois, gritar enquanto a preenchia com o membro. Passaria horas se deliciando com ela.

Com um grunhido, endireitou-se e lhe tomou a mão. Ela não protestou quando ele a ajudou a se levantar. Paris jogou várias notas sobre a mesa.

— Por aqui — disse.

Estavam de mãos dadas ao descer a calçada em ritmo apressado, e Paris desejou mais uma vez poder se teletransportar, como Lucien fazia. Não saberia dizer quanto tempo ainda conseguiria esperar para possuir esta mulher. Claro, quando a paixão houvesse terminado, ela perderia todos os seus atrativos. No entanto, até lá...

— Espere — ela disse subitamente.

Paris se deu conta de que estava ofegante e quase gritou “não”. Ele a puxou para um beco. Desesperado, tão desesperado. O lugar estava iluminado pela luz do sol, mas pelo menos teriam um pouco de privacidade.

— Sim — ele disse, empurrando-a de encontro à parede.

A blusa azul-marinho tinha uma ligeira abertura de cada um dos lados, revelando um pedacinho da pele suave.

— Nem sei o seu nome. — Ela não o empurrou para longe, como ele receara, mas o observou, boquiaberta, com desejo ardente naqueles olhos cor

de avelã, ao envolver-lhe o pescoço com os braços.

Estou de volta, ele pensou, murmurando:

— Paris. Meu nome é Paris. — Então, ele a beijou, roubando-lhe o fôlego.

Ela gemeu, e ele abafou o som. As pernas dela se abriram. A ereção de Paris pressionou a parte mais doce dela, esfregando-se, imitando o sexo. Desta vez, *ele* gemeu.

Perfeição.

Ela lhe massageou as costas, as unhas tocando além do tecido da camisa dele. O tempo todo, as línguas duelavam. Quando ele lhe apalpou o seio, o beijo se aprofundou, girando numa maré selvagem.

Preciso de contato pele a pele. Ele enfiou a mão por baixo da blusa... pele suave, ah, tão boa... subindo pelo abdômen esguio... ela estremeceu... e ele voltou a segurar-lhe o seio.

Ela não estava usando sutiã, e ele pôde ter uma prévia da pele que desejava loucamente. Doces céus misericordiosos. Os seios eram pequenos, mas os bicos eram perfeitos. Ele beliscou gentilmente um dos mamilos, girando-o entre os dedos gananciosos, adorando a sensação. Ela arqueou os quadris, acariciando o membro.

— Tão doce — ele rosnou.

— Paris — ofegou ela.

— Preciso estar dentro de você.

— Eu... Eu... Eu sinto muito.

Ele beijou uma trilha descendo pela face dela, ao longo do maxilar. Ela não se arrependeria de se entregar a ele. Cuidaria muito bem dela. Pelo resto da vida, ela se lembraria dele com um sorriso.

— Por quê?

— Por isto — respondeu ela. Não parecia mais ofegante, nem excitada. Parecia determinada.

Paris sentiu uma pontada de dor no pescoço. Confuso, afastou-se. Cambaleou. Sentiu uma estranha letargia se espalhar pelo corpo, fazendo com que seus joelhos tremessem.

— O que... Por que... — Sua voz estava fraca. Estranha.

O rosto dela girava diante de seus olhos, mas ele podia ver que estava usando uma máscara desprovida de emoções. As sardas pareciam ter se unido, formando um único borrão. Ele observou quando ela fechou a parte de cima do anel de opala, escondendo em seu interior a ponta afiada.

— O mal precisa ser eliminado — ela disse, sem emoção.

Isca, afinal de contas, ele pensou, e, em seguida, seu mundo escureceu.

REYES ESTAVA SENTADO no canto escuro de uma boate italiana de striptease, pensando que um bar era igual a todos os outros, não importa o país. Tinha ido a Roma em busca da caixa de Pandora, mas estava tendo dificuldades para se concentrar, e tudo o que conseguira fora irritar seus companheiros, em vez de ajudá-los.

Por fim, eles haviam pedido para que ele fosse embora, para se acalmar, antes de retornar às ruínas dos Impronunciáveis.

Então, ali estava, sentado, cortando o próprio braço sob a mesa, para que ninguém visse o que estava fazendo. Possuído pelo espírito da Dor, precisava sentir a lancinante pontada da agonia diariamente. Nada mais era capaz de acalmá-lo.

Ainda mais naquele momento, quando tudo em que conseguia pensar era Danika.

Onde ela estaria? Estaria bem? Ela o odiava ou passava as noites sonhando com ele, como Reyes sonhava com ela?

A imagem dela passou pela mente de Reyes. Loura, pequena, angelical. Sensual, corajosa, passional. Bem, ele imaginava que ela devia ser passional.

Jamais havia sequer a beijado, muito menos a tocado ou a despido.

Mas queria fazê-lo. Deuses, como queria!

Tinha de tirá-la da cabeça, o que havia sido o motivo de ter ido até ali. Mas as quatro mulheres nuas no palco, por mais belas que fossem, não estavam tendo nenhum efeito sobre ele. Sequer estava duro. Não conseguia mais ficar excitado sem pensar em Danika.

Queria tanto encontrá-la, protegê-la... amá-la. Não podia. Apesar de temporariamente aprisionado, Aeron a mataria um dia muito em breve, obedecendo à ordem dos Titãs. E Reyes não queria se envolver com ela, sabendo que a perderia. Não havia como deter Aeron. Para detê-lo, Reyes teria de matá-lo ou condenar o amigo a uma vida de tormento.

Infelizmente, Reyes não era tão egoísta. Aeron era seu irmão em tudo que contava, à exceção do sangue. Um guerreiro que lutara ao lado dele, protegendo-lhe a retaguarda, enquanto matavam Caçadores. Haviam sangrado juntos. Haviam salvado um ao outro. Esquecer-se disso por causa de uma mulher, de um prazer momentâneo... Ele mordeu a parte interna da boca.

A faca cortou fundo no seu pulso, acertando uma veia. Ele sentiu a trilha quente do sangue descendo pelo braço. Contudo, o ferimento se fechou de imediato, os tecidos voltando a se unir.

Ele fez outro corte, com uma careta, suspirando de alívio em seguida.

— Quer uma dança particular? — uma das dançarinas perguntou em italiano.

— Não — ele respondeu, mais ríspido do que pretendia.

Outro suspiro escapou de seus lábios, desta vez totalmente destituído de alívio. Não estava fazendo nenhum bem a si mesmo ficando ali. Não estava se acalmando, apenas ficando ainda mais mal-humorado.

— Tem certeza? — Ela levou as mãos aos seios cobertos por um sutiã de renda. — Vou fazer você se sentir bem.

Desde que fora amaldiçoado com o demônio da Dor, apenas uma vez sentira prazer de verdade, ao olhar para Danika. A dor daquele prazer havia sido... viciante. Ao que tudo indicava, nada mais serviria.

— Tenho certeza. Deixe-me em paz.

A dançarina se afastou, bufando.

Ele passou a mão pelo rosto. Decerto, devia haver algo que pudesse fazer para ajudar Danika. O pensamento de ver a sua vida vibrante sendo apagada era quase mais do que Reyes podia suportar. Doloroso demais, mesmo para ele.

Talvez devesse suplicar aos deuses, pedir-lhes que anulassem o comando dado a Ira, Aeron, para que matasse Danika.

Talvez, ele pensou, recostando-se na poltrona, sentindo um pouco de paz pela primeira vez em semanas. Precisaria de algo com o que pudesse barganhar, algo que eles quisessem. Não sabia muito a respeito dos Titãs, que não estavam no poder havia muito tempo. O que poderiam querer? E como ele poderia obter aquilo?

AERON SE AGACHOU no canto da cela, seu corpo surrado e ferido devido aos muitos acessos de raiva. Contudo, a dor não o incomodava. Não, ela o fortalecia.

Matar, matar, matar.

Precisava escapar daquela prisão. *Um prisioneiro dentro do meu próprio lar.* A sede de sangue não lhe dava folga, apertando, apertando... tanto que ele via o mundo em meio a uma neblina vermelha. Não conseguia comer sem imaginar a faca atravessando o pescoço de Danika... depois, o da irmã dela, o da mãe, o da avó. Não conseguia respirar, dormir ou se mover sem imaginar aquilo. *Matar.*

Durante tanto tempo, tivera esperança e rezara para que perdesse aquele desejo de matar. Mas, a cada dia, a vontade se tornava mais forte. Seus amigos

não o visitavam mais, a não ser para deslizar uma bandeja de comida para dentro da cela. Era como se o houvessem riscado de suas vidas.

Matar, matar, matar. Precisava sair daquela masmorra. Precisava destruir. Então, o desejo o abandonaria. Sabia disso. E, ah!, podia quase sentir o gosto daquelas mortes na boca. Sim, precisava fugir.

Nada mais de esperar. Nada mais de ter esperança de paz. Faria o que era necessário, o que haviam ordenado que fizesse.

Observou as barras. Um plano começou a se formar em sua mente. Ele sorriu. Logo...

Capítulo Dez

ANYA NÃO CONSEGUIA acreditar que Lucien havia acabado de tentar matá-la. Matá-la de verdade, não de brincadeira. Sim, sabia que ele havia recebido ordens para fazer aquilo. Sim, ele alegara que as cumpriria. E, sim, ele já até tentara antes.

Contudo, as tentativas anteriores tinham sido feitas com muito pouco entusiasmo. Não desta vez. Ele pretendia matá-la. Permanentemente, sem volta. Se ela não houvesse se teletransportado do sofá naquele momento, ele lhe teria cortado fora a cabeça. E, agora, estava na cola dela, determinado a eliminá-la.

Mágoa e raiva se apossaram dela ao se teletransportar de um lugar para o outro, cada um se confundindo com o seguinte, enquanto tentava despistá-lo. Naquele dia, tido ido às compras com ele, rira com ele. Contara-lhe sobre a chave. Pela primeira vez, ele parecera gostar — e aproveitar! — a companhia dela. Mais do que isso, prometera levá-la ao Ártico consigo.

E, depois, tentara matá-la.

O ardor da fúria de Anya se intensificou, e a mágoa ficou ainda mais profunda. Como ousava? Tudo o que ela fizera fora ser gentil com ele.

Bem, ela pensou, seus olhos se estreitando, isso mudaria. Agora, *ela* o mataria. Chega de desejá-lo. Chega de beijá-lo e imaginá-lo dentro dela. Furiosa, ela se teletransportou para o apartamento na Suíça e se trocou rapidamente, vestindo uma camiseta e calças de lycra pretas que não se manchariam facilmente com o sangue de Lucien, lembrando-a durante anos a fio do que tivera de fazer com ele. Depois, teletransportou-se para dois outros lugares, reunindo armas.

Assim que se armou de facas, estrelas para arremessar e uma arma de eletrochoque, ela se transportou de volta para a casa dele nas Cíclades. Não iria apenas matá-lo, ia se divertir electrocutando-o, antes de fatiá-lo como um presunto de Natal.

Ele não estava lá. Ainda a procurava, ela sabia.

Apareceria mais cedo ou mais tarde.

Ela ficou imóvel, pés afastados, mãos ao lado do corpo. Aguardando...
Ansiosa...

Ele chegou uma fração de segundo depois. Suas lindas feições desfiguradas estavam desprovidas de emoção. Ao vê-lo, ela se lembrou de algo que quisera fazer com ele e sorriu perversamente. *Aqui se faz, aqui se paga.*

— Anya.

Em vez de atacá-lo, ela se teletransportou até o quarto dele em Budapeste. Juntou as correntes que ele usara nela anteriormente e se teletransportou até aquela geleira na Antártida, onde as enrolou ao redor da cintura, como se fossem um cinto.

— Desgraçado — disse, ao sentir o vento frio lhe cortando a carne.

Lucien não sabia que ela era a única imortal que nenhuma corrente poderia prender, que nenhuma prisão poderia conter. Graças ao pai, que lhe dera a Chave-Mestra, ela poderia escapar de qualquer lugar a qualquer hora. Podia escapar de qualquer coisa, exceto de sua maldição.

Não vou desistir.

Sabia muito bem que abrir mão da chave era traçar o curso de sua própria derrocada. Seu pai soubera que enfraqueceria ao entregar-lhe a chave, mas, mesmo assim, ele o fizera. Para compensar o fato de ter estado ausente durante a maior parte da vida dela, para provar que realmente a amava.

Para o horror de Anya, ele rapidamente começara a desmoronar. Agora, todos aqueles anos mais tarde, não passava de uma sombra do que já fora. Não se recordava de quem era, do que havia feito ao longo da extensa vida, e nem de que tinha uma esposa. Mal podia tomar conta de si mesmo. E, como deixara Têmis apodrecendo na prisão, a mãe de Anya tivera que cuidar das necessidades dele.

Contudo, Anya gostava de pensar que ambos estavam felizes. Disnomia, porque tinha um homem que precisava dela e não a desprezava. Tártaro, porque não estava mais preso à cadeia e à cadela da mulher dele.

Isso não significava que Anya reduziria o sacrifício de seu pai a uma ferramenta de barganha em sua guerra com Cronos, perdendo tudo que havia conquistado. Se abrisse mão da chave, voltaria a ficar vulnerável. Seus poderes desapareceriam. Sua memória seria apagada. Sua habilidade de escapar de qualquer corrente, destruída.

Maldito fosse Cronos, de qualquer modo. Ela queria tanto que ele não tivesse descoberto a respeito da chave, mas imaginava que ele devia ter visto Tártaro, que fora abençoado com a chave ainda quando criança, dá-la à filha. Afinal de contas, haviam estado trancados na mesma prisão, de modo que isso fazia sentido. E, se ela não a tivesse usado para libertar os pais depois que Cronos os trancafiara, o deus provavelmente teria se esquecido dela. Mas Anya a usara, e ali estavam eles.

— O perseguidor e a perseguida — murmurou.

De um modo geral, Cronos queria que ela não estivesse mais de posse da chave para que não pudesse usá-la novamente contra ele. Anya tentara lhe dizer que não dava a mínima para os outros deuses e que jamais retornaria à prisão. Como a divindade desconfiada que era, ele não acreditara nela. E, na verdade, ele fora esperto ao não acreditar. Se Cronos trancafiasse os pais dela de novo, ela simplesmente retornaria e os libertaria.

Com a testa franzida, Lucien apareceu diante dela.

— Anya?

Ela não perdeu um segundo que fosse.

— Pronto para se divertir um pouco?

Anya não lhe deu tempo para responder. Carregando o peso das correntes, ela se teletransportou para uma movimentada rua em Nova York, cruzando os dedos para que ele fosse atropelado; depois, para uma boate de striptease gay na Itália, cruzando os dedos para que ele fosse bolinado; e, em seguida, para um zoológico em Oklahoma, cruzando os dedos para que o cocô do elefante estivesse fresco.

— Divirta-se — ela murmurou com prazer.

Anya se teletransportou uma última vez, de volta para onde começara: a casa dele na Grécia. Lucien ainda estava seguindo sua trilha. Rápida como um raio, ela escondeu as correntes sob a cama e pegou a arma de choque.

Quando se endireitou, ali estava ele, bem na frente dela. Ela prendeu a respiração. Ele ainda estava carrancudo, as presas afiadas à mostra, Morte brilhando no seu olhar. Estava com um corte sangrando na perna e cheirava a fezes.

Ela franziu o nariz.

— Pisou em alguma coisa? — perguntou inocentemente.

— Com isso, eu não me importei. — Ele deu um passo ameaçador na direção dela. — O que *realmente* me incomodou foi ter sido atingido por um

táxi e, depois, ter aparecido no colo de um homem nu. Com uma ereção, Anya. Ele tinha uma ereção.

Ela sorriu. Simplesmente não conseguiu se conter.

— Agora — ele continuou, em tom indignado —, vai me dizer por que se teletransportou para o meu quarto em Budapeste.

— Não vou, não.

Com o sorriso se alargando, ela ergueu o braço e lhe deu um choque.

O corpo inteiro de Lucien tremeu, sua expressão congelada em indignação e angústia. Só após o último volt ter saído foi que ela baixou a arma. Sibilando, ele arrancou os conectores dos mamilos. A mira dela havia sido perfeita.

— Anya! — rosnou ele.

Esforçando-se para não permitir que sua expressão a traísse, ela pegou duas estrelas com pontas de prata e as arremessou nele. O som delas cruzando o ar foi o único aviso que Lucien teve antes que se cravassem em seu coração.

Ele uivou.

— De novo no coração? Onde está sua criatividade? — Ele estremeceu ao arrancá-las e cerrou teimosamente os dentes ao atirá-las no chão. — Isso não precisa ser complicado, Anya.

— Ah, precisa, sim.

Ela arremessou outra estrela.

Ele se esquivou, e a pequena lâmina passou por cima de seu ombro. Depois, deu mais um passo na direção dela. Corajoso.

— Por que não pode dar a chave a Cronos?

— Por que não podia ter me escolhido, em vez de Cronos? — gritou ela.
— Por que não podia ter me escolhido, em vez dos seus amigos?

Ah, deuses. Ela realmente dissera aquilo? Choramingado daquele jeito? Ele sentiu um calor se espalhar pelo rosto. Era claro que ele escolheria os amigos. Ela podia desejar o contrário, pois, na noite em que Ashlyn se sacrificara por

Maddox, Anya sonhara com Lucien estar disposto a fazer o mesmo por ela, mas o mundo não era assim. Amantes, independentemente de terem ou não consumado seu amor, iam e vinham. Amigos eram para sempre.

Lucien parou.

— Até onde sei, Anya, amanhã, você já terá me esquecido. Por que deveria arriscar tudo que prezo por alguns poucos dias com você?

Porque eu valho a pena, droga! Tola e egoisticamente, ela adoraria ter escutado que ele suportaria qualquer coisa por ela, não importava quanto tempo passassem juntos. Castigos. O inferno. Torturas. Uma combinação dos três.

— Eu podia ter ajudado você a encontrar aqueles artefatos. Podia ter ajudado a enfrentar a Hidra. Podia ter ajudado a encontrar aquela maldita caixa.

Os ombros dele caíram ligeiramente.

— Eu sei.

A mágoa dela se intensificou. Lucien preferia matá-la a 1) arriscar-se a conhecê-la melhor e, talvez, um dia, vê-la ir embora e 2) obter o auxílio dela para conseguir um item que desejava desesperadamente.

Rosnando do fundo da garganta, ela lançou outra estrela. Desta vez, não foi rápido o suficiente, e ela penetrou na coxa já ferida.

— Maldição, Anya. — Ele a arrancou e a jogou para longe, embora pudesse tê-la atirado nela. — Acalme-se.

— Acalmar? Está falando sério?

— Sim.

Idiota.

— Você quer me matar, vai ter que ralar para isso.

— Muito bem.

Estreitando os olhos, ele permitiu que suas pernas compridas devorassem o restante da distância que os separava.

Ela se teletransportou para a sala de estar, mas Lucien estava logo atrás dela. Ela se virou e deu um salto para trás, colocando uma mesinha de centro entre os dois. Ele simplesmente a pegou e a jogou de lado. O vidro se estilhaçou com o impacto, espalhando cacos por todo o aposento. As pernas de madeira se partiram.

Por que, por que, por que o poder da determinação dele e sua força a excitavam? Justamente naquele momento? Mas ela estava determinada a não permitir que aquela excitação a afetasse. Desde o início, ele fizera apenas insultá-la, destruir suas esperanças e ignorar seus sentimentos. Merecia toda a dor que ela lhe causasse.

— Se vamos lutar, é melhor que seja de modo honroso — disse ele, e desapareceu.

Ela não teve tempo para se perguntar aonde ele teria ido.

Ele reapareceu no instante seguinte, trazendo duas espadas. Jogou uma na direção de Anya, e ela a agarrou pelo punho. Pesada, mas isso não seria problema. Ela era muito mais forte do que parecia.

— A honra não é divertida — disse ela, agitando o metal grosso de um lado para o outro.

— Experimente. Pode se surpreender.

— Mas, sério... Quer lutar de espadas com uma *garota*?

Ela tentou colocar censura suficiente na voz para constrangê-lo, embora estivesse vibrando de empolgação. Ele seria capaz de derrotá-la?

— Você não é exatamente uma garota comum. Então, sim. Quero lutar com você.

— Vou encarar isso como um elogio, Flores.

— Foi a minha intenção.

No instante seguinte, Lucien a atacou. Anya ergueu a espada para bloquear o golpe, e o metal se chocou com metal com tamanha força que ela quase perdeu o equilíbrio. Ele continuou investindo, continuou forçando-a a recuar, seus golpes rápidos e incessantes, mas ela conseguiu se esquivar para o lado, girar a espada e lhe cortar a camisa. Epa. Um pouco dele também.

O sangue manchou o algodão, empapando-lhe o abdômen. O fluxo não demorou a cessar, e a ferida, ela suspeitava, fechou. Malditos imortais e seu poder de cura sobrenatural! Como haviam sido criados para a batalha, eles se curavam ainda mais rapidamente do que os deuses.

— Sorte — ele disse.

— Talento.

Ela chutou na direção de Lucien um vaso com lírios, que se estilhaçou no peito dele. Gotículas escarlate surgiram, misturando-se ao suor que escorria de suas têmporas.

— Veremos.

— Devemos nos preocupar com visitas inesperadas? — perguntou Anya, esquivando-se quando ele arremeteu em sua direção.

— Este local foi escolhido por ser isolado. Mais do que isso, pagamos muito para sermos ignorados, independentemente do que fosse ouvido.

Ele deu um salto para trás, curvando-se para tirar o abdômen da linha de fogo dela.

— Ora, mas você é espertinho.

Ela atacou embaixo, mirando nos tornozelos. Fazê-lo mancar seria divertido.

Infelizmente, ele saltou para longe. Os dois começaram uma dança de investidas, bloqueios e recuadas, movendo-se por toda a casa. *Crash*. Algo caiu no chão e se espatifou. *Crash*. Outro item teve o mesmo destino.

Em menos de 15 minutos, o sofá e a poltrona de dois assentos foram destruídos, assim como inúmeros enfeites e até a televisão. Cortinas foram arrancadas, e buracos apareceram nas paredes. Mais algum tempo, e as autoridades *teriam* que aparecer. Anya estava ofegante, ficando cansada, mas conseguiu cortar Lucien no antebraço, na panturrilha e, mais uma vez, no abdômen.

Ele ainda não conseguira cortá-la uma única vez.

Epa. Ela falara cedo demais. A ponta da espada dele cortou-lhe o ombro esquerdo, abrindo um rasgo na blusa e deixando à mostra a renda de seu sutiã favorito. A pele do lugar ardeu.

— Você me cortou — ela disse, olhando-o boquiaberta.

— Lamento. — E ele realmente soava sincero.

Ela rosnou, uma predadora se concentrando na sua próxima refeição.

— Ainda não! Mas vai lamentar! — Ela sacou um punhal e o enfiou na coxa dele.

No alvo.

— Ai!

Acabe com isso. Só havia um modo garantido de fazê-lo. Ela girou nos calcanhares e começou a golpeá-lo, forçando-o a recuar na direção do quarto. Lucien era forte, mais forte do que ela, Anya admitia, pois sabia que ele não estava dando tudo de si desde que sua lâmina quase a ferira. Por que ele estava fazendo aquilo, ela não sabia dizer, já que, enfim, começara a encarar com seriedade a tarefa de matá-la.

— Não sei por que passei tanto tempo com você — ela disse, entre investidas e bloqueios. — Não sei por que ajudei.

— Neste caso, somos dois.

Uma nova careta voltou a mostrar os perfeitos dentes brancos dele.

— Quer saber? Estou cansada dessa sua encenação de pobre coitado. Está ficando velha, boneco.

— Não é encenação — disparou ele.

— O cacete que não é. — Girando, ela o acertou com o punho. No alvo.
— Você tem cicatrizes. E daí? Isso não significa que todas as mulheres achem você feio.

Quando ela voltou a tentar acertá-lo, ele bloqueou o golpe.

— Não é possível que me ache belo. Portanto, não é possível que me deseje. Não de verdade. Você mesma admitiu.

— As pessoas mentem o tempo todo, idiota. Acho que já mencionei que eu mesma faço isso regularmente.

Ele ficou imóvel, ofegante. Seus olhos se arregalaram de surpresa. E esperança?

— Mentiu sobre o motivo de ter ficado comigo?

— Não faria diferença se menti ou não. Eu odeio você agora. — Ela largou a espada e o empurrou. — Você ia me matar.

Ele cambaleou para trás, enfim cruzando o batente da porta. Lucien também largou a espada, que caiu ruidosamente no chão.

— Desde o início, pretendia matá-la. Minhas intenções jamais foram segredo.

— É, mas você não estava levando a sério. — Quando Lucien se moveu na direção dela, ela o empurrou de novo. Mais uma vez, ele cambaleou. — Você teria mesmo tomado a minha alma?

Os joelhos dele bateram na borda da cama.

— Sim. Não. Não sei. Você me atormenta como nenhuma outra, e repenso constantemente minhas decisões a seu respeito.

Ela o empurrou novamente, e as pernas dele cederam. Quando o traseiro de Lucien atingiu o colchão, Anya mergulhou no abdômen dele, seu ombro

atingindo-o e lhe tirando o ar dos pulmões.

— Anya — ele conseguiu dizer.

— Não. Você não tem o direito de falar mais nada.

— Você não me odeia — disse sombriamente.

Um segundo depois, Lucien a segurou pelos pulsos e a puxou para cima dele, sua boca cobrindo com força a dela. A língua quente invadiu-lhe a boca, com a mesma velocidade com que sua espada havia investido contra o corpo, só que, desta vez, a mira era mais mortífera.

Doce relâmpago, ela pensou, um pouco tonta. O homem sabia beijar. Ela deixou que a língua dele continuasse a lhe invadir a boca com todo tipo de ardor elétrico. Seus mamilos enrijeceram, e aquela maldita umidade começou a se acumular entre as suas pernas. Cada célula de seu corpo se avivou loucamente.

Não é mais para você desejá-lo.

Bem, não era para ele ter me beijado.

Pegue as correntes. Agora!

Enquanto as línguas duelavam, Anya se forçou a agir. Mas, em vez das correntes, ela agarrou Lucien, segurando-lhe a cabeça com tanta força que suas unhas chegaram a lhe ferir o couro cabeludo. Aquele abraço teria matado um humano, mas Lucien parecia se deliciar com ele, sua ereção pulsando sob Anya.

Só uns minutinhos de diversão, depois, eu o prendo.

Ele só... ele era tão delicioso! Seu sabor era ainda melhor do que ela recordava. Masculinidade e um ardor sombrio, poder e rosas. O toque dele era extasiante, suas mãos massageando o traseiro de Anya enquanto roçava o membro intumescido entre suas pernas. Mais um pouco, e ela teria um orgasmo. Depois, pediria mais. Imploraria.

Deuses, como odiava sua maldição!

E odiava ainda mais a si mesma por sequer pensar em realizá-la. *De jeito nenhum você quer se ver presa a este homem, incapaz de amar qualquer outro, incapaz de beijar, tocar, ou até mesmo sonhar com outro.* Então, por que a possibilidade a empolgava? Por que queria sorrir ante a possibilidade de passar uma eternidade com Lucien? Seu coração pertencendo a ele, mesmo que se cansasse dela?

Não pense nisso agora. Ela montou a cintura de Lucien, pressionando ainda mais o membro dele, ajeitando-o de modo a colocá-lo onde ela precisava. Ela suspirou de êxtase, todo o seu corpo se regozijando.

— Tire as roupas — ordenou ele. — Quero sentir sua pele.

Sim, sim.

— Não.

O bom senso falou por ela, seu desejo por ele não mudaria o final daquela noite: Lucien acorrentado à cama e à sua mercê, para ser castigado por tentar lhe arrancar a cabeça.

Isso não significa que não possa se divertir mais um pouquinho com ele, e tirar alguma coisa.

As mãos dela se fecharam sobre o peito de Lucien. Obviamente, ele não era o único ali com dúvidas.

— Eu quero você, está bem? — ele disse. — Não posso mais negar. Saiba que não vou tentar matá-la durante o ato. Tem minha palavra.

Havia vergonha e culpa na voz dele.

— Deitar comigo agora, me matar mais tarde, hmm... — ela disse sem se sentir ofendida, quando provavelmente deveria. — Bem você pode tirar as *suas* roupas. — Ah, deliciar-se com aquele corpo glorioso! — As minhas têm que continuar onde estão.

Ele ficou imóvel, observando-a, a paixão desaparecendo de seu rosto para ser substituída por aquela máscara impassível que ela odiava.

Anya quase soluçou. Não estava pronta para dar por encerrada a sessão de carícias.

— Por que não quer se despir para mim?

— Por que você está falando? Achei que tivesse dito que você não podia mais fazer isso — ela censurou, apertando-se ainda mais de encontro a ele e deslizando a língua de volta para o interior de sua boca.

Não queria lhe contar a verdade, porém também não queria mentir para ele. Não a respeito disso. Preferia se deliciar com ele.

Por mais alguns minutos, ele retribuiu a paixão, as mãos deslizando por sobre a curva da coluna dela. Havia desespero no beijo. Um desespero que refletia o da própria Anya, ela tinha certeza. Queria que aquilo jamais terminasse, poderia ter ficado nos braços dele por toda a eternidade. Mas Lucien finalmente lhe segurou o queixo, forçando-a a olhar para ele.

A tensão delineava sua boca.

— Você deu a entender que minhas cicatrizes não a incomodavam — ele disse suavemente.

— Não incomodam — ela respondeu, de modo tão suave quanto ele.

— Anya. De todas as vezes para me dizer a verdade, esta é a mais importante. Por favor.

— Não incomodam!

Os olhos dele baixaram, quase se fecharam, os cílios apontando para ela como espinhos. Subitamente, havia um brilho maléfico tanto na íris azul quanto na castanha, como se o demônio da Morte houvesse assumido o controle. Lucien a segurou pelos quadris e a tirou de cima de si.

Confusa, ela se empoleirou na beirada da cama.

— Você me quer e, no entanto, se recusa a tirar as roupas para mim — ele disse. Na realidade, rosnou. — Penso que não me quer de verdade, afinal.

— Eu quero.

Fitando-a, ele desabotoou o jeans.

Ela desviou o olhar do rosto dele, observando-lhe o movimento dos dedos. O ar ficou preso nos pulmões dela. O que ele estava fazendo? Despindo-se para ela, como ela própria pedira? Mas por que ele...

Baixou o zíper.

Ela ficou boquiaberta quando a ereção se libertou de súbito. Enorme, intumescida, comprida, com a cabeça arredondada já ligeiramente úmida. A língua de Anya quase desenrolou para fora da boca. Ela estava babando?

— Você me quer — repetiu ele monotonamente. — Bem, agora vai ter que provar isso.

— O q-quê? — Tão grande!

— Prove.

Ante a linguagem atipicamente grosseira, o olhar dela saltou mais uma vez para o rosto dele. Havia fúria nele, assim como autodepreciação. As faces dele estavam coradas de vergonha. Será que ele esperava que ela fosse zombar dele e ir embora? Queria lhe ensinar a não brincar com ele?

— Qual é o problema? Não me quer? — zombou ele. — Não consegue se forçar a fazer mais do que me beijar?

Ah, sim. Ele esperava que ela fosse embora. Anya jamais fizera aquilo antes, considerando o ato humilhante e íntimo demais em função de sua maldição. Contudo, com Lucien a ideia a excitava. Ela não tinha dúvidas de que o prazer dele seria algo lindo.

— Isto deveria ser a minha punição por tentar matá-la, ou apenas mais uma tentativa de me abrandar? — ele exigiu saber antes que ela tivesse a chance de reagir. — Seja como for, ambos sabemos que você jamais teve intenção de levar isso longe. Sua crueldade me impressiona.

Cruel? Quando ela ansiava por ele? Quando parte dela queria finalmente esquecer a maldição e passar uma eternidade nos braços dele?

— Consigo me manter viva, muito obrigada. Não preciso da sua ajuda, e jamais precisei abrandar você. Já não admiti isso? E, para seu governo, você não pode falar nada sobre intenções cruéis.

— Você está enrolando — acusou Lucien. — Vamos. Chupe.

Ele achou que estava sendo ríspido, forçando-a a abrir o jogo e ir embora. Devia saber que não seria tão fácil. Anya jamais teria imaginado, mas realmente *queria* fazer o que ele pedia. Ansiava por aquilo, talvez desde o início.

Lentamente, desceu pelo corpo dele até sua boca estar na altura do membro. Lucien prendeu a respiração, o aposento mais uma vez ficando em silêncio.

— Anya, você...

— Não estou fazendo isto para provar nada — disse ela com a voz rouca. — Estou fazendo porque, aparentemente, não consigo me conter. Eu preciso. Seu gosto... tenho que conhecer... não pode ser tão bom quanto imagino.

E, tendo dito isso, ela o tomou na boca, por completo, deslizando até o fim e sentindo-o no fundo da garganta. Uma sensação estranha, mas ela gostou.

Ele gemeu de prazerosa agonia, e o som percorreu a pele dela como uma carícia. As mãos dele se embrenharam no cabelo dela.

— Anya. Não. Eu não devia ter... Anya.

Para cima e para baixo, ela se movia, do mesmo modo como vira nos filmes que às vezes assistia.

— Você não... você não... Ah, deuses. Anya. Não pare. Por favor, não pare.

Do comando à súplica. Ela se regozijou com o seu poder, com a necessidade que emanava de Lucien. Necessidade que a preenchia, elevando ainda mais o seu próprio prazer. *Meu*.

Para cima e para baixo, ela continuava a se mexer. Sua língua rodopiava o tempo todo, acariciando tudo que tocava. Segurou nas mãos o peso dos testículos. Ele se arqueava para acompanhar os movimentos dela, indo cada vez

mais fundo, cada um de seus músculos se retesando. Ela podia sentir a paixão vibrando no sangue de Lucien. Queria mais. Precisava de mais.

— Mudei de ideia. Anya, pare. Pare!

Impiedosamente, ela continuou a deslizar para cima, chicoteando a glândula intumescida com a ponta da língua. Sugando. Arranhando-o com os dentes. Ela tratou o membro exatamente como tratava seus pirulitos favoritos. Só que gostava ainda mais do sabor de Lucien. Tanto desejo... Ah, o desejo dele.

Ele estava duro por ela, e apenas por ela.

— Eu vou... Anya! — Ele urrou o nome dela quando o clímax lhe percorreu o corpo, despejando sua semente quente na boca de Anya.

Anya engoliu cada gota, e até lambeu os últimos restinhos, instintivamente sabendo que isso agradaria a ele. Quando ela se endireitou, ele continuou a se contorcer de prazer, embora já estivesse esgotado. Seus olhos estavam fechados, e a boca, entreaberta de admiração. *Fui eu que causei isso*, Anya pensou com orgulho. Jamais se sentira mais poderosa, e aquela era a visão mais erótica que já presenciara.

Com o próprio desejo atingindo um novo nível, ela sentou-se sobre ele, ladeando-o com as pernas. Estava tão úmida que a calcinha ficou encharcada.

As pálpebras de Lucien se abriram lentamente, e ele a olhou com uma expressão saciada.

— Anya, não precisava ter feito isso.

— Eu quis — ela disse. — E quero *você*. Nunca mais duvide disso.

A ternura reluzia no rosto dele.

— Então, o que está escondendo de mim? Por que não quer que eu tire suas roupas?

Aquela ternura... A vulnerabilidade se apossou dela, pois ninguém, além da mãe e do pai, já havia olhado para ela daquele jeito. Como se ela fosse preciosa. Como se fosse um tesouro. O coração de Anya saltou dentro do peito.

Lucien estendeu a mão e lhe acariciou a face. Um arrepio percorreu o corpo dela.

— Por que, Anya? Tentei resistir a você desde a primeira vez em que senti o seu perfume de morangos — disse ele. — Como pode ver, não deu muito certo para mim.

Mesmo naquele instante, seu membro estava crescendo, engrossando de desejo renovado. Os olhos de Anya se arregalaram, e ela se esforçou para não amolecer ainda mais com relação a ele. Se o que ele dissera era verdade, Lucien a desejara desde o início e vinha tentando resistir a esse desejo. Todas as palavras e atos grosseiros haviam sido artifícios para mantê-la à distância.

Ele já sugerira algo parecido antes. Agora, debaixo dela...

Anya subitamente se viu em conflito interno, sem saber o que fazer com ele. Que inferno! Isso realmente complicava as coisas, pois destruía a base para a raiva e a antipatia — forçadas, droga! — que ela estava sentindo.

Ainda assim, ele não pararia de tentar matá-la. Não podia. A não ser que a escolhesse em detrimento de “tudo que prezava”. Fora egoísmo pedir aquilo dele, quando ela nada tinha a oferecer em troca.

— Anya.

— O quê? — Ela piscou, voltando sua atenção para Lucien.

Os lábios dele se repuxaram.

— Concentre-se.

— Ah, me desculpe. Você disse alguma coisa?

Ele arqueou os quadris para cima, esfregando a ereção no clitóris dela.

— Perguntei por que quer ficar vestida. *Você* tem cicatrizes?

Ela ficou toda arrepiada.

— Não. — Pelo menos não físicas.

— Se tiver, não vou me importar, juro. Vou beijá-las para que melhorem — ele disse com a voz rouca.

Ela sentiu um frio na barriga. Que homem delicioso! Ela apoiou as palmas das mãos no peito dele, sentindo as batidas aceleradas de seu coração através da camisa rasgada. Decidiu que contaria para ele. Depois de tudo pelo que haviam passado, Lucien merecia saber.

— Sou amaldiçoada — finalmente admitiu.

Se ele reagisse mal, ela seria capaz de desprezá-lo de verdade. Talvez sua obsessão desaparecesse.

Ele franziu o cenho.

— Você também é possuída por um demônio?

— Não. A minha é só uma maldiçãozinha comum.

— Ah, sim. Reyes mencionou uma maldição, mas não conseguiu descobrir o que era.

— Porque só uns poucos seletos sabem e, atualmente, estão todos escondidos para evitar que sejam presos por Cronos. Bem, e a que fez isso comigo também sabe, mas aquela vadia frígida está atrás das grades.

— Quem a amaldiçoou, e por quê? — Havia fúria no tom de voz de Lucien, como se ele pretendesse matar quem quer que tivesse feito aquilo. — Reyes disse que pode ter sido Têmis.

Anya sentiu outro frio daqueles na barriga.

— Foi. Minha mãe e Tártaro, o marido de Têmis, se agarram e, nove meses depois: olá, bebê Anya. Têmis só soube quando me viu, pois pode-se dizer que sou a versão feminina do meu pai.

— Eu me lembro de Tártaro. Costumava levar prisioneiros para ele. Era um homem honrado, até belo, mas não tive ganas de despi-lo.

— Lucien acaba de fazer uma gracinha. — Ela sorriu, não conseguiu se conter. — Quando Têmis se deu conta do que havia acontecido, ela meio que pirou. Só fui entender as consequências da maldição dela dias depois, quando o torpor começou a desaparecer. Deuses, tive vontade de cortar a cabeça dela.

A luxúria brilhou nos olhos de Lucien, rápida, desaparecendo em um instante, mas inegável.

— Não sei por que fico excitado só de ouvi-la falando assim.

Ela achava que sabia o motivo. Ele era Morte. Diariamente, via fraqueza e enfermidade humanas. Ela era uma mulher que não levava desaforo para casa. Era forte, determinada. E isso devia ser uma mudança bem-vinda. Pelo menos ela torcia para que assim fosse, porque era quem e o que ela era, e Anya queria tanto que Lucien gostasse dela.

— Fale da maldição. — O olhar dele baixou até a cintura da calça dela, e seus dedos logo o acompanharam, desenhando uma linha sobre a barra.

Bons deuses. *Lá vai.*

— Se algum dia eu permitir que um homem me possua, ficarei presa a ele para sempre. Nenhum outro homem me interessará.

O cenho de Lucien voltou a se franzir.

— Isso...

— É terrível, pensar em perder meu livre arbítrio para um homem. — Só que, em se tratando de Lucien, a ideia não parecia tão estigmática. — Jamais vou conseguir deixá-lo, apesar do que ele possa fazer comigo. Se ele se apaixonar por outra, tudo que poderei fazer será ficar assistindo, desejando-o inutilmente.

Quanto mais ela falava, mais ele irradiava solidariedade.

— Por um longo tempo, minha vontade ficou vinculada à de Morte. O que ele quisesse fazer, eu fazia, incapaz de detê-lo.

— Então, sabe como isso pode ser terrível, não é?

— Sim. Portanto, jamais importaria minha vontade a você. Não com algo assim. — Ele lambeu os lábios, deixando para trás um reluzente brilho que ela queria provar. — Então, você nunca...

— Não — ela respondeu, balançando uma única vez a cabeça.

Ele ainda ficou imóvel e silencioso por um longo tempo, apenas observando-a. Anya não fazia ideia do que se passava na cabeça dele. Mais uma vez, a expressão de Lucien era impassível, indecifrável.

Por fim, disse:

— Eu a julguei rigidamente e, por isso, sinto mais do que jamais poderei expressar. Anya... — Ele pareceu mudar de ideia a respeito do que iria acrescentar. Após uma pausa, disse, com a voz baixa e áspera: — Você já chegou ao clímax alguma vez?

Ela não sabia que reação estivera esperando dele, mas, com certeza, não era aquela. Um pedido de desculpas? Incrível.

— Apenas sozinha — admitiu ela sem vergonha. — Não sei bem se dedos contam como penetração, então, nunca permiti homem algum abaixo da minha cintura.

— Você confia em mim para não penetrá-la?

— Eu... talvez.

Garota boba. Não devia confiar nem um pouco nele.

Chamas ardentes subitamente pareceram tomar conta das feições de Lucien.

— Tire as roupas para mim, Anya. Eu não a penetrarei de modo algum, juro. Mas quero tocá-la. Em todos os lugares. Eu *tenho* que tocá-la.

Ele desapareceu antes que ela pudesse responder. Perdendo o apoio, Anya caiu de cara no colchão, deixando escapar um gritinho. Franzindo a testa, rolou até ficar de costas para o colchão. Aquele desgra...

Ele reapareceu em cima dela. E estava nu.

Anya prendeu a respiração, esperando que ele fosse investir para dentro dela, como Aias fizera. Houve uma tempestade de pânico. Contudo, um instante se passou e ele nada fez. Gradualmente, a tempestade foi se dissipando e ela relaxou. Ao fazê-lo, deu-se conta de que a sensação do peso de Lucien sobre si era divina, e o toque de sua pele nua, pura tentação.

— Deixe — disse ele.

— Eu... Eu... — Sua boca salivava. Poder ter prazer sem temer as consequências...

— Deixe-me possui-la de todas as maneiras possíveis, sem penetrá-la de fato — ele disse, acariciando-lhe o pescoço com o nariz. — Por favor, quero sentir o seu gosto.

De todos os homens nos quais não deveria confiar, Lucien estava no topo da lista. Mas, deuses, como queria a boca dele na sua! Queria experimentar finalmente o clímax com um homem. Com *aquele* homem. Apenas aquele homem.

Com a decisão tomada, ela se teletransportou para o lado da cama. Despiu-se o mais rápido que conseguiu, sentindo sobre si o olhar ardente de Lucien. Em seguida, teletransportou-se novamente para o lado dele. Lucien estava deitado de barriga para cima, oferecendo-lhe uma visão completa. As cicatrizes se estendiam desde o rosto até a coxa direita.

A luz vinda de cima brilhava forte, acariciando-lhe toda a extensão. E havia muito para acariciar. Pele aveludada sobre aço temperado. Ele não tinha pelos no peito, apenas uma penugem fina espalhada pelas pernas. A tatuagem de borboleta ainda a hipnotizava e até parecia pulsar sob o seu olhar examinador, como se ansiasse pelo seu toque.

Ela estendeu a mão, alisando a ponta dos dedos sobre as bordas, como quisera fazer desde que a vira pela primeira vez. O calor a queimou. Lucien também devia ter sentido, pois arqueou-se em direção à carícia com um gemido.

— Há muito tempo que eu queria fazer isso — admitiu ela.

— E eu queria que você fizesse.

Traçando as irregulares linhas pretas, ela perguntou:

— Como conseguiu as cicatrizes?

— Eu me retalhei com uma faca envenenada — admitiu ele, com apenas uma ligeira hesitação — e ateei fogo em mim. Quando me curei, fiz tudo novamente. E de novo.

Deuses, a dor que ele devia ter suportado...

— Estava determinado a morrer?

— No princípio, talvez. A mulher que eu amava havia acabado de morrer, e fui eu a escoltá-la até o paraíso.

Ele amara alguém? Anya detestava a ideia, mas gostava menos ainda da ideia de Lucien sofrendo.

— Lamento a sua perda.

Ele assentiu.

— Quando me dei conta de que sobreviveria, rezei para as cicatrizes permanecerem. Alguém deve ter atendido minhas preces. Quem pode ter sido, não sei, mas elas finalmente pararam de sarar.

Parecia o tipo de prece ao qual a mãe dela poderia atender, já que a imperfeição física desafiava a ordem natural da imortalidade.

— Por que rezaria por algo assim? Não estou reclamando, só curiosa.

— Queria que elas permanecessem para que as mulheres me evitassem e eu jamais corresse o risco de me apaixonar outra vez. Eu as queria para que sempre me lembrasse de fazer o meu trabalho, sem vacilar.

— Eu não o evitei.

— Não, não evitou.

— Você vacilou.

— Sim. E fico feliz por isso.

Ela também. Anya voltou a estudá-lo. A ereção de Lucien era enorme. Grossa e com a ponta perfeita. Exatamente como antes. *Minha*, ela pensou.

— Venha cá — disse Lucien, sua voz carregada de excitação.

Última chance de resistir.

Tremendo, ela engatinhou para cima do corpo dele, tão quente, tão carente. Ela estava nua e lubrificada, e deslizou pelo membro. Ambos inspiraram profundamente. Fantástico! Ah, que outras maravilhas ela estivera perdendo?

— Mais perto — pediu ele.

Ela se inclinou à frente. Quando os seios estavam esmagados de encontro ao peito rígido dele, uniram seus lábios num beijo ardente. Ele até girou para cima dela. Mais uma vez, Anya experimentou um pânico momentâneo, com a possibilidade de ele não cumprir sua palavra. Mas Lucien apenas beijou uma trilha até os mamilos retesados.

Sua língua quente traçou um círculo ao redor deles, fazendo-a tremer. Depois, ele soprou um pouco de ar frio, endurecendo-os ainda mais. *Depois*, os sugou para dentro da boca, um de cada vez, lançando ondas de prazer diretamente até o âmago de Anya. Era o maior estímulo que ela havia experimentado em... toda a vida.

Em questão de minutos, estava se contorcendo, puxando o cabelo dele, arqueando os quadris, precisando de mais.

— Lucien — sussurrou, ofegante.

— Há muito, muito tempo que não dou prazer a uma mulher — ele disse, com a voz falha. — Diga se eu fizer algo de errado. Algo de que você não gostar.

— Eu gosto. Eu gosto, juro!

Ele trilhou beijos pelo ventre dela, aproximando-se cada vez mais da junção entre as pernas.

— Lucien — disse ela, novamente. *Impeça-o. Não, não o deixe parar. Mais. Mais! Não, chega.* — Lucien. — Ela apertou os joelhos, um de encontro ao outro.

— Nada de penetração, nem mesmo com a língua. Vou apenas lambê-la.

Oh, deuses. As pernas dela se abriram por vontade própria, e não havia nada que Anya pudesse fazer para detê-las. Se não chegasse ao clímax logo, morreria. Pegaria fogo. Alguma coisa, qualquer coisa para dar fim ao tormento.

Talvez fosse esta a intenção dele. Matá-la de prazer. Mas ela não conseguia se obrigar a se importar com isso.

Ele segurou-lhe as pernas e as afastou, empurrando-as para cima, deixando-a o mais vulnerável que uma mulher podia ficar. *Se ele tentar pôr um dedo dentro de você, simplesmente se teletransporte.*

Abandoná-lo também poderia matá-la, ela decidiu.

Além do mais, esquecera-se do próprio conselho no instante em que a língua de Lucien a acariciara. O prazer era tão intenso que ela gritava. Tão surpreendente, tão real, tão maravilhoso que lhe agarrou a cabeça e o puxou de volta quando ele tentou se afastar, provavelmente para perguntar se ela estava gostando. Nenhuma sensação, em todos os seus séculos de existência, parecera tão miraculosa.

— Mais? — Lucien perguntou.

— Mais. Por favor.

— O seu gosto é tão bom. Tão maravilhoso. Não consigo me saciar.

Ele lambeu, sugou, atormentou, provocou, e adorou cada sensação. Anya se arqueava de encontro ao rosto dele, deixando que Lucien a lambesse até ela soluçar de desejo.

Naquele instante, teria dado a ele qualquer coisa que pedisse, mas tudo em que ele estava interessado era no prazer dela. Ele lambeu, e lambeu e lambeu, sua boca trabalhando com mordidinhas e lambidas, e era o paraíso, puro e certo, e tão maravilhoso que ela jamais seria a mesma.

Então, todo o corpo de Anya simplesmente explodiu.

O prazer a percorreu com a velocidade de uma bala, atingindo partes que ela sequer sabia que existiam. Estrelas explodiram por detrás das pálpebras, e

seu espírito talvez até tivesse deixado o corpo para voar pelos céus. Tão apropriado que Morte fosse o responsável por aquelas sensações. Ela alternou entre estremecer e relaxar durante o orgasmo mais intenso de toda a sua vida, balbuciando incoerentemente, talvez gritando o nome de Lucien.

Quando ela desabou sobre o colchão, ele disse:

— Ainda não terminamos. Longe disso.

Em seguida, sua língua estava habilmente seguindo na onda de outro orgasmo, levando-a a outro inacreditável apogeu em questão de segundos.

— Lucien, Lucien, Lucien. — Uma bênção. Naquele instante, ele era o seu salvador. Ela estava livre. Abençoadamente livre.

Quando o último tremor lhe abandonou o corpo, ela se viu sem forças. Saciada e resplandecente. Ele poderia ter posto os dedos dentro dela, e ela não poderia tê-lo impedido. Não teria se importado. Contudo, ele subiu pelo corpo dela e girou a ambos, colocando-a sobre si, mantendo sua palavra.

— Ainda não acabamos? — perguntou, ofegante e fitando-lhe os olhos brilhantes.

Precisava dar um basta naquilo logo, precisava descobrir o que faria com ele, pois estava amolecendo com Lucien. Querendo o que jamais poderia ser. Querendo o que ele não podia lhe dar e o que ela não podia dar a ele. No entanto, mesmo sob ameaça de morte, não conseguiria ter se mexido.

— Não — ele disse. — Ainda não acabamos.

Capítulo Onze

TANTOS PENSAMENTOS PASSAVAM pela mente de Lucien. Anya o queria. Realmente o queria. Ela o sugara, até a última gota. E não dera a impressão de estar nem um pouco enojada com suas cicatrizes. Não, dera a impressão de se regozijar com ele.

Ainda estava um pouco chocado. Morte, também. O demônio ainda não parara de ronronar.

Lucien jamais esperara que Anya fosse tomá-lo na boca. Esperava que ela se apressasse a ir embora. Esperara que ela fosse tudo, menos virgem. O fato de aquela mulher sexy, corajosa e espirituosa jamais ter estado com um homem...

Ele praticamente a chamara de prostituta e, no entanto, ela era pura como a neve recém-caída. Sentia-se tomado pela culpa. Que terrível maldição para se ter pendendo sobre a cabeça, especialmente para uma mulher independente como Anya! Uma deusa, nada menos, cujo tormento não terminaria em 70 ou 80 anos, mas perduraria por toda a eternidade.

Ele sabia muito bem o que era um castigo eterno.

Como Cronos pudera ordenar a morte de uma mulher tão preciosa? Como Lucien poderia matá-la, mesmo com as terríveis consequências pendendo sobre a cabeça dos amigos?

Deu-se conta de que não poderia. Jamais quisera se apaixonar novamente por uma mulher, uma mulher que um dia teria de acompanhar até o descanso eterno. No entanto, ali estava. Poderia ter sido perfeito, já que Anya era imortal como ele, mas ela se recusava a abrir mão de sua chave, fosse esta o que fosse. E, sem ela, Cronos não retiraria a ordem de morte. Perfeito, não. Um pesadelo, sim. Mas Lucien se apaixonara por ela.

Ela o entendia, o divertia, até gostava dele. Certamente parecia desejá-lo. Era tudo o que ele não era, e era melhor que não fosse.

Talvez não precisasse ser um pesadelo. Se ele conseguisse roubar a chave dela... Anya ficaria furiosa, mas ele não se importava. A raiva era melhor do que a morte.

Onde ela a guardava? Lucien duvidava de que a mantivesse fora de seu alcance, mas não viu nada que se assemelhasse a uma chave no corpo nu de Anya. Poderia estar guardada em uma de suas muitas casas?

Não havia como saber quando Cronos voltaria a aparecer. Lucien teria de agir rápido.

— Sua vez de novo — Anya sussurrou em seu ouvido.

Ela se ergueu sobre ele como uma sereia dos mares no oceano azulado, o cabelo claro cascadeando por sobre o ombro em uma desordem sensual. Sua pele estava rosada de satisfação, os lábios, vermelhos e intumescidos graças aos beijos dele.

Ele jamais vira uma imagem mais excitante, e todos os pensamentos relacionados à chave desapareceram.

— Não precisa — disse ele, mas queria que ela o fizesse. Desesperadamente. Havia negligenciado o próprio corpo durante tanto tempo, e o prazer que tinha com ela era tão intenso. — Você cuidou de mim antes.

— Aquilo foi antes, e você já está pronto para o segundo tempo. Além do mais, gosto de cuidar de você. — Os lábios dela se curvaram num sorriso lento

e malicioso. — Aparentemente, não consigo me saciar de você.

— Eu também não consigo me saciar de você. — Com uma carícia, ele afastou um cacho de cabelo da face dela. — Fui um tolo ao tentar afastá-la.

— É. Tolo. Mas não se preocupe. Vou castigar você por isso. Vou açoitá-lo com a língua de um jeito que você nunca se esquecerá.

Ela lhe cobriu a face e o pescoço de pequenos beijos, dedicando atenção especial às cicatrizes, lambendo e mordiscando-as.

Que criatura fantástica, ele se maravilhou. Seu membro estava mais duro do que antes, pulsando de desejo. Em vez de saciá-lo, provar dela fora fatal. Estava viciado em Anya. No seu ardor. Na sua maciez. Prová-la uma vez o fizera querer outra, e mais outra, e ainda outra.

Talvez jamais se saciasse.

No passado, havia sido mais fácil ficar sem sexo do que arriscar qualquer emoção mais terna, sempre se perguntando se não teria de ver a amada morrer tempos depois. Naquele exato instante, *não conseguia* ficar sem.

Anya o fascinava, assim como fascinava Morte. Sua inteligência e tenacidade lhe davam coragem para encará-lo, quando qualquer outra pessoa teria saído correndo aos gritos. Não apenas por conta de sua aparência, nem pelo fato de ele ser possuído por um demônio, nem mesmo por ele ter a intenção de matá-la, mas por causa dos insultos que lhe dirigira.

Insultos que ela não merecia.

— Sinto muito — ele começou, mergulhando as mãos nos cabelos dela. Ao fazê-lo, sentiu o primeiro puxão de Morte. Ouviu um rugido. Lucien piscou. O demônio estava sendo atraído para almas que precisavam dele e sentia-se furioso com a ideia de sair da cama. — Já disse isso antes, mas acho que jamais conseguirei dizer o suficiente.

— Pelo que você sente muito?

A ponta quente da língua de Anya lhe circundou o umbigo.

Lucien tentou resistir, tentou ignorar o demônio.

— Fui rude com você, quando tudo o que merecia era bondade.

Os testículos se contraíram e o membro estremeceu, buscando-a. Ele dobrou os joelhos e fincou os calcanhares no colchão. Os dedos de Anya lhe envolveram a base do pênis, e Lucien gemeu. *Doce fogo*. Ele...

Sentiu outro puxão de Morte, desta vez, mais forte, mais intenso. *Ele* quase rugiu, e o som teria se mesclado aos rosnados agitados do demônio. *Seremos rápidos*. Era a primeira vez que Lucien tinha de incentivar o demônio a agir.

Fique.

Ela estará aqui quando retornarmos.

Rápido!

— Preciso ir. Não vá embora. — Ele sentou-se e deu um beijo rápido nos lábios de Anya. — Por favor, não vá embora.

Tendo dito isso, permitiu que seu corpo se transformasse em névoa e passasse para o mundo espiritual. Morte parecia estar percorrendo impacientemente os corredores de sua mente, mas o transportou até um pequeno aposento. O sangue revestia as paredes. Sangue e outras coisas que ele não queria contemplar.

Dois corpos estavam estendidos no chão, um homem e uma mulher. O homem, Lucien soube instantaneamente, graças ao demônio, suspeitara equivocadamente de que a mulher o estivesse traindo, atirara nela e, depois, voltara a arma para si.

Desgraçado, ele pensou e, depois, parou. Basicamente, não acusara Anya do mesmo? Franzindo o cenho, Lucien enfiou a mão fantasmagórica no peito do homem e lhe arrancou o espírito, sequer tentando ser gentil.

O espírito resistiu. Gritou ao ver os olhos de Lucien. Mais rápido do que jamais se movera, Lucien transportou-se para o inferno e praticamente

arremessou o espírito lá dentro. Voltou para o quarto e foi mais gentil ao colher a mulher.

Ela o viu e deixou escapar uma exclamação de surpresa.

— Nu — disse, olhando-o. — Estou... no paraíso?

Deveria ter se vestido antes.

— Ainda não. — Espíritos tentavam frequentemente falar com ele e Lucien raramente respondia. Desta vez, a resposta foi automática. — Em breve. Os anjos são muito mais bonitos do que eu.

Ele a escoltou em direção ao céu com a mesma pressa, ansioso para retornar ao seu próprio pedaço do paraíso.

Não sabia ao certo quanto tempo havia levado, mas teletransportou-se de volta para sua casa na Grécia, onde se materializou. Morte, enfim, se acalmou. Anya estava virada de barriga para cima, uma das mãos massageando os seios, a outra enfiada entre as pernas, dois dedos deslizando para dentro e para fora.

Estava gemendo, rosada e suada.

Mais uma vez, Lucien sentiu-se incendiar, ardendo, ardendo, ao subir em cima dela, sentindo ciúmes por não ser ele a estar lá dentro. Ao primeiro toque, ele e o demônio suspiraram em uníssono. Ali era o lugar deles.

Os olhos de Anya se abriram repentinamente. Ela sorriu com sensualidade.

— Não consegui esperar.

Lucien girou aos dois sobre a cama, posicionando-se debaixo dela.

— Fico feliz. Gostei de vê-la assim.

Seus olhos se encontraram por uma fração de segundo, e ele se sentiu como o homem mais bonito que já caminhara sobre a face da Terra. Havia tanta paixão e admiração naquele olhar cristalino.

— Você me fascina — ele disse, acariciando-lhe o rosto e enchendo-se de ternura.

Evitara emoções mais gentis durante tanto tempo que não sabia ainda como lidar com elas. Mas estava disposto a tentar. Por Anya.

— Espere um pouco...

Sensualmente, ela desceu pelo corpo dele. Sua cabeça se curvou e os lábios carnudos mais uma vez se entreabriram sobre a ponta arredondada do membro dele. Ela fez o movimento para baixo com a mão, mais uma vez levando-o ao fundo de sua garganta.

Desta vez, não houve culpa para lhe anuviar a paixão. Não usara de culpa para pressioná-la àquilo; ela realmente o desejava. E dar-se conta disso o deixou tonto, o deixou ardente. Estava em chamas até o fundo da alma quando arqueou as costas, buscando mais daquele calor úmido.

— Tão quente — elogiou ela.

Seus dentes arranharam ligeiramente a ponta, excitando-o ainda mais.

— Anya. — Ele agarrou as cobertas.

Uma das mãos dela mexia nos testículos, a outra esticou-se até o peito para lhe acariciar o mamilo. O tempo todo, ela continuou a movimentar a boca para baixo e para cima. Logo, ele estava se contorcendo, ignorando tudo que não fosse o prazer.

Era quase mais do que conseguia aguentar.

Com certeza, ele, Morte, morreria quando chegasse ao clímax desta vez. Certamente ele...

Em algum lugar no fundo da cabeça, ele registrou o bater de uma porta, o som de barítono de uma voz exclamado ante a destruição encontrada na sala de estar.

A boca angelical de Anya parou de se mover. Ele quase rugiu, quase praguejou, quase destroçou a cama. *Onde está a sua calma?* Estava ofegante, suando. Latejando. O demônio estava, mais uma vez, protestando ferozmente.

— Lucien — disse Anya. Estava sem fôlego.

Ele se esforçou para controlar o próprio corpo, seus pensamentos fazendo o possível para inspirar pequenas lufadas de ar. O sangue rugia em seus ouvidos. O desejo continuava a lhe percorrer violentamente o corpo. Precisava chegar ao clímax. Precisava fazer de Anya sua mulher. Várias e várias vezes.

— Lucien — repetiu ela quando a voz ficou mais alta.

— O que diabos aconteceu? — ele ouviu Strider rosnar.

Passadas ecoaram.

— Derrota — ele rosnou. — Não entre no meu quarto. Preciso de um instante.

— *Nós* precisamos de um instante! — gritou Anya.

As passadas cessaram.

— Um minuto. E, depois vou entrar.

Quando Lucien tentou se sentar, o aço frio se fechou ao redor de seu pulso. Franzindo o cenho, ele olhou para o lado. Anya o prendera à cama.

— Anya — disse. — Uma brincadeira?

— Não.

Uma pausa. Um músculo se contraiu sob o olho dele.

— Correntes não podem me conter.

— Essas podem. — Ela saltou da cama e correu até o armário, pegando uma camiseta e um par de calças dos cabides. — Sinto muito, docinho, mas ainda não terminamos de conversar, e não posso deixar você ir embora até termos terminado.

Ele puxou as correntes. Elas chacoalharam, porém, não se partiram. O medo começou a se apossar dele. Tentou se teletransportar, mas falhou. O motivo que a levava a entrar em seu quarto em Budapeste ficou claro. Anya pegara *as* correntes.

— Solte-me. Agora.

Ela o olhou com certa tristeza nos olhos.

— Não tenho a chave.

— Está nas minhas calças. Naquelas — disse, apontando para a porta do armário com a mão livre. Em sua preocupação com Anya, ele se esquecera de deixar a chave em Budapeste, com as correntes, de modo que a estivera carregando consigo.

Ela as pegou.

— Estas?

— Sim.

Anya retirou a pequena chave de metal e a segurou na palma da mão. Pequenas nuvens escuras se formaram ao redor dela, uma rajada de vento contida pareceu soprar acima dela. Num piscar de olhos, as nuvens desapareceram e o vento cessou. A chave havia desaparecido. Ela esfregou uma das mãos na outra, um gesto de triunfo por um trabalho bem feito.

— Anya! — gritou ele. — O que você fez? Onde está a chave?

— Lucien? — Strider chamou, preocupado.

— Ainda não — ele gritou de volta.

— Não se preocupe — disse Anya. — Você não está indefeso. Aquela chave que o Croninho tanto quer, bem, é a Chave-Mestra, que pode destrancar qualquer coisa. Até elas. — Ela apontou para as correntes.

— Prove. Solte-me. Agora!

— Sinto muito, docinho, mas está precisando de um tempinho só para você, e sou boazinha o bastante para lhe dar isso.

— Anya! — Ele estava nu e inegavelmente excitado. Se ao menos aquela feroz ereção pudesse ir embora por causa de um pouco de raiva. Mas não. — Tínhamos uma trégua.

— Por isso, você está acorrentado, e não morto.

Totalmente vestida, ela se aproximou da cama. Apesar das roupas dele quase a engolirem, jamais parecera tão bonita.

Ele avançou para ela, com a intenção de segurá-la pelo pulso. Porém, com uma risada, ela dançou para fora do alcance dele.

— Sabe muito bem que merece isto. Aceite o castigo como um bom menino.

— Anya — ele repetiu, tentando dar a impressão de serenidade. Não conseguiu. Se sua voz fosse uma espada, Anya teria sido feita em pedacinhos.

Permanecendo fora do alcance dele, ela pegou delicadamente a colcha com dois dedos e a jogou sobre a ereção.

— Pronto. Sua modéstia pode ser preservada.

Mesmo naquele momento, Lucien a desejava. Os cabelos pareciam um rio que descia por ela, enquanto fitava saudosamente a coberta, como se quisesse ser ela a envolvê-lo.

— Anya...

— Livre-se de Derrota, que eu volto.

Tendo dito aquilo, desapareceu.

A cabeça do guerreiro despencou sobre o travesseiro.

— Maldição! — Ele esmurrou a cabeceira da cama com a mão livre.

Strider invadiu o aposento, duas facas em riste.

— Prontos ou não — disse —, aqui vou eu. — Ele olhou para os estragos no aposento e, depois, para as correntes. — O que diabos aconteceu? A casa também está uma bagunça.

— Guarde isso — disse Lucien, gesticulando com o queixo na direção das facas. — Anya e eu tivemos uma pequena briga.

Todo e qualquer sinal de preocupação abandonou as feições severas de Strider.

— E depois decidiram brincar de sadomasoquismo? Saquei. — Ele riu. — Não achei que você curtisse esse tipo de coisa.

— Cale a boca e saia daqui. Ela só vai voltar depois que você se for.

— De jeito nenhum. Não vou embora. — Strider se deixou cair na beirada da cama. — Em primeiro lugar, quero presenciar os fogos de artifício. Em segundo, não vou deixá-lo aí, indefeso. Podemos não ter mantido muito contato ao longo desses últimos séculos, mas isso não significa que não possa contar comigo para cobrir sua retaguarda. Só não vá tendo ideias. Não joga nesse time.

Lucien o chutou no peito, lançando-o ao chão.

— Strider. — Ele cobriu o rosto com a mão livre. — Deuses, isto é humilhante.

Se tivessem sido Paris ou Reyes a encontrá-lo, não teria sido tão ruim.

— Quer pipoca, ou alguma coisa? — perguntou Strider, erguendo-se com um sorriso.

— Quero que vá embora.

— Há... não.

— Não estou indefeso. E ela não vai me fazer mal. Já poderia ter feito, mas não fez.

Uma pausa, um suspiro.

— Certo.

Strider marchou para fora do quarto.

Lucien pensou que o guerreiro fosse sair da casa, mas ele voltou alguns instantes depois, segurando um pequeno celular preto.

— Esta gracinha tem câmera e manda e-mails.

Mexendo as sobrancelhas para cima e para baixo, ele bateu algumas fotos de Lucien sobre a cama, certificando-se de ter enquadrado as correntes.

— Pare — rosnou Lucien.

— Há... mais uma vez, não. Agora, faça amor com a câmera para mim. Ótimo, ótimo. O olhar de sexo selvagem está perfeito. Cara, esta vai para o álbum.

Lucien o encarou.

— Há homens que temem minha fúria.

— Detesto ser eu a revelar isto, Morte, mas acho que não vão mais fazer isso depois que o virem preso à cabeceira de uma cama, com uma barraca armada no colo.

Lucien sentiu as faces arderem.

— Eu me vingarei. Sabe disso, não sabe?

De repente, Strider ficou sério.

— Não me desafie. Sabe que sou o guardião da Derrota e que farei qualquer coisa, até matar minha própria mãe, se tivesse uma, para vencer um desafio. Não consigo parar até vencer.

Lucien jogou um travesseiro nele.

— Então, guarde a câmera e vá embora.

Sorrindo novamente, Strider enfim fez o que lhe foi ordenado. Bem, pelo menos cumpriu uma das ordens. Ele guardou a câmera no bolso.

— E aí? Viu Paris?

— Não. Por quê?

— Saiu cedo para fazer algumas compras e, desde então, não sei dele.

— Provavelmente, está com uma mulher. Ou duas. Não me preocuparia com ele. Conhecendo Paris, ele vai querer estar com toda a sua força antes de se juntar à busca, o que significa que poderá estar alguns dias atrasado com relação ao resto de nós. Recentemente, ele tem precisado de mais sexo do que o normal.

— Ao que parece, não é o único. — Strider olhou para ele com malícia. — Gideon vai ficar furioso se Paris tiver ido sem ele. Acho que vou ter que deixar os meninos se entenderem sozinhos. Tenho que pegar um avião para a África do Sul. Estou ansioso para começar a procurar a pequena senhorita Hidra e seja lá que tesouro ela esteja escondendo.

— Ligou para Sabin?

— Ah, sim. Ele está empolgadíssimo. Disse que não tiveram sorte no Templo dos Impronunciáveis, mesmo com vários sacrifícios de sangue, mas presente que tem algo lá e não quer ir embora.

— Ótimo. — Com sorte, alguém encontraria algo mais cedo, em vez de mais tarde. — Ainda não tive chance de me teletransportar até ele. — Sua mente estivera ocupada demais com Anya.

O telefone de Strider tocou estridentemente. O guerreiro o pegou do bolso e o abriu, sorrindo.

— Falando em Sabin, já mandei a sua foto para ele por e-mail, e ele acaba de responder. Achou que você ficou muito bem assim. Disse que você deveria posar para fotos com mais frequência.

Lucien se deixou cair de volta na cama, batendo a cabeça na cabeceira. As correntes fizeram um barulho metálico.

— Saia daqui. Anya e eu temos um assunto a resolver.

— Cara, você é um filho da mãe de muita sorte. Eu adoraria resolver alguma coisa com aquela belezinha deliciosa.

Os olhos de Lucien se estreitaram, sua fúria se reacendendo.

— Não fale dela desse jeito.

Strider piscou os olhos, intrigado, mas preferiu deixar para lá.

— Ficarei por perto até saber que você está livre. Vejo você depois, Morte. Divirta-se.

Strider saiu a passos largos do quarto e depois da casa, a porta batendo atrás dele.

— Estou sozinho agora! — gritou Lucien.

Nenhuma resposta.

— Anya.

Nada.

Ele aguardou por vários minutos, depois, voltou a chamar o nome dela. Anya não respondeu. Maldição! Estaria brincando com ele? Castigando-o?

Ou havia acontecido algo com ela?

Uma terrível imagem surgiu na sua mente, tão vívida que Lucien começou a suar. Anya de pé, no meio de seu apartamento na Suíça, Cronos diante dela. Estavam em meio a uma acalorada discussão.

O demônio de Lucien rosnou, e ele começou a desconfiar de que a imagem era de fato real. Era simplesmente detalhada demais, incluindo o suor que brotava na têmpora dela. O que os dois estariam dizendo? Ele não conseguia ouvir, e o pânico começou a se intensificar.

Cronos havia decidido matá-la por conta própria? Lucien lutou mais intensamente contra as correntes, mas os elos não cederam.

— Anya!

Capítulo Doze

— QUERO A Chave-Mestra, Anya.

Tensa com a súbita intrusão, Anya enfrentou seu inimigo, o coração batendo forte no peito. Ali estava ele, em pessoa. Cronos, o novíssimo rei dos deuses. Um maldito desprezível. E o homem que ordenara que Lucien a caçasse e a matasse como um animal.

Ei, isso daria um excelente anúncio nos classificados de solteiros, ela pensou, sarcasticamente. *Poderoso HBS com atração por ordenar execuções procura MBS para ajudar a governar o mundo. Interessada? Massageie o meu ego e me dê tudo o que você mais preza.*

— Eu quero uma eternidade de paz — ela respondeu —, mas nem sempre conseguimos o que queremos. Não é?

Os dentes dele se cerraram ruidosamente.

Anya fora ali para mudar de roupa, o que fizera havia poucos minutos, indo de largada para sensual em breve. Graças aos... bem, com certeza, não aos deuses, que Cronos não havia se materializado naquela hora. Não queria que nenhum outro homem, a não ser Lucien, a visse nua.

Lucien.

Estivera tão envolvida em seus pensamentos sobre ele que só percebera que Cronos havia se materializado em sua casa em Zurique quando ele falara. Aquilo não era típico dela. Normalmente, sabia. Normalmente, pressentia e fugia.

Poderia ter se teletransportado na hora, mas não o fizera. De repente, quis escutar o que o grande idiota queria dizer. Será que pretendia reclamar de Lucien?

— A chave — esbravejou Cronos. — Entregue-a para mim.

— Já discutimos isso antes, garotinho mimado. Minha resposta não mudou.

Ele a rodeou, examinando-a, fitando-a com intensidade, tão de perto que a espessa barba grisalha chegou a fazer cócegas no queixo dela. A comprida toga branca roçou nas pernas dela, e Anya se sentiu envolvida pelo aroma de ambrosia que saía dele. Cronos irradiava poder.

Os gregos também haviam sido poderosos. Zeus com o seu relâmpago e Hera com sua atração por vinganças ciumentas. Mas aquele ser os havia massacrado como se eles não passassem de moscas insignificantes, e adoraria fazer o mesmo com ela.

Inesperadamente, ele se empertigou. Sua expressão se suavizou.

— Tenho acompanhado suas interações com Morte.

— E daí? — perguntou ela, esforçando-se para não revelar sequer um vestígio de temor. Quais interações ele havia testemunhado? A ideia de que ele poderia ter observado os dois no quarto de Lucien a revoltou. — O que é que tem?

— Você gosta dele.

— Mais uma vez, e daí? Gosto de muitos homens. — *Por favor, não escute a mentira na minha voz.*

— Entregue a Chave-Mestra a mim de livre e espontânea vontade, e eu o vincularei a você. Será seu para comandar por toda a eternidade.

Ah, aquilo era tentador. Cronos provavelmente não fazia ideia do tamanho do presente que estava lhe oferecendo. Finalmente, ela estaria em pé de igualdade com um homem. Ter Lucien pelo tempo que bem entendesse, simplesmente pedir para que ele fizesse algo e saber que ele obedeceria. Mas ela passara séculos tentando evitar para si mesma justamente um destino como aquele. Não poderia condenar outra pessoa a ele, ainda mais um homem orgulhoso como Lucien. Além disso, ele já estava preso ao seu demônio. *Além do mais*, ele acabara de se libertar da maldição mortal de Maddox. Roubar ainda mais da liberdade dele seria criminoso.

— Não. Lamento. Eu me cansaria dele em uma semana. No momento, as tentativas de me matar são divertidas, e estou adorando brincar com os sentimentos dele, mas... — Ela deu de ombros, como se já estivesse se cansando de tudo. — Por que você simplesmente não *toma* a chave de mim? — Ela piscou inocentemente os olhos para ele. — Por que *você* não me mata por ela?

O cenho do Titã voltou se franzir.

— Gostaria disso, não é?

— Talvez um pouquinho.

Com tal provocação, ela ouviu a voz do pai na mente, tão clara como se houvesse dito as palavras ainda no dia anterior, embora incontáveis anos tivessem se passado. *Homens tentarão matá-la pelo que estou prestes a lhe dar, porque eles pensarão, erroneamente, que esse será o modo de consegui-lo de você.*

Vão me matar? A troco de quê? Não entendo. Ela balançara a cabeça. *Deixe para lá, só não me dê o que quer que seja. Não quero mais homens atrás de mim. Só me solte.*

E arriscar que seja encontrada e novamente aprisionada? Não. Em breve, perceberá que as recompensas da chave superam seus perigos. Jamais será presa novamente. Poderá viajar para onde desejar com apenas um único pensamento. Será livre. Sempre.

Chave? Pai...

Ouçá-me. Se conseguirem matá-la, poderão pegar a chave, contudo, aquele que desferir o golpe fatal passará o resto de sua vida sem poder. Por conta disso, muitos a deixarão em paz. Alguns, no entanto, esquecerão as consequências em sua avidez por controlar os poderes da chave.

Está prestando atenção?, ele censurou, sacudindo-a. *Esteja alerta. Ela tem de ser dada de livre e espontânea vontade para que quem a receba permaneça forte. Mas então você, a pessoa que a deu, ficará sem poder. Pois a chave está viva, ela é parte de você e absorve pedaços seus que serão transferidos caso a passe adiante. Compreende agora?*

Não!

Uma vez que a tenha, jamais abra mão dela. É sua, meu presente para você. Prova de meu amor.

Com lágrimas nos olhos, ela abriu a boca para perguntar se *ele* seria deixado sem poder ao dar a misteriosa chave para ela, mas seu pai já havia, por assim dizer, tomado as rédeas da situação nas próprias mãos. Já começara a enfraquecer.

— Não vou usá-la contra você — ela disse a Cronos. — Bem, não de novo.

— Como você disse, já discutimos isso. Você irá.

— Só pelos meus pais. Ou seja, só se você capturá-los de novo.

— Não estou disposto a aceitar a sua palavra. Você é uma renomada mentirosa.

Não havia como negar aquilo. Não sem mentir.

— Olhe, ambos sabemos que você quer que Lucien me mate, o que vai deixá-lo sem poderes, enquanto você mantém toda a sua força. A chave será de quem quiser pegar, só que ele vai estar fraco demais para tentar fazer isso, o que deixaria o caminho livre para você. Eu podia contar para ele. Talvez Lucien mande você ir pastar, então.

— Não acredita nisso, ou já teria contado a ele.

Talvez. Talvez não. Ela suspeitava de que não havia contado para Lucien não por receio do que ele poderia fazer com Cronos, mas sim pelo que ele poderia fazer com ela. Como sair de vez de sua vida. Além do mais, ele sequer teria acreditado nela? Provavelmente, acharia que Anya inventara a coisa toda para mantê-lo à distância.

— Nós dois sabemos que isso não o impedirá de me obedecer — afirmou Cronos. — Ele ama demais seus guerreiros para vê-los sofrer, mesmo à custa da própria liberdade.

— Então, por que ele ainda não o obedeceu, hein?

— Você o enfeitiçou.

Quem dera. Ela suspirou, um som metade irritação e metade prazer relembrado. Lucien... Naquele instante, estava em sua cama. Nu. Ainda a desejava?

O desejo dele havia sido uma coisa linda, e ela estava ansiosa para levá-lo à inevitável conclusão. Para sentir mais uma vez o seu gosto. Provavelmente ela também teria chegado novamente ao clímax, pois ficava trêmula só de pensar em sugá-lo até outro orgasmo.

Tentando se distrair, ela jogou o cabelo por sobre o ombro e olhou para Cronos. Estava na hora de tirar Lucien de sua cabeça.

— Ter a chave poderá, *podará*, revigorar Tártaro e transformá-lo na fortaleza que foi no passado, trancando os gregos lá dentro para sempre, para que não escapem como você escapou. Mas cadê a diversão nisso? Cadê a aventura?

— Perdi meu senso de aventura há muito tempo. — Ele fez um gesto de pouco caso com a mão. — Não serei deposto novamente. Não permitirei que os gregos escapem, e não deixarei que você os ajude. Para garantir a perpetuação do meu reinado, preciso da chave.

— Olhe, você não é o único que tem problemas. Eu sou caçada diariamente, lembra? Abrir mão da chave significa perder minha força, minhas habilidades, minhas lembranças... talvez até minha liberdade. Se algum dia eu for trancafiada novamente, não vou poder escapar.

— No passado, já lhe ofereci minha proteção. Você sempre recusou.

— E vou continuar fazendo isso.

Cronos poderia mudar de ideia. Poderia exigir pagamento adicional para continuar a protegê-la. Poderia se esquecer dela.

— Então, diga-me o que quer, e será seu. As coisas não precisam terminar mal para você.

— Não tem nada que eu queira.

As coisas estavam perfeitas para ela no momento. Ninguém podia prendê-la e ninguém podia matá-la sem sofrer sérias consequências. Tinha uma espécie de namorado que virava o seu mundo de pernas para o ar, mesmo sem poderem efetivamente consumir a relação. Por que abrir mão de qualquer uma dessas coisas?

Além do mais, poderia obter por conta própria qualquer coisa que quisesse. E ela, de fato, tinha um plano para tirar Cronos de sua cola. Os artefatos que os Senhores do Mundo Subterrâneo procuravam. Cronos os queria de volta. Eram uma fonte de seu poder e, como ela bem sabia, Cronos adorava poder.

Assim que Anya os tivesse, e os usasse para encontrar a caixa de Pandora, ela os trocava por aquele juramento de proteção. Inclusive contra ele mesmo. Para ela, para Lucien. E o melhor de tudo, ainda teria a chave.

Ela examinou as próprias unhas.

— Você liga se eu cair fora agora? Esta conversa está chata e tenho lugares aonde ir e tal...

Os olhos de Cronos se estreitaram.

— Um dia, no futuro próximo, descobrirei o que é necessário para dobrá-la à minha vontade. Saberei o que é necessário para esmagá-la. E, quando o fizer, você desejará ter me entregado a chave hoje.

Ele desapareceu em meio a um brilho de luz azul melodramático. Sentindo as pernas bambas, Anya cambaleou para a frente. Passou a mão pelo rosto, sentindo os primeiros tremores de ansiedade. Antagonizar o rei dos deuses não havia sido muito inteligente, mas não fazia parte da natureza dela se acovardar e nem obedecer.

Saberei o que é necessário para esmagá-la, ele dissera e ela acreditava. Tudo que Cronos tinha de fazer era ameaçar Lucien, e Anya receava que lhe daria qualquer coisa. Talvez até a chave. Não podia permitir que Cronos soubesse como Lucien estava se tornando importante para ela e que seus dias e noites eram preenchidos com pensamentos sobre ele.

Cronos devia ter ao menos uma leve suspeita, ela se deu conta. Por que outro motivo ofereceria as afeições eternas de Lucien?

Ah, que inferno!, pensou. Teria de fazer algo para despistar o chefe. Ignorar Lucien, por mais doloroso que pudesse ser, resolveria? Ou Cronos enxergaria a saudade no rosto dela e o tormento em seus olhos? Droga, ela sequer conseguiria ficar longe de Lucien? Ainda não fora capaz dessa façanha.

Não seria prudente manter distância, decidiu. Encontraria os artefatos mais rapidamente trabalhando *com* ele do que contra ele. Alívio e necessidade percorreram seu corpo trêmulo. *Vou poder estar com ele novamente.*

É, vai poder estar com ele novamente, mas não pode deixar Cronos ver o quanto se importa.

Sentindo o alívio desaparecer, franziu o cenho. Isso significava que não haveria mais prazeres físicos?

A resposta se mostrou triste. Beijar não teria problema, porque ela beijava outros homens. Mas qualquer outra coisa serviria apenas para provar quão

especial Lucien era para ela. Seus ombros despencaram.

Vou ter que ser a impertinente de sempre e manter as coisas superficiais. Nada mais de tocar, nada mais de contato pele a pele.

— Droga de Cronos — resmungou, para disfarçar as lágrimas repentinas.

LUCIEN ESTAVA À beira de um acesso de fúria.

Aquilo acontecera apenas uma vez antes, uma fúria prolongada que durara vários dias, após a morte de Mariah, e ele jurara jamais permitir que acontecesse de novo. A destruição havia sido grande demais. Contudo, ao observar Anya com Cronos, vira-se incapaz de não se entregar à fúria sombria.

Agora, o vermelho brilhava por detrás dos olhos; um suor frio lhe escorria pela pele. Morte rugia como um leão faminto dentro de sua mente. Sua respiração estava tão quente que parecia sair fogo de suas narinas. Era mais demônio que homem, a escuridão encobrindo cada um de seus pensamentos.

Já fizera a cama em pedaços, soltando a corrente da cabeceira, mas não de si. Depois disso, traçara uma trilha de destruição por toda a casa. Como a corrente ainda estava presa ao seu pulso, ele não podia se teletransportar. Contudo, isto não importava, estava ocupado demais entrando em ebulição. Ocupado demais imaginando sangue e matança. Se algum dos guerreiros tivesse entrado na casa naquele instante, ele teria atacado. Teria sido incapaz de se deter. E não teria se importado.

Cronos poderia ter matado Anya e, ainda assim, não teria havido um meio de Lucien ajudá-la. Não fora capaz de ajudar Mariah, e a culpa o atormentara desde então. Anya, contudo... Ele soltou um rugido alto e prolongado.

— Há... Quer explicar isto? — uma mulher perguntou quando ele se calou.

Ao ouvir a voz, ele se virou com um rosnado. Viu os contornos da esguia forma feminina. Cabelos claros. Ombros delicados. Ele pegou uma espada.
Matar, matar, matar.

Com uma careta, avançou na direção dela.

Ela recuou.

— Lucien?

Erguendo a espada acima da cabeça, ele a girou no ar ameaçadoramente. *MATAR*. A ponta desceu, voando na direção do pescoço da mulher. Ela provavelmente se movera, pois a espada atingiu o chão, em vez da carne. Ele sibilou.

Um instante depois, algo lhe cutucou o ombro por trás.

Lucien se virou. Um punho lhe atingiu o nariz. A cabeça chicoteou para o lado e um líquido quente escorreu pelos seus lábios e seu queixo.

— É melhor se acalmar, Morte, ou vai me deixar zangada.

Ele ergueu novamente a espada, mas ela foi arrancada de suas mãos. Com um outro rugido, ele saltou à frente, agarrando a mulher. Ele a sacudiu, como se pretendesse parti-la ao meio.

— Lucien — ela disse e, desta vez, havia uma qualidade hipnótica, calmante, na voz. — Lucien. Sério. Não sou uma boneca de pano. Acalme-se. Diga o que há de errado.

Por fim, um vestígio de consciência penetrou sua mente, e o homem conseguiu ultrapassar o demônio. A pele de sua prisioneira era quente... ele reconhecia aquele calor. Ela cheirava a morangos com chantilly... também reconhecia a fragrância.

— Conte para a doce Anyazinha o que está se passando nessa cabecinha oca — ela disse baixinho. Mãos macias acariciaram o rosto dele. — Por favorzinho.

Anya.

O nome ecoou na mente de Lucien, penetrando a névoa vermelha e permitindo a entrada da luz. Ele piscou os olhos e uma fada perfeita entrou em foco. Cabelos como a neve. Brilhantes olhos azuis. Bochechas rosadas.

— Anya?

— Estou aqui, meu amor.

Bons deuses. Ele olhou ao redor, examinando o aposento, e viu a destruição e o sangue. Sangue dele. Lembrava-se de ter cortado as mãos ao esmurrar as paredes. O arrependimento o atingiu com força total.

De novo, não.

— Eu a machuquei?

Ele voltou a atenção para a mulher em seus braços, estudando-a intensamente. Tinha a pele rosada e macia, sem hematomas, e os olhos brilhavam. Ela usava uma camiseta preta e justa, e uma calça igualmente apertada, e nenhuma das duas estava rasgada. Reluzentes sandálias de salto alto lhe revestiam os pés, deixando à mostra os dedos, as unhas pintadas de preto.

— Eu a machuquei? — repetiu.

— Você se importaria? — perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado.
— Quero dizer, já tentou fazer isso antes.

Ele pressionou os lábios juntos. Não podia permitir que Anya desconfiasse de como ele estava começando a admirá-la, como estava começando a *precisar* dela. *Acho que sua língua no clitóris dela deixou isso bem claro.* Apenas quando lhe roubasse a chave e a vida dela estivesse a salvo, ele admitiria tais sentimentos.

— Deixe para lá — ela disse distraidamente. — A resposta não ia fazer diferença mesmo. — Ela deu as costas a ele e foi até o sofá que ele fizera em pedaços, acomodou-se no braço rasgado. — Falando sério, o que foi aquilo? Nunca vi uma cena tão demoníaca. Seus olhos estavam vermelhos. — Ela estremeceu. — Uma coisa louca, e não de um jeito bom.

— Certa vez, eu lhe disse para não me deixar com raiva.

Deuses, ele não podia acreditar que viajara tão longe na direção do lado negro de sua natureza. Sempre fora tão cuidadoso. Contudo, pensar em Anya doía... Ele teve que reprimir outro rugido.

Por fim, Lucien admitiu que jamais teria sido capaz de matá-la. Nem mesmo no início. No fundo, era revoltante como se sentia protetor em relação a ela. Ele estava igual a Maddox.

— O que quer de mim, Anya? Por que voltou?

— Primeiro, para fazer isso.

Com uma expressão de censura, ela ficou de pé e foi rebolando na direção dele. Segurou o pulso acorrentado e o puxou na direção de um fraco raio de luar que entrava pela janela. Com a outra mão, gesticulou sobre o metal.

Uma luz forte e amarelada se irradiou dentre seus dedos. Ele sentiu calor, sentiu os grilhões se abrindo e a corrente caindo no chão.

— A Chave-Mestra? — perguntou Lucien, chocado.

— É. — Ela baixou o braço. — Vai me contar o que deixou você tão zangado?

— Eu a vi conversando com Cronos.

— O quê? Você viu? Como?

— Não sei como, apenas vi, na minha mente. O que ele disse?

Ela piscou os olhos para ele.

— Queria a chave.

Aquela maldita chave!

— Diga-me por que ela é uma luz que vem de *dentro* de você. — Lucien estivera esperando que fosse de metal.

— Não. O que vou dizer é que, se você me matar, a chave vai sugar seus poderes. Pronto. Agora você sabe. É por isso que Cronos quer que faça o trabalho sujo para ele. E, antes que diga qualquer coisa, não planejava contar isso para você. Primeiro, porque não tinha a menor intenção de morrer e, segundo, você pensaria que eu estava mentindo só para mantê-lo à distância. Mas agora sabe. Não pode dizer que não avisei.

Ele não ia matá-la. Sendo assim, o aviso não tinha muita importância.

— Como Cronos vai fazer para lhe tomar a chave se ela está dentro de você?

— Você já sabe a resposta para isso. Você me mata, você enfraquece, *ele* chega e pega a chave do meu pobre corpinho morto.

— Então, você tem de morrer para outra pessoa possuir a chave?

— Não. Eu poderia dar por livre e espontânea vontade.

— Então, dê a chave para ele, mulher!

— Se fizer isso, *eu* enfraqueço. Permanentemente. Pior, não vou poder me teletransportar. Entendeu agora?

Ah, sim, de súbito, ele *realmente* entendeu e quase vomitou. Não poderia roubar a chave sem matá-la, e ela não podia entregá-la a Cronos sem se deteriorar. Portanto, Lucien nada tinha para oferecer ao deus em troca da vida de Anya. *O que diabos ele faria?*

Sem saber do conflito interno de Lucien, Anya olhou ao redor, examinando o aposento.

— No meio do seu acesso de raiva, destruiu nossos suprimentos para o Ártico?

— Sim.

— Nem consigo acreditar que já achei você controlado demais. Sério, pelo amor dos deuses, aprenda um pouco de autodisciplina. Devia se envergonhar.

— Eu me sinto.

— Ótimo.

Pense na chave depois, quando estiver sozinho e não consumido pelos perfumes de morango e destruição.

— Antes de partir, você tinha dito que queria discutir algo comigo. O quê?

— Esqueci.

Ele duvidava daquilo, Anya não se esquecia de nada, mas permitiu que a mentira passasse sem comentar nada.

— Retornou para passar mais algumas horas na cama?

As faces dela enrubesceram.

— Estou aqui para pegar minhas coisas, porque estou pronta para começar a procurar aqueles artefatos. Afinal de contas, estou entediada, e isso parece deliciosamente perigoso, andar pela neve em busca de uma relíquia antiga.

Havia algo nos olhos dela... talvez um brilho exageradamente forte. Uma casualidade forçada? Mais uma vez, ela não estava dizendo a verdade.

— Você me deixou aqui para Strider me encontrar nu e acorrentado a uma cama — ele disse, para melhorar o humor dela. — Já lhe agradei por isso?

— Não, não agradeceu. — Ela sorriu lentamente, desta vez com genuíno bom humor. — Ele gostou?

— Deve ter gostado. Tirou fotos.

Ao lembrar a cena, a humilhação aqueceu Lucien do pescoço para cima.

Anya riu com vontade, e o som daquela risada foi mágico. Ele percebeu a pele se arrepiar, e sentiu-se como se houvesse acabado de conquistar o mundo inteiro.

— O que queria discutir? — perguntou gentilmente. — Diga a verdade.

O sorriso dela desapareceu.

— Eu queria contar... Queria dizer que... Não sei bem se gosto da sua atitude.

— Não sei bem se sei do que está falando.

— É que... sei lá. Não seja tão bonzinho e meloso comigo. É nauseante.

— Nauseante?

— Virou eco agora? É. Nauseante. Caramba.

Ele cruzou os braços e a observou, confuso.

— Por que está agindo desse jeito? Depois do modo como implorou para que eu continuasse a lambê-la?

A respiração dela vacilou e Anya se afastou dele. Apenas um passo, mas Lucien não gostou.

— Percebi que foi um erro, só isso — ela disse.

O que estava acontecendo ali?

— Não confia mais em mim?

— Não.

— Por quê? Eu poderia tê-la penetrado naquele momento, e ambos sabemos disso. Mas não o fiz. E acho que ambos sabemos que você estava prestes a me pedir mais.

Os olhos dela faiscaram para ele.

— Estava brincando com você. Fingindo.

Os olhos dele também faiscaram.

— Acredito em muita coisa a seu respeito, *docinho*, mas essa não é uma delas. Não mais.

— Isso é a coisa mais triste que já ouvi. — Com a mão, ela espanou uma fibra de algodão do ombro.

— Não me force a provar minhas palavras.

— Vá lamber sabão. — Outra espanada sobre os ombros. Lucien notou que a mão dela estava tremendo.

— Tenho certeza de que preferiria que eu lambesse você.

Desistindo da fachada de casualidade, ela o esbofeteou, a palma da mão marcando-lhe a face.

— Primeiro, não deveria falar assim. E, segundo, não me force a deixar claro o que é óbvio. Eu... eu... claramente, senti pena de você. — A última parte foi dita com dificuldade. Lágrimas chegaram a brotar nos olhos dela.

Um músculo se retesou no maxilar dele. Pôde sentir novamente a vontade de ferir crescendo dentro de si. Quente, voraz, implorando a chance de fazer mais estrago. De destruir. Lucien teria gostado de dizer a si mesmo que Anya

estava mentindo a respeito daquilo. Afinal, sentira o prazer dela, a alegria com o seu toque, mas era difícil se livrar de antigas inseguranças.

Ela era linda e poderia escolher qualquer outro homem igualmente belo. Talvez ela o tivesse desejado antes pela novidade de se deitar com um homem feio e não o quisesse mais, agora que já satisfizera sua curiosidade. Talvez pensasse ser aquela a melhor maneira de se livrar dele.

— Não vou tentar matá-la novamente. Então, pode parar de tentar me amolecer — disse para ela.

— Que bom para mim — ela murmurou, desviando o olhar.

Sua pele exibia um rubor de culpa.

— Apenas saiba que, se me bater de novo, *vou* revidar — mentiu ele.

Jamais seria capaz de lhe fazer mal, e sabia muito bem disso.

— Uma garota sempre pode ter esperanças — disse ela sedosamente, mudando de tática.

A fúria dele voltou a se intensificar.

— Fique aqui, ou volte para casa, mas vou comprar mais suprimentos e quero fazê-lo sozinho.

Os ombros dela se empertigaram, seu queixo se ergueu.

— Vou com você, e pronto.

— Não. Não vai. — Ele balançou a cabeça. — Chega de você, por ora.

Ela passou a língua pelos lábios.

— Que seja. Conheço alguém. Ele mora na Groenlândia e tem tudo de que vamos precisar. Vamos dar um pulo na casa dele, pegar emprestado o que queremos e seguir para o Ártico.

Ele. A palavra martelou na mente de Lucien, provocando uma tormenta de ciúmes.

— Quem é *ele*? E por que não nos levou até ele antes, em vez de me arrastar até a Suíça?

— É meu amigo, e não levei você até ele antes porque queria que visse meu... queria fazer compras com você e pensei que tínhamos bastante tempo — disse ela, chutando um caco de vidro no chão. — Droga! Estou olhando para os meus pés de novo.

— Então, pare. — Ela pensara ter bastante tempo, o que significava que não pensava mais. Por quê? — Cronos a ameaçou? — No instante em que as palavras deixaram a boca de Lucien, o comportamento de Anya começou a fazer sentido.

Empertigando as costas, ela se virou para o outro lado.

— Como se eu ligasse para as ameaças daquele desgraçado.

Ah, sim, Cronos a ameaçara.

— O que ele disse para você?

— Pare com isso. Cronos não disse nada de importante. Além do mais, o que aconteceu entre mim e outro cara não é da sua conta, é? Agora, quer ir visitar William ou não?

— Não. Não quero ninguém sabendo o que estamos procurando. Conte o que Cronos lhe disse.

— William nem vai saber que estamos lá. Prometo. E, droga, Cronos não disse nada.

— Pretende roubar esse William?

— Sim. Então, está pronto ou não? — perguntou ela com frieza.

Lucien a estudou. A mulher diante dele não era a mesma que beijara e saboreara antes. Estava mais severa, mais distante. Lucien não gostava, porém não sabia como transformá-la no que era antes.

Desejou ter o poder para desafiar ali, naquele exato instante, o rei dos deuses. Desejou ter a força para se afastar de vez de Anya. Ela o estava deixando confuso. Contudo, apesar do que alegara alguns minutos antes, não queria ficar sozinho. Não queria ficar sem ela.

Como se pressentindo a capitulação dele, Anya se virou e acenou com o mindinho. Estava pálida, seus olhos, tristes, mas os lábios estavam sorrindo.

— Vejo você lá, Flores.

Lucien não a seguiu de imediato. Juntou suas adagas e sua Glock, verificou a câmara, viu que estava carregada. Não havia como saber quem era o misterioso William. Contudo, para ser sincero, sua identidade não importava. Lucien já o odiava.

Talvez, enquanto estivessem na Groenlândia, Morte fosse chamado para levar a alma do pobre infeliz.

Um guerreiro sempre podia ter esperanças.

Então, como que aproveitando a deixa, Morte convocou *Lucien*. Infelizmente, para os Estados Unidos, de modo que nenhum dos dois ficou muito contente. Ele suspirou. Guardou rapidamente as armas no coldre e nas bainhas espalhadas pelo corpo e se desmaterializou. Anya e seu homem misterioso teriam que esperar.

POR QUANTO TEMPO vou conseguir fazer isso?, Anya perguntou a si mesma sombriamente. A mágoa no rosto de Lucien quando ela alegara sentir pena dele quase fora mais forte do que ela poderia resistir.

Sentira vontade de chorar. Ainda sentia. Seguindo o exemplo de Cronos, determinara a fraqueza dele e a explorara. *Se você não consegue resistir a ele, precisa fazê-lo resistir a você.*

Em vez de aparecer no interior da casa de William, ela se teletransportou para a varanda dele e aguardou Lucien. O vento frio atingiu instantaneamente sua pele, em grande parte à mostra. Um tremor violento a sacudiu. *Devia ter se trocado, lerda.* Mas estivera ansiosa para escapar de Lucien, mesmo que por apenas um minuto, antes que ele percebesse suas mentiras.

Um minuto se passou, seguido de outro. Para frustração dela, Lucien permanecia ausente. Droga, se permanecesse ali fora mais um pouco, seus lábios iam ficar azuis, e essa era uma cor que não lhe caia bem. Onde ele estava? Ela não era capaz de seguir a energia dele como ele seguia a dela, e isso era um saco. Teria exagerado com ele? Será que ele decidira não ir até ali? Seguir por conta própria?

Ele decidira. Ah, decidira. Ora, aquele animal desprezível!

E o que você esperava? Você foi cruel com ele.

Tive que ser.

Antes que sua libido pudesse retrucar, Lucien enfim apareceu. Surgiu atrás dela. Anya não o viu; ela o sentiu. Num instante, seu corpo todo relaxou. *Não olhe. Não olhe.* Um olhar na direção daqueles olhos de cores diferentes, e ela se atiraria nos braços dele, soluçando um pedido de desculpas.

Permanecer no lugar foi uma das coisas mais difíceis que já fizera. Contudo, depois do modo como ela o tratara, ele poderia até ficar feliz com o comedimento dela.

— Por que demorou tanto? — perguntou ela, esforçando-se ao máximo para não inserir um tom de censura na voz.

— Tenho responsabilidades, Anya. — O tom neutro dele espelhava o dela.

Ainda chateado com ela, não? Era melhor assim, mas, ah, como ela queria que não fosse.

— Quer dizer que Morte precisou ligar para casa? — Apesar do tom frívolo, ela experimentou uma onda de compaixão. — Quantas almas teve que tomar desta vez?

— Doze.

Ela detestava que ele tivesse de ter ido sozinho. Por mais insensível que Lucien tentasse se tornar quando escoltava almas, ela não se deixava enganar. Ele provavelmente estava com aquelas linhas de tensão ao redor dos olhos e da

boca. *Não olhe!* Incapaz de se conter, Anya estendeu a mão para trás, para apertar a dele. Lucien não lhe rejeitou o toque, mas levou a mão dela aos lábios.

Um formigar ardente percorreu o corpo de Anya e ela se derreteu. Como, depois de tudo, ele ainda podia tratá-la com ternura? Deuses, ela teve vontade de dar uma surra em si mesma. Ele merecia muito mais do que ela jamais poderia lhe dar. Ainda que fosse seguro para ela parar de fingir indiferença, na melhor das hipóteses, seria uma amante que não conseguiria nem ir até o fim.

Apenas acabe logo com isto.

— Decidi que devíamos falar primeiro com William, em vez de roubar. — Lucien já tinha preocupações suficientes. — Não se preocupe, ele não vai revelar seus segredos.

Engolindo em seco, ela bateu nas enormes portas duplas arqueadas antes que Lucien pudesse protestar. Sinuosas serpentes vermelhas e pretas estavam entalhadas por toda a superfície delas. Um instante se passou. Outro. Nenhuma resposta. Ela bateu de novo, desta vez com mais força.

— É uma bela casa — comentou Lucien. Pelo menos não gritou com ela por obrigá-lo a conhecer William.

— É. — A casa desenhava um semicírculo ao redor do gramado coberto de neve. Havia pontos do telhado que se estendiam até o céu noturno. — Willie não aceitaria que fosse diferente, aquele cretino egocêntrico.

A luz da varanda se acendeu, espantando as sombras. Uma das portas se abriu, e a cabeça escura e bela de William espiou para fora.

— Anya?

Ela escutou Lucien rosar baixa e ameaçadoramente quando o guerreiro seminu saiu e a puxou para si, abraçando-a.

— Oi, meu anjo — disse ela. — Podemos entrar? Está congelando aqui fora.

— Da próxima vez, use mais roupas — Lucien disparou de trás dela.

William permaneceu no lugar e lançou um olhar curioso para Lucien. Depois, ergueu inquisitivamente uma das sobrancelhas para Anya.

— Meu cardápio da semana — explicou ela, odiando-se. Lucien era muito mais do que aquilo, mas ela não podia correr o risco de admitir em voz alta. — Está com uma aparência boa, doçura.

E estava mesmo. Era alto e pecaminosamente lindo, com símbolos místicos tatuados no peito nu.

Mais do que isso, irradiava sexo. Sexo puro, descontrolado e selvagem, e fora esta a razão de ter sido sentenciado a uma eternidade no Tártaro. Dera prazer a Hera e a milhares de outras, e, quando Hera descobrira a respeito dessas milhares de outras... cabeças haviam rolado.

Naquele instante, as calças de William estavam desabotoadas, como se ele as tivesse vestido às pressas. Obviamente, estivera fazendo mais do que apenas irradiar.

— Estou com uma aparência boa? *Boa?* — William riu. — Minha aparência nunca esteve melhor, e você sabe muito bem disso. Entre e aqueça-se. — Ele abriu caminho.

Ela passou por ele, Lucien indo logo atrás dela.

— Lucy, este é Willie. Ele é um pervertido sexual e passou um tempo na cela ao lado da minha antes de algum otário pagar a fiança e libertá-lo. Uma mulher, sem dúvida. Assim que William foi embora, ele se esqueceu de mim e não pagou a minha fiança.

— Não havia fiança para você.

— Desculpas, desculpas. Você sempre se preocupou só consigo mesmo. Willie, este é Lucy. Ele é meu.

Quando Anya se deu conta do que havia acabado de dizer, gemeu. A pequena confissão havia escapado de seus lábios sem sua permissão. Sentindo

um nó no estômago, virou-se para avaliar a reação de Lucien. As feições dele estavam impassíveis, e ele encarava William.

— Meu nome é Lucien, não Lucy.

— O meu é William, mas pode me chamar de Sexy. Todo mundo chama.

A não ser por aquilo, os dois homens se ignoraram por completo.

— Tuuuudo bem. Isso é *constrangedor* — cantarolou Anya, fingindo não ter preocupação alguma no mundo. — Alguém diga alguma coisa. Por favor.

— Algum dia você já foi... como foi mesmo que ela disse... o cardápio da semana de Anya? — perguntou Lucien.

William roncou zombeteiramente.

— Quem dera. E não foi por falta de tentativa da minha parte.

Lucien olhou para ela em busca de confirmação e Anya deu de ombros. Deveria ter se atirado em cima de William, mas não conseguia se forçar a tocar com tanta intimidade ninguém que não fosse Lucien.

— É, ele não faz o meu tipo mesmo. — Ela acrescentou secamente: — Nunca tentou me matar.

Lucien fulminou-a com o olhar.

— Era isso que eu precisava fazer? — William riu. — Sendo assim, vou...

— Você não tocará nela — disparou Lucien.

Anya piscou os olhos, surpresa. Duas vezes haviam emergido dos lábios de Lucien. Ambas perigosas; ambas letais. Fora o demônio dele que ela acabara de ouvir? Ela estremeceu de excitação. Já era difícil de resistir àquele homem quando ele estava girando uma espada em sua direção. Quando agia de modo possessivo, era como se fossem preliminares.

As pernas dela começaram a tremer, pelo amor dos deuses.

— Então, o que estão fazendo aqui? — perguntou William.

— William — uma mulher subitamente chamou, atraindo a atenção de todos.

— Ainda estamos esperando — outra choramingou.

Anya lançou um sorriso para a máquina sexual.

— Agora são duas de uma vez?

Ele deu de ombros, com ar encabulado.

— Não consegui decidir qual delas eu queria, então, resolvi ficar com as duas.

— Muito magnânimo de sua parte. — O olhar de Anya se desviou para o topo da escadaria atrás dele e se fixou nas duas mulheres usando roupões. Estavam olhando para eles, com os cabelos em desalinho e as peles rosadas. *Se ao menos fosse eu ali, chamando Lucien.* — Bem, não as deixe esperando.

— Sintam-se em casa — disse William a ela. Ele fez menção de se inclinar para lhe dar um beijo no rosto, mas recuou quando Lucien rosnou. — Vejo você amanhã de manhã, Annie querida.

— Querida? — disparou Lucien.

William começou a recuar mais rápido e ergueu as mãos, mas estava sorrindo.

— Brincadeira. Só estava brincando.

— Precisamos pegar algumas coisas emprestadas — Anya falou, capturando a atenção dele. — É por isso que estamos aqui. Não que eu não adore visitá-lo, é claro.

— Estou surpreso por não ter roubado tudo de que precisa.

— Eu teria feito isso — disse ela, apontando para Lucien com o polegar —, mas o grandão aqui, por algum motivo, faz cara feia quando eu roubo.

— Não faço. Não mais — disse Lucien. — Você precisa fazer isso.

— Se vai andar com você, ele vai ter que se acostumar. Até mais tarde.

William se virou e subiu as escadas, dois degraus por vez.

— Ah, Willie. Só um detalhe — disse ela, fazendo com que ele se detivesse.

— Estou meio que sendo caçada pelos deuses e... — para Lucien, ela fez uma

pausa dramática — ...pelo demônio da Morte. Vindo aqui, eu posso ter trazido guerra e caos até a sua porta. Tem problema?

— Claro que não. O que seria uma visita de Anya sem um pouco de caos?
— Ele passou os braços ao redor das duas mulheres, dando um tapinha no traseiro de cada uma. — De manhã conversaremos mais, certo?

As mulheres deram risadinhas. Eca. Risadinhas. Aquilo revoltava Anya. Ela podia falar como uma colegial de fraternidade, mas jamais se rebaixaria a dar risadinhas como uma delas. O trio desapareceu, virando o corredor, e ela se esqueceu deles.

— Bem, você ouviu o que ele disse — falou, virando-se para Lucien. — Podemos nos sentir em casa. Vamos começar pegando o que precisamos.

O corpanzil de Lucien quase a engoliu, cruzando a distância que os separava e empurrando-a de encontro à parede. Ele a fitava com tamanha intensidade que ela perdeu o ar forçado de pouco caso.

— O que foi?

— A única coisa que vamos fazer é terminar o que começamos.

Capítulo Treze

ELE A MARCARIA.

No instante em que Lucien vira William, o Belo, colocar as mãos em Anya, uma necessidade avassaladora se apossara dele: marcar Anya para que qualquer homem que a visse soubesse que ela pertencia a outro.

A necessidade era mais forte do que sua fúria jamais havia sido. A necessidade era mais potente até do que o seu desejo de ter aquela mulher na sua cama. Tudo em seu íntimo, até o demônio, gritava *minha*.

Assim como Anya também o descrevera como sendo *dela*. Se tivessem estado a sós quando ela dissera aquilo, ele a teria jogado na cama mais próxima e exigido que ela repetisse a palavra várias vezes.

Nada igual jamais acontecera com ele. Nem mesmo com Mariah agira com tanta volatilidade. Lucien a amara, mas seus sentimentos por ela haviam sido pacíficos. Meigos. Sim, o que sentia por Anya era meigo, porém também tão incontrolável quanto uma tempestade à meia-noite.

No entanto, por mais descontrolado que Lucien se sentisse, seu demônio jamais estivera mais calmo. De algum modo, Anya domara a fera. Escutar-lhe a voz, sentir o seu doce cheiro... mesmo naquele instante, Morte ronronava por ela.

— T-terminar? — ela arquejou. Anya pôs as palmas das mãos no peito dele. Sem empurrar, mas sem acolher. Os olhos estavam arregalados, ardentes. — O que quer dizer?

— Sabe o que quero dizer. — Podiam escutar as risadinhas das duas mulheres vindo do andar de cima. Podiam escutar o rosnado zombeteiro de William. — Você me deixou duro, e agora terá que dar um jeito nisso.

Os olhos dela se arregalaram mais, os cílios escuros tão compridos que lançavam sombras atraentes sobre as faces.

— Mas pensei que não fôssemos mais fazer isso. Já disse que não quero você. E pensei que você não me quisesse, porque eu... porque eu... Você sabe. — Ela desviou o olhar, olhando por sobre o ombro dele. — Senti pena de você e tudo mais.

— Pensou errado. — Não iria penetrá-la. Não podia lhe roubar a liberdade, apesar do quanto estivesse zangado com ela, mas iria possuí-la de todas as outras maneiras possíveis. — Podemos fazer aqui, ou podemos fazer nos meus aposentos, em Budapeste. A escolha é sua.

— Mas... mas... — Ela ainda tentava resistir. — O que provocou isto? William?

— Escolha — rugiu ele.

Ele plantou as duas mãos na parede atrás de Anya, ao lado das têmporas dela, as vibrações derrubando os dois quadros acima de sua cabeça.

Ela estremeceu e lambeu os lábios.

Ele aproximou o rosto do dela, quase encostando nariz com nariz. Suas respirações se misturaram, e ele puxou a dela para os próprios pulmões. Ela ainda cheirava a morangos com chantilly, embora não a tivesse visto com um pirulito. O olhar dela retornou ao dele, irradiando ardor.

— Lucien.

Ela não o chamara de docinho, nem de anjo e nem do mais recente, Lucy. Era um passo na direção certa. Suspeitava de que ela havia escolhido os apelidos tolos para qualquer um de quem quisesse manter distância.

Não haveria mais distância entre eles. Nunca mais.

— Escolha, Anya. — Se ela não o quisesse, teria simplesmente se teletransportado para longe. Além do mais, havia luxúria e empolgação na expressão dela, o que servia para alimentar a mesma coisa nele. — Não me importa quais são os seus motivos para me desejar. Não me importa o fato de que eu não deveria desejá-la.

Ela engoliu em seco.

— Mas... mas... não devemos fazer isto

— Por quê?

— Porque não.

— Não me convenceu. Vamos fazer isto. Escolha.

— Mas eu não quero?

Ele sabia que as palavras dela eram para ter sido uma afirmação de um fato. No entanto, não saíram como tal.

— Por quê? — ele voltou a perguntar.

Mordendo os lábios, ela baixou o olhar até a boca de Lucien. O membro dele se contorceu em resposta. Podia deduzir o que ela estava imaginando. Outra carícia da língua dele no clitóris e um suave puxão com os dentes.

— Coisas ruins vão acontecer se fizermos — sussurrou ela.

— Como o quê?

A única coisa terrível que ele conseguia imaginar era passar outro dia sem ter aquela mulher nua sob si.

Uma eternidade se passou.

— Não quero falar sobre isso.

— Tem razão. Agora não é hora de falar. Aqui ou em Budapeste?

Outra lambida da língua rosada. Da próxima vez que aquela língua saísse da boca de Anya, seria para dentro da dele, Lucien decidiu. Sem exceções.

Ela engoliu em seco, sussurrou:

— Aqui. — E se atirou nos braços de Lucien. Seus lábios se fundiram aos dele.

Sim. Deuses, sim. Finalmente. Enquanto suas línguas duelavam, o gosto de Anya preenchendo-lhe a boca, Lucien se sentiu flutuando. Então, seus pés atingiram o chão duro. Ele abriu os olhos e se viu no interior de um quarto espaçoso. Um lustre de cristal pendia do teto, derramando silenciosas lágrimas de luz. As paredes estavam cobertas de murais de flores e vinhas, cada um deles, um banquete multicolorido para os olhos.

A cama era enorme, com lençóis de seda preta sobre os quais ele mal podia esperar para deitar Anya. Havia baús de madeira e até uma tranquila cascata de pedra no canto do aposento. Um lugar lindo, sem dúvida alguma, mas Lucien se viu subitamente tentado a teletransportar Anya para outro local. Algum onde o belo William jamais tivesse colocado os pés.

Firmando as mãos sob o traseiro de Anya, Lucien a ergueu. As pernas dela se engancharam instantaneamente ao redor da cintura dele, colocando o novo centro do seu universo bem próximo do membro. Ele se esfregou nela, a ação tão necessária quanto a respiração.

Gemendo, ela mordeu-lhe o lábio inferior. Ele sentiu um arrepio percorrê-la.

— Mais — disse ela com dificuldade.

Ele repetiu o gesto.

Mais uma vez, ela mordeu e estremeceu.

Lucien agarrou-lhe a bainha da camisa e a puxou por sobre a cabeça. Aqueles incríveis cabelos cascadearam por sobre os ombros nus. Ela usava um sutiã com brilho azul-gelo, e ele ficou hipnotizado com a visão.

As pontas dos seios estavam voltadas para cima, chamando-o. Maravilhosos, tão maravilhosos. No entanto, não foram o que mais lhe chamou a atenção. Facas estavam presas a cada centímetro de pele visível. Algumas estavam enroladas nas alças do sutiã. Algumas simplesmente coladas. Com o quê, ele não fazia ideia. Tudo que sabia era que gostava. Muito.

Ele levou algum tempo, mas enfim deixou cair a última delas no chão.

Ele soltou as pernas dela da cintura e a pôs no chão. Ela gritou em sinal de protesto, titubeou. Ele lhe beijou o pescoço. O prazer iluminou o belo rosto de Anya quando sua cabeça pendeu para trás e ela espalmou os seios, convidando-o. Lucien ficou de joelhos, enfiando os dedos para dentro da cintura das calças dela.

Precisava descobrir se a calcinha combinava com o sutiã.

Em questão de segundos, as calças justas estavam ao redor dos tornozelos de Anya, e ele viu que havia facas e estrelas de metal presas às pernas.

— Sabia que estava armada; só não sabia quanto.

Ela apoiou as mãos nos ombros dele e se livrou das calças enquanto Lucien a desarmava.

— Gostou? — ela perguntou quando ele terminou.

A calcinha era uma minúscula tira, quase inexistente, de um material azul e reluzente, que combinava perfeitamente com o sutiã. Ele engoliu em seco.

— Gostei.

Sua voz estava rouca, falhando.

— Sua vez — ela disse, com um quê de nervosismo na voz.

Nervosa? Anya? Lentamente, ele ficou de pé. Ao olhar para ela, viu uma mulher orgulhosa e linda, que irradiava vulnerabilidade, alegria e afeição. E, no entanto, certa vez, ela lhe dissera que ele nada significava. Ele dissera o mesmo. Não falara sério e, começava a desconfiar de que ela, também não.

Sabia quem era o culpado por isso e jurou que Cronos pagaria.

Sem se permitir estragar o momento com aqueles pensamentos sombrios, Lucien os empurrou para o fundo da mente e acariciou o delicado maxilar de Anya com a ponta do dedo. *Eu cuidarei desta mulher. Encontrarei um modo de roubar a Chave-Mestra sem fazer mal a ela nem a mim, ou a esconderei de Cronos. Depois, passarei minha vida fazendo-a feliz.*

— Você é tão linda — ele disse.

— Obrigada. Tire a roupa.

Deuses, como ele queria estar dentro dela, *precisava* estar dentro dela, logo, naquele instante, sempre, mas se recusava a lhe roubar a liberdade forçando-a a ficar consigo. Ele baixou o braço antes que seus dedos se transformassem em garras. Enquanto pesquisava toda e qualquer possibilidade de roubar a Chave-Mestra sem efeitos colaterais, também teria de achar um modo de quebrar a maldição de Anya.

— E então? — pressionou ela.

Ele esticou a mão para trás, agarrou a camisa e a puxou por sobre a cabeça. Antes que tivesse acabado de tirá-la, as mãos dela já estavam em seu peito, removendo-lhe as armas.

— Acho que você conseguiu estar mais armado do que eu.

Ela as jogou no chão, metal batendo ruidosamente contra metal. Quando se livrou da última faca, estendeu os dedos sobre o peito dele, acariciando-lhe os mamilos, a tatuagem.

Lucien sentiu um aperto no coração e o seu membro se contorceu. O ardor se espalhava pelo seu corpo mais rápido do que ele conseguia se teletransportar. Adorava quando ela o tocava. Fazia com que se sentisse como um deus, todopoderoso, imbatível. Desejado.

— Você é tão forte — elogiou ela. — Adoro que tenha sofrido e sobrevivido. Será que isso me torna uma garota malvada?

Ele levou as mãos ao rosto dela.

— Nada poderia torná-la malvada.

— Nem mesmo isto... — Ela lhe desabotoou as calças e as abaixou, passando pelos quadris, livrando-se das facas pelo caminho.

Quando Lucien ficou completamente nu, Anya observou a tatuagem de borboleta com admiração, passando o dedo por seus contornos irregulares. A pele se elevou sob o toque dela, aquecendo-se.

Maravilhada, deixou escapar uma exclamação de surpresa.

— Está viva?

— Até agora, eu achava que não. Como sabe, foi por aqui que o demônio entrou em mim, mas ela nunca fez isto antes.

— Ele deve gostar de mim.

— Ele gosta.

— Bom garoto — ela sussurrou, beijando a borboleta, que, mais uma vez, se ergueu ao encontro de Anya, formigando onde era tocada.

Lucien não sabia por que os deuses haviam escolhido borboletas como a marca externa do demônio. Talvez pelo Efeito Borboleta. Um lembrete de que um simples bater de asas, ou, no caso dos guerreiros, uma única decisão tola, podia alterar toda a estrutura da realidade. Independentemente da lógica, ele sempre odiara a marca. Por que não uma arma ou o chifre de um demônio? Algo que dissesse... bem... “Sou homem”.

Lucien já tinha sua cota de inseguranças.

Anya se ajoelhou e plantou um beijo suave no umbigo dele, bem na ponta inferior de uma das asas. Depois, com a língua, traçou os contornos dela. Descargas elétricas percorreram as veias dele, os órgãos e até mesmo os ossos.

Com gemidos de satisfação, ele deixou a cabeça pender para trás. Acariciava o cocuruto de Anya, incentivando-a a continuar, quando deveria estar puxando-a para cima, para que ficasse de pé.

— Quantas mulheres já veneraram este corpo magnífico? — sussurrou ela.

Um segundo depois, suas unhas sulcaram a coxa dele.

Elas também não se retraíam.

— Não muitas — admitiu ele.

Mariah ficara fascinada com ele, mas também se mostrava apavorada.

Ele não a culpava pelo pavor. Lucien a conhecera apenas um ou dois séculos após ter sido possuído, quando mal acabara de obter controle sob o demônio; ainda se mostrava um pouco animalesco. No entanto, também era um homem belo, plenamente capaz de dar prazer a uma mulher.

Bastara um olhar para ele até Mariah decidir que Lucien era o homem de sua vida. O mesmo acontecera com ele, pois ela personificava os cuidados gentis pelos quais sempre ansiara. Foram imediatamente para a cama. Mariah era viúva e se mostrara feliz por ter um guerreiro para cuidar de suas necessidades e protegê-la.

No entanto, ao mesmo tempo em que desejava a proteção de Lucien, já que saqueadores, mercenários e a peste eram ameaças constantes naqueles dias, ela temia justamente este aspecto dele, receando que ele pudesse usar sua força contra ela. Ele sempre mantivera a guarda erguida, atento a cada ação e a cada palavra. Com Anya, havia a liberdade de simplesmente se soltar, pois ela parecia adorar o poder de Lucien e se regozijar com a violência que fazia parte dele.

— Vou fingir que sou a primeira — ela disse. Seu olhar se ergueu e se chocou ardorosamente com o dele. — Tudo bem?

— De todas as maneiras que importam, você é.

Ela sorriu, com um prazer perverso.

— Quanto tempo faz, Lucien? Desde a última vez em que você esteve com uma mulher?

— Milhares de anos — ele admitiu sem vergonha.

Os olhos dela se arregalaram.

— Deve estar brincando.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não estou.

— Mas... Por que se privou deliberadamente? Não é amaldiçoado desse jeito. Não me entenda mal, não estou reclamando. Acho que até gosto mais de você sabendo que, como eu, tem estado na seca.

— Também gosto disso.

— Mas por que raios tem se privado das necessidades de seu corpo?

— Sou Morte, Anya. Uma pergunta melhor seria por que me permito fazer amor com uma mulher quando talvez seja chamado, um dia, para levar a alma dela.

— Por que fazer amor comigo, então? — ela perguntou suavemente.

Ele entrelaçou os dedos no cabelo dela, maravilhando-se com cada fio, como se fossem fitas de seda.

— A você, eu não consigo resistir.

Ela inclinou a cabeça na direção do toque dele e lhe beijou a palma da mão.

— Também não consigo resistir a você, e fico feliz por isso.

— Eu idem — disse ele.

Anya valera a espera. Nenhuma outra mulher conseguia se comparar a ela, em aspecto nenhum.

— Acho que chega de esperar, para nós dois.

Sem nunca desviar o olhar de Lucien, Anya se levantou como a lua no céu e recuou até a cama. Quando suas pernas alcançaram a beirada do colchão, ela se sentou. Deslizou para trás, a calcinha e o sutiã sexy reluzindo sob a luz fraca.

No centro da cama, ela se deteve e apoiou o peso nos cotovelos.

Suas pernas se afastaram... se afastaram... se afastaram... revelando o seu âmago. O coração de Lucien parou, antes de começar a bater forte e descontroladamente diante da beleza dela. Anya era perfeita, uma mistura entre

pele bronzeada e clara, com um umbigo que ele queria lambar. Sua barriga era lisa; suas coxas, esbeltas.

Tremendo, Lucien se aproximou da cama. Ele não havia... Subitamente, ele parou, franziu o cenho. Praguejou. Morte gritou.

— O que foi? — perguntou Anya, também franzindo o cenho.

— Almas. Odeio que isso insista em acontecer nos piores momentos. — Era difícil falar, com o demônio tagarelando no interior de sua cabeça.

— Lucien...

— Não se mexa. *Por favor.*

Ele desapareceu, permitindo que seu espírito fosse puxado para onde fosse necessário. Havia duas almas na China precisando ser transportadas, seus corpos destruídos por veneno.

Uma iria para o paraíso, a outra, para o inferno. Uma, claro, ficou feliz de ir com ele. A outra, resistiu e gritou. Lucien detestava deixar Anya, e quase espancou o espírito que se recusava a cooperar, determinado a transformá-lo em mingau etéreo. Durante o tempo todo, Morte esbravejava. Por fim, tendo cumprido a tarefa, puderam retornar.

Vendo Anya, Lucien suspirou de satisfação. Morte se acalmou.

Desta vez, ela não estava se acariciando; esperava por ele. Através do sutiã, ele pôde ver os mamilos tesos. As pernas ainda estavam afastadas, e ele percebeu que a umidade encharcava a calcinha.

Quando o viu, ela sorriu lentamente.

— Não quis terminar sem você.

— Fico feliz por isso. — Ele subiu na cama.

Anya o deteve com o pé no peito antes que Lucien pudesse se deitar sobre ela.

— Acho que precisamos estabelecer algumas regras básicas.

— Nada de regras. — Ele levantou o pé dela e beijou a planta.

Suspirando, ela caiu para trás.

— Continue assim e vou ter prazer em olhar para os meus pés.

Ele lambeu.

— Uma. Uma regra, então. — A língua dele voltou a trabalhar, desta vez, dardejando sobre o dedão dela. Anya ficou toda arrepiada. — Oh, deuses! — gritou. — Ninguém nunca fez isso. Quem poderia imaginar que algo assim seria prazeroso? Ah, sim.

Uma onda de possessividade percorreu o corpo dele. A paixão no rosto de Anya o assombraria pelo resto de seus dias, pois era pura, desinibida, absoluta.

— Que regra? Já concordei em não penetrá-la.

— Não é isso — disse ela, arqueando os quadris. — Lamba novamente.

Ele obedeceu.

Ela gemeu.

— Que regra?

— Ah, sim. Minha regra. — Ela tirou o sutiã e o arremessou longe. Ele aterrissou sobre a pilha de facas. Seus mamilos eram como pequenas amoras rosadas feitas para a língua dele. Massageando os seios, ela suspirou: — Nenhum de nós sai da cama até que os dois estejam satisfeitos. *Esta é a minha regra.*

De tudo que ele estava esperando que ela fosse dizer, aquilo sequer chegava perto. Seu estômago se contraiu com algo que ele se recusava a nomear.

— Concordo. Se você concordar com uma regra minha.

— Qual? — ela perguntou, desconfiada.

— Aqui, nesta cama, não haverá brigas. — Ele sugou o dedão dela para dentro da boca, rodeando-o com a língua. — Apenas êxtase.

Ela agarrou as cobertas.

— Concordo. Concordo, concordo, concordo!

Um urro de luxúria ecoou na mente dele quando arrancou a calcinha de Anya e finalmente se pôs sobre ela. Seu membro estava quente, mas o âmago feminino estava ainda mais quando Lucien deslizou contra ele, tomando cuidado para não entrar.

Ela não se conteve, permitiu que se esfregasse nela.

— Nunca estive tão íntima de um homem.

— Nem eu.

Uma risadinha rouca escapou dos lábios de Anya.

— Por que confio em você? Devia fugir de você sempre que tivesse chance.

Ela empalideceu quando se deu conta do que dissera, e franziu o cenho.

— O que foi?

A determinação se apossou das feições de Anya quando ela o fitou.

— Nada. Eu *não* confio em você. Foi o que eu quis dizer. Quero dizer, sério. Vamos ser francos. Tudo que você representa para mim é um pouco de diversão. E por que raios parou? Não dei permissão para parar.

Ela falara bem alto, cruelmente, as palavras ditas praticamente com escárnio. O que estava fazendo? Lucien poderia ter acreditado nela no dia anterior, talvez até uma hora atrás, mas não naquele instante. Não enquanto ela estava debaixo dele, nua, seu corpo lubrificado de desejo por ele.

Ela não dormira com William, não permitira que o belo homem a tocasse de qualquer maneira sexual. Procurava Lucien para saciar seus desejos e confiava nele para não tomar mais do que ela podia oferecer. Por isso, sim, sabia que ela não estava sendo sincera quando dizia aquilo.

Cronos, pensou novamente, rangendo os dentes. Mas Lucien não contestou. Não agora. Ela *confiava* nele, e ele confiaria que ela não queria magoá-lo, e que acreditava estar ajudando-o ao se portar daquela maneira.

Inclinando-se em silêncio, ele lhe segurou o queixo e posicionou a cabeça dela para um beijo. Um beijo profundo e íntimo. A princípio, ela não

correspondeu. Tentou até se afastar. Depois, a língua foi hesitante ao encontro da dele, carinhosamente. Ela gemeu, seus dedos agarrando-lhe o cabelo.

Quando ele sentiu o sabor de morangos, um pensamento insistente apareceu na sua cabeça. *Marque-a*. Ele soltou-lhe o queixo e levou a mão espalmada ao seio. *Minha*.

Marque-a. Sim, sim. *Ela é minha*. Ele plantou os lábios no centro do pescoço de Anya e sugou. Sugou e sugou. Ela se contorceu várias vezes, as mãos permanecendo no cabelo dele, mantendo-o prisioneiro. Anya deixou escapar uma série de arfadas ofegantes, e Lucien sentiu o mamilo dela se retesando de encontro à palma da mão.

Quando por fim ele ergueu a cabeça, viu que havia uma mancha roxa no pescoço dela. A satisfação o envolveu.

— Não dediquei tempo o suficiente aos seios da última vez em que estivemos juntos.

— Não.

As unhas dela arranhavam a cabeça dele, e Lucien soube que ela estava tão ardente e cheia de desejo quanto ele, já perdida na paixão. Não fazia mais tentativas de rechaçá-lo.

— Permita-me corrigir o meu erro.

Abaixando-se novamente, ele provou um dos mamilos com sabor de morango e, depois, o outro.

— Lucien — ela suspirou.

— Adoro quando diz o meu nome.

— Mais, Lucien. Por favor, mais.

Sugando aqueles mamilos, passando a língua por eles, Lucien deslizou a mão pelos contornos sensuais do corpo de Anya. As pernas dela se abriram o máximo que ela conseguia.

Ela suspirou quando as pontas dos dedos dele encontraram o clitóris.

— Não... sem entrar... mas, talvez...

— Eu sei. Nada de afundá-los o máximo que eu puder. Nada de tocá-la até a alma. Nada de nos tornamos um só, em vez de dois. Nada de sentir as paredes internas do seu corpo se contorcendo à minha volta.

Ela lhe agarrou os ombros, as unhas afiadas. Sua cabeça ia de um lado para o outro, como se estivesse imaginando tudo que ele dizia. Suas pálpebras se apertaram com força, e os dentes brancos torturaram o seu lábio inferior.

Bons deuses, ela estava tão molhada que encharcou a mão dele.

— Odeio minha maldição — ela disse com dificuldade.

— Eu também odeio. Odeio a minha própria maldição. Mas, se tiver sido ela que me levou a você, eu suportarei ambas de bom grado por toda a eternidade.

Ele a esfregou, fazendo rápidos círculos. Depois prosseguiu mais devagar, ao notar que ela se aproximava do clímax, permitindo que ela se acalmasse, antes de acelerar novamente o movimento.

Só quando ela já estava fora de si, gritando com a força de seu desejo, gritando-lhe o nome, implorando, suplicando, desesperada, foi que ele lhe proporcionou alívio. O corpo dela se contorceu. Suas mãos se fincaram nele com tanta força que, se Lucien fosse humano, seus ossos teriam se partido.

O tempo todo, Lucien observou-lhe o rosto. O modo como os lábios se entreabriram e a respiração acelerou. O modo como o sublime prazer e a suprema satisfação tomaram conta de sua expressão. O modo como as pálpebras se abriram com admiração, como se ela pudesse ver estrelas ao redor de si mesma.

Quando Anya ficou imóvel, ele pousou a cabeça em seu colo, escutando o coração acelerado. A pele dela estava úmida de suor e paixão. Lucien estava a ponto de explodir, mas não queria estragar o momento.

Contudo, ela o virou de barriga para cima e sorriu para ele.

— Agora, vou mostrar como posso ser malvada.

Ela pôs a mão entre as pernas, lubrificando-a com seu próprio néctar, e, em seguida, lhe agarrou o membro.

Movimentou a mão para baixo e para cima, um deslizar constante que o levou à loucura. Estendendo as mãos para trás, Lucien agarrou a cabeceira e procurou aguentar firme. Ficara excitado tantas vezes ao longo da última semana que seu corpo praticamente chorava de alívio enquanto ela trabalhava nele.

Os dedos dela deslizavam por sobre a glândula, cada subida da mão, apertando e provocando.

— Anya — disse ofegante.

— Hmm, entendi o que você queria dizer com a história do nome. — Enquanto ela falava, sua outra mão começou a brincar com os testículos. — Gostei. Diga meu nome novamente.

— Anya, eu vou... eu vou...

— Vá. Para mim. Eu quero ver.

Os quadris dele se ergueram.

— Não pare. Não pare.

— Não vou. Pode dar tudo para mim — ronronou ela.

A mão desceu tanto no membro que Lucien não foi capaz de segurar o prazer mais um segundo que fosse.

Ele se retesou, a semente quente despejando de seu membro e caindo sobre o abdômen musculoso. Ele rugiu, e rugiu, e rugiu.

— Anya!

— Mais. — A mão dela continuou a se movimentar. — Quero tudo. Até a última gota.

Os músculos dele se retesavam e relaxavam. Retesavam e relaxavam. Os quadris estavam o mais fora possível da cama, os calcanhares fincados no

colchão. Lucien teria pensado ser impossível, porém, ele jorrou novamente, sua mente caindo num buraco negro que o sugava em sucessivas ondas de prazer.

— Bom, tão bom — elogiou ela.

Por fim, esgotado, ele desmoronou. Ela o limpou com uma toalha, antes de subir pelo corpo dele e se deitar ao seu lado. Lucien passou o braço ao redor dela, aprisionando-a junto a si.

Pergunte a ela sobre a chave.

Não. Não agora.

Uma vida inteira é mais importante do que um único momento.

Verdade. Ele abriu a boca para exigir que Anya lhe contasse sobre a chave, mas as palavras se recusaram a se formar quando ela se aconchegou junto a ele, fechou os olhos e suspirou, satisfeita.

Não, nada é mais importante do que este momento. Pouco depois, ele adormeceu com um sorriso no rosto.

NÃO SE PASSOU nem um dia, e já me joguei na cama com ele, pensou Anya, enterrando-se ainda mais no corpo de Lucien, enquanto ele dormia.

Tentara resistir, tentara mantê-lo à distância. Mas ele fora tão malditamente apaixonado, possessivo e irresistível. Seus ciúmes de William... Deus, ela poderia ter tido um orgasmo só de ver Lucien tentando lidar com eles.

Tentara fingir que Lucien nada significava para ela, dizendo coisas terríveis que tivera de arrancar da própria boca, só para o caso de Cronos, o *Voyeur*, estar assistindo, mas não fora capaz de resistir quando Lucien lhe dissera para escolher o local de seu prazer.

Depois do que acontecera naquela cama, ela não sabia mais o que fazer a respeito de Cronos e nem o que fazer para despistá-lo do verdadeiro desejo dela por Lucien. Não haveria mais como negar. Parte dela estava feliz por isso. Não podia mais magoar Lucien, simplesmente não podia. Ao longo da última

semana, de algum modo, ele se tornara importante para ela, alguém de quem ela gostava.

Lucien estremeceu nos braços dela, resmungando, antes de sentar-se bruscamente na cama, franzindo a testa.

Ela imitou o gesto.

— O que foi?

— Estou sendo convocado — disse ele, ainda um pouco grogue.

Não esperou pela reação dela; simplesmente desapareceu. Anya se viu tomada pelo pânico quando meia hora se passou e ele não retornou. Ele fora convocado por almas ou por Cronos? Ela deveria procurá-lo? Por onde diabos ela começaria?...

De repente, Lucien reapareceu, são e salvo, e se aconchegou ao lado dela. Seu calor delicioso a envolveu quando ele fechou os olhos e suspirou.

— Almas tolas — murmurou. Não parecia mais estar grogue, parecia triste. Um pouco desconcertado. — Por que resistem?

Aliviada, ela relaxou de encontro a ele e desenhou corações por todo o seu peito. As poucas vezes em que o vira cumprir suas obrigações de escolta, Lucien terminara em questão de minutos. Queria saber por que ele demorara tanto naquela noite e, agora, podia adivinhar. Devia ter havido um grande número de pessoas mortas.

— Da próxima vez, me avise com alguma antecedência e vou com você.

Ele abriu os olhos para estudá-la.

— Por que iria querer visitar o inferno?

Para que você não tenha que carregar este fardo sozinho, pensou Anya, mas apenas disse:

— Pode ser divertido.

— Não é divertido, eu garanto.

Ele lhe acariciou o braço com a palma da mão, e ela viu um corte se fechando no pulso dele.

Um dos espíritos o teria ferido? Neste caso, tinham sorte de já estarem mortos.

— Só me leve com você, está bem? Por favor, por favorzinho. Eu quero ir.

A palma dele pousou sobre o seio, e ele beijou a marca que havia deixado em seu pescoço.

— Hmm... Prefiro levá-la ao paraíso.

O membro voltou a ficar duro e pressionou o clitóris de Anya.

Gemendo, ela abriu as pernas.

— Não foi bem isso que eu quis dizer, mas sua cabeça está no lugar certo. Literalmente.

Ele riu e se dedicou a “levá-la até as portas do paraíso”. Só mais tarde ela se deu conta de que ele não havia lhe respondido.

Capítulo Catorze

PARIS ENTREABRIU LENTAMENTE as pálpebras. Estavam pesadas, como se enormes pedras as puxassem para baixo. A boca estava seca e com um gosto passado, como se algo houvesse morrido em seu interior, e a pele formigava. Seus tornozelos e pulsos estavam envolvidos por algo frio e pesado.

Que diabos havia de errado com ele? Onde estava? Não conseguia se lembrar de ter concordado em participar de brincadeiras sadomasoquistas com... seja lá qual fosse o nome dela.

— Ótimo. Finalmente, acordou.

Ele reconheceu a voz docemente inocente e, no entanto, não conseguia ligá-la a um rosto. Paris franziu o cenho. Luzes brancas pulsavam diante dos seus olhos, e ele piscou, sentindo-os lacrimejar por causa delas. A última coisa de que se lembrava era de estar beijando uma mulher. Seu caloroso olhar cor de avelã e cabelos castanhos finalmente surgiram em sua consciência. Sardas, um rosto sem atrativos.

Estivera beijando aquela mulher... qual era mesmo o seu nome?... e, depois, apagara. Certo?

— Paris — disse ela, com uma voz revestida de aço. Subitamente, estava agachada diante dele.

O rosto sem atrativos que ele imaginara estava ali, em carne e osso. Ele passou a mão trêmula pelo próprio rosto, tentando se orientar. Correntes chacoalharam, puxando-lhe os braços. Ela havia... Não podia ser. Ela não tinha a força necessária para derrubá-lo.

Caçadores deviam ter atacado os dois.

— Eles nos prenderam? — A voz dele estava rouca.

Havia uma densa névoa lhe cobrindo a mente, e ele tinha dificuldades para atravessá-la. Fazia algum tempo que estava sem sexo, o que explicava a fraqueza e o fato de ter sido subjugado.

— *Eu* o prendi — ela disse, com um suspiro.

Ela o quê? Apesar da névoa que lhe cobria os pensamentos, ele deu a ela toda a sua atenção. O cabelo estava puxado para trás numa trança retorcida, as sardas estavam cobertas com maquiagem, e os olhos eram aumentados por grossos óculos.

Ele ficou duro como uma rocha por ela no mesmo instante.

— Por que faria algo assim?

— Não consegue adivinhar?

Ela estendeu a mão e inclinou a cabeça dele para o lado, estudando-lhe o pescoço. Passou a ponta dos dedos sobre uma região dolorida. Um ferimento provocado por punção, Paris deduziu, a resposta à pergunta dela começando a se desenhar em sua mente.

— Você é minha inimiga.

Ao mesmo tempo em que seu sangue gelou, todas as células em seu corpo saltaram ao toque dela, querendo mais. Mas a mulher não parecia estar nem um pouquinho excitada por ele. Clara e simplesmente, ia direto ao assunto.

— Sim. O ferimento não está sarando — ela disse, franzindo o cenho. — Não foi minha intenção acertá-lo tão forte com a agulha. Sinto muito por isso.

Ela sentia muito? Por favor. O beijo voltou a aparecer na mente dele. A língua quente dela em sua boca... os seios em sua mão, pequenos, porém, sensíveis... uma dor lancinante. Seus olhos se estreitaram ao observá-la.

— Você me enganou. Fiz exatamente o que você queria.

Novamente:

— Sim.

— Por quê? E não me diga que é Isca. Não é bonita o bastante — ele disse, apenas para ser cruel.

As faces dela escureceram para um vermelho-róseo, o que deu a ela a beleza que ele negara havia meros segundos.

— Não, não sou Isca. Ou melhor, não teria sido para nenhum outro guerreiro que não você. Mas você não liga muito para quem leva para a cama, não é, Luxúria? — Cada palavra saiu embebida em nojo.

Ele a olhou de cima a baixo.

— Claramente, não.

A cor nas bochechas dela se intensificou, e o membro de Paris ficou ainda mais duro.

Para baixo, garoto.

— Não tem medo de que eu machuque você? — perguntou ele com voz sedosa.

— Não. — Ela arqueou uma das sobrancelhas escuras. — Você não tem forças para isso. Já me certifiquei.

Não a antagonize, idiota. Seduza-a, recupere suas forças e dê o fora daqui. Ele forçou a expressão do rosto a se suavizar, forçou-se a olhá-la com paixão.

— Você gostou quando estava em meus braços. Admita. Conheço as mulheres, e conheço a paixão. Você estava em chamas por mim.

— Cale-se! — ela disparou.

Emoção. Excelente.

— Quer dar umazinha antes que seus amigos apareçam?

Ela trincou os dentes e se endireitou, aumentando a distância que os separava. Sem ela na cara dele, reivindicando sua atenção, Paris pôde estudar o cômodo. Ou melhor, a prisão. Chão de terra, barras servindo de paredes.

Ele fungou, revoltado. Uma revolta dirigida a si mesmo. Deveria ter imaginado. Soubera que tinha de tomar cuidado e, no entanto, fora descuidado e burro. Praticamente se entregara de mão beijada aos Caçadores. Como os outros guerreiros ririam dele quando descobrissem...

— Então, você é uma Caçadora, não é?

— Se por Caçadora você quer dizer defensora de tudo o que é bom e correto, sim. — Recusando-se a olhar para ele, ela tirou o relógio, mostrando-lhe a tatuagem do infinito ali gravada. — Durante toda a minha vida, fui fascinada por demônios e seus crimes malignos. Sempre comprei livros sobre eles, compareci a reuniões e seminários. Estes homens me abordaram há cerca de um ano e me convidaram para me juntar a eles. Aceitei, e jamais me arrependi.

O símbolo deveria tê-lo deixado enojado, sempre o enojara. Desta vez, contudo, sua língua coçava de vontade de contornar a odiada imagem.

— E o que espera fazer comigo? — perguntou ele.

Ele ainda não estava em pânico. Ainda não. Centenas de anos atrás, fora encurralado por Caçadores. Conseguira escapar com apenas alguns ferimentos.

Desta vez, não seria diferente; ele se certificaria disso.

— Vamos fazer algumas experiências em você. Observá-lo. Usá-lo como isca para capturar mais demônios. Então, vamos arrancar o demônio de dentro de você quando encontrarmos a caixa de Pandora, o que o matará e aprisionará o monstro lá dentro.

Mais uma vez, ela falava com casualidade, como se estivessem discutindo o que teriam para o jantar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Só isso?

— Por enquanto.

— Neste caso, é melhor me matar logo, querida. Meus amigos não vão se render só para salvar o pobrezinho de mim. — Não, matariam todos que estivessem ali.

— Veremos, não é? — disse ela, na defensiva.

Pare de antagonizá-la. Precisava seduzi-la com romance, aquela inimiga, pelos meios que fossem necessários. Assim que chegasse ao clímax dentro dela, teria forças o suficiente para matar quem quer que entrasse em seu caminho. Até mesmo ela. Desgraçada.

Por que não podia ter recebido o espírito da Violência, como Maddox? Não precisaria depender de nada que não raiva para ter força. Porcaria de demônio da Luxúria. Só causava dores de cabeça.

Algumas vezes, movido pelo desespero, o demônio o forçara a recorrer a... *não pense nisso. Não agora, quando precisa ficar excitado.*

— Amor — disse, usando o seu tom de voz mais rouco. — Sinto muito se a magoei ainda há pouco. Estava zangado e descontei em você.

Ele certificou-se de suavizar novamente a expressão, permitindo que os olhos se semicerrassem, que os lábios relaxassem, como que se preparando para um beijo.

Ela passou a mão pelo cabelo sem graça e baixou o olhar para os tênis brancos que estava usando.

— Tudo bem. Eu entendo. Você é escravo da sua natureza maligna.

Ela dissera que era Caçadora havia apenas um ano. Era um bebê, ingênua. Qualquer outro Caçador teria percebido o que ele estava tentando fazer e ido embora. Teria xingado, o esbofeteado, não dado a impressão de vulnerabilidade.

— Acho você encantadora — disse Paris. Infelizmente, era a verdade.

— Está mentindo.

— Não. Estava mentindo antes, quando disse que não era atraente. No instante em que a vi, eu a desejei. Imaginei o seu corpo nu na minha cama, sua cabeça jogada para trás, suas mãos, ah, suas mãos... — O olhar dele as buscou. Sim, eram tão suaves e perfeitas quanto ele se recordava. — Suas mãos buscando o calor úmido entre as pernas, incapazes de esperar que eu me junte a você.

Ao falar, ele projetou as imagens na cabeça dela. Aquele era o único benefício do demônio. Podia se deixar levar pelas subcorrentes da voz de Paris e entrar na mente de um humano, mostrando ao ouvinte exatamente o que Paris descrevia.

Na maioria das vezes, odiava usar a habilidade. A culpa que sentia depois... Fazia as pessoas desejarem o que normalmente não desejariam, assim como o demônio fazia com ele. Mas aquela mulher era uma Caçadora, não merecia a preocupação dele.

— Não... não fale desse jeito — ela sussurrou. Um tremor lhe percorreu o corpo.

— Quando estiver perto do orgasmo, eu a lamberei. Bem entre as pernas. Você gritará o meu nome.

A respiração dela ficou entrecortada; seus mamilos endureceram sob a blusa, uma blusa branca que nada fazia para ocultar a renda do sutiã. Um toque inesperado de feminilidade, levando em consideração o fato de ela estar vestida como uma matrona sexualmente reprimida. Por quê?

Sobre as pernas, usava largas calças pretas que não a favoreciam, e seus tênis eram deselegantes e masculinos.

— Vou entrar toda a força dentro de você, até o fim. E depois vou virá-la e você ficará por cima.

— Não diga coisas assim — ela repreendeu, ofegante. Ajeitou a gola da camisa. — Você é maligno e... e...

— Um homem que anseia pelo seu toque.

Paris podia ser muitas coisas, mas não era maligno. Não matava indiscriminadamente, não estuprava. Ele e os amigos haviam investido em Budapeste, fortalecendo a economia, alimentando os necessitados. Aquilo tinha de contar para alguma coisa, não tinha?

Malignos eram os Caçadores, enxergando o mundo em preto e branco para justificar sua busca incansável pela “Utopia”, destruindo qualquer humano que se colocasse em seu caminho.

A respiração dela se alterou.

— Estou imaginando você nua neste exato instante — ele se forçou a prosseguir. — Sua pele ruborizada, seus mamilos rijos e a umidade pingando do meio das suas pernas.

Arquejando, ela fechou os olhos.

— P-pare. Por favor.

— Está louca para sentir o toque de um homem, não está, querida? — *Qual era mesmo o maldito nome dela?*

Jamais se lembrava dos nomes. Só podia transar com uma mulher uma única vez, então, não havia necessidade de lembrar. Além do mais, não queria dizer o nome errado, em meio à paixão. As mulheres costumavam ficar ofendidas com isso.

— Venha aqui. Deixe-me dar o que você precisa.

— Isto não é certo — ela disse, mas deu um passo na direção dele.

Sua corrente tinha pouca folga, de modo que Paris não conseguia estender a mão. Tinha de convencê-la a fazer todo o trabalho.

— Estou duro por você. Meu membro deseja você. Só você.

Ela se viu tomada por arrepios.

Com o rosto suavizado pela excitação, ela chegava a ser quase bonita. Os cílios eram compridos, os mais compridos que ele já vira, e emplumados como o rabo de um pavão.

— Sinta seus seios por mim. Eles querem ser tocados.

Hesitante, ela ergueu as mãos e fez o que ele havia ordenado. Outro suspiro escapou de seus lábios.

— Ah, minha nossa.

— Bom. Muito bom.

— Eu... eu...

Não dê tempo para ela pensar. Contudo, observá-la estava destruindo a concentração dele.

— Desabotoe as calças e ponha a mão lá dentro por mim. Dentro da calcinha, também. Toque o seu clitóris. Espalhe a umidade.

Ela começou a fazer como ordenado, mas parou com a mão postada sobre a barriga lisa.

— Não posso. Não devo.

— Você pode. Você deve. Você quer. Sabe que quer. Vai ser tão gostoso.

— Não. Eu...

Ela balançou a cabeça, o horror surgindo em seus olhos, como se estivesse a segundos de se libertar da influência dele.

A confusão e a surpresa abalaram Paris. Ela não deveria ser capaz de resistir a ele.

— Seu clitóris está implorando pelo toque... tão doce. Mas, se não quiser se tocar, venha até aqui, e eu a lamberei. Lamberei até que grite.

Ela estava caminhando na direção dele antes que Paris tivesse terminado de dizer a última palavra. Ele deixou escapar um suspiro de alívio. Quase... lá...

— Só mais um pouquinho, querida. Um pouquinho mais perto.

No entanto, antes de ela alcançá-lo, e antes que ele pudesse baixar-lhe a calça com o nariz e enterrar a língua em sua fenda quente, onde ele se recusaria a lhe dar um orgasmo até que o cavalgasse, ela voltou a parar.

— Você fica me chamado de *querida*.

— É porque a quero tanto. Não consigo alcançá-la assim — ele disse, esforçando-se para não choramingar. — Só um pouquinho mais perto — repetiu Paris. — Preciso tanto de você.

— Qual é o meu nome? — Ela já não parecia mais tão ofegante.

Tomado pelo pânico, Paris contraiu fortemente o músculo do maxilar.

— Que importância tem um nome? Você me quer, e eu quero você.

Ela franziu o cenho e se afastou dele.

— Você sequer sabe o meu nome, e no entanto está disposto a dormir comigo?

— Dormir não está nos meus planos.

— Eles me disseram para não confiar em você. Disseram para não me aproximar.

O pânico de Paris aumentou, a esperança escapando por entre seus dedos.

— Querida, vamos...

— Cale a boca! — Franzindo a testa, ela massageou as têmporas. — Não sei como consegui fazer aquilo comigo, me reduzir *àquilo*. E no momento nem quero saber. Mas jamais, jamais faça isso de novo, ou não vou esperar encontrarem a caixa para matá-lo.

Ela se afastou a passos pesados, na direção da porta da cela, abriu-a e a bateu atrás de si, trancando-o lá dentro. Sozinho.

Para ficar mais fraco. Droga.

MADDOX LEVAVA UMA bandeja de comida para a masmorra. Detestava que Aeron precisasse ser trancafiado daquele jeito, mas, como os outros guerreiros,

ele era incapaz de oferecer uma solução alternativa. Outrora, de todos eles, Aeron havia sido o mais determinado. Feroz, porém leal, alternando entre ser tão rigorosamente controlado quanto Lucien e volátil como Maddox costumava ser.

Maddox riu ao se lembrar. Ele e Aeron gostavam de lutar um contra o outro, e haviam passado incontáveis horas treinando juntos, aperfeiçoando suas habilidades. Quando Maddox perdera o controle de seu demônio, fora Aeron quem ajudara a derrubá-lo. Agora, Aeron não passava de uma sombra do guerreiro de dias passados. Selvagem, incontrolável, cheio de ódio.

Se Aeron fosse libertado, mataria quatro mulheres inocentes, como fora ordenado pelos deuses. E, se matasse aquelas quatro mulheres, ele jamais se recuperaria da sede de sangue. Desde o início, Aeron soubera que tomar a vida de inocentes o faria perder o controle.

Maddox sabia muito bem o que era aquilo.

Mataria Pandora segundos após o demônio da Violência adentrar seu corpo. E passara incontáveis séculos pagando por isso, sendo morto todas as noites, do mesmo modo que a matara: apunhalado no abdômen por seis infernais vezes. Só que, ao contrário da pobre Pandora, *ele* sempre acordava na manhã seguinte, sabendo que teria de morrer novamente.

Mas Ashlyn o salvara, de diversas formas, dando-lhe uma razão para, enfim, viver. Agora, sua preciosa mulher esperava o filho dele.

Como sempre, o pensamento fazia com que seu coração se enchesse de emoção e uma ligeira náusea se apossasse do estômago. Que tipo de pai seria? Já amava o bebê, sabia que o protegeria mesmo que morresse e tivesse de lutar para sair do inferno.

Queria a mesma sensação de família para Aeron. Amor, absolvição. Liberdade. No entanto, estava verdadeiramente consumido pela sede de sangue. Não podiam sequer permitir que ele ficasse na companhia de guerreiros, seus

amigos e irmãos, quanto mais na presença de uma humana. Sendo assim, Maddox não tinha ideia de como faria para encontrar uma mulher que o domasse.

Ele inclinou a cabeça para o lado ao descer os degraus que levavam à masmorra. Não escutou o barulho das correntes batendo nas barras. Pela primeira vez em semanas, palavrões não ecoavam pelas paredes. Estava estranhamente silencioso. Ele pôs a bandeja no chão e avançou às pressas.

Ao chegar à cela de Aeron, Maddox sentiu uma onda de puro medo. As barras haviam sido afastadas à força.

Aeron desaparecera.

EXERCENDO A FUNÇÃO de guarda, Reyes percorria o perímetro cheio de limo do exageradamente silencioso e sinistro templo romano enquanto os amigos procuravam pistas sobre os Impronunciáveis. Como Lucien e os outros sabiam onde começar a procurar pelos artefatos, o grupo de Sabin caçava informações sobre os Titãs. Suas fraquezas. Seus inimigos.

Embora o templo tivesse sido enterrado sob o mar, o sangue ainda manchava as paredes que restavam, paredes feitas de ossos humanos. Até então, os guerreiros nada haviam encontrado. Nem mesmo cortar-se e pingar sangue no altar havia funcionado. Pela centésima vez, Reyes se perguntou o que havia acontecido no templo durante a sua era de ouro. Às vezes, podia jurar que escutava gritos assoviando ao vento.

Lucien aparecera havia pouco, parecendo mais relaxado e satisfeito do que Reyes jamais o vira. Parecia até feliz. O que teria provocado a mudança? Fosse o que fosse, Reyes sentiu inveja. Sentiu inveja e ficou muito feliz pelo amigo. No entanto, nem mesmo o sangue nauseantemente feliz de Lucien deu resultado. Não houvera nenhuma visão, nenhuma pista. E Reyes estava farto de toda aquela futilidade, impotência e fracasso.

Naquela manhã, notícias do templo haviam explodido nas estações de televisão de todo o mundo. Não sabia por que não estavam mais ocultos. Sabia apenas que os humanos logo chegariam... Caçadores, turistas, caçadores de tesouro e pesquisadores. O tempo era mais precioso do que nunca.

— Maldição — rosnou Reyes. Decidiu que precisava de dor, ou explodiria e mataria alguém. Um mortal, um guerreiro. Não fazia diferença. — Estarei por perto — avisou a Sabin ao passar por ele. — Se precisar de mim, grite.

Sabin não tentou impedi-lo. Àquela altura, sabia que era melhor não fazê-lo.

Reyes já havia desembainhado uma adaga quando chegou ao bosque que rodeava o templo. Apoiou-se na árvore mais próxima, com folhas vermelhas que davam a impressão de que os galhos estavam sangrando, e começou a fazer cortes em x no braço. Com os ferimentos profundos e o derramamento de sangue, sangue de verdade, um pouco de sua raiva foi embora.

Se Danika pudesse vê-lo agora...

Ele soltou um ronco de zombaria. A mulher já o odiava. Vê-lo daquele jeito provavelmente não contribuiria para aprofundar um sentimento que já não tinha limites.

Em seu bolso, o celular tocou, e ele deixou escapar um suspiro frustrado. Sabin o dera a ele havia algumas semanas. Reyes não sabia ao certo se gostava do aparelho, pois, às vezes, um homem precisava se ver livre de tudo, até mesmo de contato com outras pessoas, porém, mesmo assim, ficou com ele. Só para o caso de algo acontecer.

Com um rosnado, tirou-o do bolso e atendeu.

— O quê?

— Aeron escapou — informou Maddox, sem rodeios.

Tudo no interior de Reyes gritou em negação. Em protesto. De raiva e mais daquela maldita impotência. Soubera que aquele dia chegaria. Apenas não

esperava que fosse ser tão cedo. *Deveria ter engolido o seu amor por ele e o acorrentado.*

— Há quanto tempo?

— A última vez em que o vi foi há doze horas.

Como Ira, Aeron seria capaz de encontrar Danika, não importava onde estivesse escondida. Ele a farejaria e usaria suas asas para alcançá-la rapidamente.

— Eu o encontrarei — disse Reyes.

Antes que pudesse desligar, Maddox acrescentou.

— Torin me fez adicionar algum tipo de contraste localizador às refeições, apenas por precaução. Ele irá mandar as coordenadas de que você precisa para o seu telefone. Liguei para você primeiro, queria que soubesse porque... você sabe. Apenas traga nosso amigo de volta. Vivo.

Reyes não respondeu. Não conseguiu. Se falhasse naquilo, Danika morreria.

Se já não estivesse morta.

Capítulo Quinze

— BELO CHUPÃO — disse William ao avistar o pescoço de Anya durante o café da manhã, no dia seguinte.

Eu não fico vermelha de vergonha, não fico vermelha de vergonha. No entanto, suas faces começaram a arder. Maldito Lucien e sua boca maravilhosa. E, falando na boca maravilhosa de Lucien, ele a usara para arrancar dela informações sobre a Chave-Mestra, naquela manhã.

Ela sabia que ele estava procurando um jeito de tirar a chave dela sem destruir nenhum dos dois, para que pudesse tirar o rei dos deuses da cola de Anya. Começara a lhe sugar os mamilos logo após interrogá-la, e ela não quisera que ele parasse. Acabara revelando que a chave estava fundida a ela, de corpo e alma, e fazia tanto parte de Anya quanto o demônio fazia dele. Era por isso que quem entregasse a chave enfraquecia; estaria entregando parte de si mesmo. Anya vira a decepção iluminar os olhos de Lucien, e aquilo despertara algo terno dentro dela. Ele, melhor do que qualquer um, entenderia o perigo de perder uma parte vital de si mesmo.

Ela suspirou. Naquele instante, ela, Lucien e William estavam sentados ao redor de uma pequena mesa redonda. Ovos, bacon e panquecas estavam

servidos sobre a sua superfície. O ar era doce e fresco, a comida em si, preparada com perfeição.

Após colocar um sensual macacão de caxemira branca, ela se teletransportara para sua lanchonete favorita em Atlanta, pedira o banquete e se teletransportara de volta. E, sim, fingira ela mesma ter preparado tudo. Guerreiros como eram, os homens ainda não haviam louvado os esforços de Anya, o que era totalmente inaceitável. Achavam que ela havia se matado para preparar cada prato e, no entanto, sequer tinham dito obrigado. Canalhas.

Ela sentou-se entre os dois. Lucien mantinha um olhar sério em William, rosnando cada vez que o sensual guerreiro se movia na direção dela para pegar algo sobre a mesa. Seu sentimento de posse era tão fofo. Não fora à toa que ela passara a noite toda nos braços dele, incapaz de se forçar a deixá-lo. Ele a fazia se sentir desejada. Bem, isso e também segura. Jamais havia passado a noite toda com um homem e não sabia que havia uma adorável, e viciante, sensação de segurança somada ao intenso prazer físico.

— Já lhe disse para manter as mãos... — As palavras de Lucien se interromperam, e ela sentiu o corpo dele retesar.

Anya se virou para ele. Seus dois olhos haviam se tornado azuis. Ela lhe agarrou o braço. Aparentemente, estava na hora dos dois irem coletar almas.

— Preciso ir — ele disse.

— Você vai me levar. Lembra?

Ele balançou a cabeça.

— Você ficará aqui.

— Não me force a ficar invisível e seguir você sem permissão.

— Como antes. — Uma afirmação resignada. — Ainda não fui capaz de descobrir como fez aquilo.

Ela deu de ombros.

— Sou Anarquia, lembra? Não obedeco às leis da natureza... e nem a nada.

— Do que vocês estão falando? — perguntou William.

Ela o ignorou. Primeiro, porque sabia que William detestaria, e possivelmente teria um divertido ataque, e, segundo, porque sabia que Lucien desapareceria no instante em que desviasse sua atenção de cima dele.

— Se me deixar aqui, vou ficar sentada no colo de Willie durante todo o tempo em que você estiver fora.

William sorriu, sua curiosidade esquecida.

— Deixe-a aqui, meu caro. Eu cuidarei muito bem dela.

Com um feroz esgar, Lucien deixou os dentes à mostra, mas entrelaçou os dedos aos de Anya.

— Certo. Vamos.

Ele se desmaterializou, levando Anya consigo. Adentraram o mundo dos espíritos, tudo se tornando uma colagem de luzes e cores vibrantes. Lucien flutuou rapidamente até uma loja incendiada, ainda fumegando, em... Xangai, ela se deu conta, olhando para os prédios vermelhos e brancos ao redor, com seus telhados pontiagudos e inclinados. Ela quase podia sentir o aroma das comidas sendo vendidas no mercado livre.

Havia vários corpos estendidos no chão chamuscado. Sem jamais soltá-la, Lucien dirigiu-se ao primeiro, o mais próximo, e mergulhou a mão no peito do homem. Um espírito arfante emergiu, resistindo ao toque do demônio da Morte.

No instante seguinte, os três estavam diante dos portões do inferno. O calor quase derreteu a pele de Anya de cima dos ossos. Ela estremeceu. Os berros, os gritos atormentados. Era para ali que ela iria se Cronos conseguisse o que queria e ela morresse? Só de pensar na possibilidade, já se sentia nauseada.

— Ele causou o incêndio de propósito — disse Lucien, através dos dentes cerrados.

Isso não tem nada a ver com você. É por Lucien. Ela lhe soltou a mão e se postou atrás dele, envolvendo sua cintura com os braços e oferecendo conforto, lembrando-o de que não estava sozinho. Os músculos dele estavam tensos, porém, lentamente, foram relaxando.

Duas enormes pedras se separaram, abrindo um largo precipício. Vários pares de braços escamosos emergiram de dentro, e Lucien lhes atirou o espírito que se debatia. Gargalhadas malignas ecoaram, logo seguidas por gritos desesperados.

Várias vezes durante qualquer dia, Lucien testemunhava aquela terrível cena. Anya beijou-lhe a orelha, desviando a atenção dele das chamas.

— Muita gente morre. A cada minuto. A cada hora. Por que você não tem que escotar todo mundo?

— Algumas ficam vagando pelo mundo, outras renascem e têm a chance de recomeçar. Algumas, acho, são escoltadas por anjos.

Ah. Ela devia ter imaginado. Esbarrara com alguns anjos ao longo dos anos. Lindas criaturas, embora um pouco arrogantes.

— As almas que você escolta são as mais sortudas. Pronto para as outras?

Lucien assentiu e deu a impressão de estar menos cansado.

Os dois outros humanos deviam ter se comportado direitinho, porque acabaram sendo levados ao paraíso. Como sempre, os portões do céu deixaram Anya boquiaberta. Eles reluziam com suas joias e a hipnotizaram com o poder que irradiavam. Além deles, um coro de querubins cantava, suas vozes tranquilizantes, de algum modo deliciando cada um dos sentidos. Uau.

Se algum dia eu morrer, quero vir para cá.

Alguma vez na vida você foi boa?

Eu sou boa. Às vezes.

— Obrigado, Anya. Por ter vindo comigo. Por ter me confortado.

— Foi um prazer.

Ele e Anya se teletransportaram de volta para a cozinha de William. O galã ainda estava sentado à mesa, mas o olhar de Anya se fixou em seu amante. Lucien a observava com ardor no olhar. Ardor, admiração e gratidão.

— Aonde vocês foram? — perguntou William.

— A lugar nenhum. — Ela se concentrou em William, o olhar de Lucien a fazendo se contorcer na cadeira. — Então, onde estão as suas mulheres esta manhã?

— Dormindo. Criaturas da noite precisam de seu descanso.

Os olhos de Lucien se arregalaram. Provavelmente jamais encontrara uma delas.

— Criaturas da noite como vampiras, ou como noctívagas? — Ela olhou para William de alto a baixo, mas não viu nenhuma marca. Tudo bem, as pernas estavam cobertas por calças de seda preta. — Eu diria apenas noctívagas. Você não parece ter levado mordidinhas, pelo menos não por alguém com presas.

— Ah, eu fui mordido, só não foi em lugares que se possa ver. Ao contrário de você — acrescentou, sorrindo ao lançar um olhar na direção do pescoço dela.

Lucien, que estava bebendo o seu suco naquele instante, se engasgou. Sorrindo, Anya lhe deu uns tapinhas nas costas.

— Acho que você o chocou.

— Não é possível — disse William, estudando Lucien. — Pudemos ouvir vocês dois mandando ver, como se fossem coelhos. Fiquei impressionado, mas, devo dizer, fazer esta deusinha secundária aqui implorar foi um belo toque.

— Obrigado — disse Lucien quando a tosse parou. Contudo, havia um aviso em seu tom de voz.

— Eu *não* sou secundária, seu gigolô safado!

Com uma piscadela, William apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Então, o que está acontecendo? Sabe que adoro suas visitas, Anya, mas por que está aqui e por que está sendo perseguida pelo demônio da Morte?

Ela abriu a boca para responder, mas Lucien pousou a mão em seu braço, contendo-a. Quando ela o olhou, ele balançou a cabeça.

— Não vou contar nenhum segredo, Flores.

— Ah, segredos. Conte. — William bateu palmas.

Ela queria contar, não negaria que queria. Jamais guardava os segredos de ninguém. Qual era a graça nisso? Mesmo assim, permaneceu calada. Por Lucien, qualquer coisa. Àquela altura, não estava surpresa nem pelo fato de que até seu lado levado queria impressioná-lo.

— Apenas precisamos pegar alguns itens emprestados com você — disse Lucien.

— Como, por exemplo?

— Na verdade — Anya disse —, queríamos que fosse nosso guia turístico pelo círculo Ártico.

— Anya — alertou Lucien.

— Bem, *eu* queria. Ele mora tão perto que passa a maior parte do tempo lá. Conhece bem a região. E isso não é exatamente revelar o nosso segredo, é?

— Por que querem entrar no Ártico? — William estremeceu. — É mais frio do que as partes... íntimas de uma bruxa. E eu sei do que estou falando!

— Estou de férias e quero passear por algumas geleiras — ela respondeu com irreverência.

— Você detesta gelo. Passa a maior parte do tempo no Havaí.

— Ficaremos bem sem guia — interrompeu Lucien. — Tudo de que precisamos são roupas, cobertores e sapatos para a neve.

— Não vou levá-los ao Ártico — disse William, balançando a cabeça. — Acabei de retornar de uma viagem até lá e estou precisando seriamente de uma folga.

Lucien deu de ombros, como se não fizesse diferença para ele.

— Neste caso, estamos de acordo. Anya e eu vamos sozinhos.

— Não vamos nada. — Anya esmurrou o tampo da mesa, chacoalhando os pratos. — Willie vai nos guiar até onde quisermos ir, e com um sorriso no rosto. Isso vai nos poupar tempo, e ele será um bom soldado para termos ao nosso lado se lutarmos contra você-sabe-quem. A Hidra — acrescentou dramaticamente.

— Vocês querem lutar contra a *Hidra*? — William ficou pálido. — Não vou nem chegar perto daquela vadia. Eu a perdi de vista alguns anos atrás e prefiro que as coisas continuem assim.

— Nunca pensei que conheceria uma mulher com quem você não quisesse transar. — Anya garfou um pedaço de panqueca. Ela o levou à boca, dizendo: — Aliás, nunca pensei que *você* conheceria uma mulher com quem não quisesse transar. E, falando nisso, onde foi *exatamente* que você encontrou a Hidra? E como escapou com vida?

— Eu a vi duas vezes, em locais diferentes lá no gelo. E escapei com vida só porque ela não teve coragem de estragar minha bela cara, mas foi por pouco — William murmurou.

— Isto é bom — disse Lucien, com um aceno da cabeça.

Ela sabia que Lucien estava se referindo ao fato de William ter avistado a Hidra, embora, provavelmente, desejasse que ele não tivesse sido tão bem-sucedido em escapar com vida, e não pôde conter a própria empolgação. Mas ela também ainda não havia terminado de fazer suas perguntas.

— E por que você vai lá? — perguntou. — Nunca me disse.

— É perto o bastante da minha casa para que imortais tentem se esconder lá, se preparando para um ataque surpresa. A princípio, não sabia se vinham em busca da Hidra ou de mim, já que nós dois temos nossos inimigos, mas, depois

de um tempo, parei de me importar. Se alguém estiver se escondendo lá fora, vou atrás.

— Quem são seus inimigos? — perguntou-se Anya em voz alta.

— Eu, há... tenho um probleminha de desejar mulheres comprometidas — confessou William —, e tudo que seus maridos mais querem é a minha morte.

— Você ficará longe de Anya — Lucien rosou.

Que amor de homem, ela pensou, sorrindo e afagando-lhe a mão. Lucien estendeu o braço sob a mesa, agarrando com força o joelho dela, uma ordem para que ficasse quieta. Anya não obedeceu.

— É a última vez que vou pedir com educação para nos levar — ela disse para William.

Revirando os olhos, ele empurrou para longe o prato vazio, recostou-se na cadeira e cruzou os braços diante do peito. Ele trançara o cabelo das têmporas. Agora, estavam presos atrás das orelhas, contas coloridas batendo uma nas outras com cada movimento que ele fazia.

— Lamento, mas minha resposta é não.

— Bem, neste caso... — Anya também se recostou na cadeira. Ela sempre admirara aquele cômodo. O teto abobadado, a bancada de granito em forma de ilha, os aparelhos modernos, cestas de frutas penduradas nos ganchos das paredes. William o destruiria num acesso de raiva quando ela tivesse terminado o que faria com ele? — Talvez agora seja uma boa hora para dizer que estou com o seu livro.

William ficou paralisado, a imobilidade natural de um predador se apossando dele.

— Não está. Não tem como. Eu o vi esta manhã, antes de descer para o café. — Havia violência no olhar dele.

Lucien a tomou nos braços e a pôs no colo. Ela acomodou a cabeça sob o queixo dele. Proteção não era algo de que ela precisasse, mas apreciou o gesto.

— Não é bem assim — disse ela.

— Anya — esbravejou William. — Você não está com o livro. *Eu* estou. *Eu o vi esta manhã.*

— Cuidado com o tom que usa — Lucien esbravejou de volta.

— Você viu uma cópia — explicou ela.

— Está mentindo — O guerreiro se inclinou para ela, as pupilas engolindo as íris.

No mesmo instante, Lucien estava de pé, empurrando-a para trás de si. *Calma, meu coraçãozinho.*

— Eu disse para ter cuidado com o tom que usa.

William se levantou bruscamente, a cadeira deslizando sobre o piso da cozinha e se chocando contra a bancada. *Crash.*

— Se ele não estiver lá...

Sob uma nuvem de fúria vermelha, ele marchou para fora da cozinha.

— Caramba. Não é que ele foi embora sem destruir o cômodo? Vamos. Nós não queremos perder isso.

Anya entrelaçou os dedos aos de Lucien, suspirando ante a descarga elétrica provocada pelo contato.

Já sabia o que aqueles dedos levados eram capazes de fazer com ela...

Trêmula, puxou-o consigo atrás de William, seguindo o mesmo caminho percorrido pelo guerreiro. O corredor era bem iluminado com lâmpadas douradas. Tiras de renda colorida cobriam os lustres, espalhando pela casa as cores do arco-íris. Coisa das vampiras? Uma tentativa de domesticar o guerreiro?

Não havia os costumeiros retratos e armas espalhados pelas paredes. Anya apostaria, há... dez milhões de dólares que William havia retirado tudo na noite anterior, depois de saciar suas vampiras. Conhecia muito bem a tendência de Anya para roubar, mas chegara tarde demais para salvar seu precioso livro.

Muito tempo atrás, o tolinho havia mandado uma de suas bruxas lançar um feitiço sobre o estojo trancado no qual guardava o livro. Um feitiço que ela quebrara com sua chave.

— O que é este livro que mencionou? — perguntou Lucien, acompanhando-lhe o passo. — Você realmente o roubou?

— Um livro de antigas profecias decretadas pelos deuses. E, sim, eu o peguei. William devia ter sido um garotinho esperto e o estudado algumas vezes ao longo dos séculos, mas nãããã... Estava com medo de fazer mais mal do que bem ao seu destino.

Ela virou no final do corredor. Avistaram uma escadaria. Droga, mas aquele lugar era enorme. Anya não estava acostumada a andar por ele; normalmente, apenas se teletransportava.

— Sabe, uma das profecias é sobre William. Escrita por volta da época em que ele foi para a prisão, se bem me lembro. Algo sobre uma mulher. É claro, sempre tem uma mulher. De qualquer jeito, a profecia está cifrada, como um enigma, e, em algum lugar do livro, está a chave para decodificá-la e salvá-lo.

— Anya! Como diabos se atreveu? — esbravejou William. Seus gritos zangados ecoaram pelas paredes.

— Acho que ele encontrou a cópia.

— Ele vai tentar machucar você?

Ela sorriu.

— Não enquanto eu tiver o precioso *dele*.

Ela disse a última parte com uma maligna voz demoníaca.

Lucien apenas balançou a cabeça.

Após dobrarem outra esquina, se viram subitamente no gabinete. William segurava a cópia que ela havia feito. Na primeira vez em que o visitara, ela tentara começar uma briga com ele, *precisara* brigar. Um de seus companheiros mortais havia acabado de morrer, e sua necessidade de desordem andava em

alta. William estivera saciado demais para lhe fazer a vontade, falsamente alegando preferir fazer amor e não guerra. Contudo, oferecera-se para fazer sexo com ela. Em vez disso, Anya passara algum tempo arremessando e destruindo objetos de vidro.

Fora então que avistara o livro em seu tentador estojo. Rubis vermelho-sangue incrustados na tampa e na lombada. Eles pareciam chamá-la, como o canto de uma sereia. Saber o que o livro significava para ele apenas tornara o seu roubo mais doce, ela envergonhadamente admitia. Contudo, não achava que ele fosse encontrar consolo no fato de que ela agora sentia-se um pouquinho envergonhada do que fizera.

— A capa parece a mesma, mas as páginas estão em branco — rosnou ele.

Ela abriu os braços.

— Sinto muito. Não consegui resistir.

— Alguém já devia ter dado um jeito em você há muito tempo.

— Como se isso fosse adiantar de alguma coisa — murmurou ela.

— Por que eu gosto de você? Por que sempre deixo você voltar aqui? Você e aquela desgraça de Chave-Mestra são uma ameaça. Devolva o livro, Anya!

— Como todos sabem sobre essa chave se, no entanto, eu jamais havia ouvido falar dela? — Lucien se queixou, erguendo as mãos.

— Por que simplesmente não toma a chave dela? — sugeriu William para Lucien, com um sorriso maligno.

— Cale a boca, Willie! — Ela bateu o pé no chão e passou uma das mãos pelo cabelo. — Ele já sabe.

— Tudo?

— É. — *Bem, mais ou menos.*

William sorriu.

— Mentirosa. Então, Lucy — disse ele, atirando o livro vazio no chão e espalmando uma das mãos na outra. — Sabia que, se ela lhe der a chave, estará

lhe dando as próprias lembranças? Saberá tudo a respeito dela. Cada pecado, cada crime, cada homem que já tocou. Melhor ainda, saberá onde estará a cada segundo do dia. Anya jamais será capaz de se esconder de você.

Lucien lançou um olhar cauteloso para Anya.

— É verdade?

Relutante, ela assentiu.

— Tudo parte do encanto da Chave-Mestra.

— Quem lhe deu esta chave? — perguntou Lucien. — Por que alguém haveria de colocar um fardo desses sobre seus ombros?

William respondeu por ela.

— O paizinho querido de Anya deu a chave a ela, quando os deuses finalmente decidiram qual seria o seu castigo por matar o capitão da guarda deles. Ela deveria se tornar uma escrava sexual dos imortais. Apropriado, não acha? Mas Tártaro sabia de sua maldição, e sabia o que isso faria com ela. Então, pela única vez em toda a sua vida negligente, ele bancou o salvador.

“Por que acha que a prisão eterna acabou caindo? Como acha que os Titãs acabaram fugindo? Sem a chave que ele guardava em seu interior, tanto Tártaro, o homem, quanto Tártaro, a prisão, enfraqueceram. Com o tempo, ambos acabaram ruindo.”

Verdade, tudo verdade. Ao aceitar a chave dentro de si, ela recebera algumas das lembranças do pai e se vira sempre ciente de seu paradeiro. Mesmo naquele instante, tinha apenas de pensar nele para saber onde estava.

Fora assim que soubera que Cronos o havia aprisionado.

Ela voltara para o Olimpo, um lugar que jurara jamais visitar de novo. Por culpa, sim, devido a tudo de que o pai abrira mão por ela. Por amor também, pois, através das lembranças dele descobrira que Tártaro só soubera da existência dela após Têmis descobrir a verdade. Depois disso, ele quisera fazer parte da vida dela, mas não soubera como fazê-lo sem arruinar ainda mais a

vida da esposa que traía ou humilhar a amante que já sofria devido à noite de loucuras que haviam compartilhado.

Quando Aias a atacara, Tártaro sentira vontade de arrancar o próprio coração por não ter estado presente. E, quando ela estivera na prisão, ele se vira como o seu protetor, dando-lhe cobertores extras, mais comida... Até a sentença dela ter sido dada, e o deus ter sido forçado a escolher entre a vida da filha e a sua própria.

Relegando as lembranças de volta ao fundo de sua mente, ela se concentrou em Lucien. Sua expressão ainda estava impassível, daquele jeito indecifrável que ela detestava. Que pensamentos estariam passando por sua cabeça?

William voltou a bater palmas, como se satisfeito com o trabalho bem-feito.

— Vocês querem um guia? Conseguiram um. Depois, quero o meu livro de volta.

Ela assentiu, não se sentindo tão orgulhosa de si mesma como deveria.

— Então, venham, vocês dois. Vamos preparar as coisas. Estou ansioso para começarmos, para que possamos logo acabar com isso.

William saiu a passos largos do aposento, assoviando baixinho.

Anya sabia que era uma tranquilidade fingida. Com os nervos à flor da pele, ela deu um soquinho no ombro de Lucien.

— Há algo que queira me dizer?

Um brilho desesperançoso apareceu nos olhos de cores diferentes.

— Não importa o quanto eu pesquise, jamais vou encontrar um modo de tirar a chave de você sem lhe fazer mal, não é?

Ela engoliu em seco.

— É.

— E, se Cronos se apossar dela, você jamais será capaz de se esconder dele.

— Certo — disse ela, olhando para os pés. Droga, tinha que parar de fazer aquilo! Ela fitou Lucien através dos cílios espessos, tomada por incerteza ao diminuir a distância entre eles. — Isso muda alguma coisa entre nós? Talvez queira desistir de ficarmos juntos.

As mãos que haviam lhe proporcionado tanto prazer na noite anterior, seguraram-lhe o queixo e lhe inclinaram a cabeça para cima.

— Entenda. Estou aqui. Sou seu. Não vou desistir.

Ah, aquele homem... Os lábios deles se encontraram tão, tão gentilmente, um mero roçar, mas ela não se satisfez com isso. Talvez jamais se contentasse com nada além de, bem, tudo que aquele guerreiro tinha a oferecer.

— Mais forte — ordenou.

As línguas se encontraram, enroscando-se, torcendo-se ao provar uma da outra. Ele já sabia, sem sombra de dúvida, que não poderia usar a chave para negociar com Cronos, mas ainda a queria. Não podia quebrar sua maldição, mas ainda a queria. Ela se sentiu repleta de alegria e aliviada, e caiu ainda mais sob o encanto dele. *Ele é meu.*

Se outra mulher, algum dia, sequer pensasse em tirá-lo dela, Anya se conhecia bem o suficiente para saber que mataria a vagabunda. A sangue frio. Dolorosamente. Não conseguia mais imaginar a vida sem ele. Não achava que havia vivido de verdade até vê-lo pela primeira vez. *Sim, ele é meu.* Sua mão se enfiou nos cabelos sedosos de Lucien, e ela se esfregou em sua ereção. *Meu.*

No instante em que o pensamento se formou, uma sonora gargalhada ecoou.

Tudo no interior de Anya subitamente se sobressaltou. Com o coração batendo descontroladamente, seu sistema nervoso se sobrecarregou. O suor brotou em suas palmas. Apesar de não cambalear para longe de Lucien, ela encerrou o beijo e o fitou com os olhos arregalados. *Não. Agora, não.*

Ele estremeceu. Anya notou que seus olhos se estreitaram, com um brilho de fúria que ela só vira naquela vez, na Grécia. Jamais tinha visto alguém tão feroz. Ele dava a impressão de que mataria com prazer todos à sua volta. Exceto ela. Seus braços ainda estavam gentis ao redor da cintura de Anya.

— Cronos — ele disse tensamente.

Nada de corpo, apenas aquela voz terrível.

Com a boca seca, ela assentiu.

— O que você quer, ó, Grandioso?

O deus voltou a rir.

— Neste instante, me contento permitindo que saiba que descobri a melhor forma de deixá-la de joelhos, Anarquia.

Um tremor percorreu o corpo de Lucien.

— Meu rei, ela...

— Silêncio, Morte. Mais uma vez, falhou em realizar o seu trabalho, e cansei de esperar. Mate-a. Aqui, agora.

O olhar de Lucien se voltou para Anya. Seus músculos pareciam feitos de pedra. O calor parou de se irradiar dele, sendo substituído por uma determinação gélida.

Ela não queria morrer, mas também não queria que Lucien fosse castigado por causa dela. Se ao menos ela tivesse ficado longe dele, nada daquilo teria acontecido. É, nada daquilo. Os beijos, as carícias, o... amor?

Não, ela não podia amá-lo. O amor a destruiria, encarcerando-a com a mesma certeza de que se estivesse novamente na prisão.

Apenas entregue a chave a Cronos.

Não posso. Ela perderia tudo. Sua independência, seus poderes, suas lembranças. Ela poderia até esquecer a própria maldição, dormir com alguém e, inadvertidamente, se prender a esse homem por toda a eternidade. Deuses, o que faria?

— Não posso machucá-la — disse Lucien, orgulhosamente erguendo o queixo. Sua voz, contudo, soou atormentada.

— Imaginei que não pudesse. É difícil para mim acreditar que os gregos já dependeram de você para proteção. — Uma tensa pausa. — Ouça-me. Você enfraquecerá a cada dia que passar sem que eu tenha aquela chave.

— O quê?! — gritou Anya.

— A princípio, pensei que o amor do guerreiro pelos amigos o convenceria a agir. Agora, sei. O tempo todo era você, Anya, quem precisava ser convencida.

Tomada pelo horror, Anya procurou desesperadamente a resposta apropriada.

— Cronos...

— Vi o modo como o trata. Ele não é apenas o brinquedo que tenta fingir ser, mas alguém com quem realmente se importa. E agora terá de escolher o que importa mais... Ele ou a chave. — Cronos riu, como se a vitória já estivesse em suas mãos. — Podem ouvir o tique-taque do relógio? Eu posso.

Depois, houve apenas silêncio.

Ela sabia que Cronos tinha ido embora, pois a vibração de poder que sempre acompanhava suas visitas havia desaparecido. Sua respiração ficou alterada, e Anya mal conseguia encher os pulmões de ar. Perder Lucien? Não!

— Não diga uma palavra — rosnou Lucien. Ele se recusava a olhar para ela. — Achar aqueles artefatos é mais importante do que nunca. São uma fonte do poder dele, e podemos usá-los. Reuniremos os suprimentos como havíamos planejado e partiremos.

— Mas...

Ele marchou para fora do gabinete, deixando-a sozinha.

Ah, deuses, o que diabos ela faria?

Capítulo Dezesseis

O QUE DIABOS ele faria?

Amava Anya. Lucien já admitia isso. Sabia, do fundo de sua alma, que isso não podia mais ser negado. Ele a amava. Não fora capaz de matá-la e não podia suportar a ideia de ela ficar presa a Cronos, de o rei dos deuses ser capaz de encontrá-la quando quisesse. Não podia suportar a ideia de ela ficar fraca e indefesa. Não quando passara a significar mais para ele do que a própria vida.

Ela gostava de roubar, mentia com frequência, era capaz de matar sem remorso, tinha a cabeça a prêmio, não podia fazer amor, no entanto, ele a adorava mais do que jamais adorara Mariah. Jamais pensara que algo assim pudesse acontecer. Mas Anya era a sua outra metade, a metade melhor. Ela o fazia se sentir completo, como um homem, não como um demônio. E um homem atraente.

Ela lhe dera algo pelo qual viver, apagara-lhe a dor, o passado e, quando o beijava, as inseguranças. Seu senso de humor era delicioso, seus atos o intrigavam. Simplesmente estar na presença dela lhe dava mais prazer do que jamais tivera dormindo com outras mulheres.

Sabia que só havia um modo de salvá-la. Encontrar um dos artefatos o mais rápido que pudesse e rezar para que Cronos o desejasse mais do que a chave.

Ele ficaria feliz por trocar o artefato pela vida de Anya. Para o inferno com a caixa de Pandora.

De jeito nenhum Lucien permitiria que Anya abrisse mão da chave agora, disso ele tinha certeza. Ela perderia seus poderes, suas lembranças, a liberdade que tanto valorizava. A vida? Sem sua habilidade de se teletransportar, ela ficaria vulnerável a todo tipo de ataque. Ficaria indefesa. Encurralada. Se um homem decidisse possuí-la, penetrando-a, ela não seria capaz de desaparecer ou lutar pela própria vida.

Com um rugido, Lucien esmurrou a parede do quarto no qual havia passado a noite. O quarto que compartilhara com Anya. Linda, reluzente e flamejante Anya. A parede rachou; sangue escorreu pela pele aberta da mão.

Anya era a única mulher capaz de enxergar além de suas cicatrizes e chegar ao homem interior. Na presença dela ele se sentia capaz de conquistar o mundo, e não queria que essa sensação acabasse. Tê-la nos braços havia sido a melhor experiência de sua vida. Nada mais se comparava. Nada mais sequer chegava perto.

Lucien passou a mão latejante pelo rosto. Latejante? Sim. Não se curara instantaneamente; permanecera cortada. Escuras manchas roxas começavam a se formar ao redor dos nós dos dedos.

Você vai enfraquecer, Cronos avisara.

Ele riu sombriamente. apesar do que fizesse, de que caminho escolhesse, ele *enfraqueceria* de qualquer jeito.

— Nós o encontraremos — disse Anya baixinho.

Ele se virou. Ela estava apoiada no batente da porta, uma visão de branco. Um grosso casaco branco de pele, calças brancas e justas. Botas brancas forradas de pele que lhe subiam pelas gloriosas pernas. Cabelo claro cascadeando sobre os ombros e pelo peito. O coração dele chegou a parar por um instante.

Ela estava segurando uma pilha de roupas brancas.

— Você já sabia que Cronos tinha me abordado ontem. Bem, tinha razão. Ele me ameaçou, e foi por isso que fui tão cruel com você. Não queria que ele soubesse que eu estava... que eu...

Ela engoliu em seco.

— Eu amo você, Anya — ele admitiu bruscamente. — Amo você e não posso, não vou, lhe fazer mal. Está entendendo?

O queixo de Anya caiu e ela largou as roupas.

— Lucien. Eu... eu...

— Não precisa dizer. Eu passei a conhecê-la, Anya. Você é indomada e livre, e fica apavorada só de pensar em amar um homem.

Ela baixou o olhar para os pés. Pela primeira vez, não se censurou por isso. Lucien ficou satisfeito. Queria que ela se sentisse à vontade para fazer qualquer coisa, até mesmo isso.

— Sinto por você o que nunca senti por qualquer outro — disse ela baixinho —, e as horas mais felizes são quando estou com você. Por que outro motivo teria ficado por perto quando você estava fazendo tudo que podia para se livrar de mim? Mas amor... — Ela engoliu em seco novamente, balançando a cabeça. — Passei toda a minha vida tentando manter distância dos homens. De algum modo, você conseguiu passar pela minha guarda, mas não *posso* amar você. — As últimas palavras foram ditas com um suspiro torturado.

— Eu sei.

Se admitisse amá-lo, ela se sentiria na obrigação de abrir mão de sua liberdade. Ele não lhe pediria isso. Não agora.

— Tenho estado sozinha há tanto tempo — ela disse, com uma gargalhada desesperada. — E ambos sabemos quanto tempo me resta. Não posso me colocar sob a guarda de ninguém.

— Eu sei.

— Eu só... Sei que não quero magoá-lo. Eu... eu preciso de tempo para pensar.

De acordo com Cronos, Lucien não tinha muito tempo. *Em breve. O relógio está correndo.* Lucien procuraria a Hidra no tempo que lhe restasse. Deu-se conta de que, se falhasse em encontrá-la, se falhasse em obter o artefato, não seria capaz de lutar contra o próprio destino. Para ser sincero, já o aceitara. Não podia fazer mal a Anya e não podia permitir que Cronos tivesse a chave. Se tinha de morrer para garantir a segurança dela, era o que faria.

Amava Anya o suficiente para oferecer voluntariamente a própria vida em troca da dela. Sem hesitação, sem reservas.

Não fora capaz de dar a vida por Mariah, mas quisera fazê-lo. Durante todos aqueles longos anos, ele desejara ter sido possível. Até então. Sentia-se feliz por ter sobrevivido. Ele vivia e morria por *Anya*. Não lamentaria mais o passado; não passaria outro milênio ansiando por algo que não poderia ter.

Aproveitaria Anya enquanto pudessem ficar juntos.

— Por que me sinto tão culpada? — sussurrou Anya, e havia alguma vergonha subentendida em sua voz. — Como se eu devesse entregar a chave a Cronos?

Só havia uma resposta: ela, de fato, amava Lucien. Seu coração se encheu de alegria e orgulho. E era o bastante para ele saber que ela o amava, mesmo que Anya não conseguisse dizer as palavras.

— Não vai entregá-la a ele. Prometa-me. Prometa-me que jamais abrirá mão dela.

Os olhos de Anya se encheram de lágrimas. Minutos se passaram em silêncio.

— Prometa, Anya. Dê-me essa tranquilidade.

Os cílios dela eram negros e pontiagudos, criando um leque de sombra sob os olhos azul-gelo. Ou talvez, em sua angústia, manchas roxas tivessem se

formado ali. Por fim, ela disse:

— Eu prometo. — Depois, riu sem humor. — Ótimo. Agora me sinto ainda mais culpada.

Ele estendeu a mão, sentindo entre os dedos as mechas do cabelo sedoso de Anya.

— Não devia se sentir assim.

— Então, como eu devia me sentir?

Ela fungou.

— Venha cá — disse ele, dando um leve puxão nos cabelos dela.

Ao avançar alguns centímetros, o olhar choroso de Anya pousou na mão de Lucien. Ela agarrou-lhe o pulso, virando-lhe a palma, e franziu o cenho.

— Você está machucado.

— Um minúsculo arranhão, nada mais.

Ela levou a mão aos lábios e plantou um beijo suave diretamente sobre a ferida.

— Pobrezinho. Não gosto de ver você sentindo dor.

Descargas elétricas percorreram o braço dele, ardentes e vorazes. Ah, sim, como amava aquela mulher! Ele contornou as sombras com a ponta dos dedos, e os olhares se encontraram.

— Em troca desses cuidados, teria o maior dos prazeres em ser feito em pedaços.

— Acha que ele é capaz de fazer aquilo? Acha que você vai fraquejar? — ela sussurrou com dificuldade, embora ambos soubessem a resposta. — Você é tão forte. Tão vigoroso...

— Ficarei bem — mentiu Lucien.

— Talvez eu devesse, sei lá, falar com Cronos ou algo assim.

Com determinação, ele balançou a cabeça.

— Também não fará isso. Ele poderá tornar as coisas ainda piores.

A tristeza se instalou em cada centímetro do lindo rosto de Anya, mas ela permaneceu em silêncio.

— Já lhe disse. Vamos encontrar os artefatos.

— Vocês vêm? — chamou William, claramente irritado.

— Só um minuto! — Anya gritou, sem desviar os olhos de Lucien. — Você precisa se vestir. Não podemos deixar você virar um picolé, não é?

— Não de novo.

Ele passou o instante seguinte memorizando o rosto dela, inspirando e marcando cada célula de seu corpo com a essência de Anya. Enquanto isso, ela lhe acariciava o rosto, deixando claro que também não queria sair do quarto.

— Coloquei seu equipamento no chão — disse ela.

Ele riu.

— Eu sei. Vi quando deixou tudo cair. — Ele a beijou suavemente. — Eu a verei lá embaixo.

— Flores, eu...

— Não diga mais nada, querida. Encontraremos um modo de fazer isto dar certo.

Uma lágrima, enfim, foi derramada, descendo pela face de Anya.

— Querida. Você me chamou de querida. — Sem dar-lhe chance de retrucar, ela desapareceu.

Mas Lucien não achou que ela tivesse ido embora de uma vez, pois ainda conseguia sentir o cheiro dos morangos, ainda podia sentir o olhar dela fixo nele. Depois, a pele sobre seu coração formigou, como se ela houvesse acabado de desenhar um X.

UM MAL-HUMORADO WILLIAM se recusara a permitir que Lucien o teletransportasse. Em vez disso, o homem providenciara um helicóptero para levá-los até a costa da Groenlândia, onde a montanha encontrava o gelo e

muitos humanos haviam morrido, sozinhos e esquecidos. A geringonça mortífera não podia levá-los mais longe, e Lucien ficou aliviado por isso. Queria distância dela. O ar estava tão frio que o motor insistia em engasgar, ameaçando congelar.

Poderia ter se teletransportado antes de cair e, por isso, a ideia da queda não o incomodava. O fato de não estar no controle era o que o incomodava. O fato de seu estômago ter subido à boca era o que o incomodava. O fato de que as últimas lembranças que Anya teria dele poderiam ser de Lucien encolhido e vomitando era o que o incomodava.

Ele quase beijou o chão coberto de neve quando desembarcaram.

Três veículos para todo tipo de terreno já estavam esperando por eles, junto com mochilas com comida e água. William providenciara tudo. Não que Lucien confiasse nele. Lucien mantinha a guarda erguida, se posicionando o tempo todo entre o guerreiro e Anya.

Eles subiram nos veículos, e ele trocou sua falta de controle por uma sensação de triste isolamento. Um oceano de neve o cercava. Lindo, belo ao extremo; contudo, mortífero. Fora assim que o demônio se sentira no interior da caixa de Pandora? Só que, em vez da vastidão branca, havia apenas escuridão eterna?

— Podemos teletransportar essas coisas para onde precisarmos delas — Anya resmungou, lançando um olhar para a mochila atrás de si. Sua respiração quente fazia com que uma névoa lhe encobrisse o rosto. — Não vejo necessidade de carregarmos este peso por aí, batendo nos nossos traseiros cada vez que passamos por uma lombada.

— Concordo — disse Lucien.

— Bem, eu não — retrucou William. — E é óbvio que precisam de mim. Então, é do meu jeito, ou de jeito nenhum.

Anya mostrou o dedo médio para ele. Lucien sorriu ante a demonstração de bom humor. Bem melhor do que a mulher destroçada que o deixara no quarto.

O vento era glacial, tão forte e cortante que penetrava as roupas térmicas que ele estava usando, chegando aos ossos. Lucien já podia sentir o sangue cristalizando, quase como se alguém estivesse soprando gelo direto em suas veias.

— Precisamos escalar até o pico mais alto — disse para William.

Lucien verificara suas mensagens no celular antes de deixar a casa, e não se surpreendeu ao ver que não escutara a ligação de Torin enquanto ele e Anya... brincavam. O guerreiro deixara uma mensagem, dizendo que ele e Ashlyn haviam pesquisado a região e não encontrado nenhum avistamento documentado da Hidra, ou qualquer outra fera. Ao que parecia, muito poucas pessoas viajavam para aqueles lados. O melhor lugar para procurar, segundo o conselho de Torin, era a área mais perigosa da região. Quanto menos movimento, maior seria a atração que o lugar exerceria sobre uma criatura que tentava se esconder.

— Está falando daquele ali, então — disse William, apontando diretamente em frente. — E não tente se teletransportar me deixando para trás. Não vai alcançar o topo sem mim, já que deixei alguns presentinhos pelo caminho para meus... convidados indesejados. — Ele se interrompeu, inclinando a cabeça. — Para ser franco, pode tirar de vez da cabeça essa história de se teletransportar. Talvez eu devesse ter contado antes, mas, bem, vocês me deixaram irritado. Não posso ser teletransportado para lugar algum.

— O que lhe dá tanta certeza de que não pode ser teletransportado? — perguntou Lucien.

— acredite em mim. Tentar me teleportar fere todos os envolvidos. Cometi o erro de virar o mundo de Hera de pernas para o ar, e Zeus se

certificou de que nenhuma deusa seria capaz de me teletransportar para um lugar seguro. Maridos enciumados são burros. Depois, Hera descobriu que eu também estava agitando o mundo de outras deusas e, quando me dei conta, estava fazendo companhia a Anya na cadeia. Algumas mulheres não valem o trabalho que dão.

William ancorou um capacete na cabeça e fez sinal para que eles fizessem o mesmo.

Lucien pegou o de Anya e o examinou cuidadosamente, antes de permitir que ela o colocasse. Ela abriu um discreto sorriso para ele antes de fazê-lo. As narinas, pulmões e peito de Lucien arderam ao colocar na cabeça o próprio capacete. O crepitar da respiração de Anya subitamente preencheu seus ouvidos. Deu-se conta de que havia fones de ouvido embutidos na lateral, para que pudessem se comunicar enquanto se moviam. Às vezes, a tecnologia humana podia ser uma bênção.

— Isto é divertido — disse Anya.

Era como se ela estivesse ronronando direto no ouvido dele, e o sangue de Lucien finalmente se aqueceu, derretendo o gelo.

William acelerou seu veículo e começou a avançar. Lucien e Anya o seguiram a poucos metros de distância.

— Talvez agora seja uma boa hora para lhes dizer que um grupo de homens adentrou o círculo há cerca de... ah, três dias — a voz de William disse nos fones de ouvido. — Duvido que estivessem procurando por mim.

Lucien não precisava ver o rosto dele para saber que o guerreiro estava sorrindo de felicidade.

— Como sabe?

— São humanos. Não me envolvo com humanas.

— Podem ser Caçadores? — perguntou Anya.

Através da máscara, Lucien podia ver os olhos dela faiscando de curiosidade.

— Muito provável — respondeu ele.

Contudo, como poderiam saber que tinham de procurar ali? Antes de serem mortos no templo, os Caçadores haviam reclamado que não tinham sido bem-sucedidos.

Talvez Cronos estivesse lhes passando informações à medida que os guerreiros as descobriam. Lucien estreitou os olhos de raiva. Fazia sentido, e não eram boas notícias para os guerreiros.

— Onde estão agora? — perguntou ele.

— Mortos, talvez. — William deu de ombros. — Ou nas montanhas.

— Pensei que você monitorasse o lugar para se defender de maridos ciumentos — disse Anya. — Você devia saber.

— Talvez tenham desativado minhas câmeras.

Talvez, talvez, talvez.

Anya inclinou-se para baixo. Lucien esticou o braço para ela, mas Anya não perdeu o equilíbrio; pegou um punhado de gelo e o atirou em William, acertando-o nas costas.

— Estou de saco cheio dessa sua atitude. Desse jeito, não vai recuperar o seu livro.

William continuou a dirigir sem retaliar, quase como se achasse que era merecedor do corretivo. As correntes e rodas do veículo dele jogavam neve e gelo para todos os lados, encobrando-lhes um pouco a visão. Sua postura era rígida, predatória, como se esperasse ser atacado a qualquer instante.

Havia algo terrivelmente errado com toda aquela situação. Lucien só não sabia o quê. Infelizmente, nada em que pensava podia ser descrito como otimista.

O TEMPO PASSOU lentamente, levando-se em consideração o senso de urgência que se apoderara de Anya. Urgência e dor. Seu traseiro doía pra caramba. A

pesada mochila presa ao veículo de quatro rodas realmente batia nela, como suspeitara que faria. Deuses, como odiava aquilo! Odiava não saber qual seria o melhor plano de ação, odiava não ser capaz de entender toda uma situação. Tudo que sabia era que Lucien representava a melhor coisa que já lhe acontecera, que William estava claramente escondendo alguma coisa e que ela estava infeliz.

E, se *quando* Lucien começasse a enfraquecer — *por minha causa*, pensou, dominada pela culpa —, ele não fosse capaz de lutar contra a Hidra, mesmo que a encontrassem, colocando-se ainda mais em perigo? Tantas possibilidades... Mas Anya não suportava a ideia de Lucien se ferir. Ele a amava. Admitira sem vergonha, sem hesitação, e falara sério. Sua confissão fora carregada de ternura e alegria, aquecendo-lhe o corpo e a alma. Ele amava a mulher que ela era, não a mulher que queria que fosse.

Precisavam encontrar a Hidra; simplesmente precisavam. Ela, certa vez, pensara em usar os artefatos para negociar a própria vida. Agora sabia que não podia fazê-lo com Lucien. Em vez disso, iria usá-los para negociar a vida *dele*.

Cronos ainda a caçaria, claro, porque jamais deixaria de querer a chave. A não ser que ela o matasse, o que não era má ideia. Talvez até fizesse uma tentativa, pensou, fazendo beicinho. Afinal de contas, quem melhor para matar um rei do que a própria Anarquia?

Lucien ficaria furioso com ela se soubesse no que estava pensando. Não importa o que ela estivesse fazendo por ele, por *eles*, jamais iria querer que Anya se colocasse em perigo. Mas ela preferia lidar com a raiva dele a observá-lo morrendo lenta e dolorosamente.

Isto está começando a parecer amor.

Ela ignorou o pensamento antes que pudesse se espalhar e se aprofundar. Se admitisse amá-lo, não seria capaz de resistir a fazer amor com ele. Do jeito como as coisas estavam, ela já estava perto de ceder. Fossem quais fossem as

consequências. Contudo, se cedesse, e ele *realmente* morresse, ela seria consumida por um pesar eterno, presa a um homem morto. Nem mesmo a Chave-Mestra seria capaz de romper aquele vínculo.

Seu estômago se revirou, nauseado. O corpo ficou entorpecido. Não. Não, não, não. Nunca. *Ele não vai morrer. Não pense assim. Você vai fazer tudo ao seu alcance para salvá-lo.* Além do mais, ela suspeitava que, de qualquer modo, acabaria consumida por um pesar eterno.

Teve vontade de estender a mão para segurar a dele. Queria saltar de seu veículo para o dele e se aconchegar em seu colo. Queria sentir os braços de Lucien envolvendo-a com força. Mas não o fez. Aquela não era a hora. Havia coisas demais em jogo.

Depois, prometeu a si mesma.

À medida que continuavam pela neve, ela foi notando que não havia sinais de invasão humana. Nada de pegadas ou rastros de pneu. Talvez os Caçadores já tivessem dado meia-volta e ido embora. Bom, não custava ter esperança. Ela não queria que chegassem perto de Lucien.

— Armadilhas à frente — avisou William de súbito. — Sigam-me e não saiam do meu rastro.

Ela e Lucien desaceleraram, formando uma fila atrás do guerreiro. Anya seguiu no meio e Lucien cobriu a retaguarda. Seu protetor.

— Como sabe? — perguntou ela.

— Fui eu quem as colocou ali — murmurou ele. — Um homem precisa se proteger quando há imortais tentando surpreendê-lo o tempo todo.

Talvez os Caçadores não tivessem ido embora. Talvez tivessem sido mortos.

— Tem alguma outra surpresinha nos aguardando por aí?

— Ah, sim — disse William, mas não explicou.

— Como o quê? — indagou Lucien.

Anya podia sentir a tensão na voz dele. *Que gracinha, está preocupado comigo.* Mais uma vez, ela teve vontade de pular no colo dele.

— Bombas, frutinhas envenenadas, cavernas de gelo — disse William. — Sabe como é, todas aquelas coisas de filme B.

— Que beleza — disse Anya.

Porém, o sorriso provocado pela ideia de todas aquelas travessuras desapareceu ante um outro pensamento que lhe ocorreu. *E se os Caçadores tiverem preparado uma armadilha para nós?*

Capítulo Dezesete

ELES SE DEPARARAM com os Caçadores três dias depois, no meio da montanha.

Lucien deveria ter ficado feliz com isso. Não havia nada que ele gostasse mais do que matar aqueles fanáticos delirantes. Bem, a não ser de Anya. Gostava mais dela do que de uma boa briga. Contudo, desta vez, não ficou feliz. Não ficou nem um pouco empolgado.

Estava fraco, e ficando cada vez mais.

Naquele instante, não sabia se seria capaz de enfrentar um rato e vencer, quanto mais um Caçador determinado.

Soubera que aquilo aconteceria, mas não esperara que fosse ser tão rápido. Se os dias não houvessem sido tão traiçoeiros, e as noites tão frias, talvez suas forças tivessem durado mais. Porém, tiveram de abandonar os veículos na véspera, quando a subida se tornara íngreme demais. Agora dependiam de pinos para o gelo, escalando por horas a fio e descansando apenas quando fosse absolutamente necessário. Comiam uma refeição por dia. Não precisavam de mais. Sopa em lata, mal aquecida. Anya poderia ter se teletransportado, mas Lucien suspeitava de que ela não queria deixá-lo.

Todas as noites, ele, Anya e William interrompiam a escalada para armar acampamento. Anya providenciava uma fogueira e os três se aconchegavam

juntos no interior da tenda, procurando se aquecer. Lucien nunca dormia, ficava acordado vigiando Anya, deliciando-se com cada segundo que passavam juntos. Com a mortalidade se aproximando, ele não queria abrir mão de um único segundo. Adorava abraçá-la, seu perfume de morangos envolvendo-o.

Tanto William, o que era ruim, quanto Anya, o que era bom, pareciam estar em plena forma. No entanto, ele mal era capaz de carregar a sua mochila. Tremia constantemente e até havia caído de cara no chão algumas vezes.

Como naquele instante. Os braços de Anya subitamente o envolveram, tentando escorá-lo.

— Tudo vai ficar bem quando chegarmos ao topo — disse ela. — Você vai ver.

Ele foi tomado pela humilhação. Estava tão fraco que não conseguia mais se teletransportar. O demônio havia tentado puxá-lo para o mundo dos espíritos algumas vezes, mas não fora bem-sucedido e estava constantemente esbravejando em sua cabeça, arranhando as portas de sua consciência, deixando-o louco.

Morte não podia abandoná-lo e viajar até as almas por conta própria, porque o homem e o espírito estavam unidos e não podiam sobreviver separados. Bem, Morte poderia sobreviver, mas não de maneira feliz e nem sem severas consequências, como Lucien tentara alertar Cronos.

A ponta da bota de Lucien atingiu um bloco de gelo e ele voltou a tropeçar. Anya lhe ofereceu apoio novamente e ele conseguiu se endireitar. Maldição! Cronos não exagerara. Naquele ritmo, Lucien estaria morto em cerca de uma semana.

— Talvez devêssemos deixá-lo aqui e continuar sozinhos — sugeriu William.

— Não! — ele e Anya exclamaram em uníssono.

Não queria que Anya seguisse sem ele. Ainda não confiava em William.

— Você está nos atrasando, Morte — disse William calmamente. — Quero voltar para casa, para minhas sugadoras de sangue e meu livro.

Morte, o guerreiro dissera. Nem ele e nem Anya haviam contado para William que Lucien era possuído pelo espírito da Morte, só que ele estava perseguindo Anya. Sendo assim, quem contara para ele?

— Apenas o deixe em paz — disparou Anya.

Ela se deteve, forçando William a fazer o mesmo. Fitando-o com intensidade, ela começou a dizer que o guerreiro estava precisando de uma escova modeladora enfiada no rabo e ligada no máximo.

Lucien suspeitava de que ela fizera aquilo para lhe garantir um instante de descanso. Tentando recuperar o fôlego, ele apoiou a mão na parede fria da saliência da montanha. O que mais odiava naquela sua fraqueza era a incapacidade de proteger sua mulher. Ele...

Viu pegadas, deu-se conta, franzindo o cenho.

Todo o seu corpo ficou tenso.

— Anya, fique quieta.

Ela se virou rapidamente para encará-lo, a surpresa lhe escurecendo o olhar. Fazia dias que ele não falava com ela daquele jeito. Estivera sendo gentil, tratando-a como se fosse um precioso tesouro. E era mesmo um tesouro. Mas sua segurança vinha antes dos seus sentimentos.

— Você não acabou de me dizer para...

— Caçadores — disse ele, apontando para o chão. Retirou uma adaga da cintura.

Tanto Anya quanto William o rodearam, olhando para o chão.

— As pegadas param nesta parede. — Anya franziu o cenho e pressionou o gelo. — Não há pegadas seguindo na direção oposta. Estranho. Eu diria até impossível.

— Eles não deveriam ter chegado tão longe — disse Willam, também com uma expressão intrigada no rosto.

Lucien desembainhou outra adaga, esta retirada da bota. Parecia tão pesada que ele quase a deixou cair.

— Tem de haver uma porta que leve para dentro — murmurou Anya, agachando-se e tateando com as mãos enluvadas à procura de sulcos.

Lucien adorava como ela não fugia do perigo, mas pensava logo em correr direto na direção da ameaça. No entanto, aquilo também o amedrontava. Aquela mulher nascera para ser mimada. Adorada. Protegida. Não deveria ter de lutar por nada; deveria receber tudo o que quisesse de bom grado.

— Achei! — Sorrindo, ela pressionou uma pedra cristalina na lateral esquerda e a parede de gelo se abriu, revelando uma entrada escura.

— Como isto é possível sem o meu conhecimento? — William estava balançando a cabeça. — Sabia que havia pessoas viajando para o círculo, mas eu as vi morrer, não vi? De qualquer modo, como puderam montar uma droga de acampamento aqui? — Lâminas prateadas com três dentes deslizaram para fora das mangas de seu casaco, e ele as segurou furiosamente. — Não sei quantos são, mas vou matar todos. Suas intenções não são nobres. Podem muito bem ter sido pagos para me eliminar.

— Sua ferocidade está um pouco atrasada — disse Anya. — Precisa admitir que vir até aqui foi uma boa ideia, e que você não teria feito isso se eu não tivesse roubado o seu livro. Pode me agradecer com rosas.

William fungou, zombando.

— Ah, que seja.

Ela voltou o olhar preocupado para Lucien.

— Por que não espera aqui fora, Flores, e se certifica de que ninguém mais se esgueire ali para dentro? Vamos voltar logo e...

Ele rosnou baixinho, sua vergonha aumentando. Anya tinha tão pouca fé nas habilidades dele... Não. Lucien sabia que isso não era verdade. Ela estava preocupada com ele. Percebia sua fraqueza e não queria que se machucasse mais.

Lucien sabia que estava debilitado, mas queria que Anya estivesse ciente de que ele jamais permitiria que algo de mal lhe acontecesse. Apesar das condições do próprio corpo.

Ele teria que demonstrar-lhe isso.

— Vou entrar — disse com firmeza.

— Lucien, você está...

— Bem. Estou bem. — Ele arrancou o capacete branco da cabeça e o arremessou no chão. Não queria nada lhe atrapalhando a visão ou a audição. — Entraremos com William à frente — disse, assumindo o comando. — Você no meio e eu na retaguarda. — Daquele modo, ela teria um escudo na frente e atrás.

Por um instante, Anya deu a impressão de que ia discutir. Depois, cerrou os lábios e assentiu.

— Tudo bem.

— Tem uma arma de fogo?

— Apenas algumas adagas. — Três das quais ela já segurava nas mãos, Lucien notou com orgulho. Não a vira pegá-las.

— Bom. Muito bom.

— Vamos — William disse impacientemente. — Quanto mais tempo permaneceremos aqui, mais tempo eles terão para se preparar.

Ele passou pelos dois e adentrou a boca escura da caverna, a determinação evidente em cada fibra de seu ser.

Anya deu um beijo rápido na boca de Lucien e também avançou. Ele seguiu nos calcanhares dela. Seus olhos logo se acostumaram, e ele viu que as paredes

de gelo haviam sido cobertas com lama para causar o efeito escuro. Não havia sequer uma gota de água. Simplesmente estava frio demais, e qualquer líquido se transformaria em gelo antes de chegar ao chão, mas Lucien conseguia escutar o assovio frígido do vento.

Vento? Prestou atenção. Não, não era o vento, entendeu no instante seguinte. O ruído de vozes.

— ...longe de encontrar, e estamos procurando há dias — alegou uma voz masculina.

— O velho disse que estava aqui.

Velho... o mitólogo?

— Estamos perto. Posso sentir. — Outra voz. Esta parecia mais ríspida, mais determinada.

— Morreremos se ficarmos aqui muito mais tempo. — Outra voz.

Aquilo significava que havia pelo menos três Caçadores.

— Não podemos desistir. — Uma quarta e, até então, a mais raivosa de todas. — Os demônios precisam ser destruídos. Olhe o que fizeram com o povo de Budapeste. Aquela peste matou centenas, inclusive muitos dos nossos.

— Os outros descobriram alguma coisa com o prisioneiro?

Prisioneiro? Ele franziu o cenho. Quem estaria com eles? Um Senhor do Mundo Subterrâneo? Ou outros humanos?

— Droga nenhuma.

As vozes estavam se aproximando. Ficando mais altas. A escuridão estava sendo substituída pela luz à medida que a lama ia ficando mais escassa. As mãos dele se apertaram ao redor do cabo das adagas.

— Droga! — gritou alguém. — E se esta Hidra for apenas um mito? E se essa relíquia idiota não existir? E se não houver nada por aqui e tivermos vindo até este fim de mundo à toa?

— Não fale assim.

William se deteve em uma dobra da passagem e ergueu a mão. Anya parou e Lucien, as botas deslizando sobre o gelo e sua coordenação se deteriorando, quase esbarrou nela. Em silêncio, ela se virou e espalmou as mãos sobre os quadris dele, as lâminas incomodando, porém, sem cortar a pele, enquanto ela o mantinha no lugar.

As faces de Lucien arderam com mais constrangimento. E excitação, o que não o surpreendeu. Sempre que ela o tocava, não importava onde estavam ou o perigo que os rondava, ele sentia aqueles arrepios de eletricidade. Sentia-se ardente. Sentia-se vivo.

— A Jaula da Coação está aqui — disse outra voz. — Tem que estar.

A Jaula da Coação. As palavras ecoaram na sua mente, seguidas por outra: *escravizar*. Nas ruínas, o mitólogo humano lhe dissera que a jaula tinha o poder de escravizar qualquer um que fosse colocado em seu interior.

Anya lançou um olhar entusiasmado por sobre o ombro. *Estamos perto!*, o movimento de seus lábios disse.

Ele assentiu e olhou para William, que estava franzindo a testa.

— Se os mitólogos estiverem certos, não podemos chegar até a caixa sem todos os quatro artefatos — disse um dos Caçadores. — Isso significa que não iremos embora do círculo Ártico até termos a maldita jaula.

William ergueu um dos dedos.

Lucien não sabia ao certo se aquilo significava “espere” ou “ataque no três”. Sempre lutara apenas ao lado dos companheiros guerreiros, e já estavam juntos havia tanto tempo que, normalmente, eram capazes de pressentir as intenções dos outros.

Quando o imortal ergueu um segundo dedo, Lucien teve a sua resposta. Parecia que William não gostava quando humanos invadiam seu “território”. Lucien inspirou profundamente, mal contendo o ímpeto de empurrar Anya

para trás de si. Ela se ressentiria se ele a contivesse. Mais do que isso, ela era capaz de se defender contra... bem, qualquer um. Já provara isso várias vezes.

O soldado nele, diabos, o demônio nele, reconhecia a habilidade de Anya, e ambos se orgulhavam dela. O amante nele não podia deixar de continuar a temer.

Três.

William saltou à frente, as facas em riste. Anya foi logo atrás. Os joelhos de Lucien quase cederam quando ele avançou atrás dela. Ela sabia tomar conta de si mesma, sem dúvida, mas ele ainda era o homem dela e faria o que pudesse.

Um rugido ensurdecedor emergiu de William, e os Caçadores se puseram imediatamente de pé. No centro, o gelo rachou. Houve um grito, um berro de terror e indignação por terem sido descobertos. Oito humanos, Lucien contou ao avançarem.

William esfaqueou rapidamente três, um após o outro, com movimento fluidos, uma dança letal, suas lâminas cortando à frente, atrás e para os lados com agilidade. Anya deu cabo de dois, teletransportando-se até um deles, cortando-lhe a garganta, e teletransportando-se até o segundo, antes mesmo que o humano se desse conta do que estava acontecendo.

Uma bala passou zumbindo pelo ombro de Lucien, perto o suficiente para lhe arranhar a pele. O espaço era limitado, e ele estava bloqueando a única saída. Quando dois dos adversários correram em sua direção, chamando-o de demônio e obviamente planejando derrubá-lo e escapar, ele girou e golpeou, girou e golpeou. Ambos os Caçadores desmoronaram no chão, sobre uma crescente poça vermelha.

Alguém conseguiu disparar outro tiro, e este fez mais do que apenas arranhar. Alojou-se no abdômen dele. Apesar da dor, Lucien não caiu. Manteve a posição. Por Anya.

Uma fogueira ardia no centro do local, crepitando e emitindo um calor delicioso. Um dos Caçadores agarrou um pedaço de lenha em chamas e o girou na direção de Anya. Ela conseguiu se esquivar, mas não antes que a chama atingisse seu casaco, ateando fogo no tecido e, provavelmente, queimando sua delicada pele.

Ela gritou de raiva.

Uma névoa vermelha envolveu Lucien, uma única palavra se apossando de sua mente: *Matar*. Avançou, sem sentir mais a dor no abdômen. *Matar. Matar!* No instante seguinte, já estava com o pescoço do homem em suas mãos, sem se importar com o fato de o homem estar lhe estapeando ou o de as chamas lhe estarem lambendo as roupas, a carne.

Ele torceu com toda a força.

Ossos se partiram, e o homem ficou imóvel. O pedaço de pau em chamas caiu das mãos subitamente sem forças do Caçador, embora o fogo ainda lambesse Lucien. Ele queria matar o homem de novo. Chegou a deixar o corpo cair no chão e a apunhalar o coração do Caçador várias vezes.

— Minha — ele rosnou. — Não toque no que é meu.

Mais. Mate mais. Ele se voltou para os Caçadores que ainda estavam de pé, apenas para se dar conta de que não havia mais Caçadores de pé. Estavam mortos, todos eles. Lucien ainda ofegava quando seu olhar se fixou em William, que estava coberto de sangue e curvado sobre um dos corpos, vasculhando-o. *Matar, matar, matar.*

— Lucien, você está em chamas!

A voz de Anya lhe penetrou a mente, estilhaçando a loucura assassina, e ele se acalmou. Ela estava bem. Incólume. Viva. Ele inspirou profundamente para se acalmar enquanto mãos macias pousavam sobre os seus ombros, acariciando-o.

— Estou aqui, querido. Estou aqui.

Os joelhos dele se dobraram, a fraqueza voltando a atingi-lo. Lucien foi ao chão e o frio o envolveu.

— Você vai ficar bem, amor — continuou ela. — Você vai ficar bem. Diga isso para mim. Diga que vai ficar bem.

— Vou ficar bem.

Sentia a queimadura até as entranhas. Já se sentira daquele jeito antes, quando se incendiara devido ao sofrimento causado pela morte de Mariah. Na ocasião, chorara. Agora, sorria. Anya estava com ele. A névoa vermelha havia desaparecido por completo, mas a escuridão ia e vinha em seu campo de visão.

— Lucien.

Anya. Sua doce Anya. Ele se deu conta de que não precisava temer o próprio temperamento perto dela. Podia se soltar por completo com ela. Estar perto de Anya sempre acalmava o demônio e seus próprios pensamentos sombrios de um modo que nada nem ninguém havia conseguido.

— Feche os olhos, querido. Cuidarei de tudo.

As pálpebras dele obedeceram involuntariamente. *Fique acordado. Não deixe Anya sozinha com William.*

— Durma.

Mais uma vez, ele não conseguiu fazer nada, senão obedecer.

ANYA OBSERVOU LUCIEN enquanto ele dormia.

— Ele talvez nem sobreviva pelo resto da noite — disse William, dando de ombros despreocupadamente, sem se interromper enquanto revistava os corpos dos Caçadores.

O que ele estava procurando, Anya não sabia.

Ela quase se teletransportou até ele e o apunhalou. Apenas a necessidade de estar perto de Lucien a manteve no lugar e salvou a vida de William.

— Não fale assim. Ele vai ficar bem.

— Afinal de contas, o que há de errado com ele? Não era para ele ser imortal? Cada vez que olho para ele, está mais fraco.

— Aquela droga de Cronos o amaldiçoou. — *Eu mereço uma morte lenta e dolorosa por ter deixado que as coisas chegassem a este ponto. Eu, não Lucien.* Detestava vê-lo daquele jeito.

— Por quê?

— O rei dos deuses é um desgraçado. Por isso.

William olhou de Anya para o adormecido Lucien, e de Lucien para ela.

— Bem, se eu fosse você, procuraria o grandão e imploraria. Caso contrário, seu homem vai passar a eternidade comendo terra.

— Já disse para não falar assim! — esbravejou ela.

Anya olhou para Lucien, lembrando-se do modo como ele partira em sua defesa. Tudo porque ela havia sido queimada. Uma queimadura que sequer lhe alcançara a pele. Seu coração quase parou. Ele explodira por ela, e Anya estava permitindo que sofresse por isso.

A respiração dele estava entrecortada, a pele, chamuscada. *Que tipo de mulher eu sou?* Desprezível, isso, sim. Indigna daquele homem e de seu precioso amor. Mas, mesmo assim, não podia viver sem ele.

Ela o amava.

Pronto. Finalmente admitira. Ele era tudo para ela, e Anya não conseguia imaginar um único instante sem ele. Não *queria* imaginar um único instante sem ele. Ele era a alegria, era a paixão. Era complexo e honrado, doce e meigo, o pedaço dela que sempre estivera faltando.

Ela teria dado a chave a Cronos ali mesmo, mas sabia que perderia Lucien se o fizesse. Não se lembraria dele, e *precisava* dessa lembrança. Ele fazia mais parte dela do que a chave.

Ela faria amor com ele. Por pura vontade. Sem hesitação. Os olhos dela se arregalaram ante a conclusão. Sim. Era exatamente o que faria. Talvez unir-se a

ele lhe desse um pouco das forças *dela*, fundindo-os, corpo e alma. Até mesmo a menor das esperanças era maior do que o medo de sua maldição.

Naquele instante, Lucien estava inconsciente, coberto de sangue, ferimentos e queimaduras. Um dos Caçadores havia conseguido cortá-lo no antebraço e baleá-lo no abdômen, e nenhum dos dois ferimentos estava sarando. Ambos pingavam sangue sobre o gelo.

— Vou levá-lo de volta para sua casa — ela disse para William. — A busca pela Hidra vai ter que esperar até cuidarmos dos ferimentos dele.

— Não mesmo. — O guerreiro se levantou com um salto e a fitou com a testa franzida. — Você não é mais bem-vinda na minha casa.

— Bem, você vai ter que achar um jeito de se teletransportar até lá e me arrastar para fora, porque eu vou, com ou sem a sua permissão.

— Eu retaliarei!

— Não se esqueça de quem está com o seu livro, e de que não me importaria de jogá-lo numa bela fogueira — alertou Anya, deitando-se ao lado de Lucien.

Ela o envolveu com os braços, puxando-o para o mais perto possível de si.

— Como se eu pudesse esquecer — resmungou William. — Tudo bem. Vá até minha casa. As vampiras darão uma olhada nesses ferimentos e o transformarão numa refeição. Ou talvez eu encontre a Hidra enquanto você estiver lá. Talvez eu a suborne para devorar você e cuspir fora os ossos.

— Só por isso, vou arrancar dez páginas do seu livro antes de devolver.

Anya teletransportou o adormecido Lucien para o quarto quente que haviam compartilhado havia poucos dias, deitou-o de barriga para cima e começou a cortar as roupas que lhe cobriam o corpo ferido.

Capítulo Dezoito

COM A VISÃO embaçada e a mente anuviada, Paris observou a parede branca acolchoada. Sabia que fora despido e amarrado a outra mesa. Sabia que estava sem sexo há dias. Mas sequer tinha forças para erguer a cabeça. Havia sido cutucado e sondado, e os Caçadores até haviam levado uma loura para excitá-lo, para que pudessem observar como o demônio operava, mas ele não conseguira ficar duro para ela.

Isso só acontecera uma vez antes.

Muito tempo atrás, logo após ter sido possuído, atingira este ponto de desespero. Atingira este ponto de fraqueza. Tornara-se selvagem demais para qualquer mulher mortal querer chegar perto, e fora forçado a aceitar a primeira pessoa disposta a transar com ele.

Jurara que aquilo jamais aconteceria de novo.

Não queria um Caçador homem para lhe dar forças. Tudo em que conseguia pensar era na morena sardenta. Sienna. Ele enfim se recordara do nome, que, agora, estava impresso em cada uma de suas células. Se não pudesse tê-la, preferia morrer. De algum modo e por motivos que não compreendia, ou talvez não *quisesse* compreender, ela enfeitiçara o demônio.

Nenhuma outra serviria.

Por quê? A pequena Sienna mentira para ele e o traíra, ela o drogara e trancafiara, mas ainda queria transar com ela. Queria-a molhada por ele e mais ninguém. Queria seu nome sendo gritado por aquela boca e o prazer consumindo-lhe o rosto.

Depois, queria que o demônio a escravizasse, deixando-a tão louca de desejo por ele que seria capaz de fazer qualquer coisa que Paris pedisse. Ela o seguiria aonde quer que ele fosse. Chegaria até a lhe implorar por outro toque. Ele recusaria, claro, incapaz de possuí-la novamente. Assim, ela sofreria com os próprios desejos. E ele riria.

Talvez até transasse com outra mulher na frente dela.

Só de pensar nisso, ele sorriu. Paris queria que ela sofresse como ele estava sofrendo. Jamais desejara e nem odiara tanto uma mulher, e ambos os sentimentos apenas cresciam a cada instante que ele passava no interior da cela acolchoada.

Tudo que teria de fazer para transformar seu sonho em realidade era convencer os Caçadores a levarem-na para ele. Mas como? A resposta parecia estar além de seu alcance.

— O que devemos fazer com ele agora? — perguntou alguém.

Paris fechou os olhos, as pálpebras tão pesadas que não conseguia mais mantê-las abertas. Tinha havido um desfile de médicos pelo aposento, mas ele não conseguia mais se importar com quem entrava e quem saía.

— Neste ritmo, ele estará morto em poucos dias. Então, não nos servirá de nada, e o demônio escapará, aterrorizando o mundo. Este é um erro que já cometemos uma vez. Não podemos permitir que volte a acontecer. Não há como saber as catástrofes que Luxúria poderá causar. Estupros, o fim de todos os casamentos no mundo, um aumento nos números de doenças sexualmente transmissíveis e de casos de gravidez na adolescência.

— Temos que achar ao menos um jeito de mantê-lo vivo até descobrirmos como conter o demônio.

Uma pausa. Seguida de um suspiro.

— Sienna é a única com quem ele já falou e a única pessoa que já despertou alguma reação nele.

A imagem de Sienna apareceu na mente de Paris. O cabelo sem graça, as feições sem atrativos. A pele pálida e sardenta. Um corpo tão magro que mal tinha seios. Contudo, seu membro se contraiu, como se mostrando o primeiro sinal de vida em dias. Mãos delicadas... lábios macios... por todo o seu corpo.

— Viu isso? — ressaltou um dos homens. — *Sienna*.

Seu membro voltou a se mexer.

— Vá buscá-la. Agora.

— Tem certeza? Ela está...

— Vá buscá-la.

Passadas ecoaram subitamente. Uma porta se abriu.

Levariam Sienna até ele? Mandaria que ela o chupasse ou que o acolhesse em seu corpo? Fosse o que fosse... Ele quase sorriu. Não tivera que dizer nada. Estavam simplesmente dando a ele o que queria. Talvez, sem saber, houvesse usado o seu dom de projeção para tocar as mentes deles. Talvez seu desejo por ela fosse *tão* forte daquele jeito.

Ela concordaria em fazer aquilo ou se recusaria?

Não, não se recusaria, pensou, a excitação se mostrando maior do que o cansaço. Ele não permitiria. Não importava o que tivesse de fazer, não importava o que tivesse de dizer, ela seria sua.

Depois, Paris escaparia e a levaria consigo. Até aquele momento, jamais se interessara muito por vingança. Amava as mulheres; elas eram sua vida. Contudo, abriria uma exceção no caso de Sienna. Ele... A escuridão dominou sua mente, interrompendo-lhe os pensamentos.

Devia ter adormecido, pois, quando se deu conta, dedos quentes lhe acariciavam o peito, provocando choques arrepiantes que lhe percorriam o corpo.

— Olá, Paris — ouviu, e as simples palavras ofereceram mais prazer, mais força, do que qualquer outra coisa nos últimos dias.

Não sabia quanto tempo havia se passado. Sabia apenas que, quando abriu os olhos, Sienna o observava, a incerteza estampada nos olhos cor de avelá. Ela tirara os óculos. O aposento estava à meia-luz, em vez da claridade costumeira, cercanda-a de sombras.

Mas ele pôde ver que ela estava vestida do mesmo modo de antes: com roupas folgadas, pouco atraentes e com o cabelo puxado para trás. Ao retrair a mão, ela irradiou uma vulnerabilidade da qual ele quis se aproveitar.

Ela retorcia os próprios dedos em aparente nervosismo.

— Veio me dar prazer, não foi? — ele zombou, antes que pudesse se conter.

As faces ficaram rosadas e ela desviou o olhar.

— Se preferir outra pessoa, posso ir embora.

— Você serve — retrucou, e ela prendeu a respiração. Paris torcia para que suas palavras a magoassem. Torcia para que as sentisse por um longo, longo tempo. — Você percebe que isso a transforma em uma meretriz, não é? Transando com um homem pelos seus amigos, por uma causa, até por dinheiro, já que deve estar na folha de pagamento deles. — *Cale a boca! Não a afaste.*

Os lábios dela se estreitaram ao fitá-lo novamente, e o que quer que tivesse visto no rosto de Paris fez sua pele, já clara, empalidecer. Mais uma vez, baixou o olhar. Desta vez, contudo, começou a recuar.

— Não teria vindo se não me sentisse atraída por você.

— Uma Caçadora atraída por um dos Senhores. É uma pena para você.

Um pesado silêncio se seguiu.

Apenas cale a boca, homem. Antes que a faça ir embora. Precisa do corpo dela, não de sua raiva... por ora.

— Sinto muito — ele se forçou a dizer. — Sienna.

A surpresa entreabriu os lábios da jovem, e ela arquejou, seu olhar se voltando para ele e ali permanecendo.

— Você sabe o meu nome.

— É claro que sei. Como você, também me sinto atraído. Apesar de tudo.
— Infelizmente, não era mentira. Demônio idiota.

Ela tremia ao mudar de direção e se aproximar dele. Havia desejo de verdade em seus olhos castanho-esverdeados, assim como na primeira vez em que a vira. Paris podia sentir o membro endurecendo, crescendo por ela. Ainda um pouco vingativo, ele tentou contê-lo. A situação era perigosa, mas não queria facilitar as coisas para ela.

Sienna alcançou a cama, parou e umedeceu os lábios.

— Solte estas correntes — disse com esforço.

— Recebi ordens de não fazer isso — ela retrucou suavemente.

— Estão observando?

Ela balançou a cabeça.

— Pedi para desligarem as câmeras, e concordaram.

Mais uma vez, Paris se flagrou pensando como ela era ingênua. Ele quase revirou os olhos. De modo algum os Caçadores se privariam da oportunidade de observar alguém como ele em ação. Estavam observando. Não gostava da ideia de que veriam Sienna lhe dando prazer, mas superaria isso.

— Então, solte as correntes. Eles jamais saberão.

— Eu... não posso.

Bem, ao menos ele tentara .

— Então, o que estamos esperando, Sienna? Vamos terminar o que começamos no café.

REYES NÃO PRECISOU que lhe enviassem a localização de Aeron. Bastava seguir a trilha de corpos. Morte e destruição acompanhavam Ira aonde quer que fosse, e isso entristecia Reyes, porque ele sabia que, se estivesse em seu juízo perfeito, Aeron estaria enojado consigo mesmo.

Como eu estou comigo.

Por anos, Reyes estivera próximo do colapso moral, odiando-se pelas coisas que tivera de fazer para saciar seu demônio. Matar inocentes, torturar, destruir cidades inteiras. Contudo, aquilo conseguia ser pior, seguir um amigo, o homem que ele amava como a um irmão. Um homem que o ajudara a controlar o monstro dentro de si. Porque... Reyes engoliu a bile. Porque decidira matar o guerreiro obcecado.

Sou mais demônio do que homem por contemplar este ato, pensou com tristeza, mas não mudou de ideia. Sabia que, um dia, teria de escolher entre Aeron e Danika. Sempre pensara que escolheria o amigo. Agora, diante da decisão, sabia que isto era mentira.

Não podia sequer pensar em ver Danika machucada. Ela era a única coisa no mundo que lhe dava prazer, embora jamais o houvesse tocado. Ele não a merecia; ela, provavelmente, não o queria mesmo, mas Reyes a salvaria.

Rápido. Encontre-a, vá até ela.

Como?, ele quase gritou. Reyes estava nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, para ser exato, e o sinal de Aeron estava apitando em seu celular como se o guerreiro estivesse voando acima de sua cabeça. Mas Reyes não conseguia vê-lo, nem ouvi-lo. Nada de asas batendo nem de rugido animalesco.

Durante todo o dia, a mídia havia noticiado mortes inexplicáveis e violentas, com corpos destroçados por garras e dentes que não pertenciam a nada humano. Agora, Reyes estava em meio a uma rua tumultuada, com carros buzinando atrás de si, e um amontoado desordenado de pessoas andando pelas calçadas ao seu lado.

Aeron já a encontrara? Estaria finalmente dormindo, relaxado, após um mês de constante sede de sangue?

Reyes mal conseguia resistir à vontade de agarrar um mortal e sacudi-lo, esbravejando, rugindo.

Um corpo subitamente despencou do céu noturno, estatelando-se no chão diante dele. Um homem. Um humano. Ensanguentado. Morto. Várias pessoas exclamaram de surpresa. Alguns gritaram. Com os músculos retesados, Reyes ergueu o olhar para o céu. Por fim, avistou Aeron, que sorria zombeteiro para ele, as asas batendo furiosamente na direção de um prédio em especial.

Reyes fixou o olhar no amigo, em seu alvo, e se pôs em movimento.

SERÁ QUE SOU capaz de matar?

Danika Ford encarava a si mesma no espelho amassado e trincado do banheiro. Outrora, havia se considerado uma artista, uma pintora que criava coisas belas... em sua maioria. Tudo que via servia de inspiração para sua arte. Nas pessoas: o girar de um pulso, a inclinação elegante das costas. Nos animais: fluidez e graça. Nas flores: pétalas delicadas e cores sensuais.

Agora, considerava-se uma lutadora. Uma sobrevivente.

Uma... ela engoliu em seco... assassina.

Precisava ser.

Havia pouco mais de um mês, fora sequestrada enquanto estava de férias em Budapeste e mantida refém por seis musculosos gigantes que queriam matá-la. Contudo, não o haviam feito. Na verdade, sequer a tinham machucado, mas ela nunca se sentira tão indefesa, tão desesperada e à mercê da situação. E se recusava a se sentir do mesmo modo novamente.

Jamais.

Os gigantes estavam atrás dela de novo; Danika tinha certeza. Por isso, não ficava num mesmo lugar por mais de alguns poucos dias. Contudo,

independentemente de onde se hospedasse, encontrava alguém para treiná-la em combate corpo a corpo. Também treinava com facas, com armas de fogo, com qualquer coisa que aparecesse pela frente.

Naquele dia, seu mais novo instrutor a fizera beijar a lona e dito que ela não possuía o instinto assassino para sobreviver a uma situação de vida ou morte.

Várias lágrimas quentes lhe escorriam pelo rosto naquele instante, e ela esmurrou o vidro. O espelho balançou, mas não quebrou. *Sou tão fraca assim?* Talvez seu instrutor tivesse razão. E ele não sabia nem a metade da história. Um de seus sequestradores, Reyes, ainda lhe assombrava os sonhos. Sensual e atraente como ele era, ela não queria machucá-lo. Queria beijá-lo, e, enfim, prová-lo, enfim, sentir os poderosos braços dele ao redor de seu corpo.

Todas as noites, sonhava com Reyes.

— Sou uma mulher doente.

Ela caminhou pesadamente na direção do quartinho alugado, jogou-se sobre o colchão e pegou o celular descartável. Outrora, vivera num agradável apartamento de classe média, feliz e confortável. Agora, mudava-se de choças para hotéis de beira de estrada, para caixas de papelão, para carros, sem dinheiro e aterrorizada, olhando constantemente por sobre o ombro.

Precisando de tranquilidade, de paz, *de alguma coisa*, ela ligou para o celular descartável da mãe. Toda a sua família estava escondida, as quatro mulheres separadas, com o intuito de tornar a busca dos homens ainda mais difícil, mas deixavam seus números novos com amigos e tratavam de se falar todos os dias.

A mãe atendeu no terceiro toque, um soluçar estridente que, de cara, fez com que a bile se acumulasse na garganta de Danika.

— O que foi? — ela se apressou a perguntar.

— É a sua avó... Ela... ela... Ah, meu Deus, querida.

Estava morta. Sua avó estava morta.

— Assassinada? — Danika conseguiu dizer com dificuldade.

— Não sei. Não consigo encontrá-la, não tenho tido notícias dela. Parece ter desaparecido de vez. Tenho estado tão preocupada com vocês. — Ela soluçou.

Se estivesse de pé, Danika teria desabado. A fúria percorreu-lhe o corpo, até lhe obscureceu a visão. Fúria e uma estranha apatia, como se estivesse em meio a um sonho do qual apenas precisava acordar. Acordar, para que tudo ficasse bem.

— Você precisa se esconder, querida. Por favor. Não posso perdê-la também.

Ela ouviu o som de vidro se espatifando em outro quarto.

Danika exclamou de surpresa, despertando daquela fúria apática, sentindo um aperto no coração quando ele pareceu parar por um instante.

— O que foi? — a mãe quis saber.

— Acho que me encontraram — ela sussurrou tremulamente. — Esconda-se, mamãe. Onde quer que esteja, fuja e se esconda. Eu amo você.

Lutando contra a paralisia causada pelo terror, ela deixou cair o telefone e ficou de pé, as pernas tremendo. Ah, Deus, a avó provavelmente estava morta, e, agora, ela fora encontrada. Desarmada. *Sabia que não devia ter feito isso. Pense, pense!* Pernas tremendo, estômago se contorcendo, ela voltou correndo para o banheiro e pegou a navalha que guardava na pia.

Pela porta aberta, pôde ver o homem alto e musculoso que avançava pelo corredor, as asas arranhando as paredes como se fossem unhas sobre um quadro negro. Ela quase desmaiou. Aeron. Ele a encontrara. Lembrava-se bem dele. Suas tatuagens violentas, o olhar penetrante. Se Reyes lhe assombrava os sonhos, Aeron era a personificação de seus pesadelos. Não era humano, podia voar como os dragões das lendas, e era tão feroz e mortífero quanto qualquer guerreiro mitológico.

Ele se deteve diante da porta do banheiro, farejando o ar. Sangue lhe borrava o rosto e manchava as mãos. O da avó dela?

Faça alguma coisa! Danika se surpreendeu ao avançar sobre ele, a navalha mirando o pescoço do guerreiro. *Faltava instinto assassino?* Ela golpeou a jugular. Se não conseguisse matá-lo, ele ficaria livre para atacar sua mãe e sua irmã, e isso ela não podia permitir. *No alvo.* Na mesma hora, o sangue fresco jorrou da ferida.

Ele não tombou. O maldito não tombou!

Ele se voltou para ela, segurando o pescoço e rosnando. Seus olhos faiscaram com chamas vermelhas, e os caninos se pronunciavam, tentando abocanhá-la.

Ela ergueu a navalha ensanguentada.

— Quer mais? Desgraçado! — ela gritou. — Venha pegar!

— Matar — rosnou ele.

Agarrou-a pelos cabelos, puxando-a para si. O nariz de Danika se chocou com o peito dele. Um grito borbulhou em sua garganta, mas ela o reprimiu rapidamente. *Primeira regra de combate: fique calma.*

Ela permitiu que as pernas relaxassem, e ele não conseguiu mais lhe segurar os cabelos, vários fios sendo arrancados. Rolando de costas para o chão, ela encolheu o corpo e acertou-lhe a boca do estômago com os dois pés. Com um silvo, ele cambaleou para trás, caindo sobre a mesinha de centro. A madeira e o vidro se espatifaram. Ele foi ao chão.

Sempre mire na garganta, disse o instrutor em sua mente. *É a melhor maneira de incapacitá-los.* Com os olhos estreitados, Danika se ajoelhou, cruzou com um salto a distância que os separava e o socou no pescoço, exatamente onde o cortara, abrindo ainda mais o ferimento.

A fúria se acumulou em seu íntimo até atingir um nível desesperador, e ela voltou a socá-lo.

Ele rosnava para ela, com dentes tão afiados que chegavam a reluzir.

— Matar. Matar, matar, matar.

— Vá para o inferno!

Soco. Deus, ela podia ver os contornos de algo sob o rosto dele. Algo... perigoso, maligno. Um esqueleto, um demônio. Ele rosnou para ela, uma máscara ossuda de ódio e escuridão.

— Matar.

Ela tentou socá-lo novamente, mas ele lhe agarrou a mão e a apertou. Foi apenas um simples apertão, mas ela sentiu alguns ossos se partindo. Um grito de dor escapou dela.

Então, de esguelha, avistou Reyes atravessando a porta da frente e adentrando o quarto. Ele não passava de um borrão de cabelos escuros, pele escura e olhos escuros e furiosos. Seus punhais já estavam em riste e ele ofegava, suando.

— Reyes! — ela gritou quando Aeron ficou de pé, forçando-a a recuar enquanto continuava a lhe apertar a mão. Parte de Danika teve vontade de relaxar de alívio. Parte dela quis fugir de Reyes também.

Não pode confiar nele. Ele ajudou a sequestrá-la.

Ele a viu e ficou petrificado.

— Danika. — Ele sussurrou o nome com tanta reverência que ela quase foi ao chão.

Pense em sua mãe, em sua irmã. Ela se arqueou para cima e chutou Aeron no queixo. Finalmente, ele soltou-lhe a mão. Deus, que dor! Os dedos estavam sem vida, ela não conseguia mexê-los, as articulações já inchadas, como se houvesse enfiado bolas de golfe sob a pele.

Aeron a atingiu com as costas da mão, e ela caiu para o lado, todo o corpo vibrando de dor. Os dentes se chocaram uns com os outros, sua mente piscava, entrando e saindo de foco. Reyes uivou e atacou. Os dois homens lutavam no

chão ao lado dela. Aeron dilacerando com as garras e as presas, Reyes, com seus punhais. Eles rugiam, xingavam e rosnavam.

Piscando os olhos em um esforço para se orientar, Danika se pôs de pé. Cambaleou e quase vomitou.

— Fuja! — Reyes gritou para ela.

Ela avançou aos tropeços, só conseguindo acelerar quando chegou ao corredor do lado de fora. Não sabia por que Reyes a estava ajudando. Ele morreria lá dentro?

Lágrimas ardiavam em seus olhos enquanto corria.

Capítulo Dezenove

AS PARTES NÃO chamuscadas da pele de Lucien estavam roxas ou manchadas de vermelho. E, embora ele tivesse sido tostado como um marshmallow na fogueira do acampamento, estava tremendo de frio.

Preocupada, Anya ordenou que a lareira se acendesse. No mesmo instante, as chamas saltaram sobre a lenha, crepitando. Ondas de calor se espalharam pelo espaçoso aposento, no entanto, os tremores de Lucien apenas se intensificavam. *Não entre em pânico. Fique calma.* Pelo menos as vampiras não haviam aparecido.

Ela jamais se sentira tão impotente. Nem na prisão e nem com um determinado Aias montado nela.

Anya se despiu rapidamente, tirou as botas e se pôs em cima do corpo ferido de Lucien, acariciando-o com as mãos em uma tentativa de aquecê-lo. Quando encontrou o ferimento da bala, sentiu um aperto na garganta. Sabia que ele estava ali, apenas torcera para que já houvesse sarado àquela altura. Por causa de Cronos *e dela*, não sarara.

Após se levantar, pegar a própria blusa e a rasgar em duas, ela voltou para a cama e aplicou as ataduras no flanco de Lucien.

— Vamos, Flores. Aqueça-se por mim.

Ele não respondeu.

Era um bloco de gelo enegrecido. Só de estar perto dele, os mamilos de Anya já enrijeciam como pedras, arrepios percorriam todo o seu corpo. Desta vez não eram sintomas de excitação. Ela puxou as cobertas para ele, para manter o calor prisioneiro. Depois, passou a hora seguinte apenas conversando com ele, tentando distrair e tranquilizar a ambos.

— Você precisa ficar bom. A vida seria completamente entediante sem você. E, querido, coisas ruins acontecem quando fico entediada. Eu já contei sobre a vez em que me vesti de adolescente e fui ao colégio por alguns meses? Estava entediada fazia décadas e, quando a ideia surgiu, decidi experimentar. Guerras de comida, brigas, acionar o sistema contra incêndio na noite do baile de formatura.

Ela se interrompeu, aguardando uma resposta. Nada.

— Mas não fui levada o tempo todo — prosseguiu. — Você teria se orgulhado de mim. Um atleta burro engravidou uma gracinha de CDF que o idolatrava e, depois, a chamou de vagabunda, piranha, vadia... Você sabe, todos esses nomes que homens promíscuos gostam de usar para se referir às mulheres. Enfim... Uma vez, jurei jamais amaldiçoar outra pessoa. Maldições são um saco, como sabemos muito bem. Mas eu o amaldiçoei com uma ereção incontrolável. Não consegui resistir. Nada do que ele fazia dava fim nela.

O corpo de Lucien, enfim, começou a relaxar, os tremores diminuindo, e ele deixou escapar... uma risadinha?

Animando-se, ela se apressou a prosseguir:

— Uma vez, fui a um baile de máscaras vestida de diabo. Pode não parecer grande coisa, mas isso foi em 1819 e, vou te contar, causei o maior bafafá. Quando perguntei ao barão Sei-lá-o-quê se ele queria me vender a alma, ele tentou me esfaquear com uma faca de manteiga.

Lucien gemeu.

— Anya?

Ah, graças aos deuses.

— Vai ficar tudo bem, querido. Estou aqui. — Ela lhe beijou a têmpora suada.

As pálpebras dele se abriram.

— Anya?

— Estou bem aqui, meu amor.

Ela beijou-lhe o queixo, continuando a passar as mãos sobre ele. Contudo, seu propósito já não era apenas esquentá-lo. Precisava despertar o desejo dele, pois precisava de sua cooperação para o que pretendia fazer.

— Onde estamos? — Com os olhos vidrados, ele observou ao redor.

Anya não queria que Lucien pensasse. Não em onde estavam, não no que acontecera na caverna, e não no futuro. Ele era honrado demais e, se ficasse lúcido o bastante, poderia rejeitá-la. Preferiria que ela mantivesse a liberdade a se prender a ele, embora isso talvez lhe desse as forças de que precisava.

— Eu amo você — sussurrou diretamente no ouvido dele, a respiração quente acariciando-o. — Amo tanto. E pensar que quase perdi você... Não consigo suportar.

— Deuses, Anya. Jamais pensei que a ouviria dizer estas palavras.

Os braços dele a envolveram, puxando-a para si o máximo de que era capaz. Quando a cabeça de Anya roçou na pele ferida, ele sibilou.

— Desculpe. — Ela se deitou ao lado dele. — Mil desculpas.

— Repita.

Ela sabia o que ele queria.

— Amo você, Lucien, e quero estar com você. De todos os jeitos possíveis. — Ela o fitou, apoiando-se nos cotovelos. — Entende o que estou querendo dizer?

Apesar de ele ainda estar fraco, seu membro começou a crescer de encontro à coxa dela, longo, grosso e orgulhoso. Ele entendia.

— Anya...

Ela fundiu os lábios aos dele, não lhe dando tempo para protestar. Sua língua acariciou a dele, banhando-se na masculinidade.

— Hmm — ela gemeu.

Envolveu o membro com dedos fortes, também o acariciando.

Ele gemeu.

— Dói?

— É tão gostoso. — Ele segurou-lhe o traseiro e a pôs novamente sobre si, parte da energia dela já passando para ele. O aroma inebriante de rosas dominou o aposento. Depois, subitamente, ele parou. Seus dedos se fincando nas coxas dela. — Não, Anya, não podemos fazer isto.

— Podemos. E vamos fazer. — Ela apertou os dedos ao redor da cabeça do pênis, e ele se sobressaltou com a sensação. — De um jeito ou de outro, vou ter você dentro de mim. Hoje.

Com os dentes à mostra, ele arqueou na direção do toque dela.

— Não posso. É errado para você.

— Eu decido o que é certo ou errado para mim. — Ela lhe mordeu o lóbulo da orelha e deu um leve puxão. — Não me force a implorar por você. Não me force a implorar para senti-lo dentro de mim, indo fundo, com força e quente. Por favor, não...

— Anya! — ele rosnou. As mãos de Lucien se enroscaram no cabelo dela, e ele a puxou para baixo, para outro beijo ardente. — Não implore. Não pare!

As línguas entraram em combate, os dentes roçaram uns nos outros, e ela se esfregou nele, pela primeira vez na vida, totalmente despreocupada com a ideia de ser penetrada. Ela queria aquilo. Desesperadamente.

O desejo a martelava. Desejo por aquele homem, e nenhum outro. Era uma voracidade sombria em seu íntimo, carnal e selvagem, quase caótica; decididamente, deliciosa.

— Quero ficar com você para sempre.

— Sim, sim. Sim! — Entre as palavras, ele mordiscava furiosamente os lábios dela. — Não iremos até o fim.

Lucien tentou se sentar, mas ela o empurrou de volta para a cama.

— Iremos, *sim*, até o fim. Agora, deixe que eu faça todo o trabalho, amor. Só se concentre em recuperar suas forças.

Os olhos a observavam com ardor.

— Tudo em que consigo pensar é você. Preciso do seu mamilo na minha boca.

— Então, é o que você vai ter. — Ela se ergueu, oferecendo a Lucien o que ele queria. Ele sugou, acariciando com a língua a ponta intumescida. Ela sentiu a repercussão da sucção entre as pernas, sentiu a umidade se acumular ali como fogo líquido.

— Deixe-me prová-la. — Os dedos dele deslizaram entre as pernas de Anya, que estremeceu. — Bem aqui.

O clitóris latejando por mais atenção, ela subiu o resto do percurso e se posicionou sobre a cabeça dele. A língua de Lucien a lambeu, e ela arqueou na direção de seu rosto. Cada nervo de seu corpo regozijava. Cada gota de seu sangue vibrava.

— Incline-se à frente, meu amor. Também quero usar os dedos, mas não vou. Eu...

— Vai, *sim*.

Ele se interrompeu, segurando-a com força.

— Diga novamente que tem certeza. Depois disso, não haverá como voltar atrás.

— Tenho certeza — disse ela, obedecendo ao comando dele, querendo o que ele queria. Suas nádegas estavam erguidas, o cotovelo, apoiado na cabeceira, e Lucien afundou um dos dedos até o âmago dela. Anya não sentiu a maldição ser acionada, mas quase chegou ao clímax. E gritou. Ter um homem fazendo parte de si, mesmo de um modo tão pequeno, enquanto sua boca a sugava, era a sensação mais erótica que já experimentara. — Ah, deuses.

— Gostou?

— *Amei.*

— Mais?

— Ah, por favor.

Outro dedo se juntou ao primeiro, abrindo-a. A língua não parava de trabalhar no clitóris. A sensualidade. A magnificência. Os quadris pareciam estar se contorcendo por conta própria. Mesmo sob ameaça de morte, ela não teria sido capaz de impedi-los. Ele já lhe dera prazer antes, mas aquilo, ah, aquilo...

— Lucien, Lucien — ela entoava. Sua cabeça pendeu para trás, o cabelo lhe fazendo cócegas nas costas. — Amo você. Muito.

— Pode me acolher? Por inteiro?

— Ah, sim. Por favor.

Ela suspirou de prazer. Arrepios percorriam-lhe o corpo como descargas elétricas.

— Preciso estar dentro de você. — A voz dele estava rouca, áspera. — Até o fim.

Ele se afastou dela, puxando-a para baixo.

Ela sentiu a falta daqueles dedinhos levados até a ponta da ereção encontrar a abertura. Ele a segurou, mantendo-a no lugar. Ela o olhou, o cabelo, uma pálida cortina que parecia envolvê-los.

— Você é minha — ele disse, olhando para ela, seus olhares se encontrando.
Acariciou-lhe o rosto.

— Sempre.

— Eu amo você.

— Eu amo tanto você.

Ele lhe parecia lindo. Ainda ferido e machucado, como resultado da batalha, ainda um pouco fraco. Porém, movido pelo desejo. Por ela.

— Tem certeza de que quer isto?

— Mais do que tudo. — E ela queria. Pertencia àquele homem, naquele instante e para sempre.

— Minha — ele repetiu e a penetrou até o fundo.

Uma luz branca apareceu entre os dois, poderosa e quase cegante em sua intensidade. Anya gritou quando a maldição foi desencadeada, um som que se misturou ao rugido de Lucien. Ela sentiu como se parte de sua alma tivesse sido arrancada de seu íntimo e substituída por... parte da de Lucien?

Sim, sim. Lucien. Sombrio, selvagem. Maravilhoso, fantástico. Ronronando no interior de sua mente. Houve também uma pontada de dor entre as pernas, que desapareceu com a mesma velocidade com que surgira, e, então, ele estava aninhado lá no fundo, bem no fundo, e ela estava por cima, comandando o ritmo. A princípio, devagar, saboreando cada nova sensação. Depois, mais rápido... mais rápido...

— Bom? — ele conseguiu dizer com dificuldade.

— Não pare. Não pare.

— Nunca.

Ela entrelaçou as mãos às de Lucien e as segurou sobre a cabeça dele, inclinando-se para baixo e sorvendo-lhe a respiração, tornando-o ainda mais parte de si. Tornando-o todas as partes dela. O sexo era muito mais do que jamais imaginara e, deuses, como ela imaginara, porque era com Lucien.

Que bom que eu esperei. Que bom.

Entregar-se a ele não era uma maldição; era uma bênção.

— Valeu a pena esperar — disse para ele e, em seguida, mergulhou a língua na boca de Lucien.

As línguas se chocaram em sincronia com a parte inferior dos corpos. Arremetendo, investindo, deslizando. O prazer se acumulava dentro de Anya, intenso e inflamável. Ele era tão grande, tão grosso e duro. Tão dela.

Quase lá. Tão bom, tão bom. O pedacinho do paraíso na Terra que ela sempre quisera. Preenchida por completo, não mais vazia. Parte de algo muito maior do que ela mesma enquanto ele se mexia dentro dela.

— Lucien! — gritou, chegando subitamente ao clímax.

Tudo dentro dela se estilhaçou, o orgasmo mais intenso de toda a sua vida explodindo dentro de si. Ela estremeceu, seus músculos se contraindo deliciosamente e travando ao redor do membro dele.

E, com suas paredes internas apertando Lucien, ele chegou ao clímax, jorrando intensamente dentro dela.

— Anya — ele rugiu. — Minha Anya.

Ele ergueu os quadris, indo o mais alto e profundo que podia ir.

Outro clímax na mesma hora a incendiou, impedindo-a de pensar por um instante, enchendo-a de satisfação, triunfo e alegria. Lucien era dela, verdadeiramente dela, e Anya era dele.

Estavam ligados um ao outro, e ela estava feliz.

À medida que os espasmos foram desaparecendo, ela desabou sobre ele, um único pensamento registrando em sua mente: a pele dele não estava mais enegrecida e roxa, mas bronzeada e saudável.

Ela estava sorrindo ao adormecer.

DURANTE VÁRIAS HORAS, Lucien adormeceu e acordou, com Anya, adormecida e saciada, sempre ao seu lado. Mesmo quando Morte o chamara ao mundo dos espíritos, Lucien levara Anya consigo, aninhada em seus braços. Ela não acordara, embora tivesse conseguido permanecer de pé, apoiando-se nele. Lucien pensara que, pela primeira vez em milhares de anos, ela estava realmente relaxada, sem ter que se preocupar em ser atacada, capturada ou estuprada e, enfim, estava pondo o sono em dia.

Naquele instante, estavam de volta na cama. Uma das mãos dele repousava sobre o seio, enquanto a outra se estendia sobre a barriga. Pela primeira vez na vida, ele estava completamente feliz, em paz. Queria ficar ali para sempre. Abraçá-la para sempre. Para protegê-la. Contudo, não podia fazer nenhuma das duas coisas.

Planejava entrar em contato com os outros guerreiros, contar-lhes sobre Anya e dar instruções para que tomassem conta dela no caso de ele falhar e não encontrar a Jaula da Coação a tempo. Como ele odiava aquela palavra. *Falhar*. Significava que Cronos ainda tinha poder sobre ele. Significava que morreria. Algo para o qual estava preparado e que estava disposto a fazer. Mas não queria Anya sofrendo eternamente por tê-lo perdido.

— Temos que voltar para a montanha — disse ele, as palavras ecoando pelo quarto.

O peito de Lucien se apertou quando Anya gemeu e suas pálpebras se abriram lentamente.

— Ainda não — ela resmungou, sua voz ainda cheia de sono e sexy.

— Precisamos. Não temos como saber o que William está fazendo lá. Você está com o livro dele. Talvez ele esteja buscando uma maneira de lhe fazer mal.

Amarrotada e grogue, ela foi se levantando aos poucos, o cabelo sedoso caindo sobre os ombros nus. Deuses, como ele a amava. Pelo bem dela, deveria tê-la rejeitado. Não deveria ter penetrado aquela fenda quente e apertada. Mas

não conseguia se arrepender de tê-lo feito. Ela se entregara a ele de livre e espontânea vontade, por inteiro.

— Tem razão, não sabemos o que ele pode estar fazendo. — Anya se espreguiçou como uma gata satisfeita. Enterrados sob as cobertas, grossas como estavam, suas peles estavam cobertas de suor e ela deslizou sobre ele. — Como está se sentindo? — perguntou com voz rouca.

— Melhor. A bala pulou para fora e o ferimento se fechou. — Ele lhe acariciou o rosto. — Obrigado pelas dádivas do seu amor e do seu corpo.

— Ah, disponha.

— Está arrependida? — E se ela também estivesse ligada ao demônio dele? Deuses. Aquele pensamento o aterrorizou.

— Claro que não! — Ela deitou de barriga para baixo, cruzou os braços e descansou a bochecha sobre o pulso. Ela o fitava com mais amor do que Lucien jamais havia visto nas profundezas azuis daqueles olhos. — Estou meio louca de felicidade. Aquilo foi completamente, absolutamente, inacreditavelmente maravilhoso. Mas sei o que você está pensando, e pode parar. Em se tratando de mim, seu demônio é insaciável, e sempre tive uma queda por garotos barra-pesada. Tem certeza de que não temos tempo para mais umazinha? Podíamos fazer um ménage. Você, eu e o demônio.

O que ele já fizera para merecê-la?

— Tenho certeza.

Fazendo beicinho, ela saiu da cama para se vestir.

— Bem, para você já ficar sabendo, vamos ter que dar, no mínimo, duas por dia.

— Não. Com isso, não concordo. Devemos dar quatro por dia.

Ela deu uma risadinha.

Fascinado, ele sentou-se na cama.

— Você já viu a Jaula da Coação?

Ao vestir as calças, um crime, cobrir pernas lindas como aquelas, ela disse:

— Não, mas, se bem me lembro das minhas lições de História, Cronos mandou Hefestos, o ferreiro, fazer a jaula para ele, porque tinha ouvido boatos de uma futura insurreição e esperava arrancar os planos de batalha e segredos dos seres que colocasse lá dentro.

Ponderando aquelas palavras, Lucien franziu o cenho.

— Um item assim não parece ser de grande ajuda na busca pela caixa de Pandora.

— Bem, qualquer um que fique preso lá dentro será compelido a obedecer às ordens de seu dono. Só consigo imaginar que devemos prender alguém lá e ordenar que nos diga algo. Talvez a própria Hidra.

Ele pensou naquilo por um instante, franzindo ainda mais o cenho.

— Se você fosse trancada em seu interior e o dono ordenasse que se matasse...

— Para início de conversa, ninguém pode me trancar dentro de nada, graças à minha... — Ela empalideceu, a culpa lhe enchendo os olhos.

Lucien não queria que ela se sentisse culpada por ficar com a chave.

— Anya.

— Sim — ela acrescentou com muito menos entusiasmo. — Sem a chave, sim, eu seria forçada a me matar, não poderia fazer nada para impedir.

Ele cerrou os punhos sobre a colcha; não gostava do que estava descobrindo sobre aquela jaula. Gostava menos ainda da ideia de Cronos recuperar a posse dela. Contudo, o que mais poderia usar para barganhar pela vida de Anya?

Anya lhe lançou um sorriso um pouco triste, como se pudesse pressentir seu conflito. Na verdade, ela podia, ele percebeu um instante depois, porque *ele* pôde sentir o medo *dela* ao perceber que ele não estava com a mesma aparência saudável da noite anterior.

O vínculo devia permitir que um sentisse as emoções do outro. Lucien chegou a pensar que, se tentasse, seria capaz de ler a mente dela.

— Vamos nessa, sexy — disse ela, com uma alegria fingida, logo antes de se teletransportar.

Ele ficou tenso.

— Anya? — Aonde ela havia ido? E *por que* havia ido? — Anya!

Estava se preparando para segui-la quando ela reapareceu. Segurava uma pilha de roupas que atirou nele.

— Sei onde William guarda as armas. Quer algumas?

Lucien relaxou e assentiu.

Ela piscou os olhos com surpresa ao encará-lo.

— Sério? Isso seria roubar.

Os cantos da boca dele se repuxaram, transformando-se em um sorriso.

— Descobri que não me importo tanto com isso.

— É isso aí, Flores! — Ela abriu outro sorriso para ele, todo e qualquer sinal de tristeza tendo desaparecido e, mais uma vez, Lucien sentiu-se como se houvesse conquistado o mundo. — Tenho que admitir que a sua deseducação está indo muito bem.

— É porque minha professora é uma mulher forte e corajosa, e farei qualquer coisa para agradá-la. — Ele se vestiu rapidamente e se postou ao lado dela, detestando até mesmo a menor das distâncias. — Ela é tudo para mim, e a felicidade dela é a minha felicidade.

Com uma expressão subitamente séria. Anya ficou na ponta dos pés e lhe plantou um beijo suave nos lábios.

— Não se preocupe, meu amor. Vai ficar tudo bem de verdade.

A certeza dela o assustou, pois Lucien sabia que isto significava que Anya estava planejando algo. Algo que, garantidamente, o salvaria. Algo tolo e precipitado, como entregar a Chave-Mestra. Como ele, ela ficaria

enfraquecida. Perderia seu poder, ficando vulnerável, encurralada. Ele quase se permitiu invadir-lhe a mente, espiar seus pensamentos, mas deteve-se a tempo. Ela se unira a ele por livre e espontânea vontade, e Lucien não a trairia. Não tentaria controlá-la, como havia sido a intenção da maldição.

— Anya — ele disse, segurando-a pelos ombros e sacudindo-a. — Você me prometeu que jamais...

— Vamos pegar as armas — ela interrompeu com outro daqueles sorrisos exageradamente radiantes.

Um instante depois, ela desapareceu, deixando Lucien segurando apenas o ar.

Capítulo Vinte

ANYA MOSTROU A Lucien onde William guardava as armas e, juntos, eles pegaram um facão, uma machadinha e várias adagas com joias incrustadas. O tempo todo, ela tagarelou sem parar, para que ele não tivesse chance de mencionar novamente a Chave-Mestra. Quando terminaram, ela se materializou na mesma caverna onde haviam deixado o guerreiro, Lucien chegando logo atrás.

Embora estivesse usando as vestimentas térmicas e o casaco, ele sentiu instantaneamente o ar gelado. Maldição, havia se acostumado ao calor; seu corpo não estava mais preparado para o frio. Ela tremeu, e seu olhar se voltou para Lucien. Apesar dele estar com uma cor mais saudável e poder ficar de pé sem desabar, Anya podia notar no rosto dele olheiras e rugas ao redor da boca.

Ele ainda não estava operando com força total, e aquilo a preocupava. O que era pior, ele achava que ia morrer. Ela *ouvira* o pensamento ecoar na mente dele. Como uma humana desprezível, quase irrompera em lágrimas.

— A caverna está vazia — constatou Lucien, com evidente surpresa.

Não apenas estava vazia, estava limpa, como se ninguém nunca tivesse estado lá. Como se a luta e as mortes não tivessem acontecido. O medo se apossou dela, mesclando-se às outras emoções já à flor da pele.

— Onde acha que William está?

— Voltando para casa ou a caminho do topo.

— Vamos ver se ele está no topo?

Ela retirou a máscara que havia enfiado no bolso e a colocou sobre o rosto. Depois, teletransportou-se para o cume da montanha, momentaneamente atordoada com a abrupta mudança de temperatura e de luz. A caverna já era fria, mas ali... ali era uma tristeza. Gelo se formava em seu nariz e pulmões, e seu sangue se transformou em neve. O vento a açoitava, cortando-a como minúsculas facas. Mal dava para se ver a luz da lua, que dava um colorido etéreo aos picos irregulares das montanhas.

Ela se deu conta de que Lucien ainda não chegara.

Franziu o cenho, olhando ao redor. Também não viu sinal de William. Estava prestes a se teletransportar de volta para a caverna quando Lucien enfim apareceu. Ele estava usando uma máscara, mas Anya podia sentir a intensa fadiga irradiando dele.

Droga.

— Chega de teletransporte para você — ela disse com firmeza.

Ele estava esgotando as poucas energias que ela havia conseguido lhe passar.

— Farei o que precisar ser feito — retrucou ele, com um tom tão firme quanto o dela.

— Droga, Lucien!

Ele era mais importante para ela do que qualquer outra coisa no mundo. Anya teria oferecido a Chave-Mestra a Cronos naquele mesmo instante, qualquer coisa para salvar seu homem, mas não confiava no canalha. Assim que o rei tivesse a chave, ele poderia matar Lucien, apenas para feri-la por tê-lo feito esperar.

Precisaria ter muito cuidado ao prosseguir com aquilo.

Seu novo plano era simples: encontrar a jaula, e depois, de algum modo, esconder tanto o artefato quanto Lucien. Se Lucien o queria, ele o teria. Era simples assim. Anya não daria a jaula a Cronos na troca. Não quando ele poderia usá-la para encontrar a caixa e fazer mal a Lucien. Não, ela usaria a chave na barganha, exatamente como o velho cretino queria. Não havia outro jeito.

Era apenas uma questão de tempo.

Ela esfregou a barriga para espantar a súbita dor.

— Ainda não estou vendo William — disse Lucien, despertando-a de seus pensamentos.

— Estou aqui — rosnou uma voz.

Anya se virou e viu uma cavilha prateada, segurada por mão enluvada, aparecer na beirada do precipício e se cravar no chão. William alçou-se para cima. Todo o seu rosto estava coberto pela máscara branca, tornando-o quase invisível na neve. Exceto pelos olhos. Eles pareciam brilhar vivamente, azuis como as profundezas do oceano.

— Que tal uma ajudinha? — gritou ele.

Lucien agachou-se e lhe agarrou o pulso. Talvez não fosse muito decente da parte dela, mas Anya preferiria ver William cair a colocar Lucien *em risco* de cair. Ela se postou atrás do amante e lhe envolveu a cintura com os braços, mantendo-o no lugar. Juntos, eles puxaram o corpo musculoso de William por sobre a borda.

O guerreiro ficou de pé, espanando a neve dos ombros. Chegou a se curvar, tentando encher os pulmões de ar.

— Faz anos desde a última vez em que tive de fazer isso.

— Deveria aprender a se teletransportar — Anya sugeriu, solícita.

Ainda agachado, ele estendeu o dedo médio para ela.

Anya riu.

Lucien bufou.

— Estou surpresa por não você ter voltado para casa — ela disse.

— E lhe dar mais motivos para queimar meu livro ou arrancar as páginas?

— William se endireitou, e seu olhar brilhante percorreu a vasta extensão de neve. Não havia nada além de manto após manto de branco, todos salpicados de pequenos redemoinhos provocados pelo vento, que reluziam como purpurina sob o luar. Então, sua atenção se voltou para Lucien. — Está com boa aparência, levando em conta os seus recentes ferimentos.

— Onde um monstro poderia se esconder *nisso*? — perguntou Lucien, ignorando o elogio.

— Ela podia ser como um camaleão — sugeriu Anya. — Podia estar da cor da neve, e podíamos estar pisando nela neste exato instante.

Todos olharam para baixo. Alguns minutos se passaram e nada aconteceu. Como um só, os três suspiraram de decepção.

William voltou sua atenção para Anya, abriu a boca e a fechou. Notando a arma presa às costas dela e aparecendo por sobre o ombro, no estilo dos samurais, ele franziu o cenho.

— Bela espada — disse secamente.

— Obrigada.

— É uma das minhas favoritas.

— Se for bonzinho, devolvo daqui a um ou dois anos.

— Você é tão boazinha comigo.

— Eu sei. Mas acredito que estávamos falando da Hidra.

William se deteve e estudou novamente o terreno.

— Bem, para onde, agora?

— Por aqui — Lucien disse, acenando para que avançassem.

Anya reprimiu um suspiro e se pôs em movimento.

— Não me diga que temos quilômetros de caminhada pela frente. Assim, vou ficar deprimida.

— Fiquem atentos — ordenou Lucien, e os três avançaram pouco a pouco durante as horas que se seguiram.

A princípio, Anya se sentiu como um pedaço de gelo flutuando em um copo de refrigerante. Depois, todo o seu corpo ficou entorpecido. Aquilo deveria ter facilitado as coisas, mas não facilitou. Mover os braços e as pernas era como mover toras de madeira de uma tonelada.

— Lembre-me de por que gosto de você — disse William, rompendo o silêncio. — Lembre-me de por que a recebo de braços abertos na minha casa todas as vezes, mesmo sabendo que só me trará problemas. Porque, neste instante, não estou conseguindo me recordar.

— Você a recebe de braços abertos porque ela leva emoção e paixão aonde quer que vá — replicou Lucien.

Ah. Ela se derreteu por dentro, o ardor súbito combatendo o torpor. Sorrindo para ele, ela lhe deu um tapinha no ombro. Lucien estava aguentando bem. Não havia tropeçado uma única vez, embora as pernas pesassem como se fossem feitas de chumbo e Morte estivesse berrando em sua cabeça, exigindo que ele fosse colher almas, mas querendo ficar com ela.

Poder decifrá-lo com tanta facilidade era muito legal, ela pensou. E saber que aquele doce diabinho maligno ronronava por ela, até gostava dela, era maravilhoso. Dois garotos barra-pesada pelo preço de um. Não havia como ficar melhor. Ainda assim, odiava que Lucien estivesse sofrendo. *Logo*, jurou. *Aquilo logo terminaria.*

Ele estendeu a mão e apertou a dela, como se pressentindo seus planos de entrar em contato com Cronos. Certo. Talvez aquela coisa de um ler o pensamento do outro não fosse assim tão legal. O que ela faria se ele tentasse impedi-la?

— Alguém sabe como é a Hidra? — perguntou Anya para distraí-lo. — Boa de briga?

— Ela é invencível. E, cada vez que se corta a cabeça dela, outra nasce em seu lugar. — William suspirou, um pouco desanimado. — Acha mesmo que pode derrotar uma criatura dessas, Anya? Você é forte, mas não *tão* forte.

Uma das travas da bota de Lucien atingiu uma pedra de gelo que se recusou a quebrar, e ele tropeçou. Fraco como estava ficando novamente, um instante se passou antes que conseguisse se endireitar. Anya não queria que William pensasse mal de Lucien como guerreiro, por isso, forçou as mãos a ficarem coladas ao próprio corpo, em vez de estendê-las para ajudar.

— O que há de errado com você agora? — perguntou William a Lucien. — Anya o esgotou ou algo assim?

Ela deu um tapa no braço de William.

— Não fale assim dele. Foi *ele* quem *me* esgotou.

— Ai — William se queixou. — Isso doeu. Você é mais forte do que pensa e tem um soco e tanto.

— Quietos, seu bebezão. Pensei que eu não fosse *tão* forte assim.

— E então? — ele perguntou para Lucien, sem se calar. Anya sabia que ele estava fazendo aquilo só para irritá-la. — O que há de errado com você?

Lucien deu de ombros.

— Se o inimigo presumir que estou enfraquecido, irá me subestimar.

William pensou naquilo durante vários segundos, depois, assentiu.

— Verdade. Mas não vejo inimigos por perto.

— O tempo dirá — retrucou Lucien.

Anya sentiu uma onda de orgulho.

Esse é o meu garoto.

Outra rajada de vento frio os atingiu.

— O que fez com os corpos dos Caçadores? — perguntou Lucien para William.

— Cuidei deles — foi a resposta. — É tudo o que importa.

Anya se divertira enfrentando e matando-os. A intenção deles havia sido ferir e por fim, matar Lucien, e agora qualquer um que quisesse fazer mal a ele era também inimigo dela. Ela os mataria sem hesitação. Sem remorso. Sem misericórdia.

— Por que se deu ao trabalho?

Pedaços de gelo voavam da ponta das botas de Lucien e se colavam à perna.

Houve uma ligeira hesitação quando William ergueu a máscara e tentou tirar a fina camada de gelo que lhe cobria os lábios. O vapor de gelo lhe rodeava o rosto.

— Se alguém os encontrasse, humanos invadiriam em massa estas montanhas para investigar o assassinato.

— Esperto — disse Anya. — Deuses, onde diabos está a Hidra? Sequer consigo ver pegadas e estou começando seriamente a ficar danada da vida. É como se eu tivesse escolhido o lugar errado e ela tivesse se mudado do Ártico. Isso faria de mim uma grande bobona e causaria o maior estrago à minha reputação.

Lucien ergueu a própria máscara, ergueu a dela e lhe plantou um beijo rápido nos lábios. Decidiu que não era o bastante e lhe deu um segundo beijo, demorando-se sobre sua boca e traçando seus contornos com a ponta da língua. A fragrância sensual dele invadiu o nariz de Anya, inebriando-a de paixão.

— Você não é uma bobona.

— Eca. — William fingiu vomitar. — Isso é nojento. — Então, ele a olhou, boquiaberto. — Vocês estão unidos, não estão? Você cedeu à sua maldição. Por ele. *Por quê?*

— O amor não é nojento, e isso é tudo que vou dizer sobre o assunto. — Com pesar, ela se afastou de Lucien, endireitou a máscara e deu um tapa no braço de William. — Espere só até chegar a sua vez. Espero que sua alma gêmea o enlouqueça e não queira nada com você.

— Quem me dera eu tivesse essa sorte.

— Veremos — ela disse enigmática.

William parou de chofre, os olhos praticamente brilhando através das lentes que os protegiam do frio.

— O que você sabe? Ouviu falar alguma coisa? Anya, o que você ouviu falar?

Não era legal provocá-lo daquele jeito, ela pensou, sorrindo por dentro. Ele evitava o amor por causa da profecia que o ameaçava. Ele jamais dissera a ela qual era exatamente a profecia, e ela não tivera a paciência de tentar decifrar o livro enigmático de rimas antigas e avisos macabros.

— Não ouvi falar de nada — admitiu ela.

Uma semana antes, teria mentido e dito que sabia alguma coisa, fazendo-o implorar por informações, e teria adorado cada instante disso.

Lucien devia estar tendo uma influência negativa sobre ela. Em seguida, provavelmente, pararia de roubar. Um sorriso curvou os cantos de sua boca. Provavelmente, estaria ocupada demais fazendo sexo para se dar ao trabalho de roubar. Sendo assim, era uma troca justa.

— Você não vale nada.

William suspirou e voltou a se pôr em movimento.

Embora estivesse cada vez mais cansada, Anya conseguiu acompanhar o ritmo dele. Logo, viu-se tropeçando em cada bloco de gelo em seu caminho.

— Quanto tempo mais vamos ficar procurando? — gemeu. — Não que eu queira desistir nem nada. Não quero. Só estava me perguntando.

Lucien a envolveu com os braços, oferecendo conforto, calor e amor. Os pés de Anya doíam, ela estava congelando e, sim, parte dela queria que a noite terminasse logo, para que pudesse ficar com ele, dando-lhe prazer e, depois de fazerem amor, pensando em qual seria o melhor modo de lidar com Cronos.

Contudo, quando Lucien estava perto daquele jeito, nada de ruim importava. Tudo que importava era encontrar a maldita jaula.

Subitamente, William plantou os pés no gelo. Anya só se deu conta do que ele fizera quando olhou para o lado e não o viu mais. Ela e Lucien trocaram um olhar antes de retroceder por onde haviam vindo.

— O que diabos é aquilo? — gritou William. Havia empalidecido.

— Onde? — ela analisou a região ao redor, notando que parecia ser uma réplica exata de cada quilômetro que haviam percorrido. — Não vejo nada.

— Ali — disse Lucien, com empolgação na voz. Ele apontou.

Anya acompanhou a direção do dedo. A princípio, viu apenas fitas de neve dançando. Depois, com o luar amarelado refletindo nos flocos brancos, notou o contorno cintilante de... um portal em forma de arco? De algum modo, o ar era mais espesso ali, como água cristalina e ondulante.

Pulando de alegria, ela envolveu Lucien com os braços.

— É isso. Só pode ser! Aonde acha que ela leva?

— Talvez não seja nada — disse Lucien.

William jogou a cabeça para trás e fitou o céu sem estrelas. Rezando?

— Talvez devêssemos voltar.

— De jeito nenhum — disse Anya, soltando Lucien e avançando. — Vá na frente ou saia do caminho, Willie. Vamos atravessar aquela coisa.

Capítulo Vinte e Um

PARIS FICARA CHOCADO quando Sienna, de fato, se despira. Fora o suficiente para encher seu membro de sangue e desejo; a visão de seu corpo nu. Como suspeitara, ela era magra demais, com seios pequenos. Mas, em suas pontas, estavam os mamilos mais lindos que já vira. Rosados, suculentos, feitos para ser sugados.

Ele ficara ainda mais chocado quando ela subiu na mesa e o montou. Também chocado quando ela deixou-se penetrar pelo pênis ereto, sem preâmbulos, sem qualquer tipo de preliminares, sua fenda quente engolindo-o por inteiro.

No entanto, nenhuma mulher jamais estivera tão lubrificada ou preparada para o que ele tinha a oferecer. Quando ela se movera para cima e para baixo sobre o membro, ele rugira e rugira. Amaldiçoara as correntes por não permitirem que ele acariciasse os seios de Sienna. Amaldiçoara as correntes por não permitirem que ele lhe massageasse o clitóris.

E, mais do que tudo, amaldiçoara as correntes por não permitirem que ele puxasse aquele rostinho sem atrativos para si, para um beijo violento e castigador de dentes e língua.

Mas não importava, pensou sombriamente. Em breve, seria capaz de castigá-la.

Ela chegara ao clímax rapidamente, explodindo com uma fúria que o surpreendera. Ele também. Em questão de minutos, o orgasmo o abalara até o âmago, acompanhado de uma saudável dose de humilhação. Jamais chegara ao apogeu tão rápido. *Não deveria me importar*, dissera a si mesmo, pois o que nenhum de seus captos humanos podia saber é que, a cada carícia das paredes internas de Sienna, ele sentia suas forças retornando. Sentia-se ficando cada vez mais forte.

Naquele instante, ela estava desfalecida sobre o seu peito, ofegante e saciada, em silêncio; o corpo, úmido de suor. *Faça. Está na hora.* Estreitando os olhos, ele deu um poderoso puxão. As correntes ao redor dos pulsos e dos calcanhares se arreventaram, libertando-o. Depois de todos os seus esforços malsucedidos, ele se surpreendeu com a facilidade.

Com o ruído metálico, Sienna levantou-se bruscamente. Seus cabelos estavam em desordem e os indômitos cachos castanhos lhe caíram ao redor do rosto. Seus olhos eram grandes e vulneráveis, e a pele exibia um rubor rosado. Antes que ela pudesse descer dele, Paris a agarrou pela cintura e saltou da mesa, segurando-a debaixo do braço como se ela fosse um saco de batatas.

Um alarme ecoou no mesmo instante.

Sim, os Caçadores estavam observando. Ele se curvou e pegou a camisa de Sienna, empurrando-a sobre a cabeça dela.

— Vista-se.

— Paris — arquejou ela, tentando se libertar dele. — Não faça isto. Por favor. — Ela já não soava mais como a traidora sem emoções que o drogara. Soava como uma mulher que acabara de ter o melhor orgasmo da vida e temia pela segurança do amante.

Que bela atriz.

— É melhor ficar de boca fechada, mulher. — Paris não se incomodou com roupas para si mesmo ao avançar a passos largos para a porta da cela. — Eu *vou* machucá-la. E com o maior prazer.

— Se você tentar escapar, eles podem se esquecer do perigo de soltar o demônio e tentar matá-lo!

— Como se você realmente se importasse... E eles podem tentar à vontade.

Na verdade, torcia para que tentassem. Não podia ferir Sienna, ainda não, mas precisava ferir *alguém* e aliviar um pouco da tensão em seu íntimo. Quem melhor do que um Caçador?

Alguma espécie de borrifo seco choveu do teto, preenchendo a cela com uma névoa. Não o afetou, apenas fez com que seus olhos lacrimejassem um pouco, mas Sienna começou a respirar com dificuldade.

— Como abro a porta?

Ela resmungou algum tipo de código. Ele digitou os números na caixinha reluzente na parede, e a porta deslizou até se abrir. Luzes se acenderam de súbito, espantando a escuridão.

Segurando seu fardo com força, Paris saiu para o corredor. Paredes de veludo vermelho o cercavam; sobre plataformas de mármore, havia estátuas brancas.

Uma catedral? Sério?

Não havia tempo para ponderar sobre sua localização. Uma horda de Caçadores vinha em sua direção, cada qual disparando sua pistola. Os tiros zumbiam ao passar por ele. Não mais dispostos a mantê-lo vivo, certo? Ele se deu conta de que estavam usando silenciadores. Provavelmente preocupados com a intensidade do barulho, o que significava que receavam chamar a atenção de curiosos... o que significava que deviam estar numa região bastante povoada.

O demônio dentro dele gritava e rosnava de fúria, rápida e facilmente tirando-o da linha de fogo. Sienna se sacudia sob seu braço. Ela gemeu uma vez. Mas foi o único ruído que fez. Melhor ainda, parou de resistir.

Avançando, Paris chutou dois Caçadores na barriga, o que fez com que se chocassem violentamente contra uma imagem da Virgem Maria. A escultura oscilou sobre a plataforma, e um dos Caçadores deixou cair a semiautomática. Paris a pegou com a mão livre e começou a disparar, continuando a avançar em ritmo acelerado.

Ele dobrou uma esquina, deparou com mais Caçadores e continuou a disparar. Mais tiros foram dados em sua direção, mas ele se esquivou. Apenas três conseguiram atingi-lo de raspão. Quando as balas acabaram, ele descartou a arma e pegou outra. Estavam espalhadas pelo chão, assim como os corpos de seus inimigos. Ele dobrou outra esquina e os seios de Sienna roçaram em sua pele. Ele sentiu... Não, não podia ser. Acabara de possuí-la. *Não* podia ter outra ereção. Não por ela. Mas o sangue começou a fluir, enrijecendo-lhe o membro.

Jamais, em milhares de anos, havia desejado a mesma mulher duas vezes. Sequer sabia o que aconteceria caso cedesse ao ímpeto. O demônio dentro de si enlouqueceria? *Ele* enlouqueceria?

— Para que lado? — exigiu de Sienna ao chegarem a uma bifurcação no corredor.

— Esquerda — soluçou ela.

— Se estiver mentindo...

— Não estou.

Ele virou para a esquerda e começou a correr a toda velocidade. Avistou uma enorme porta dupla à frente e três Caçadores vindo em sua direção. Com expressões determinadas nos rostos, apontaram as pistolas para ele. Paris tentou disparar, mas já usara sua última bala.

Ele se abaixou e mergulhou, gritando para Sienna:

— Segure-se.

Ela obedeceu, envolvendo-lhe a cintura com as pernas. Ele atingiu o chão e ela sacolejou e, juntos, rolaram na direção dos Caçadores, derrubando-os como pinos de boliche no caminho da bola.

Enquanto estavam caídos, ele se apossou de outra arma e atirou na cabeça deles. Sangue e pedaços de cérebro se espalharam pelo chão. Sienna choramingou, mas nada disse. Paris sentiu uma pontada de culpa por ela ter presenciado seu lado mais violento, mas logo a reprimiu. A opinião que tinha dele não importava mais.

Com um empurrão, abriu as portas e se viu do lado de fora. O ar quente da noite era doce, inocente. Olhando ao redor, percebeu que ainda estava na Grécia e que, de fato, estivera dentro de uma catedral. Humanos estavam nos degraus, boquiabertos ao observar a nudez ensanguentada dele e murmurando sobre a comoção.

Ao longe, ele ainda conseguia escutar o lamento de uma sirene.

Com passos rápidos, seguiu para a lateral da construção e para um beco escuro. Sienna deixou escapar um gemido carregado de dor. Ele olhou para ela. Estava mole como uma boneca de pano.

— Olhe para mim.

Ela virou lentamente a cabeça, e ele viu que seus olhos estavam empoçados com lágrimas não derramadas, suas feições, iluminadas por angústia. Ele sentiu algo quente lhe escorrendo pelo quadril e franziu o cenho.

Quando teve certeza de que estavam sozinhos, ele a pousou no chão e olhou para ela. Sienna havia conseguido passar os braços pela camisa, e a vestimenta se estendia até a altura das coxas.

Paris sentiu um aperto no coração. Ela estava sangrando copiosamente, a camisa já colada à barriga por um largo círculo vermelho.

Fora atingida.

— Sienna — disse ele, abalado de um modo que não compreendia.

Não devia se importar. Sua intenção era puni-la. Machucá-la.

— Paris — arquejou ela. — Eu devia... ter... matado você.

Como se as palavras houvessem sugado o que restava de suas forças, a cabeça dela tombou para o lado. Ele a envolveu com os braços e a puxou para si. Um mero instante depois, ela morreu.

LUCIEN SEGUROU O braço de Anya, detendo-a antes que ela cruzasse aquela extensão de ar espesso e salpicado. Ela o observou com curiosidade, e ele balançou a cabeça.

— Você primeiro — disse a William, só para o caso de estarem entrando em algum tipo de armadilha.

A princípio, o guerreiro não reagiu. Mas em seguida seus olhos se estreitaram e ele deu de ombros.

— Muito bem. Eu vou primeiro.

Sem mais uma palavra, William passou por eles, avançando na direção do brilho trêmulo.

Ele desapareceu, como se jamais houvesse estado na montanha.

Bons deuses, era *mesmo* um portal. Lucien experimentou um instante de alegria. No final das contas, eles poderiam encontrar a Jaula da Coação. Com este pensamento, sua alegria foi substituída por apreensão. Para conseguir a jaula, poderiam ter de enfrentar a poderosa Hidra. Já contava com isso, mas a possibilidade jamais fora tão concreta.

— Depois de mim — Lucien disse para Anya e avançou antes que ela pudesse protestar. — Esteja pronta para lutar.

Ele segurava uma adaga em cada mão, um pouco trêmulo e muito fraco, embora se recusasse a sucumbir a qualquer uma das duas coisas.

O que quer que estivesse esperando sentir ao cruzar as luzes bruxuleantes, estivera enganado. Elas eram secas e leves como o ar. Não houve nenhum momento de suspensão, nem tontura. Em um instante, estava cercado por neve e gelo; no seguinte, estava no paraíso.

O ar quente o envolvia, aquecendo-o, derretendo o gelo e fazendo com que ele suasse.

— Uau! — exclamou Anya atrás de Lucien. Ela avançou até ficar ao lado dele, a espada que roubara de William nas mãos. — Isto é, incrível. Quem teria pensado que havia mesmo um lugar como esse no alto dessas montanhas?

William estava... onde? Lucien olhou ao redor, vasculhando a ilha tropical. Havia magníficas árvores cor de esmeralda e exuberantes flores de várias cores. O aroma de cocos e abacaxis impregnava o ar, chegando a ser quase intoxicante. Decididamente calmante. Sedutor. Seu cenho se franziu em confusão, e os músculos relaxaram por vontade própria.

Você estava fazendo algo. O quê? A resposta: *William*, ele se lembrou subitamente. A grama chegava aos joelhos de Lucien. Ele continuou a procurar, lutando contra a languidez que ainda insistia em se apossar dele. Ali! William estava apoiado em uma gigantesca rocha prateada, na extremidade esquerda de seu campo de visão.

Tirara o casaco, o gorro e as luvas. Não estava segurando uma arma, mas tinha os braços cruzados diante do peito. A determinação brilhava em seu belo rosto, embora ele fizesse o possível para passar a impressão de indiferença.

Lucien retirou a própria máscara e casaco e os largou no chão, não querendo que o volume excessivo o atrapalhasse. Com a maldição de Cronos sobre sua cabeça, já estava lento demais.

Anya se despiu até ficar com um camiseta branca justa e um short que acabava logo abaixo da curva das nádegas. Apesar do seu estado, ele ficou imediatamente duro por ela.

— Nossa lua de mel tem que ser aqui — disse. Rindo, avançou dançando por entre as flores, suas pétalas macias acariciando-lhe a pele, como *ele* queria fazer. — Não estou vendo nenhum sinal do nosso monstro. E você? E se importa com isso? Nunca me senti tão bem.

— Não, não vejo a Hidra.

Observando-a, Lucien sentiu os próprios lábios se curvando num sorriso. *Ela é encantadora*, pensou. *É minha*. E, se conseguissem se apoderar da jaula, havia até a possibilidade de Lucien viver e ficar com ela.

Subitamente, ela se deteve, deixou escapar uma exclamação de surpresa e apontou.

— Lucien, olhe, olhe, olhe! — disse, empolgada. — A Jaula da Coação.

Ele olhou para além do lago cristalino que se estendia diante dela. E, realmente, havia uma jaula de aparência comum sobre uma pedra do outro lado. Um tanto ordinária para uma relíquia divina, Lucien não pôde deixar de pensar. Mas aquelas barras lustradas eram altas o suficiente para abrigar um humano e largas o bastante para que este pudesse se deitar sem encostar nas laterais. Quem ele deveria trancafiar ali para saber sobre a caixa de Pandora? Anya pensara ser a Hidra.

— Não é tão glamourosa quanto eu imaginava — comentou Anya, ecoando os pensamentos de Lucien.

— Não.

— A Hidra deveria nos *agradecer* por levá-la.

A Hidra. Deveria estar preocupado com ela, não deveria?

— Tenha cuidado — alertou Lucien, tentando forçar seu corpo a se preparar para o combate. — O monstro pode estar por perto.

Sem demonstrar preocupação, William se adiantou, puxando pelo caminho folhas da grama alta.

— Você jurou devolver o meu livro se eu a trouxesse aqui — disse para Anya. — E, como pode ver, eu a trouxe.

— Sim, jurei. E, sim, você trouxe. Assim que retornarmos, você terá o seu livro. Tem a minha palavra.

Uma onda de tontura se apossou de Lucien. Ele inspirou profundamente, mas isso só fez intensificar a sensação. Quando pensou em parar de respirar, já era tarde demais. Estava quase incapacitado. O que havia de errado com ele?

— Sinto muito — Lucien ouviu William dizer antes de uma espada se enterrar no seu tronco, cortando pele, órgãos e até ossos, cada ponto de contato ardendo à medida que o guerreiro a retorcia, cortando mais fundo. — Esperava que não fosse chegar a este ponto.

Se estivesse em seu estado normal, Lucien teria pressentido o golpe e se teletransportado. Teria se curado. Do jeito que estava, mal conseguia se mexer. Não queria se dar ao trabalho de se mexer. Sentia o pouco de energia que possuía sendo drenado. Então, seus joelhos cederam e ele foi ao chão. William detinha algum tipo de poder?

Anya.

Ele a ouviu gritar, um grito de fúria e raiva, de ódio e medo, capaz de fazer gelar o sangue. Subitamente, ele quis se mexer.

— Seu desgraçado!

— Cronos veio até mim enquanto vocês estavam se arrumando para partir, Anya — gritou William. — Ele ameaçou me matar caso eu não matasse vocês dois assim que a jaula fosse encontrada. Não queria ter que fazer isso, mas você me obrigou. Sinto muito. De verdade. Você tem que acreditar...

— *Eu* vou matar você, seu traidor!

A espada foi retirada de Lucien, e teias negras começaram a preencher seu campo de visão, limitando o que ele conseguia enxergar. Contudo, foi capaz de ver Anya com aquela espada na mão, uma tempestade sombria lhe recobrendo

o adorável rosto. Viu William assumir a postura de combate, determinado, decidido.

Eles lutariam até a morte.

— Não — disse com dificuldade. Não podia permitir que aquilo acontecesse. Não podia permitir que ela enfrentasse o guerreiro. — Não!

— Descanse, meu amor, e se cure — retrucou ela, a voz embargada pela emoção. O alívio se irradiava dela, envolvendo-o. Anya achara que ele já estivesse morto. — Vou castigar William por você.

— Não quero machucá-la — disse William.

Eu disse isso a ela uma vez, Lucien pensou, tonto.

— De acordo com Cronos, é o que você tem de fazer, não é? Vejo que ainda só pensa em si mesmo. Mas não estou preocupada. Um homem morto não pode machucar ninguém. — Ela lambeu os lábios, como se já pudesse sentir o gosto da morte de William. — Devia ter me contado o que Cronos queria que você fizesse. — Como um predador, ela circulava à volta dele. — Podíamos ter pensado em algo para impedi-lo.

— Se houvesse um meio de impedi-lo, você já teria feito isso a esta altura.

— Como pôde fazer isto? Como, seu maldito? Eu amo Lucien.

— Eu sei. E realmente sinto muito.

Apesar de seu corpo estar se esvaindo em sangue, o que continuava a enfraquecê-lo cada vez mais, Lucien tentou ficar de pé. *Você é um guerreiro. Aja como tal. Por Anya.* Usando reservas que não sabia possuir, reservas que provinham de Anya, ele se deu conta, Lucien finalmente conseguiu ficar de pé.

Ninguém o notou. Anya ergueu a espada.

William também ergueu a dele.

Um guincho ensurdecedor soou da água, e Anya se virou, distraída. Foi quando William avançou, golpeando na direção da cabeça de Anya.

Clang.

Anya bloqueou a espada dele com a sua, e os dois começaram uma dança mortal de ataques e recuos, as espadas sempre golpeando na direção do oponente. Enquanto isso, o monstro de duas cabeças erguia-se do lago, metade mulher, metade cobra. Serpentes menores lhe cobriam a cabeça, sibilando, os maxilares abocanhando o ar. Cada uma delas, inclusive a própria Hidra, tinha presas compridas e afiadas, semelhantes a minúsculas adagas.

Segurando o abdômen com uma das mãos e agarrando uma de suas adagas na outra, Lucien avançou para enfrentar a fera.

Capítulo Vinte e Dois

ANYA LUTAVA CONTRA William com toda a sua fúria. Como ousava ter atacado Lucien? Como ousava ferir o homem que ela amava? Quando vira Lucien cair, quando avistara o sangue jorrando de sua barriga, parte dela morreria.

Não posso viver sem ele. Não quero viver sem ele.

— Não pode derrotar a nós dois — provocou William, ofegante.

— Observe. — Ela se abaixou e golpeou, a ponta de sua espada cortando-lhe a coxa.

Ele uivou quando a pele se abriu e o sangue encharcou suas calças.

— E tem mais — disse ela.

Anya permitiu que ele a encurralasse contra uma enorme rocha, depois, saltou para o topo dela sem se virar. Mal se detendo, ela saltou para baixo, aproveitando o impulso, girando no ar, para trocar de posição com ele. Quando atingiu o chão, ficou momentaneamente sem equilíbrio, e ele a golpeou, mas ela conseguiu bloquear o ataque, forçando-lhe o recuo na direção da rocha, encurralando-o.

Outro daqueles terríveis rugidos ecoou.

Ela queria olhar, mas não podia. William era um exímio guerreiro e tiraria vantagem de qualquer distração. De novo. *Confie em Lucien. Ele também é um*

guerreiro. Sim, era um guerreiro até o fundo da alma. O guerreiro dela. Ele era Morte; podia derrotar a Hidra, apesar de quão fraco ou ferido estivesse. *Por favor, que ele a derrote.*

— Anya — arfou William, tentando arrancar a espada da mão dela com um tapa.

Ela se esquivou com facilidade, os movimentos dele mais lentos do que antes. Ótimo. Estava se cansando. Provavelmente, faria algo idiota a qualquer momento. Como naquele instante... Ele golpeou baixo, e ela pôde saltar sobre a lâmina e lhe chutar a mão. Os dedos dele se abriram, e a espada caiu ruidosamente no chão.

Ela sorriu lentamente, sua arma apontada para a garganta dele.

— Não devia ter me sacaneado.

De esguelha, viu Lucien se aproximando do monstro, a adaga erguida. Uma das cabeças da Hidra deu o bote, tentando abocanhá-lo, mas ele saltou para o lado, golpeando ao cair.

Uma das cabeças da Hidra rolou ao chão.

O monstro sibilou e se esticou, e outra cabeça cresceu com rapidez do interior do enorme buraco ensanguentado. Pior, a que caíra ao chão não havia morrido. Tentava girar na direção de Lucien e lhe morder a panturrilha.

— Vamos embora, você e eu — sugeriu William, contorcendo-se para o lado e lançando-se à perna de Anya. — Antes que nos tornemos uma refeição.

Ela se virou... *acabe com isso, acabe com isso...* e sacou outra adaga da bota. Arremessou-a no exato instante em que também golpeou com a espada.

William estava prestes a recuperar a própria arma quando a ponta afiada acertou-lhe o ombro, jogando-o para trás. Ela não se deteve e continuou a girar... girar e... golpeá-lo no abdômen, exatamente como ele fizera com Lucien.

A surpresa se estampou no rosto dele. Olhou para baixo e deixou escapar um suspiro carregado de dor.

— Você... venceu.

— Sempre. — Rosnando, ela empurrou com mais força, fincando a espada na pedra, prendendo o guerreiro ali.

— Anya — ele gemeu, suas feições se petrificando de agonia.

— Espero que se dê conta da sorte que você tem. Não vou cortar a sua cabeça, nem arrancar o seu coração. Não hoje. Você vai se recuperar deste ferimento, e irei atrás de você várias vezes, até achar que já sofreu o suficiente. *Depois*, vou matar você.

Ela então lhe deu as costas, já correndo na direção da Hidra para ajudar Lucien. Não sentiu alívio por ter derrotado William. Até então, realmente gostara dele. Mas Lucien estava em perigo, e era só o que importava.

No caminho, sacou a última adaga da bota. Percebeu que Lucien segurava o abdômen, o sangue ainda jorrando da ferida. Ele conseguira destruir uma das cabeças rolantes e cortar outra, que agora rolava na direção dele para atacá-lo. Outra já havia crescido em seu lugar e o golpeava. Contudo, ele ainda estava de pé. Ela jamais testemunhara uma visão tão poderosa. Fraco? Não, o homem era inacreditavelmente forte.

Se ela tivesse sofrido um ferimento daqueles, teria caído no chão e ficado quieta. Se já não estivesse apaixonada por ele, teria lhe dado o coração naquele instante. Com seu último suspiro, Lucien a protegeria e defenderia. *Último*. Não. Ah, não.

Com o coração em disparada, ela chegou perto dele e golpeou a cabeça de serpente rolante.

— Como se mata isso?

— Acerte o olho — Lucien avançou para a Hidra quando ela o chicoteou com o rabo. Ele rolou pelo chão, mas, com um salto, voltou a ficar de pé. —

Foi o único modo que encontrei de destruir as cabeças.

Anya saltou sobre a cabeça rolante, os cabelos de pequeninas serpentes lhe mordendo as coxas. Cada dentada ardia como as chamas do inferno, mas ela não recuou. Afundou a adaga num dos olhos. Na mesma hora, a cabeça estremeceu e as pequenas serpentes enrijeceram antes de tombarem sem vida.

O sangue lhe escorria pelas pernas quando ela ficou de pé. A Hidra tentou acertar Lucien, o pescoço comprido passando-lhe uma rasteira. O corpo dele voltou a atingir o chão, expulsando o ar dos pulmões, e ele gemeu.

— Lucien! — Ela se teletransportou para o lado dele e se agachou.

— Estou bem — disse ele, forçando-se a ficar de pé. Cambaleava.

Distraída como Anya estava, a Hidra conseguiu fincar os dentes em seu braço. Ela gritou, a dor quase cegante. Estrelas negras piscaram diante de seus olhos, e o fogo incendiou seu sangue. Veneno? Veneno de cobra?

Fique firme. Mas suas pernas estavam tremendo, cedendo, incapazes de lhe suportar o peso. Então, Lucien estava ali, ao lado dela, apunhalando a cabeça no olho. A criatura berrou, um som profano que arranhou os tímpanos de Anya, antes de cair ao chão, morta.

Como antes, outra cabeça tomou rapidamente seu lugar.

Anya cambaleou, tentando desesperadamente se firmar. A letargia a atingia com punhos fortes.

— Fique acordada, meu amor — sussurrava Lucien em seu ouvido, aquecendo-a, fortalecendo-a. — Tenho uma ideia, mas não conseguirei sem sua ajuda. Quando eu a distrair, preciso que corte a cabeça dela e cauterize a ferida. Consegue fazer isso?

— Lucien... Sim. Sim. Consigo. — *Por Lucien, qualquer coisa.*

Anya empertigou as costas e endireitou os ombros. Sua visão começou a clarear à medida que forçava a entrada e saída do ar nos pulmões, e ela

percebeu que ambos os olhos de Lucien estavam azuis. Ela o beijou, e então o corpo dele se desmaterializou, tremulou. E retornou.

Ele franziu o cenho.

— Não estou forte o suficiente para levar meu corpo. Terei que ir em espírito.

O corpo dele desabou, inconsciente. Contudo, por causa de sua ligação com ele, Anya pôde ver o espírito abandoná-lo. Ele flutuou até a criatura, que não podia vê-lo em sua forma espiritual e, evidentemente, pensou que o corpo inerte já estava morto, o que a deixava livre para se concentrar toda a sua ameaça em Anya. Anya se forçou a avançar.

Essa vagabunda é minha.

Capítulo Vinte e Três

LUCIEN POUSOU SEU espírito nas costas da criatura. Ela não lhe dispensou a menor atenção, estava totalmente concentrada em Anya, que estava coberta de sangue, cheia de cortes e hematomas, e parecia uma amazona, disposta a qualquer coisa para vencer a batalha.

Ele enfiou a mão fantasmagórica dentro do corpo da Hidra, agarrando-lhe o espírito. Ela rugiu, deixando-o arrepiado. Se estivesse em sua forma corpórea, os ouvidos de Lucien teriam sangrado. Em pânico, a fera saltou na direção de Anya, mas Lucien voltou a lhe puxar o espírito, mantendo-a no lugar.

Como o corpo da fera estava vivo, ele sabia que o que fazia a machucava. Ela berrou novamente, mas permaneceu no mesmo lugar, como se estivesse presa. Anya saltou, projetando-se bem alto no ar, e, com um golpe rápido, cortou uma das cabeças da criatura. Quando esta rolou no chão e a Hidra gritou, chamas emergiram do centro da mão de Anya. Ela projetou o fogo na ferida, exatamente quando outra cabeça começava a se formar.

As chamas douradas derreteram a pele, incendiando-a, destruindo-a, e cauterizando a ferida. A Hidra se contorcia de raiva. Já furiosa, usou o que restava de suas forças para tentar abocanhar Anya. Lucien segurou com firmeza

quando sua mulher voltou a se esquivar e, mais uma vez, golpeou com a espada.

No alvo.

A segunda cabeça caiu. Anya produziu outra chama e queimou a ferida, ao mesmo tempo em que duas das serpentes lhe morderam o braço. Ela se encolheu, mas manteve as chamas. Urrando, a criatura pareceu perder as forças e desabou no lago. O som daquele rugido final continuou a ecoar até que, abençoadamente, desapareceu.

Ele flutuou ali por um instante, admirado. Haviam conseguido. Haviam vencido!

Anya caiu no chão, ofegante, porém, sorrindo. O próprio Lucien flutuou de volta para o chão e tentou reentrar em seu corpo, mas era como se um escudo separasse o espírito do corpóreo. Ele franziu o cenho. Tentou de novo. Falhou outra vez.

Por que não conseguia entrar?

Você está fraco demais. O pensamento o atingiu com a força de um muro. Era verdade que estava fraco, porém, deveria ser capaz de reentrar no corpo. Se não conseguisse... Com uma careta, fez uma última tentativa. Nada.

Tudo o que podia fazer era flutuar ali, impotente. Olhou na direção de Anya. No círculo de grama ao lado de seu corpo, ela se ajoelhou.

— Volte para cá — disse, olhando para o espírito dele. Ela lhe ofereceu um sorriso cansado. — Vou cuidar dos seus ferimentos.

Ele tentou novamente. Tentou. *Tinha* que tocá-la pelo menos mais uma vez, aquela mulher que lhe trouxera mais felicidade em algumas poucas semanas do que ele experimentara em milhares de anos. Mas Lucien permaneceu exatamente como estava.

— Lucien! — ela esbravejou, com preocupação evidente na voz. — Isto não tem graça. Volte para o seu corpo!

— Não consigo.

Um instante se passou antes que ela oferecesse qualquer tipo de reação. Violentemente, balançou a cabeça. Suas feições lampejaram com pânico e incredulidade.

— Você consegue.

— Anya...

Seria melhor que fosse daquele jeito. Soubera disso vários dias atrás. Sabia disso naquele instante. Seu corpo morreria e não haveria nada que Cronos pudesse usar contra ela. Ela estaria livre, a chave seria dela e de mais ninguém.

— Não desista — Anya suplicou, mais uma vez balançando a cabeça. Um soluço borbulhou em sua garganta. — Continue tentando.

— Anya.

— Você não vai morrer, está me ouvindo? — Seus olhos se encheram de lágrimas ao fitá-lo. — Você não vai morrer — ela murmurou com a voz embargada. — Eu não vou deixar. William, me ajude! — gritou, a raiva pelo homem evidentemente esquecida. Contudo, o guerreiro havia desmaiado.

Ela começou a golpear o peito de Lucien, tentando colocar o coração em movimento.

— Anya. Por favor. — Vê-la daquele jeito o destruía. Flutuou até ela e tentou passar a mão por seus cabelos, mas tudo o que sentiu foi o calor do ar. — Eu amo você.

Ao mesmo tempo em que ele falou, Morte rugiu com mais fúria e dor do que a Hidra o fizera. De súbito, Lucien sentiu como se estivesse em chamas, seu interior ardendo em meio a vorazes labaredas. Ele também começou a rugir. A dor era demais. Estava sendo partido ao meio.

Deuses. Deu-se conta de que o homem e o demônio estavam se separando. Cada um sendo puxado para um lado.

— Lucien. O que foi? — perguntou Anya, interrompendo suas ministrações ao corpo físico dele. — Você vai ficar bem. Vou dar a Chave-Mestra a Cronos. Você vai ficar bem — repetiu.

Ele queria responder, queria dizer para ela ficar longe de Cronos, mas a ardência se intensificou e as palavras se derreteram na garganta. Se ele e Morte se separassem por completo, Lucien morreria de verdade. Exatamente como Baden. Não morreria?

— Vou resolver tudo. — Anya desapareceu. Antes que ele pudesse entrar em pânico, ela retornou para aquela extensão de grama ensanguentada ao lado do corpo dele. Seus olhos eram duas poças luminosas. — Diga o que está acontecendo com você. Deixe-me ajudar.

Lutando contra a dor, tentando se apegar a Morte, ele voltou a estender a mão. Mais uma vez, seus dedos fantasmagóricos atravessaram tudo. Lágrimas escorriam pelas faces dela, e a visão o destroçou.

— Eu amo você — ele finalmente conseguiu dizer.

— Cronos! — gritou ela.

— Pare.

Ele se curvou. A qualquer momento, Morte se libertaria por completo. Engraçado, passara tantos anos desejando uma vida sem o demônio e, no entanto, naquele momento, eles se apegavam desesperadamente um ao outro, com o pouco de força que lhes restava.

— Cronos!

Lucien abriu a boca para falar novamente, mas nenhum som emergiu. Seu último vínculo com Morte se rompeu, e ele não teve consciência de mais nada.

ANYA VOMITOU NO instante em que o espírito de Lucien desapareceu. Quando seu estômago se esvaziou por completo, ela voltou a gritar por Cronos.

— Estou pronta para negociar! Está me ouvindo? Estou pronta!

Como sempre, ele apareceu em uma ofuscante explosão de luz. Piscando os olhos diante do clarão, ela se levantou sobre as pernas trêmulas. O espírito de Lucien não retornara. Ele se fora! Ah, deuses. Ela vira a imagem esquelética do demônio da Morte sendo arrancado dele, uivando... ah, deuses, os uivos... antes que ele também desaparecesse. *Por favor, que não seja tarde demais.*

Ela fechou os olhos e tentou reverter o fluxo do tempo, mas falhou. Já fizera aquilo antes, por Maddox e Ashlyn. Por que não conseguia fazê-lo naquele instante? Por quê?

— Estou ouvindo — disse Cronos, e Anya o sentiu deslizar até ela, sua toga branca roçando na grama espessa.

Com a visão embaçada pelas lágrimas, ela o olhou.

— A chave é sua. Dada de livre e espontânea vontade, se jurar trazer Lucien de volta à vida e nos deixar em paz.

— Também quero a jaula. Onde a escondeu?

Resistindo à sensação de urgência que se apossava dela, à sensação de perda e ao pânico, Anya balançou a cabeça.

— Não pode ficar com ela. Ela pertence a Lucien. Tudo que tenho a oferecer é a chave.

— Quer que seu amante viva?

— Se ele morrer, você *nunca* conseguirá a chave!

Com as lágrimas fluindo livremente, ela enfiou as mãos sob a cabeça de Lucien e a ergueu. Plantou um beijo suave em seus lábios. *Eu amo você. Vou consertar tudo.* Por favor, por favor, por favor, que isso conserte tudo.

— Mais um pouco, e nem mesmo eu serei capaz de trazê-lo de volta — disse Cronos cruelmente. — Fraco como ele estava, foi necessário um esforço considerável para entrelaçá-lo novamente ao demônio e prolongar-lhe um pouco a vida. Sem a chave, terei prazer em separá-los de novo.

Embora houvesse experimentado uma onda de esperança de que Lucien pudesse ser realmente salvo, ela estreitou os olhos ao fitar o deus.

— Não vou ceder. Pode ficar com a chave. A jaula pertence a Lucien. Uma vez, você me deu uma escolha. A chave ou Lucien. Agora, eu lhe dou a mesma escolha. É mais do que justo. E não vou mudar de ideia.

Com desprezo, ele observou o olhar decidido de Anya. Ela não sabia o que se passava na cabeça dele. Depois, Cronos assentiu, como se pressentindo a extensão da determinação dela. Ou talvez soubesse o tempo todo que seria daquele jeito, e apenas tivera esperanças de mais alguma coisa.

— Muito bem.

— Chegamos a um acordo, então. A vida de Lucien em troca da chave. — Ela estava correndo um grande risco, confiando num ser que odiava e que, provavelmente, a odiava. — Se depois disso tentar tirar a jaula de nós, imortais de todos os lugares saberão da sua falta de honra. Os Senhores do Mundo Subterrâneo se voltarão contra você e farão de tudo para libertar os gregos. Haverá guerra em um momento em que tudo o que você busca é reverência. Sei que se considera intocável e mais forte do que meros guerreiros imortais, mas quer saber? Você já foi derrotado uma vez. Pode ser derrotado novamente.

Cronos ficou em silêncio ao erguer os braços no ar. Um segundo depois, estavam no interior dos aposentos de Lucien em Budapeste. Lucien estava deitado na cama. Ela podia ver o peito tatuado dele subindo e descendo. Estava nu, e seus ferimentos haviam desaparecido. Sua pele estava com uma aparência saudável e bronzeada, e ela podia pressentir o demônio seguramente abrigado dentro dele.

Cronos estava de pé ao lado da cama.

Sem dizer uma só palavra, Anya se teletransportou até onde a mãe e o pai estavam escondidos, em uma ilha perto da casa de Anya no Havaí. Disnomia estava de pé diante da jaula, observando-a com o cenho franzido.

— Desculpe, mamãe, mas, afinal de contas, não vai precisar tomar conta disto para mim.

A bela Disnomia ficou surpresa com a intrusão, seu cabelo escuro balançando à altura dos ombros. Ela sorriu ao se dar conta de que era Anya.

— Olá, querida.

— Sei o que está pensando. Duas visitas em um único dia, quando jurei ficar afastada, para manter os Titãs longe do seu rastro. Mas ainda estão a salvo. Então, não precisa se preocupar, está bem? — Anya beijou o rosto suave dela.

— Diga para o papai que mando um olá e que visito vocês novamente em breve. Prometo — ela disse e, segurando o artefato, se teletransportou de volta para Lucien.

Cronos continuava de pé exatamente onde ela o deixara.

Anya deixou a Jaula da Coação encostada nos fundos do quarto. Precisou admitir que ficou surpresa quando Cronos apenas ergueu uma das sobrancelhas, em vez de tentar tomar o artefato.

— Cumpri minha parte do acordo — disse ele.

E ela cumpriria a sua. Subitamente nervosa, Anya beijou o adormecido Lucien e se teletransportou para o interior da jaula.

— Estou pronta — disse, agarrando as barras.

O deus piscou os olhos, surpreso e confuso.

— Quer ficar trancafiada? Sem a Chave-Mestra, não será capaz de escapar e qualquer um que entrar no quarto poderá comandá-la de acordo com a própria vontade.

— Eu sei. — Mas, daquele jeito, se ela perdesse a lembrança de Lucien quando a chave deixasse seu corpo, não seria capaz de fugir dele, ferindo a ambos por causa do vínculo que compartilhavam. Ele teria tempo para conquistar novamente o coração dela. — Eu o amo.

Intrigado, Cronos alisou a barba.

— Incrível. E inesperado, vindo de alguém como você.

Ela deixou o “alguém como você” passar. Amar Lucien fora a melhor coisa que já fizera, e faria *qualquer coisa* por ele.

— Vamos acabar logo com isso. — Ela engoliu em seco, forçou-se a expirar demoradamente e, em seguida, proferiu as palavras necessárias. — Eu, Anya, conhecida ao longo das eras como Anarquia, de livre e espontânea vontade, dou a Cronos, rei dos deuses, a Chave-Mestra. Faço isso de bom grado e sem ressalvas.

Vibrando de expectativa, Cronos enfiou a mão fantasmagórica dentro de Anya, como ela mesma havia visto Lucien fazer tantas vezes. O peito dela queimou... queimou... Sentiu uma dor cortante quando ele retirou a mão, e viu que uma luz amarelada pulsava na palma dele. Os joelhos de Anya cederam, e ela desabou no chão. Fechando os olhos, Cronos pousou a luz sobre o coração.

Seu sorriso de satisfação foi a última coisa que Anya viu antes do mundo inteiro escurecer.

— DEIXE-ME SAIR!

Lucien jamais se sentira tão impotente. Simplesmente não sabia o que fazer. Fazia quatro dias que Anya estava trancada na Jaula da Coação. Apesar do vínculo que compartilhavam, ela não tinha a menor ideia de quem ele era. Tinha apenas as lembranças de sua vida antes de aceitar a chave dentro de seu corpo. Constantemente, exigia ser solta. Mas ele não a soltava. Não podia. Ela iria embora; poderia até tentar matá-lo.

Já ameaçara fazê-lo várias vezes. E ele ainda podia sentir as emoções dela e, assim, sabia que falava sério. Anya também podia sentir as emoções dele e perguntava diariamente por que Lucien a amava. Sempre parecia confusa ao

fazer a pergunta, como se os dois fossem desconhecidos e ele devesse enxergá-la com desgosto. Sem dúvida, Anya parecia enxergá-lo com desgosto.

Como um animal acorrentado e faminto, ele andava de um lado para o outro no interior do quarto. Ela abrira mão da Chave-Mestra por ele. Odiava que ela o houvesse feito e, ao mesmo tempo, sentia vontade de lhe dar umas palmadas e de abraçá-la. Ela perdera as lembranças, mas pelo menos não perdera as forças. Lucien gostava de acreditar que aquilo se devia ao vínculo deles. Ela já lhe dera forças uma vez, e agora ele estava retribuindo o favor.

Se ao menos conseguisse fazê-la se lembrar dele.

— Deixe-me sair daqui! — ela gritou para ele. — Não tem o direito de me manter aqui. Como me tirou do Tártaro sem o meu conhecimento?

Ele parou e avançou na direção dela, sentindo um aperto no coração. Lucien odiava o que ela dera em troca de sua vida, sem dúvida, mas odiava mais ainda vê-la sofrer.

— Anya. Estamos unidos um ao outro. Por que não se lembra de mim?

— Desgraçado! — Ela estendeu a mão por entre as barras, arranhando-lhe o peito, tirando sangue. — Aproxime-se de mim e sentirá dor. Está me entendendo? O capitão era maior do que você, e eu o matei sem pestanejar.

Ele deixou-se quedar, diante das barras, repassando os últimos dias em seus pensamentos. Quando acordara em sua cama, vivo, mais uma vez fundido a Morte, mal conseguira conter sua alegria. Então, vira Anya dormindo na jaula. *Então*, ela acordara e olhara para ele como se não o conhecesse. Insultando-o. Odiando-o.

Nada daria certo novamente?

Parecia que uma nuvem negra descera sobre todos os guerreiros. Lucien soubera que Paris havia retornado da Grécia como uma sombra destroçada de um homem. O guardião da Luxúria se recusava a falar sobre o assunto, de modo que ninguém sabia o que acontecera. Como planejado, o guerreiro logo

estaria partindo para os Estados Unidos, para se juntar a Gideon, mas Lucien não podia deixar de se sentir culpado, pois fora ele quem dissera para os outros não se preocuparem com Paris. Levando em conta a demora para que ele aparecesse e aquele olhar assombrado, sem dúvida, algo dera errado.

Aeron e Reyes também estavam nos Estados Unidos, embora ninguém tivesse sido conseguido falar com nenhum dos dois ou soubesse o que havia acontecido com eles. O que, por sua vez, significava que ninguém sabia o que acontecera com Danika e a família dela. Lucien suspirou. Os outros guerreiros ainda estavam procurando sinais das outras Hidras. Até então, não haviam tido sorte.

Lucien deveria estar lá, procurando com eles. No mínimo, deveria estar ajudando Paris a se recuperar do que quer que tivesse acontecido com ele. As coisas sempre haviam funcionado desse modo. Algo acontecia, e Lucien fazia o que podia para consertar tudo. Mas não podia abandonar Anya. Não faria isso. Ela era a vida dele.

Infelizmente, também parecia incapaz de consertar isto.

Ela também não se recordava de Maddox e de Ashlyn, embora o casal a visitasse todos os dias, para agradecer o que ela fizera por eles. Ela escutava, dava a impressão de amolecer por uma fração de segundos, mas ainda assim as lembranças não retornavam. Ele até lhe dera os pirulitos que ela tanto adorava, mas de nada adiantara. O que mais poderia fazer?

— Eu amo você — ele disse a ela.

— Pois eu odeio você. Solte-me!

As barras chacoalharam quando ela as sacudiu.

Ele deixou a cabeça cair nas mãos.

— Apesar do que eu faça, você não vai se lembrar de mim, vai?

— Vá para o inferno! — Através das barras, ela lhe socou a nuca. — Não vou ser sua escrava. Está me ouvindo? Não sou escrava de ninguém.

Com o coração pesado e sentindo vontade de morrer novamente, Lucien se levantou e destrancou a jaula.

A princípio, ela simplesmente ficou parada ali, olhando para ele.

— Por que está tão triste? Por que está me libertando?

— Não suporto vê-la presa.

— Por quê? — Sem aguardar uma resposta, balançando a cabeça e mantendo o máximo de distância entre os dois, ela deixou a jaula e se virou para encará-lo com os olhos estreitados. — O que há de errado comigo? Por que sofro só de pensar em ir embora?

Lágrimas desciam pelo rosto de Lucien, e ele as esfregou. Não ousava ter esperanças. Ainda não.

— Sou seu companheiro.

— Não tenho companheiro. — Com a fúria nos olhos cristalinos, ela marchou na direção dele. No caminho, pegou uma das adagas que ele deixara sobre a mesinha de cabeceira. — Vai pagar por me trancafiar.

Uma lembrança se encaixou ao vê-la daquele jeito. Ela se colocara diante dele daquele mesmo jeito quando lhe falara da jaula. Quem estivesse em seu interior tinha de fazer exatamente o que lhe fosse ordenado por quem a possuísse.

Até matar a si mesma?, ele perguntara.

Sim, Anya respondera.

Na verdade, era tão simples. Franzindo o cenho, ela saltou na direção dele. Tomando cuidado para não machucá-la, sentindo-se esperançoso pela primeira vez em dias, ele arrancou a faca de sua mão e a agarrou, teletransportando-se para a jaula e, depois, para fora dela antes que Anya se desse conta do que estava acontecendo.

Ela gritou com Lucien quando ele trancou a porta.

— Vou matá-lo por isso! Que tipo de joguinho psicológico sádico é esse que está fazendo? — O olhar dela se fixou na tatuagem dele, que pulsava em preto e vermelho. Ela piscou os olhos, como se hipnotizada, perdendo um pouco de sua fúria. — Bonita.

Talvez estivesse se lembrando. Com a esperança se intensificando, ele segurou as barras e a olhou nos olhos.

— Sente-se, Anya.

Ela caiu com o traseiro no chão e o encarou ferozmente, o ressentimento voltando a aparecer em seus olhos. Abriu a boca para gritar, mas ele disse:

— Fique quieta, Anya.

Os lábios dela se apertaram. O ressentimento se transformou em plena fúria.

Se aquilo não funcionasse...

— Lembre-se de mim, Anya. Lembre-se do tempo que passamos juntos. Ordeno que se lembre.

Os olhos se fecharam com força e ela arquejou. Suas feições se contorceram, como se estivesse sentindo dor. Ela caiu de costas no chão e se encolheu, levando as mãos às têmporas.

— Anya! — ele gritou, preocupado, abrindo a porta e se agachando ao lado dela.

Um longo tempo se passou enquanto ela se contorcia, gemia e praguejava, arranhando a própria cabeça. Ele a abraçou, murmurando palavras tranquilizadoras, odiando a si mesmo. *O que fiz com ela?* A mulher havia aberto mão de tudo por ele.

Mas, por fim, ela se acalmou. Uma fina camada de suor lhe cobria a pele. Estava com olheiras.

— Sinto muito, querida. Eu deixarei que vá embora, mas não espere que eu a esqueça. Estamos unidos. Estarei no seu rastro, fazendo tudo o que puder

para conquistá-la. Então, prepare-se para me ver bastante. Eu a amo demais para abrir mão de você.

— Como se eu fosse deixar você abrir mão de mim. Você é meu. Eu também o amo, Flores. — Os cílios escuros se ergueram velozmente, os olhos de súbito reluzindo de amor. — Deuses, estou tão feliz por você estar vivo!

Uma felicidade incomensurável o atravessou. Lucien tremia ao apertá-la de encontro ao peito.

— Anya, minha doce Anya.

— Eu amo tanto você — ela disse.

Ele enterrou o rosto no pescoço dela, inalando o perfume de morango.

— Graças aos deuses, Anya. Eu morria por dentro cada vez que você olhava para mim como se eu fosse um desconhecido.

Ela o beijou e deu um leve beliscão no rosto dele, as mãos se entrelaçando aos cabelos.

— Pensei que tinha perdido você.

— Você abriu mão de tudo por mim.

— Bem, isso é porque você é a coisa mais importante da minha vida.

Ele a abraçou com força e se teletransportou para a cama com ela ainda nos braços. De algum modo, de algum jeito, encontraria um meio de restaurar os poderes dela. Talvez colocá-la dentro da jaula e ordenar que ela os recuperasse funcionasse. Se não funcionasse...

— Passarei o resto de minha vida tentando recompensá-la.

Sorrindo, ela lhe envolveu a cintura com as pernas.

— Esse sempre foi o meu plano. Agora, me ponha em dia com as novidades.

Ele também sorriu. Jamais havia estado tão feliz. Lucien contou o que sabia a respeito dos amigos.

— William escapou da montanha e se recuperou. Ele nos seguiu até aqui e quer seu livro. Não permiti que entrasse na fortaleza, mas ele me liga todos os dias.

Os olhos dela se estreitaram.

— Ah, vou devolver o livro para ele, como prometido. Depois. Talvez eu arranque algumas páginas antes, mas acidentes acontecem.

— Ele já se desculpou inúmeras vezes, e seu pesar parece sincero. Em geral, apenas quero que ele vá embora, mas ele não irá antes de falar com você.

— Depois. Neste instante, você vai fazer amor comigo.

O sorriso de Lucien se alargou quando ele começou a despi-la lentamente, saboreando a visão das curvas sedutoras e da pele clara.

— Você se casará comigo, não?

— Ah, sim.

— Ótimo. Conheço o lugar perfeito para nossa lua de mel.

— O paraíso onde você quase morreu?

As mãos dela trabalhavam desesperadamente para arrancar-lhe as roupas.

— Não. O paraíso fica bem aqui.

Ele deslizou dois dedos para dentro dela.

Gemendo, ela arqueou os quadris na direção dele.

— Então, onde?

— Ainda há três artefatos a ser encontrados. A maioria dos guerreiros já está à procura deles. Com exceção de Reyes, que foi em busca de Aeron e Danika.

— Ele começou a se movimentar para dentro e para fora. — Está pronta para outra caça ao tesouro?

— Sempre. — Anya fez Lucien rolar e se empalou em seu membro. Ambos geraram com o inebriante prazer. — Mas já encontrei o único tesouro de que preciso. E, falando em tesouros, o que vamos fazer com a jaula?

— Ficar com ela. Agora que se lembra de mim, há algumas coisas que quero fazer com você dentro dela.

— Hmm, gostei. E, depois, talvez possamos usá-la para ajudar meu pai a recuperar a memória *dele*. Ele e minha mãe merecem um pouco de felicidade, depois de tudo pelo que tiveram de passar.

— Uma ideia nobre.

— Chega de conversa. Se não me engano, você tinha planos para mim...

Ele sorria alegremente quando levou os dois ao clímax.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Showalter, Gena

S563b O beijo mais sombrio [recurso eletrônico] / Gena Showalter; tradução de Maurício Araripe. — Rio de Janeiro: Harlequin, 2012.

Recurso digital (Senhores do Mundo Subterrâneo; 2)

Tradução de: The darkest kiss

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: A noite mais sombria

Continua com: O prazer mais sombrio

ISBN 978-85-398-0493-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano 2. Livros eletrônicos. I. Araripe, Maurício. II. Título. III. Série.

12-
5808

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:

THE DARKEST KISS

Copyright © 2008 by Gena Showalter

Copyright da tradução © 2010 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0493-1